

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VIAGEM À ÍNDIA :

Crônicas de Cecília Meireles

Dissertação de Mestrado

Cássia Ducati

Porto Alegre

2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VIAGEM À ÍNDIA :
Crônicas de Cecília Meireles
Dissertação de Mestrado

Cássia Ducati

**Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Letras**

Orientadora:

Profª Drª Ana Maria Lisboa de Mello

Porto Alegre

2002

Agradeço

**a Deus, pela vida,
a Vinícius, pelo amor,
a Prof^a. Ana Maria Lisboa de Mello, pelo
entusiasmo e orientação,
a amiga Simone Soares, pela força.**

Dedico este trabalho à minha orientadora, Ana Maria Lisboa de Mello, mulher de espírito iluminado, retribuindo a confiança, a amizade, a compreensão e a orientação.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
RÉSUMÉ.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
1. A CRÔNICA.....	22
2. A VIAGEM COMO OBJETO DA CRÔNICA	35
2.1 A VIAGEM NA LITERATURA.....	37
2.2 CECÍLIA, CRONISTA DE VIAGEM	50
3. A VIAGEM À ÍNDIA.....	58
3.1. A TESSITURA DAS CRÔNICAS	60
3.2 NOVA DELHI : SEMINÁRIO SOBRE GANDHI.....	69
3.3 UM PAÍS MULTICOLORIDO.....	75
3.4 A CONTEMPLAÇÃO DA PAISAGEM	91
CONCLUSÃO.....	99
BIBLIOGRAFIA.....	103
ANEXO.....	113

Resumo

Este trabalho analisa crônicas de Cecília Meireles, publicadas em jornais nos anos 50, escritas em decorrência da experiência de sua viagem à Índia, e que, somente em 1999, foram editadas em livro.

A crônica é um texto que representa as experiências cotidianas da sociedade, imita o dia-a-dia do mundo, podendo prestar-se, como em Cecília Meireles, para o relato de sua viagem. O conjunto dos textos que tratam da viagem à Índia mostra-nos como a autora percebeu o país visitado, revelando seu passado histórico, seus aspectos culturais e as diferentes manifestações da religiosidade. Assim, na seqüência da viagem, as crônicas constituem-se como fragmentos do cotidiano da viajante.

Num ritmo lento, a viajante contempla a paisagem e busca penetrar no que vê, trazendo para o presente das coisas o sagrado de um passado primordial. O olhar da viajante traz à tona o que é sabido para, em conjunto com o novo, produzir a aprendizagem da viagem, transformada pela cronista em registro textual nas crônicas.

O segundo volume da dissertação reúne as crônicas da viagem à Índia, na ordem em que foram publicadas e, dessa forma, preservando o roteiro da viagem à Índia, desde as primeiras impressões até o balanço final, quando a cronista, já distanciada do cotidiano, faz um balanço da viagem empreendida.

Résumé

Ce travail analyse les chroniques de Cecília Meireles, écrites à partir de l'expérience de son voyage en Inde. Ces chroniques sont parues dans des journaux au cours des années 1950, mais n'ont été rassemblées en un livre qu'en 1999.

La chronique est un texte qui représente les expériences de tous les jours de la société et imite le quotidien du monde. Pour Cecília Meireles, la chronique a servi de moyen au récit de son voyage. L'ensemble de ces textes nous montre l'Inde visitée par Cecília Meireles, nous dévoilant le passé, la culture, la religion de l'autre. Ainsi, les chroniques deviennent des fragments du quotidien du voyage.

Dans un rythme lent, elle contemple le paysage et cherche à pénétrer dans ce qu'elle voit, en apportant au présent des choses le sacré d'un passé primordial. Le regard du voyageur met à jour ce qui est su, connu par lui, afin qu'il puisse – avec le nouveau – produire l'apprentissage du voyage, transformé par la chroniqueuse en registre textuel dans les chroniques.

Le deuxième volume de ce mémoire réunit les chroniques du voyage en Inde, selon l'ordre dans lequel elles ont été publiées et, de cette façon, maintient l'itinéraire de ce voyage depuis les premières impressions jusqu'au bilan final, lorsque la chroniqueuse - déjà éloignée du quotidien - fait un bilan du voyage.

Introdução

Cecília Meireles foi cronista de qualidade, com versatilidade que poucos de nossos escritores costumam demonstrar. Exerceu o jornalismo nos anos 30 e 40, na constância do dia-a-dia, tendo uma coluna no *Diário de Notícias*, com o nome de “Página de Educação”, e depois nos jornais *A Nação* e *A Manhã*. A partir de 1950, continua suas participações com crônicas semanais em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Sul do país.

Sempre atraída pelas viagens, influenciada por sua avó materna - D. Jacinta Garcia Benevides (natural de São Miguel, nos Açores), sobre elas declara: “*Cada lugar onde chego é uma surpresa e uma maneira diferente de ver homens e coisas.*”¹ Por outro lado, a avó materna e a pajem Pedrina influenciaram o seu gosto pelo folclore, açoriano e brasileiro.

Desde 1934, Cecília Meireles realiza viagens por várias partes do mundo em missão cultural, proferindo conferências em Universidades e outras instituições culturais. Entre tantas viagens, destaca-se a viagem à

Índia, em 1953, a convite de Nehru (então presidente do país) para uma conferência sobre Gandhi. Por ocasião desta, compõe *Poemas Escritos na Índia* e crônicas publicadas em jornais brasileiros, do Rio de Janeiro e de Porto Alegre. Nos poemas, percebe-se a preocupação em exprimir o conteúdo sagrado das coisas e dos seres, assim como a profunda identificação da poeta com a ambiência. Nas crônicas, Cecília Meireles apresenta-nos a Índia em todos os seus aspectos: filosófico, religioso, social, cultural, folclórico, sempre querendo indicar um significado oculto e transcendente por trás das aparências.

Nesse sentido, as crônicas cecilianas delineiam uma visão do mundo que dialoga com o Oriente, com suas tradições e idéias filosófico-religiosas, diálogo este que sustenta a feição espiritualista de suas crônicas.

Parece que essa viagem, relativamente a outras, teve um significado especial em sua vida, já que a autora declara: “[Na Índia] Foi onde me senti mais dentro de meu mundo interior.”²

Em depoimentos, Cecília Meireles observa que, desde a infância, interessou-se pelo folclore, por viagens e, sobretudo, pela Índia. Entre as imagens que mais emprega na sua criação literária estão o mar e os símbolos marítimos – âncora, corais, navios... –, elementos da travessia, do deslocamento pelas águas, enfim, da viagem. Conforme Walmir Ayala,

¹ BLOCH, 1964.

² In: BLOCH, Pedro. “Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles”. Rio de Janeiro, *Revista Manchete*, 630:34-37, 16/05/1964.

“ninguém como ela, em nossa poesia, eleva o mar a tão alta categoria de universo poético”³. O poema *Beira mar* revela a presença do mar na sua lírica:

Sou moradora das areias,
De altas espumas: os navios
Passam pelas minhas janelas
Como o sangue nas minhas veias,
Como os peixinhos nos rios...
(...) porque isto é mal de família,
ser da areia, de água, de ilha...
E até sem barco navega
Quem para o mar foi fadada.⁴

A literatura chega cedo em sua vida, através das histórias ouvidas da avó e da pajem e também dos livros que primeiramente são brinquedos, objetos que a fascinam, e depois são lidos. Outra descoberta que muito a encantou foi o dicionário, o fascínio das palavras. E assim se encaminha para o magistério, o estudo da literatura e a criação poética. A experiência do magistério despertou em Cecília Meireles o gosto para a reflexão sobre o ato de educar e a política de educação.

Entre 1930 e 1934, dirige no *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro), uma página diária sobre educação, na qual analisa as novas idéias pedagógicas, defende a influência da arte na educação, critica a política educacional do governo.

Desde 1950, a escritora colabora em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e no Sul do país. A publicação de sua produção jornalística está nos livros *Quadrante* (1962) e *Quadrante II* (1963); esses

³ AYALA, W. 1965.

dois livros e o seguinte *Escolha o seu sonho* (1964) são organizados e editados ainda em vida da autora e sob sua orientação. A eles se seguiram *Vozes da cidade* (1965), *Inéditos* (1967), *Ilusões do Mundo* (1976) - uma coletânea de crônicas escritas para programas radiofônicos entre os anos 1961 e 1963; algumas delas haviam sido publicadas no livro *Inéditos* -, e *O que se diz e o que se entende* (1980).

No ano de 1997, a editora Nova Fronteira lança o projeto de uma coleção chamada "Obra em Prosa" de Cecília Meireles, subdividida em seis grandes temas com a seguinte forma: Crônicas em geral (três tomos), Crônicas de viagem (três tomos), Tipos humanos e personalidades (dois tomos), Educação e Folclore (oito tomos), Entrevistas, conferências e ensaios gerais (três tomos) e Vária (quatro tomos). Destes já foram publicadas as crônicas em geral: *Crônicas em geral*, tomo I em 1997, as crônicas de viagem: *Crônicas de Viagem I* em 1998, *Crônicas de Viagem II* em 1999 e *Crônicas de viagem III* em 2000 e as crônicas de educação: *Crônica de educação I* em 2001, *Crônica de educação II* em 2001, *Crônica de educação III* em 2001, *Crônica de educação IV* em 2001, *Crônica de educação V* em 2001.

Todo este exercício, em verso e prosa, resulta na composição de um painel em que se representa a vida em todas as manifestações – o universo dos seres, das plantas, a natureza, enfim, com suas nuances - e as

⁴ MEIRELES, 1987, p. 244

impressões, vivências entre os seres humanos, com posicionamentos críticos em relação às instituições. Registro do cotidiano e também projeção da alma da poeta no mundo, o sujeito das crônicas e o da poesia apresentam fatos concretos que envolvem o ser humano no seu dia-a-dia, mas sempre com um toque subjetivo e lírico, analisando a vida numa linguagem cheia de beleza.

Tradição e universalidade são constantes em sua obra, conforme reconheceu Damasceno⁵, ao observar que ela valoriza a versificação e as formas clássicas de construção lírica e, ao mesmo tempo, sustenta-a na reflexão filosófica de cunho universalizante. Por outro lado, é moderna, ao valer-se de uma linguagem cifrada, simbólica, bem ao gosto dos poetas da modernidade, conforme observa Friedrich⁶, atitude que se alterna com a tensão entre a simplicidade do dizer e a simplicidade do dito. É moderna também na sua capacidade de desprender-se da realidade imediata, desvinculando-a, algumas vezes, como observa Friedrich a propósito dos poetas modernos⁷, da ordem espacial, temporal e objetiva, o que lhe dá capacidade de transformar a linguagem e o mundo contemplado. Nisso reside a sua capacidade de ver, na urbe, não só a decadência do homem, mas “também de pressentir uma beleza misteriosa”⁸, típica atitude do poeta moderno, presente na poesia e na prosa de Cecília Meireles. Sua temática

⁵ DAMASCENO, Darcy. “Fortuna Crítica”. In: MEIRELES, 1967. P. 17

⁶ FRIEDRICH, 1978, p. 15-16

⁷ idem, p. 16

⁸ idem, p. 35

central é a consciência da fugacidade do tempo e a nostalgia do eterno. Assim, ao lado de uma capacidade de sentir e participar do cotidiano dos homens, reivindicando a sua melhoria, como faz nas crônicas e em parte da produção lírica, a autora expõe também suas perquirições sobre o sentido da vida. Ela revela as inquietudes dos poetas modernos que aspiram à transcendência, mas sentem o chão a que se encontram ligados. Na multiplicidade dos seres, a autora busca uma unidade, revelando, seguidamente, uma visão monista da vida, segundo a qual todos os seres são constituídos por um princípio único, um fundamento elementar: “Nem é preciso fazer nada, para se estar na alma de tudo”, diz o verso⁹.

Apesar da grande qualidade técnica e poética, Cecília Meireles não recebe, antes de *Viagem*, o devido reconhecimento no Brasil, entretanto, em Portugal, já existem manifestações de grande interesse e admiração. Em um artigo publicado na revista portuguesa *Ocidente* (nº 46, novembro de 1978), Fernando Cristóvão afirma que a poeta foi reconhecida primeiramente em Portugal, sendo apresentada ao Brasil pelo crítico português José Osório Oliveira, em 1923. Somente sete anos após sua estréia poética com o livro *Espectros* (1919), Cecília Meireles começa a ser analisada pela crítica brasileira. Em 1936, Andrade Muricy faz a primeira apreciação positiva sobre a artista no livro *A nova literatura brasileira*. Complementando essa posição crítica, vem a defesa de Cassiano Ricardo para o prêmio da

⁹ MEIRELES, C. “Êxtase”. In: __ *Obra poética*, 1967, p. 98

Academia Brasileira de Letras, em 1938, que fez com que a crítica brasileira voltasse sua atenção sobre a autora de *Viagem*.

Fernando Cristóvão considera uma “loucura poética”¹⁰ a insistência de Cecília Meireles em um caminho próprio, não considerado pela historiografia nem pela crítica literárias. Esse percurso, segundo o autor, faz-nos entender o “desconhecimento mais ou menos teimoso”¹¹ por parte da crítica. Cristóvão aponta como fator para esse desconhecimento a conjunção de um equívoco sobre a não-brasilidade da maior parte de seus poemas aliada à estranheza em relação à sua posição de espiritualismo e de independência. O gosto de Cecília Meireles por uma poesia abstrata, de dimensões universais e de tonalidade simbolista interessou os críticos portugueses.

Entre os críticos brasileiros da autora, Agrippino Grieco é um dos primeiros a indicar a falta de brasilidade, e Andrade de Muricy o primeiro a considerar que, embora distante do “tropicalismo sensual e pinturesco que nos é habitual”, Cecília Meireles está próxima do misticismo religioso do país.

A dificuldade em ser aceita como poeta atrasou ainda mais sua descoberta como jornalista e cronista. No livro *A Farpa na lira*, Valéria Lamego, a partir de uma intensa pesquisa em jornais da época, descortina

¹⁰ CRISTÓVÃO, 1978, p.20.

¹¹ *idem*, *ibidem*, p.20.

uma importante face de Cecília Meireles - a da jornalista engajada em questões políticas, educacionais, históricas do país :

Cecília Meireles levou às últimas conseqüências a idéia do "ser político". E, com a certeza de que vivia tempos políticos, serviu a sociedade com o melhor de sua ira e de sua inteligência para garantir às gerações futuras uma sociedade menos marcada pelas diferenças sociais, religiosas e pelo culto ao nacionalismo doentio.

¹²

No que se refere às crônicas, a fortuna crítica resume-se a pequenos ensaios ou comentários. Gostaríamos que este estudo pudesse acrescentar algo mais nesse pequeno universo crítico da prosa ceciliana e, mais do que isso, pudesse servir de motivação a outros pesquisadores para prosseguir investigações sobre a prosa ceciliana.

Sobre as crônicas de Cecília Meireles, gostaríamos de destacar através das palavras de Darcy Damasceno, seu teor:

Registro do mundo circundante, a crônica de Cecília Meireles é também uma projeção de sua alma no universo das coisas. Alimenta-se de referencialidade, das coisas concretas, de fatos e situações que envolvem o ser humano em seu comércio diário, mas matiza subjetivamente tudo isso. No comentário da vida e suas situações risíveis ou pungentes, de entusiasmo e revolta, tem sempre Cecília Meireles uma ironia sem travo ou uma ternura sem excesso, mas que sentimos morna e broada de uma aceitação maior do mundo e seus desconcertos e do pobre ser humano que se esforça nos labirintos da vida.¹³

Para revelarmos a projeção dessa alma poética no universo do cotidiano, selecionamos um grupo de crônicas que são fruto da viagem feita à Índia. Esse conjunto abriga 45 textos publicados entre os anos de 1953 a

¹² LAMEGO, 1996, p.116.

1956, nos jornais *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, e *Correio do Povo*, de Porto Alegre.

Essas crônicas, com exceção de uma (“Lembrança de Abra Kahinm” – que já havia sido publicada no livro *Inéditos*, de 1967), não foram editadas em livro até novembro de 1999, quando da publicação do segundo volume de crônicas de viagem da referida *Obra em prosa*, que a editora Nova Fronteira vem empreendendo. Permanecem, no entanto, duas crônicas inéditas – “De homens e bichos” e “Fala Nehru” –, pois não constam nessas publicações que colocamos em anexo.

O conjunto de crônicas do segundo volume, tratando da viagem à Índia, foi objeto de uma pesquisa intitulada “O imaginário de Cecília Meireles: poesia e prosa” sob a orientação da Prof. Ana Maria Lisboa de Mello, desenvolvida no período de 1996 a 1998. Dessa pesquisa, fez parte um conjunto de crônicas de viagem à Europa e ao Oriente Médio. Participando como bolsista de iniciação científica, juntamente com outra colega, Simone Soares, finalizamos o levantamento com a descoberta de novas crônicas, no Museu de Comunicação do Rio Grande do Sul Hipólito José da Costa.

Além da busca por novas crônicas, realizamos um extenso trabalho de organização dos textos, dispostos no segundo volume desta dissertação. Percebendo-se uma grande quantidade de termos da cultura oriental, que

¹³ DAMASCENO, 1982.

nem todos nós, ocidentais, conhecemos, empreendemos a montagem de um glossário, tendo como critério básico identificar, na análise das crônicas, todas as palavras que não faziam parte da cultura ocidental. Num segundo momento, selecionamos para o glossário nomes de cidades, nome dos personagens das crônicas (na sua maioria personagens hindus), palavras em língua oriental (sendo que neste ponto tivemos algumas dificuldades para encontrar o significado de todas as palavras), nomes das obras sagradas da cultura indiana e elementos culturais, como vestimentas. Mantendo o interesse pelos textos, assim como pela divulgação da cronista Cecília Meireles, ingressamos no Mestrado, visando dar prosseguimento à pesquisa.

Como sabemos, o gênero literário em questão sempre foi considerado um gênero menor, sem a mesma literariedade da poesia, da narrativa e do drama. Ao estudarmos as crônicas cecilianas, percebemos, contudo, uma profundidade e qualidade estética que coloca a produção no nível dos considerados gêneros maiores. Esta desvalorização talvez resida no fato de estar a crônica muito próxima do jornalismo e, seguidamente, não se tratar de texto literário, como é o caso das crônicas esportivas e políticas, entre outras.

Como disse Antônio Cândido,¹⁴ é melhor que a crônica seja um gênero menor, de modo a manter-se perto de nós. Mas o gênero não é nada

¹⁴ CÂNDIDO, 1980, p.15.

fácil de delimitar, tendo havido muitos esforços para distingui-lo do conto e do ensaio. Mesmo assim, algumas características típicas da crônica podem ser percebidas, ainda que ela conserve sempre uma certa porosidade nas fronteiras com outras espécies de prosa.

Assim, no primeiro capítulo desta dissertação, propomo-nos a delinear características da crônica, detendo-nos no estudo da história e da evolução da crônica. Com o apoio de textos teóricos, compreendemos ser esse tema difícil de definir e complexo em sua classificação, por sua grande multiplicidade de tipos e sujeitos.

No segundo capítulo, “A viagem como objeto da crônica”, abordamos o tema da viagem na literatura e as relações entre a viagem e o gênero crônica, culminando com a reflexão sobre a crônica ceciliana de viagem.

A narratologia reconhece a viagem como um dos temas mais antigos e universais de toda a literatura. Os relatos de viagens podem aparecer em diversos gêneros literários, como poesia, romance, crônica, diários. Considerar a literatura de viagem como um gênero não é uma posição unânime dos pesquisadores, e uma das razões é o fato de conjugar narração e descrição. Assim como o gênero crônica, empregado muitas vezes como meio de expressão dos relatos de viagem, essa literatura está dividida entre o real e o ficcional.

Vários são os tipos de viajantes, e por muitas razões se viaja. O resultado pode ser o registro textual do contato com o outro. O sujeito desse

relato pode ser alguém que escreve num estilo simples mediado pela experiência da viagem, um escritor que utiliza seu conhecimento livresco ou um turista apressado e superficial. O viajante mais interessado estabelece o diálogo de culturas pela experiência da travessia e transpõe esse diálogo no relato, seu registro textual. A própria viagem é a escritura.

A cronista Cecília está interessada nesse diálogo e processa o tempo todo uma troca com o outro. Lê o mundo que contempla antes, durante e/ou depois da jornada, e seus escritos vão trazer marcas dessas leituras, entrelaçados aos fatos do cotidiano, pois viajar é uma arte que não aprendemos nos livros, mas com a experiência.

Na seqüência deste capítulo, apresentamos a autora Cecília Meireles como cronista de viagem, utilizando, por vezes, suas próprias crônicas de caráter metalingüístico. A cronista percebe-a como um aprendiz, percorre o mundo de forma vagarosa, atenta a todos detalhes das paisagens, aos “ângulos das ruas¹⁵” como diz Calvino.

Esta aproximação do objeto para ir além dele fica bem exemplificado em um poema escrito por ocasião da visita à Índia, que é matéria das crônicas estudadas neste trabalho. No poema “Participação”, do livro *Poemas escritos na Índia*, o olhar da viajante – na função de eu-lírico do poema – penetra na paisagem, afunda-se nas coisas. Isso é indicado pelos advérbios que, colocados em gradação indiciam esse movimento, ao mesmo

¹⁵ CALVINO, 1990. P.15

tempo em que apontam o que, em cada nível, vai sendo visto, chegando mais e mais à abstração, ao passado, ao que é percebido e sentido pelo poeta :

De longe, podia-se avistar o zimbório e os minaretes
e mesmo ouvir a voz da oração.

De perto, recebia-se nos braços
Aquela arquitetura de arcos e escadas,
Mármore reluzentes e tetos cobertos de ouro.

De mais perto, encontrava-se cada pássaro
Embrenhado nas paredes,
Cada ramo e cada flor,
E a fina renda de pedra que bordava a tarde azul.

Mas só de muito perto se podia sentir a sombra das mãos que
outrora houveram afeiçoado coloridos minerais (...)

E só de infinitamente perto se podia ouvir
A velha voz do amor naquelas salas. (...)¹⁶

As crônicas de Cecília Meireles realizam este mesmo movimento de aproximação da realidade e de percepção, nas dobras da visão, do passado, do sagrado, da tradição. Esse movimento é verificado primeiramente numa análise de seu estilo e suas características e, em um segundo momento, no exame específico do teor das crônicas.

No capítulo III, procuramos levantar as características apresentadas, no capítulo um, da crônica lírica, do lirismo como recordação do passado e do sagrado, bem como os recursos retóricos/lingüísticos que o sujeito da enunciação utiliza para avaliar o que vê, indiciando a visão do mundo subjacente aos textos.

¹⁶ MEIRELES, 1987, p. 636.

Darcy Damasceno, na “Introdução geral” do livro *Obra poética*, de Cecília Meireles, define muito bem o processo que a autora utiliza para criar seus poemas, definição que podemos transferir para o processo de construção das crônicas:

Inventariar as coisas, descrevê-las, nomeá-las, realçar-lhes as linhas, a cor, distingui-las em gamas olfativas, auditivas, tácteis, saber-lhes o gosto específico, eis a tarefa para a qual adentra e afina os sentidos, penhorando ao real sua fidelidade.¹⁷

Nas crônicas de viagem, Cecília Meireles criou uma prosa atemporal, de essência lírica; com o olhar de estrangeiro, a cronista penetra no universo do outro e, revela um novo eu. Conforme Octavio Ianni, inventariando as coisas do estrangeiro, o viajante vai-se descobrindo “idêntico e transfigurado¹⁸”.

¹⁷ DAMASCENO, 1987, p.19.

¹⁸ IANNI, 1996,p. 14.

1. A CRÔNICA

A palavra crônica é de origem grega (*khronos*, que significa tempo). Se consultarmos os dicionários da língua portuguesa, verificaremos que à palavra crônica estão associados dois significados¹⁹. Seu primeiro sentido lembra-nos os cronistas coloniais, que pretendiam o registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias, em sua ordenação cronológica. Neste período, a crônica aproxima-se da história, sendo os cronistas o que hoje chamamos de historiadores. A crônica como narrativa histórica esteve presente na historiografia da Idade Média e do Renascimento. Um exemplo desse tipo de cronista na língua portuguesa foi Fernão Lopes, que, nomeado o cronista-mor do Rei D. Duarte de Portugal, em 1434, tinha por função fazer o registro dos feitos dos antigos reis de Portugal até o reinado de D. Duarte. No Brasil, podemos citar Pero Vaz de Caminha, passando por Pero Lopes de Souza, Manuel de Nóbrega e José de Anchieta, autores que antecipam uma historiografia nacional.

¹⁹ FERREIRA, 1986, p. 503.

O segundo significado indica a relação da crônica com o jornalismo, sendo definida por um texto de forma livre e pessoal com temas do cotidiano. Esse segundo significado decorre de uma evolução ocorrida com o termo crônica : a evolução do caráter histórico para a constituição de um gênero literário ligado ao jornal, no século XIX, com o advento da literatura jornalística. No entanto, o segundo significado não veio substituir o primeiro, eles coexistem. Segundo Ilka Laurito, emprega-se genericamente a palavra crônica para indicar “o registro da feição de uma comunidade e de uma época, as memórias de um passado que se quer fixar.”²⁰

No séc. XIX, o folhetim (*feuilleton*) tratava das questões do dia, como política, sociedade, arte e literatura e se situava no rodapé da primeira página do jornal, local em que se encontravam fatos e comentários destinados ao entretenimento. De origem francesa, logo o modelo foi copiado pelos jornais brasileiros, que seguiram sua evolução paralelamente à “matriz” até desembocar na crônica de nossos dias ²¹.

Essa evolução pode ser resumida da seguinte maneira: primeiramente, há o surgimento do folhetim, um espaço no rodapé, destinado ao entretenimento. Em seguida, fixa-se a fórmula do “continua amanhã”: eram os folhetins romanescos, novelas entregues ao público em fatias dia após dia. No folhetim-variedades registrava-se a vida cotidiana da

²⁰ BENDER, e LAURITO, 1993.

²¹ MEYER, 1996.

província, do país e do mundo. Estes textos eram extensos e abrigavam uma gama muito variada de assuntos.

No Brasil, podemos citar alguns exemplos de folhetins romanescos: *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, *O Guarani*, de José de Alencar, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, no século XIX e, no século XX, o dramaturgo e cronista Néelson Rodrigues publica, sob o pseudônimo de Suzana Flag, folhetins romanescos na imprensa carioca de 1944 a 1947.

Com relação ao folhetim-variedades, podemos destacar ainda a caracterização que faz Machado de Assis do folhetinista:

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. (...)

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.²²

Um dos assuntos do folhetim-variedades foi o próprio folhetim. Este exercício de metalinguagem também colabora para o significado do que seja este gênero literário. Igualmente vamos encontrar, nos primeiros cronistas brasileiros, a análise do ofício do folhetinista, tal como no folhetim “Ao correr da pena”, de José de Alencar:

Obrigar um homem, a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer às misérias e às chagas da sociedade; e isto com a mesma graça e a mesma

²² ASSIS, 1962, p. 958-9

nonchalance com que uma senhora volta às páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho!

Ainda isto não é tudo. Depois que o mísero folhetinista por força de vontade conseguiu atingir a este último esforço da volubilidade, quando à custa de magia e de encanto fez que a pena se lembrasse dos tempos em que voava, deixa finalmente o pensamento lançar-se sobre o papel, livre como o espaço: cuida que é uma borboleta que quebrou a crisálida para ostentar o brilho fascinador de suas cores; mas engana-se é apenas uma formiga que criou asas para perder-se.²³

O folhetim-variedades, texto que comportava uma variada gama de assuntos, evoluiu para a crônica moderna. Nessa evolução, o novo texto encurtou, diminuiu a extensão e a quantidade de assuntos. Continua com a mesma gama possível de temas, mas não acumula vários no mesmo texto.

Podemos perceber que do ofício do folhetinista ao do cronista não existem grandes mudanças, a escritura continua árdua por ter que ser leve e suave como uma borboleta, mas, ao mesmo tempo, tem que fazer uma análise profunda da vida e do ser humano.

A crônica abraçou-se e isso pode ser exemplificado pela linguagem, que procura representar a fala coloquial brasileira. O tom é descontraído, de conversinha miúda, de bate-papo, pois como dizia Olavo Bilac “a palavra pesada abafa a idéia leve²⁴”.

²³ ALENCAR, 1965, p. 647-9

²⁴ BILAC, apud, BENDER, 1993, p.47.

Segundo Afrânio Coutinho²⁵, nosso primeiro cronista foi Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889), que iniciou suas participações no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1852. Entretanto, ainda na década de 40, o comediógrafo Martins Pena, em folhetins do mesmo jornal, exercia a função de crítico dos espetáculos líricos da Corte, extrapolando a mera apreciação e intervindo com digressões pessoais e fina ironia, o que pode ser interpretado como o embrião da crônica de humor. No entanto o autor que deu destaque intelectual à crônica foi seu sucessor no jornal *Correio Mercantil*, José de Alencar.

No final do século XIX, a crônica foi alvo da crítica dos naturalistas por sua mistura de fantasia com realidade. Nota-se que o romance urbano ou de costumes é um desenvolvimento natural da crônica realizada por alguns autores, a exemplo de Manuel Antônio de Almeida, com suas *Memórias de um Sargento de Milícias*.

No Modernismo, duas feições literárias confrontam-se na produção da crônica, uma conservadora e outra renovadora. Entre os primeiros, podemos citar Coelho Neto, influenciado por Eça de Queiroz, que também foi cronista, e por Humberto de Campos; dos renovadores, destacam-se, Lima Barreto e João do Rio. O segundo é considerado o iniciador da crônica social moderna no Brasil.

²⁵ COUTINHO, 1969.

Como texto moderno, a crônica incorporou o reconhecimento da subjetividade do narrador-autor. Segundo Jorge de Sá, acrescida de “uma roupagem mais literária”, a crônica transforma-se: “em vez do simples registro formal, o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real”.²⁶ Através da projeção de sua alma no mundo, o cronista conta fatos concretos que envolvem o ser humano no seu dia-a-dia, mas sempre com um toque subjetivo, em que o sujeito enunciador analisa a vida numa linguagem cheia de beleza e poesia. Na história da crônica brasileira, podemos destacar, entre os cronistas que tornam mais líricos os seus textos, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, Rubem Braga, ao lado dos quais se situa Cecília Meireles.

A crônica capta os fatos do dia ou da semana, casando humorismo com seriedade numa breve resenha da vida. Quando editada em livro, revela-se aos olhos do estudioso de literatura como um verdadeiro labirinto, momento em que suas possibilidades de leitura ampliam-se, já que o texto fica liberto das referencialidades imediatas e, ao mesmo tempo, mantém o caráter de fragmentação.²⁷

Devido ao fato de apresentar matéria muito variada, com uma total liberdade em seu tratamento e em sua forma de apresentação, a crônica

²⁶ SÁ, 1985 p. 25

²⁷ Cf. Idem, *ibidem*, p.85

oferece dificuldades de classificação, no entanto algumas características podem ser apontadas: o tom de conversa, a linguagem coloquial, o uso da matéria do cotidiano como pretexto para divagações, análises e reflexões.

Conforme Arrigucci:

A crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre amigos, para tratar de pequenas coisas que formam a vida diária onde às vezes encontra a mais alta poesia.²⁸

A partir das reflexões e observações do cotidiano, a crônica pode ser o espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro. O fato é, para o cronista, um pretexto para divagações, para comentários do filósofo que talvez nele exista, pois, enquanto o mundo humano é claro e imediato, o destino continua a ser um mistério. Desse modo, o cronista torna-se um historiador do cotidiano, retomando a primeira significação da palavra.

A crônica é o espaço literário em que se captam a conversa fiada, os pequenos sentimentos, as pequenas coisas do cotidiano. “A crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo”.²⁹

Dessa maneira, através da crônica, podemos compreender a definição que Michel Certeau dá à palavra cotidiano, matéria de crônica:

Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo

²⁸ ARRIGUCCI, 1996.

²⁹ COUTINHO, 1969.

que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada.³⁰

A crônica trabalha a matéria do dia-a-dia com leveza e força, no entanto é considerada um gênero menor.

O tempo da crônica continua a existir inalterado, mesmo depois de sua história ter sido contada. A crônica não deixa perecer no tempo a matéria fugaz da vida, salvando-a do esquecimento pelo registro textual³¹. Já o tempo jornalístico é escasso, é rápido. A crônica de qualidade literária resiste a esse tempo fugaz e, por tratar da matéria da vida, permanece sempre atual, podendo continuar a existir depois de transformar-se em livro.

Além de elemento estrutural, o tempo também é assunto de crônica, desde o tempo psicológico até o tempo cronológico, como revela o seguinte trecho de uma crônica de Cecília Meireles: "Creia-se ou não, todo mundo sente que o tempo passa. 'Vou matando o tempo, enquanto o tempo não me mata.' - respondia-me na Índia um grande homem meu amigo, cada vez que perguntava como ia passando".³²

A crônica desenvolveu uma linguagem que está próxima de nosso modo natural de ser, através da incorporação da fala coloquial, da observação dos fatos da vida cotidiana. Tornou-se, assim, comunicativa e

³⁰ CERTEAU, 1994.

³¹ Idem, ibidem, p.24

³² idem, ibidem, p.73.

próxima do leitor, nasceu no jornal e foi além dele, podendo-se eternizar em livro.

As crônicas usam diferentes processos narrativos, para atingir os seus leitores, tais como a forma dialogada, histórias desenvolvidas e até um certo tipo de biografia lírica ou exposição poética. Algumas ainda mantêm resquícios dos romances-folhetim, criando uma estrutura ou ganchos que prendem o leitor para próximos textos, como se fossem capítulos de um romance³³. De certa forma, as crônicas de Cecília Meireles que relatam a viagem mantêm o leitor sempre na expectativa de ler a seguinte e, desse modo, acompanhar a jornada, fato que não ocorre com as crônicas em geral³⁴.

A crônica está vinculada ao jornal, contudo não nasce com ele, somente quando este começa a ser cotidiano é que ela se incorpora a esse veículo de informação. O jornal cresce no Brasil em pleno Romantismo, o que contribui para um acento mais lírico à crônica, desde suas primeiras manifestações.

Álvaro Moreira salienta a sua contribuição para a diferenciação da língua portuguesa entre Brasil e Portugal, pelo uso que fez da linguagem coloquial, informal³⁵. Antônio Cândido comenta a evolução: "Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o

³³ *idem*, *ibidem*, p. 55.

³⁴ No *Plano Geral da Obra em Prosa*, de Cecília Meireles, a Editora Nova Fronteira reuniu essas crônicas sob o título "Crônicas em Geral".

³⁵ Apud COUTINHO, 1967,p.97.

seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma.”³⁶

Para representar artisticamente as experiências cotidianas da sociedade, o gênero literário que mais se adaptou e correspondeu às expectativas dos escritores e dos leitores foi a crônica, considerando que diferentes experiências sociais pedem diferentes gêneros discursivos ou literários. A crônica torna-se uma forma de pensar o mundo através da representação das coisas simples da vida, que, no texto, se tornam pretexto para reflexões sobre o nosso estar no mundo.

Em todo caso, os gêneros não são formas fixas, sofrem alterações ao longo dos anos, das épocas, dos estilos e também podem constituir outros gêneros como formas híbridas dos já existentes. Este é o caso da crônica que, cada vez mais, infla-se de elementos ficcionais.

A crônica continua a fazer o registro de fatos, mas só não mais cronologicamente, e também não apenas de fatos, mas ainda de pessoas, animais, coisas do cotidiano. O que importa é que tanto como registro de um passado, de um presente, quanto de um futuro, a crônica está sempre ligada ao tempo.

Por ser de natureza ambígua, torna-se difícil uma classificação da crônica, pois não raro esta ambigüidade a conduz ao conto, ao ensaio e freqüentemente ao poema em prosa. O crítico Eduardo Portela comenta

³⁶ CANDIDO, 1980. p.7

essa ambigüidade capaz de fazer da crônica um gênero híbrido, na intersecção de outros gêneros:

A estrutura da crônica é uma desestrutura; a ambigüidade é a sua lei. Os gêneros literários não se excluem: incluem-se. O que interessa é que a crônica, acusada injustamente como um desdobramento marginal ou periférico do fazer literário, é o próprio fazer literário.³⁷

Afrânio Coutinho dedica um capítulo do livro *A literatura no Brasil* ao estudo da crônica, colocando-a em paralelo com o ensaio. De início, faz-se necessário, para o autor, a definição de gênero literário, sendo este dividido em dois grupos: “aqueles em que os autores usam um método direto de se dirigir ao leitor, e aqueles em que os autores o fazem indiretamente, usando artifícios intermediários.”³⁸ A crônica pertence ao primeiro grupo de classificação de gêneros literários por sua interlocução direta com o leitor. Sendo um gênero de tendência híbrida, fica difícil uma classificação estanque, no entanto gostaríamos de lembrar a classificação de Coutinho para a crônica brasileira, que a divide em :

- 1) crônica narrativa: seu eixo é uma história, o que a aproxima do conto;
- 2) crônica metafísica: constitui-se de reflexões filosóficas sobre os homens ou sobre acontecimentos;
- 3) crônica poema-em-prosa: presta-se ao extravasamento lírico da alma do artista;

³⁷ PORTELA, 1979.

³⁸ COUTINHO, 1986, p. 117

4) crônica-comentário: divulga e comenta acontecimentos, com assuntos díspares.

5) crônica-informação: semelhante ao tipo anterior, mas de caráter menos pessoal.³⁹

O autor salienta que estes traços estão fundidos em alguns escritores; esse é o caso, no nosso entender, das crônicas que constituem o *corpus* deste trabalho. Os textos de viagem de Cecília Meireles apresentam um eixo lírico, um informativo sobre coisas que o cronista visualiza por onde passa, um eixo reflexivo sobre o homem e o mundo e um certo eixo narrativo, quando a autora relata lendas e histórias folclóricas da Índia ou um acontecimento envolvendo outros.

Os próprios cronistas conceituam de diferentes modos a crônica. Segundo Fernando Sabino, ela é uma manifestação ligada à narrativa ficcional. O poeta Carlos Drummond de Andrade e o escritor Rubens Fonseca percebem-na como um texto literário mais poroso do que a poesia. O cronista José Carlos de Oliveira defende que ela tem uma dimensão estética, tão original e significativa quanto os outros gêneros literários⁴⁰.

A escritora Clarice Lispector, em entrevista, destaca o aspecto de comunicação acessível da crônica com o leitor: "Na crônica, acho que

³⁹ COUTINHO, 1986, p.133

⁴⁰ BENDER, e LAURITO, 1993. p.

coloco uma espécie de mundo através de uma espécie de mim. O leitor quer, no jornal, encontrar um pouso, uma conversa.⁴¹

Já o escritor Henrique Pongetti considera o cronista um “historiador menor da sua época⁴²”, destacando o caráter de registro da fugacidade do cotidiano como uma forma de recriar e salvar do esquecimento o fato efêmero. Nesse sentido, Cecília Meireles, também a considera como o registro do cotidiano: “A crônica faz o inventário do mundo circundante e projeta sua alma no universo do cotidiano.”⁴³

⁴¹ LISPECTOR, apud BENDER, 1993, p.24.

⁴² PONGETTI, apud, BENDER, 1993, p. 24.

⁴³ MEIRELES, 1980.

2. A VIAGEM COMO OBJETO DA CRÔNICA

Conhecer um novo lugar, descobrir novos mundos, desvendar os mistérios de outros povos, enfrentar o desconhecido, encontrar-se no outro e redescobrir-se novo: a viagem é um processo de afastamento do conhecido que possibilita vários aprendizados.

Realizada por turistas, comerciantes, etnólogos, antropólogos, descobridores, peregrinos, fugitivos, pesquisadores ou conquistadores, fascina a todos e, por vezes, torna-se objeto da escrita, registro secreto ou público, singular ou universal. Tendo tão diferentes sujeitos, seu registro torna-se muito variado, quanto à linguagem, ao discurso, à forma, ao conteúdo e ao ponto de vista.⁴⁴

No momento da travessia, o sujeito abre-se para o outro e seguidamente o incorpora em seu discurso. O relato de viagem torna-se então um texto polifônico. No seu deslocamento para outras localidades, países, cidades, o viajante descobre-se “idêntico e transfigurado”, a partir das descobertas e das inquietações que o outro, o desconhecido, lhe

⁴⁴ Confere, IANNI, 1996.

proporciona. Devaneia sobre a viagem, a partir do que vê, do que passa a conhecer.⁴⁵

A idéia de viagem integra um conjunto de noções (como partida, chegada, travessia, retorno), enraizadas na existência humana e nas coordenadas de tempo e espaço e implicadas por um impulso subjetivo que se traduz em movimento.

A produção textual decorrente desse percurso realiza-se no momento de pausa da travessia, espécie de interstício temporal. A maioria dos relatos de viagem descreve percursos concluídos, indicando que este processo de estar em outro lugar acarreta a necessidade de suspender o caminho para a apreensão, a escrita do que foi vivido.⁴⁶

Como narrativa que incorpora várias vozes, os relatos de viagem são textos muito ricos, porque proporcionam um diálogo de culturas e/ou acúmulo de saberes. Pela diversidade da experiência, freqüentemente o relato de viagem revela-se uma montagem de gêneros e de tipos de discursos.

⁴⁵ *Idem, ibidem.*

⁴⁷ *Confere, GOMES, 1999.*

2.1 A viagem na literatura

O relato de viagem surge com poemas épicos que narram a jornada de grandes heróis. Na Antigüidade, ela era uma prova que os heróis deveriam superar em busca da imortalidade, tal como o herói babilônico Gilgamesh. Nesses poemas épicos, o protagonista é um herói divino ou semidivino, e a narrativa compõe-se de elementos do maravilhoso. No entanto este gênero evolui e, a partir dos séculos VIII a VI a.C., passa a narrar a experiência de viajantes, os conquistadores, mas mantém a estrutura épica.⁴⁷

Na Idade Média, a viagem tinha por objetivo uma demanda, uma busca sem fim, a busca da salvação. Era a viagem da alma, para tanto era usado o recurso da formulação alegórica. A partir do Romantismo, ela se instala entre a ânsia e o sonho, como forma de fuga e evasão, caracterizando o espaço e sua articulação com o tempo sofrido pelo sujeito da viagem. No modernismo, o espaço exterior é secundário, e a viagem literária torna-se uma viagem ao interior do sujeito, o olhar é o carro-chefe, a visão das coisas e não mais a sua descrição é o que importa. No sentido de uma busca, a busca do eu no outro, a viagem nos textos modernos

retoma a idéia da viagem medieval, sendo que em alguns casos, a alegoria é substituída pelo imaginário.

Mesmo com a alteração do perfil da personagem, as narrativas de viagem preservam os elementos míticos e a ficcionalidade misturada à realidade, no entanto o fator verossimilhança exigiu a transformação do maravilhoso, que já não poderia ser tão irreal.

A partir dessa primeira mudança, os relatos de viagem privilegiam a experiência do viajante. Num primeiro momento, é freqüente que o narrador seja também personagem; em sua grande maioria, os relatos são escritos em primeira pessoa, mas apenas como testemunha de sua história. Num segundo, o sujeito que narra também se torna ator de seu relato. Por conseguinte, as narrativas de viagem sofrem uma transformação no perfil do narrador, já que de narrador-testemunha evoluiu para narrador-protagonista.

Estas narrativas vêm sendo consideradas e definidas como um gênero ambíguo, por comportar, ao mesmo tempo, narração e descrição. Fernando Clara considera que sobre o relato de viagem pode-se dizer a mesma coisa que Santo Agostinho observou sobre o tempo : “se ninguém mo perguntar, eu sei o que é; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.”⁴⁸.

⁴⁸ ESPELOSÍN, 1997, p. 589-98.

⁴⁸ Santo Agostinho apud CLARA, 1997 ,p. 579.

A dificuldade de a literatura de viagem ser definida deve-se, sobretudo, à multiplicidade de textos que levam essa denominação. Isso cria um vazio teórico, que também se amplia com a dificuldade de se encontrar uma perspectiva teórica ampla que analise a produção de forma consciente e não redutora. Clara sugere, como causa deste vazio teórico, a incomunicabilidade entre os campos epistemológicos que normalmente servem de base para a análise desses textos.⁴⁹

Uma das tentativas de suprir esta deficiência vem de alguns estudos mais recentes que vêem os relatos de viagem marcados por um sentimento nacionalista, identificado pelo uso freqüente, nos textos de viagem, de expressões como “o nosso país”, “os nossos costumes” em oposição ao “outro país”, aos costumes estrangeiros.

Nos anos 50, a questão da margem, da fronteira, era tema de debates entre os comparatistas franceses e os críticos literários americanos e, no centro desse debate, esteve a literatura de viagem, justamente por colocar-se numa área limítrofe entre o real e o ficcional. Uma nebulosa de obras caracterizadas como literatura de viagem ocupa um espaço híbrido entre a ficção e a realidade.

Para os franceses, essa literatura é importante no estudo da literatura comparada, destacando que os viajantes e a viagem são

⁴⁹ Idem, *ibidem*, p.579

considerados “agentes do cosmopolitismo literário”⁵⁰. Já para os americanos, a literatura de viagem somente é relevante quando os textos apresentam características histórico-sociológicas, considerando que essa produção não pode ser tratada no âmbito da Literatura.

A denominação literatura de viagem, por vezes, é substituída por relatos de viagem, termos que empregamos como sinônimos, já que o primeiro está contido no segundo. Relatos de viagem é mais abrangente, incluindo todos os textos que têm por tema a viagem, inclusive os literários. Entretanto, o relato de viagem pode ser considerado como um gênero específico.

Apesar de tratarem de uma classe de textos tão diferentes entre si, alguns pesquisadores tentaram defini-lo. P. G. Adams qualifica o relato de viagem através da negação: “O relato de viagem não é somente um diário pessoal (...) Não existe somente em prosa. (...) Não é ‘subliteratura’”⁵¹. Todavia suas definições não vão muito além, pois, na verdade, o que faz é construir uma negativa à crítica aos relatos.

Assim como existem muitas definições para o gênero literatura de viagem, também existem várias categorias do mesmo. Apresentaremos a tipologia de Waldimir Krysisnki, que está baseada nas relações do narrador-viajante com o referente.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 580.

⁵¹ “The ‘récit de voyage’ is not just a first-person journal(...) It is not just in prose. (...) It is not ‘subliterature’ ” PASQUALI, 1996, p. 93

Segundo o critério de Wladimir Krynski, o referente seria o que o narrador viu na viagem e implicaria uma série de variantes sobre as quais é possível estabelecer uma tipologia dos relatos de viagem.

Na sua tipologia, o autor designa a primeira categoria de tópico-arquetipal, caso em que a viagem se constitui como suporte espaço-temporal e narrativo para deslocamentos e acontecimentos próprios de um “herói excepcional”. Neste tipo, reúnem-se narrativas de teor mítico, organizadas em torno de heróis como Ulisses e Enéias⁵². A glória e a invencibilidade do herói fazem parte dessas narrativas e, no caso da *Odisséia*, estruturam o poema épico. A narrativa tópico-arquetípica realiza-se muito bem no gênero da epopéia e do conto maravilhoso. Krynski considera a *Odisséia* um exemplo das estruturas fundamentais das narrativas de viagem, pois o deslocamento no espaço ocorre juntamente com o aparecimento sistemático de obstáculos que são superados pelo protagonista. Nas palavras do autor :

Assim, constituem-se as invariantes dos relatos de viagens: o desvelamento e o desenrolar do espaço marítimo ou terrestre como obstáculo, perigo, emboscada. A relação de domínio entre o herói-viajante e o espaço. A correlação com o outro. A temporalidade finalizante, estendida e suspendida em função do retorno ao lar. Vê-se então que a substância espaço-temporal – determinada pela finalidade da viagem –, a visitação dos lugares desejados ou não desejados e a posição do protagonista em relação ao outro ocupam o lugar central e incontornável de um relato de viagem.⁵³

⁵² KRYNSKI, 1998, p.289

⁵³ “Ainsi, se constituent les invariants des récits de voyages: le dévoilement et le déroulement de l’espace maritime ou terrestre posé comme obstacle, danger, embûche. Le rapport de maîtrise entre le héros-voyager et l’espace. La mise en relation avec l’autre. La temporalité finalisante, étendue et suspendue en fonction du retour à la maison. On voit alors que la substance spatio-temporelle, déterminée par la finalité du voyage, la visite des lieux voulus ou

A segunda categoria, que o autor denomina de espetáculo da alteridade, marca, na história dos relatos de viagem, uma mudança de foco: com o passar do tempo, os relatos de heróis perdem sua força como modelo de narrativa, dando lugar à subjetividade. Sendo assim, passamos ao relato de experiência de um sujeito que se vê frente a frente com a alteridade, com o outro, e o texto dá mais espaço ao real do que ao maravilhoso. *Relações de viagem* de Cristóvão Colombo e *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto são exemplos desta categoria. Eis como Krysinski caracteriza essa modalidade:

É um relato híbrido, que combina no plano narrativo o desvelamento sistemático do espaço-tempo, a consideração do espetáculo da alteridade, a aventura, a reflexão, a cognição e o saber.⁵⁴

Na terceira categoria, Krysinski inclui os relatos modernos e pós-modernos. Os relatos modernos caracterizam-se pela problematização do outro, tais como os relatos etnográficos e científicos que tratam a questão do outro como elemento principal na emancipação do homem. *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss é um exemplo:

Seria moderno um relato que levantasse, de uma forma problemática, a questão do outro, projetando-a em uma perspectiva crítica, relacional, dialética e que, por isso mesmo, questiona as bases e as ideologias dos sistemas que produziram as escravidões do outro.⁵⁵

non vultus, la position du protagoniste par rapport à l'autre occupent la place centrale et incontournable d'un récit de voyage." Idem, p.290.

⁵⁴ C'est un récit hybride Qui combine sur le plan narratif le dévoilement systématique de l'espace-temps, la prise en charge du spectacle de l'altérité, l'aventure, la réflexion, la cognition et le savoir. Idem, p.295.

⁵⁵ Serait moderne un récit Qui soulève d'une façon problématique la question de l'autre en la projetant dans une perspective critique, relationnelle, dialectique et Qui par là-même remet en cause les bases et les idéologies des systèmes Qui ont produit les esclavages de l'autre. Idem p. 301

Os relatos pós-modernos caracterizam-se como um metarrelato que propõe a falência da questão do outro; esse é um mal necessário, é um pano de fundo neutro. *América*, de J. Baudrillard, é um modelo deste tipo de relato. Para Baudrillard, num mundo globalizado, esgotam-se as relações do outro e as descobertas.

Maria Luiza Leal propõe um confronto entre alguns textos e as categorias apresentadas por Wladimir Krysinski, assim resumidas: os relatos tópico-arquetipais, que se articulam em torno de um herói; os relatos que apresentam um espetáculo de alteridade e nos quais o “outro” se constitui em objeto de observação; os relatos modernos e pós-modernos.⁵⁶ Para tanto, utiliza os seguintes textos: *Viagem ao redor de meu quarto* de Xavier de Maistre, *Viagem na minha terra* de Almeida Garrett e *Reijs door mijn kamer* (*Viagem ao redor de meu quarto*) de Maartens Biesheuvel.

A partir dessa confrontação, conclui que, no texto de Maistre, não existe uma viagem no sentido pragmático; no de Garrett, há uma viagem em um espaço delimitado (Lisboa-Santarém, ida e volta); há uma viagem minimal no texto de Biesheuvel. O resultado do confronto leva a autora à conclusão de que, nessas narrativas, não há heróis, mas anti-heróis ou um herói que pratica a auto-ironia, que se auto-relativiza e que relativiza aquilo o que fala. O interesse da “testemunha” não se dirige ao “outro”, mas ao “eu”. Há modernidade, mas não porque essas narrativas levantem questões,

⁵⁶ LEAL, 1998. p.161

de modo problemático, sobre o outro, mas sim do próprio sujeito do relato, cabendo ao “outro” o papel de espelho do eu, ou apenas um artifício narrativo. O confronto serve para mostrar que as tipologias são sempre redutoras face à realidade dos textos.

Fernando Clara, por sua vez, debruça-se sobre um possível e discutível enquadramento dos relatos de viagem em dois grupos : o grupo em que predomina a característica da visibilidade e o que predomina a característica da invisibilidade.

Para o grupo da visibilidade, o autor cita os seguintes exemplos: *Viagem à Itália* de Goethe, *Cartas de Paris* de Börne, *Viagens a minha terra* de Garret. A visibilidade está relacionada ao referente extratextual, composto pela realidade vivida e experimentada pelo viajante. Para o autor, essa visibilidade encobre o próprio texto e não permite que ele se desenvolva por si mesmo, de modo que viajante e leitor tornam-se prisioneiros da realidade:

A característica e fundamental *referencialidade* dos textos impede-os, pois, de *falarem*, apenas, para *falarem de*.

Da literatura de viagens bem se poderia então dizer que não são os textos que encobrem a realidade com o “manto diáfano da fantasia”, mas sim a realidade que encobre os textos com um muro de betão opaco que está dentro das nossas cabeças.⁵⁷

Já a invisibilidade das ilhas e terras de Defoe, Swift e Thomas More, torna o texto o próprio referente. “É a invisibilidade do referente extra-textual

⁵⁷ CLARA, 1997, p. 582.

que permite ao texto construir-se a si mesmo como referente.”⁵⁸ Para o autor, textos como o de Swift e de Defoe são fruto de uma grande “*mudança e alargamento* radicais da *experiência* humana e do *conhecimento* científico-geográfico, mas anunciam também uma *mudança e alargamento* fundamentais do espaço em que se move a literatura (...) ocidental”⁵⁹, na qual a viagem, os viajantes e a literatura de viagens têm um papel crucial.

No caso da crônica de viagem de Cecília Meireles, ocorrem os dois procedimentos: há a invisibilidade quando a cronista trata do que está além do que é visto - a tradição, as lendas, os mitos e seus personagens -, mas este apelo aos mitos imemoriais surge da contemplação do referente, que é a cidade real e seus integrantes. Isso pode ser percebido no seguinte trecho da crônica “Longe vão ficando” :

Longe vão ficando os vastos jardins de Versailles, com suas magníficas águas, com suas estátuas e bosques, por onde agora se recordam dias antigos, fazendo reviver vozes, sons, diálogos, em cenas invisíveis, mantidas só pela delicada ilusão de luzes e ecos. Acreditamos de repente que tudo isso existe. Esperamos que, enfim, as figuras apareçam, e estamos atentos e emocionantes. Mas é como se apenas os fantasmas viessem recordar o já vivido e outra vez se contemplassem e reconhecessem, - deixando-nos só uma leve franja da sua presença, no parque de águas e árvores tão musicais.⁶⁰

A partir da dicotomia visibilidade/invisibilidade, Fernando Clara mostra as dificuldades da definição da literatura de viagens, considerando que, talvez, seja destituído de sentido perguntar o que é (ou o que não é).

⁵⁸ Idem, p.582

⁵⁸ Idem, p.583.

⁶⁰ MEIRELES, Cecília, 1999, p. 81.

Para ele, as respostas dadas serão tautológicas, “já que refletirão sobre o patamar teórico e contextual do ponto de partida, a partir do qual se decidiu observar e analisar o fenômeno”.⁶¹ Para o autor, outra seria a reflexão se nos perguntarmos quando e como há literatura de viagem, considerando elementos extratextuais (mas simultaneamente intratextual) das condições (contextos, sistemas, tradições) de produção e recepção dos textos.

Ainda no campo da discussão da visibilidade, abre-se para a contribuição de Sérgio Cardoso que reflete sobre o olhar do viajante, estabelecendo uma distinção, que pode ser profícua, sobretudo para a reflexão sobre o *corpus* deste trabalho, entre os significados dos verbos “ver” e “olhar”. O verbo ver designa uma visão involuntária, conota ingenuidade do vidente, enquanto o verbo olhar indica uma intenção do ver, um ver deliberado. O sentido da visão concebe o mundo como um todo, em que as partes são vistas como um conjunto contínuo, e o universo do olhar embrenha-se nesse todo e se afunda nos interstícios de extensões descontínuas da visão ⁶². O olhar não se fixa na paisagem plana, mas penetra o mundo à sua frente.

Para afundar o olhar na cidade e observar os detalhes das coisas, o viajante precisa ter um ritmo lento, como já foi definido por Cecília Meireles na crônica “Roma, Turistas e viajantes”:

⁶¹ CLARA, 1997, p. 582.

⁶² CF. CARDOSO, 1989. P.349.

O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente e até do futuro – um futuro que ele nem conhecerá.⁶³

Este sai de seu espaço real e entra em um espaço outro, deve enfrentar a alteridade e a identidade. “A alteridade obedece a uma projeção do “eu” sobre o “outro” baseada em estereótipos, fazendo no fundo parte de uma ideologia: a imagem do outro é uma das formas de pensar o real.”⁶⁴

O nosso imaginário está repleto de “viagens presentes, pretéritas e futuras” conforme Ianni⁶⁵, e, mesmo para aquele que nunca saiu do lugar, pode realizá-las, através da imaginação suscitada pelas leituras. Nelas busca-se o desconhecido e redescobre-se o eu. É através do olhar que se processa uma troca entre o atual (o que vê) e o antigo (o que sabe).

A crônica é um gênero que está na fronteira entre o fato real e o ficcional, entre o jornalismo e a literatura. A crônica de viagem joga com esta dualidade, esta incerteza, e se torna um texto com dados reais da viagem e com a ficção.

O cronista de viagem está pronto para uma imersão no “outro” que está por vir, para renovar-se, redescobrir-se; sofrerá um constante aprendizado através do “outro”. No estrangeiro, o cronista vê a cidade com

⁶³ MEIRELES, 1999, p.101.

⁶⁴ VITORINO, in: PASQUALI, 1996, p.61

⁶⁵ IANNI, 1996, p.4.

os olhos do poeta: "vê mais do que a aparência, descobre as forças secretas da vida" ⁷⁰.

Segundo uma parábola judaica contada no livro de Henrich Zimmer, *Mitos e símbolos da arte e civilização indiana*, será sempre o desconhecido de outra raça, outra nação e outro credo que nos fará a revelação de nossas verdades interiores. A parábola conta a história de um rabino que se chamava Eisik, filho do rabino Jekel, e morava em um *ghetto* de Cracóvia, na Polônia. Uma noite o rabino teve um sonho, o sonho ordenava-lhe que fosse para a capital de Boêmia, Praga, e lá iria descobrir um tesouro escondido sob a principal ponte que conduzia ao castelo dos reis. No entanto, somente após ter o sonho repetido três vezes, é que o rabino decidiu fazer a viagem. Ao chegar em Praga, descobriu que havia vários guardas na ponte dia e noite. O rabino resolveu voltar lá todas as manhãs para observar os guardas, a arquitetura, ficando ali até o escurecer. O chefe da guarda ficou muito intrigado e foi perguntar ao rabino se ele estava à espera de alguém ou se tinha perdido alguma coisa. O rabino então contou-lhe o sonho que teve, e o guarda desatou a rir. O guarda achou muita graça de alguém acreditar assim em um sonho, a ponto de fazer uma viagem tão longa, e contou ao rabino que também teve um sonho assim uma vez, mas não realizou a viagem, pois não acreditava no sonho. No sonho ouviu uma voz que lhe disse para ir para Cracóvia procurar um grande tesouro na casa

⁷⁰ SÁ, 1985

de um rabino de nome Eisik, filho do rabino Jekel. Deveria encontrar o tesouro num recanto sujo por de trás do fogão. O rabino ouviu atentamente, despediu-se do guarda e rapidamente fez a viagem de volta para sua casa. Quando chegou, foi procurar o local indicado pelo sonho do guarda e ali encontrou um tesouro que pôs fim às suas misérias.

Realmente o verdadeiro tesouro nunca está distante, mas repousa enterrado num canto íntimo de nosso ser, sendo revelado através da viagem pelo desconhecido. Este desconhecido é o estrangeiro, de outro país, de outra língua, de outra religião, é o outro que está também em nós mesmos. No livro, *Estrangeiro para nós mesmos*, Kristeva diz que o estrangeiro é, na verdade, o outro que habita em nós, ou seja, um duplo de nós mesmos. Em suas palavras: "o estrangeiro habita em nós, ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruina a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia."⁶⁷

⁶⁷ KRISTEVA, 1994, p. 9

2.2 Cecília, cronista de viagem

Cecília Meireles fez várias viagens ao longo de sua vida e, através delas, produziu poemas e crônicas que desvelam o seu mundo interior. Nesses textos, descreve lugares, situações cotidianas, costumes, folclore, sempre fazendo uma reflexão maior sobre o homem, a sociedade, a vida e a morte:

Cecília Meireles desenvolve, através das rotas percorridas em suas viagens à Europa, Índia e Oriente Médio, um verdadeiro itinerário ao seu mundo interno. Os espaços urbanos com os indícios dos percursos do homem desde os mais remotos tempos, dão as coordenadas e sinalizações das viagens, trajetórias em busca de si mesma.⁶⁸

Na crônica “Pequena viagem”, ela separa os viajantes em dois grupos, “os que desejam viajar e os que desejam chegar.”⁶⁹ O primeiro grupo é formado pelos viajantes que complementam sua visão do “outro” com a imaginação, com o sentimento. A cronista sente-se como parte desse grupo dos viajantes e cria um texto em que “a ausência de qualquer marco da estrada”⁷⁰ é inspiração para sua imaginação e sensibilidade:

⁶⁸ MELLO, 1996 p. 12.

⁶⁹ MEIRELES, 1998,p.249.

⁷⁰ MEIRELES, 1998,p.249.

Há, pelo menos, dois tipos de viajantes: os que desejam viajar e os que desejam chegar. Os segundos procuram o meio de transporte mais rápido, fecham os olhos e esperam pela chegada ao ponto de destino. Há, porém, os infelizes imaginativos, que notam a ausência de qualquer marco da estrada, de certos anúncios...⁷¹

Esta distinção entre querer viajar e querer apenas chegar aparece também em outros momentos da prosa ceciliana, como na crônica “Madrugada no ar”, que retoma a idéia de que viajar é também perceber os caminhos:

Porque viajar é ir mirando o caminho, vivendo-o em toda a sua extensão e, se possível, em toda a sua profundidade, também. É entregar-se à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É expor-se a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem física, - mas, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é uma outra forma de meditar.⁷²

Já em outra crônica, “Roma, turistas e viajantes”, a cronista demonstra que, através da percepção da alteridade, ou do olhar para além do monumento, pode-se penetrar no passado do país visitado. Esse passado está sempre a chamar, e, dessa forma, o viajante acaba por tornar-se o espelho que reflete esse passado, sendo a escrita o meio para sua expressão. Assim é a cronista Cecília, e a sua escrita é como um eco do sagrado:

Dirige-se [o viajante] a um museu, a um palácio, a um jardim e tudo está repleto de ecos, que os guardas, - às vezes um pouco violentos - não têm, decerto, paciência ou gosto de ouvir. No alto das colunas, das fachadas, dos pórticos, das igrejas, deuses, reis imperadores, santos, anjos lhe acenam, quando, por acaso, não estão entretidos uns com os outros, em fábulas,

⁷¹ MEIRELES, Op cit. Nota n 50 p. 249.

⁷² Idem, *ibidem*, p. 269.

evangelhos, poesias, hinos celestiais.⁷³

Neste contínuo deslocamento espacial e temporal da viagem, o sujeito experimenta um encontro com a solidão. No abandono do meio que lhe é familiar, o viajante projeta o “eu” no “outro”; nesta solidão, acontece um reconhecimento do eu, solidão que sempre foi uma tônica importante para Cecília Meireles. Na crônica “Os museus de Paris”, o sujeito enunciator revela:

Tudo quanto aprendi até hoje – se é que tenho aprendido – representa uma silenciosa conversa entre os meus olhos e os vários assuntos que se colocam diante deles, ou diante dos quais eles se colocam. Nessa atmosfera de confiança, tudo me parece penetrável e inteligível. Mais tarde, em silêncio maior, a conversa continua, e é simplesmente um profundo monólogo. O que resulta de tudo isso é, para mim, a aprendizagem.⁷⁴

Uma característica marcante na obra cecilianiana é a retomada, de uma forma ou de outra, da tradição, seja da cultura brasileira, da portuguesa ou de culturas que a escritora pôde estudar. Nas crônicas, a forma com que o sujeito do texto ceciliano percebe o passado, sempre nos “ângulos das ruas”, nas pessoas simples, comuns, no cotidiano da cidade, remete-nos a um excerto do livro *As cidades invisíveis*, de Calvino: “A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, etc...”⁷⁵ A recordação e o sentimento recriam a paisagem contemplada, resgatando o seu passado. O sujeito das crônicas sente a tradição no que vê:

⁷³MEIRELES, 1999, p. 103/104.

⁷⁴MEIRELES, 1999, p. 139

Não, a Índia não é apenas para ser vista em seus aspectos superficiais, sejam eles pitorescos, dolorosos ou brilhantes. É para ser vista, principalmente, em profundidade, em história, em sonho, em tempo. Refazer com a imaginação todas as coisas que aconteceram por estes lugares, sentir o que está guardado dentro destas palavras.⁷⁶ (p.74)

E, nessa troca, há um diálogo entre culturas, uma reciprocidade de signos entre o estrangeiro e o familiar, construindo até mesmo um *carrefour* de saberes sobre o mundo e sobre si:

Quem viaja, larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia. À medida que caminha, despoja-se. Quanto mais descortina o novo, desconhecido, exótico ou surpreendente, mais liberta-se de si, do seu passado, do seu modo de ser, hábitos, vícios, convicções, certeza. Pode abrir-se cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulha no desconhecido. No limite, o viajante despoja-se, liberta-se e abre-se, como no alvorecer: caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar.⁷⁷

Essa Índia múltipla, aos olhos de Cecília Meireles, também dialoga com as reflexões de Octavio Paz no livro *Vislumbres da Índia*, em que o poeta analisa a Índia e revela as marcas que este país deixou em seu interior, na época em que foi embaixador do México, entre 1962 e 1968. Assim como Octavio Paz, Cecília também vislumbrou o país e, através da contemplação, estabelece um diálogo entre suas impressões e o conhecimento que já trazia consigo. Na viagem, a autora processou uma nova leitura do País, antes conhecido através dos livros. Octavio Paz percebe a imensidão de temas que este país suscita no observador e coloca

⁷⁵ CALVINO, 1990., p. 15

⁷⁶ Obs. Os trechos citados foram retirados do volume em anexo, dos quais passaremos a indicar apenas o número da página.

⁷⁷ IANNI, 1996, p. 18

muito bem de que forma pôde compor seu livro, de vislumbres :

Vislumbrar: observar, divisar, distinguir apenas, entrever.
Vislumbres: indícios, realidades percebidas entre a luz e a sombra.
Tudo isso pode ser resumido numa frase: esse livro não é para os especialistas. Não é filho do saber, mas do amor.⁷⁸

Cecília escreveu suas crônicas com a mesma sensibilidade para com o mundo rico, em imagens e cores, da Índia. Nas suas crônicas de viagem, o olhar da viajante capta o sagrado, as tradições do lugar visitado por onde viaja, através de uma atitude lírica.

Staiger destaca, em seu estudo da forma lírica, o “ingressar do mundo no sujeito”⁷⁹, o “outro” no “eu”. Nesse sentido, o sujeito lírico recorda o passado, situação enunciativa em que não há distanciamento entre o eu que contempla e a paisagem contemplada (trata-se do *um-no-outro* lírico).

Na decorrer da viagem, a cronista observa, contempla o mundo novo e este penetra na sua alma, tirando desta experiência matéria para a crônica. Na verdade, o sujeito revive, ou tenta reviver, através de seu texto, o passado que contempla no que vê. Nesse processo de visibilidade e de análise do outro, ocorre, concomitantemente, um movimento de desvelamento de si própria: é a viajante revelando-se na viagem, em que o estrangeiro, o outro, é o agente da revelação.

⁷⁸ PAZ, 1996, p.39.

⁷⁹ STAIGER, 1969.

Ao perceber as diferenças e sobre elas refletir, as crônicas cecilianas delineiam uma visão do mundo indiano com suas tradições e idéias filosófico-religiosas, o que sustenta a feição espiritualista de suas crônicas.

A cronista vê as cidades indianas com os olhos da poeta: "vê mais do que a aparência, descobre as forças secretas da vida"⁸⁰. Descreve lugares, situações cotidianas, costumes, folclore, sempre fazendo uma reflexão maior sobre o homem, a sociedade, a vida e a morte. Ela transcende, extrapola os fatos simples, deles inferindo aprendizado, lições de vida, com linguagem rica em imagens. Em suas crônicas, ela parte do pequeno, do simples, para fazer uma reflexão maior de caráter universal.

Além disso, percebe-se que a autora trata o texto de forma mais poética do que os cronistas em geral. Levantando uma série de características presentes no texto e observando seu estilo, podemos dizer que a crônica escrita por Cecília é essencialmente lírica. Entendemos que o lirismo das crônicas cecilianas está diretamente ligado a um perfil do sujeito de enunciação. O sujeito lírico assim é concebido por Käte Hamburger: "o sujeito-de-enunciação lírico não faz do objeto da vivência, mas da vivência do objeto o conteúdo da enunciação"⁸¹. Pode-se reconhecer esta mesma relação entre o sujeito enunciador da crônica ceciliana e os objetos contemplados.

⁸⁰ SÁ, 1985, p.25.

⁸¹ HAMBURGER, 1975, p. 199.

Assim, as crônicas cecilianas são líricas, na medida em que recordam um passado com sentimento, recuperando a contemplação do homem simples ou do monumento histórico, vistos por um sujeito enunciator que procura transmitir a tradição do povo visitado. A recordação é construída através de imagens, de visões da paisagem, que procuram passar ao leitor a sensação experimentada pela escritora.

O conteúdo da enunciação percebido nas crônicas é a experiência da cidade visitada, das pessoas que o sujeito encontra pelo caminho, dos objetos que cristalizam a cultura que ele está vivenciando. O sujeito das crônicas cecilianas sente o que vê e é; a partir desse sentimento, constrói sua enunciação.

Na leitura das crônicas, o leitor recria a experiência da viagem, já que a enunciação ressuscita liricamente os objetos e seres contemplados nas "impressões" evocadas pelas palavras. Essas impressões e imagens estão associadas ao passado do lugar que a cronista vai descrevendo, ou melhor, experimentando. Ele recorda o passado, a tradição, a partir da sensação desencadeada pelo que está sendo visto. No ato, unem-se olhos, coração e memória. Tal atitude será o fundamento da construção do livro *Romanceiro da Inconfidência* (1953), que surge de uma espécie de "apelo" do passado, captado pela autora, a partir da contemplação da paisagem de Ouro Preto:

...muitas vezes me perguntei se devia obedecer a esse apelo dos meus fantasmas, e tomar o encargo de narrar a estranha história de que haviam participado e de que me obrigaram a participar

também, tantos anos depois, de modo tão diferente, porém com a mesma, ou talvez maior, intensidade.⁸²

O lirismo advém da repercussão que os cenários produzem na interioridade daquele que os aprecia, recordando o passado dos locais visitados. Ao tratar do texto lírico, Staiger considera que, no gênero lírico, a recordação é a maneira de lembrar com o coração:

O poeta lírico nem toma presente algo, passado, nem também o que acontece agora. Ambos estão igualmente próximos dele, mais próximos que qualquer presente. Ele dilui aí, quer dizer ele "recorda". Recordar deve ser o termo para a falta de distância entre o sujeito e objeto, para o um-no-outro lírico.⁸³

Outro elemento destacado por Staiger como característico da enunciação lírica é a repetição: repetição de idéias, imagens, sensações retomadas pelo leitor no momento da leitura. Segundo o autor, "o poeta lírico escuta sempre de novo em seu íntimo os acordes já uma vez entoados, recria-os, como os cria também no leitor."⁸⁴

Repetição que também é encontrada na crônica ceciliana, repetições de palavras-frase, repetições de frases, assim como a estrutura de paralelismo. Todas estas marcas de lirismo encontram-se nas crônicas de viagem.

⁸² MEIRELES. "Como escrevi o *Romanceiro da Inconfidência* In: Meireles, 1989, p. 19

⁸³ STAIGER, 1969.

⁸⁴ STAIGER *idem*.

3. A VIAGEM À ÍNDIA

Desde a infância, Cecília Meireles interessou-se pela Índia. Esse interesse veio através de sua avó açoriana, Jacinta Garcia Benevides, que a educou, a partir dos três anos, quando ficou órfã.

Devido às condições geográficas e históricas do país, o imaginário português está repleto da idéia de viagem - plena de mistérios, naufrágios e sonhos. Cecília Meireles revela, na sua obra, que se deixou impregnar por esse imaginário da viagem, fazendo uso, inclusive, da linguagem que ela própria chama de "náutica".

Para representar, ou melhor, para expressar esta busca e este desejo de transcendência, tão ao gosto de Cecília Meireles, os autores portugueses escolheram a poesia e a metáfora, e a viagem parece algo natural a essas questões: "...a viagem, o risco e a aventura foram a nossa forma antropológica de estar no mundo, de navegar mais do que de existir, fascinados pelos abismos, desejando o impossível, o infinito, o mar!..."⁸⁵ A viagem foi sempre o modo português de existir. Esta maneira de estar no

mundo na e pela viagem. Por outro lado, a viagem age como operadora da cognição, pois o narrador está de fora, com relação ao objeto de seu olhar e, desse modo, realiza uma troca entre o que é estrangeiro e o que é conhecido, para desenvolver seu ato de representação do que observa.

⁸⁵ VARELA, 1996, p.27.

3.1. A tessitura das crônicas

A maneira da cronista Cecília Meireles perceber o mundo, recriando-o, lembra-nos o conceito de imaginação material de Bachelard, para quem o “gosto pelas viagens decorre do gosto por imaginar.”⁸⁶

Na introdução do livro *Direito de sonhar* de Gaston Bachelard, José Pessanha fala sobre as divergências entre Bachelard e Sartre e explica que a nova proposta de Bachelard está em contradição com uma tradição filosófica e crítica sobre o olhar.

Desde os antigos gregos, o pensar é extensão da óptica e está ligado à imaginação formal que origina a abstração e o formalismo e é fruto da contemplação ociosa e passiva. Nessa tradição, na qual Sartre se baseia, o olhar corresponde a algo passivo, sem interferência da pessoa que olha sobre o objeto observado, e isso é que Bachelard vai chamar de vício da ocularidade.

Na concepção de Bachelard, o olhar passa de algo passivo para algo ativo, com movimento. O olho não será o seu símbolo, mas a mão, que tem movimento e é criadora, agindo sobre o objeto observado. A imaginação material, segundo Bachelard, recupera o mundo como provocação concreta,

solicitando a intervenção ativa do homem. A idéia tradicional de imagem é a de cópia da realidade, mas para Bachelard a imagem ultrapassa a realidade.

Seguindo essa idéia, identificamos a forma cecilianiana de olhar o mundo, ou seja, com sensibilidade e criatividade. Ela transcende, extrapola os simples fatos – contrariamente ao olhar passivo – porque deles infere aprendizado, lições de vida, – transformados em criação literária – com linguagem poética. Em suas crônicas, ela parte do pequeno, do simples, para fazer uma reflexão maior de caráter universal, como indica na crônica “Amanhece em Calcutá” :

Também eu vou descer por essas ruas, mergulhar nesse movimento, participar da onda humana que vai e vem por esta “cidade de palácios”, viver um dia da minha vida entre estas vidas a este sol, sob este céu.(p.104)

O sujeito de enunciação das crônicas cecilianas, como já foi colocado, é um sujeito lírico, que recorda o passado através do coração, do sentimento. Associada à idéia de lírico, está a posição da autora em relação ao que seja viajar. Para ela, viajar é também imaginar: “Refazer com a imaginação todas as coisas que aconteceram por estes lugares, sentir o que está guardado dentro destas palavras – Agra, Delhi, Sikandra, Fatehpur-Sikri... – é deslizar por dentro dos séculos (...)”(p.74)

⁸⁶ BACHELARD, 1999, p.108.

Em outra crônica, “Sombra de Impérios”, o sujeito de enunciação também valoriza o uso da imaginação: “Apenas a nossa imaginação que vai seguindo – e exagerando um pouco – a narrativa de um dos nossos companheiros.” (p.144) E, dessa maneira, vai construindo uma memória que se divide em duas que estão em permanente diálogo. “Não se pode esquecer o que se viu nem o que se sonhou sobre tantas visões. Há uma profunda memória no pensamento, e uma profunda memória no coração, - e que longos diálogos podem ocorrer, (sic) entre elas ...” (p.169)

Neste mesmo livro, *Direito de sonhar*, falando de um texto de Edgar Allan Poe, Bachelard considera a viagem reveladora do viajante, muito mais íntima e imaginária que real. Essa idéia de viagem, Cecília Meireles deixa entrever em um trecho da crônica “Viajar I”, em que a cronista reflete sobre o ato da viagem, no qual estão implicados os sonhos e os atos:

Há as viagens que se sonham e as viagens que se fazem – o que é muito diferente. O sonho do viajante está lá longe, no fim da viagem, onde habitam as coisas imaginadas. A realidade da viagem está em cada ponto do caminho, nos Algarismos do câmbio e no peso das malas, nos carimbos dos passaportes e nos atestados de vacina.⁸⁷

O processo de conhecimento do outro pode ocorrer através da observação da religião, da língua, do comportamento corporal, da proximidade do desconhecido. Isso ocorre, por exemplo, em crônicas em que o sujeito enunciatador faz digressões sobre línguas da Índia, tentando penetrá-las para conseguir compreender o povo e a essência daquele país.

⁸⁷ MEIRELES, 1998, p.243.

Na crônica “Transparência de Calcutá”, a busca do outro na língua é explicitada pelo sujeito :

Mas escrever não é o mais importante: foi o idioma em que pensaram, com que viveram. (...) senti-lo (o idioma) interiormente, na história de cada vocábulo, nas sugestões que dele se desencadeiam, na sua força emocional, na sua ressonância e no seu eco. Ler, afinal é um ato muito mais profundo do que conhecer letras, juntá-las em palavras e, as palavras, em frases... (p. 108)

Neste excerto, percebemos a tentativa do sujeito em apreender o outro através do seu idioma, de sentir o que o outro sente através das coisas que produziu.

O sujeito enunciador das crônicas cecilianas vê a viagem como um aprendizado, mas mais do que isso, como uma forma de estar nas coisas. Seu percurso é lento, seu ritmo é de alguém que quer penetrar no que vê e busca o passado daquilo que vê. Está sempre trazendo para o presente, toda a tradição e o sagrado de um passado primordial impregnados nos objetos. Por exemplo, eis um trecho da crônica “Sombra de Impérios”: “Não é fácil dormir, quando todas essas correias do século XVII insistem em acordar da sua morte os velhos imperadores mogóis...” (p.143) O passado é sempre recuperado e sentido na contemplação do outro. No olhar sobre o outro, processa-se uma troca entre o atual (o que vê) e o antigo (o que sabe). E, nessa troca, há um diálogo entre culturas, uma reciprocidade de signos entre o estrangeiro e o familiar, construindo até mesmo um *carrefour* de saberes sobre o mundo e sobre si.

O *um-no-outro*, característica lírica, segundo Staiger, pode ser

relacionado à troca entre o conhecido e o desconhecido e seu produto final, que seria o texto. Portanto, a crônica será o resultado dessa troca, da comunhão entre esses dois pólos, processada pela revelação do eu na apreensão do outro.

A cronista conserva aromas, sensações, impressões que estão fora do campo da memória, pertencendo à recordação. Segundo Staiger, esta é a forma pela qual o poeta traz para o presente o passado que sente no que está contemplando. Portanto, o tempo gramatical usado nas crônicas é o tempo presente, considerado tempo lírico; este é o tempo de referência para recordar-se o passado, o sagrado: “Feliz também o que pára, nesta vastidão, e alonga o olhar, e recorda.” (p.74) Estas palavras revelam que a cronista está sempre buscando algo de um passado muito antigo, que as pessoas esquecem facilmente, fazendo dele objeto de reflexão.

Para falar desse passado, a cronista vale-se da descrição, da narração, da intertextualidade e da polifonia - a inclusão de outras vozes. Essas vozes podem aparecer na forma de um diálogo, na forma de um desdobramento da voz do sujeito enunciadador, por vezes com distinção tipográfica (uso de parênteses).

A descrição é uma característica da literatura de viagem. Em dado momento, a viajante deixa de narrar suas aventuras ou deixa de expressar seus sentimentos para descrever elementos como a fauna, a flora, os habitantes, quase como um antropólogo. Nas crônicas cecilianas, são descritos as vestimentas das pessoas, a alimentação (pratos típicos), os

animais, algumas plantas e costumes. A descrição reforça o caráter antropológico das crônicas, já que se torna registro do outro, do estrangeiro, o cronista visto como espelho para o historiador do futuro.

É a terra dos "alponas", de corações rituais ligadas (sic) a práticas populares e às cerimônias de casamento e nascimento, - decorações dos bancos em que devem sentar os noivos, ou do chão do aposento em que são colocadas oferendas de flores e frutos, em diferentes festas.

Essas decorações constituem uma arte doméstica tradicional, exercida apenas pelas mulheres. São traçadas com os dedos. A tinta é água com farinha de arroz e alguma cor vegetal. Os motivos podem ser puramente ornamentais, ou descritivos. São freqüentemente simbólicos, tanto no desenho como nas cores. Para certa deusa da prosperidade e da beleza, que se cultua três vezes no ano, o alpona é verde, antes da sementeira; amarelo, quando os campos de arroz estão maduros e vermelho, por ocasião da colheita. (p. 112)

Algumas crônicas possuem um ritmo de história oral. Parece que ouvimos alguém contar os fatos, os da viagem em si, parecendo uma conversa, entremeada aos acontecimentos das lendas e histórias de um povo, feitas de muitos símbolos. Quando a cronista nos narra essas histórias, parece que vemos/ouvimos a "mulher", personagem de algumas crônicas, sentada no chão, contando lendas para um grupo de crianças, como a história do macaco Hanumã :

Pois era uma vez um macaco que vivia com um pequeno encarregado pelo rei de dar um disparo de canhão todas as tardes, para que os seus súditos descansassem e orassem. Tanto se acostumara a vê-lo meter fogo no canhão, que imaginou ser capaz de fazer o mesmo. Aproveitou a ausência do homem, para tentá-lo. Não acertou logo. Por isso, aproximou o fochinho da boca do canhão, a ver se descobria a causa a causa do seu insucesso. Justamente nesse momento, o canhão explodiu e matou-o. De onde se conclui que cada um deve ser apenas o que é, sem procurar imitar ninguém. (p.78)

A intertextualidade é outro recurso de algumas crônicas. Segundo Genette, a intertextualidade é a presença de um texto em outro, com ou sem referência⁸⁸. Nas crônicas “Caminho de Goa”, “Goencho Saib”, “Barco de Poesia”, por exemplo, são referenciados vários poemas. Em “Barco de Poesia”, a cronista relata o encontro com vários poetas goeses e cita trechos de seus textos:

Com os olhos no horizonte, recordamos estes versos: “Além, nesse país das maravilhas, do pau-brasil e do colibri...” Assim começava a saudação que nos dirigiu, em Goa, uma figurinha adorável de delicadeza e sensibilidade: a jovem poetisa Maria da Piedade Salvador Fernandes do Rego. (p.162)
(...)

Uma outra poetisa ainda mais jovem Beatriz de Sousa, diz num dos seus poemas: ‘Quero uma gôndola de luz, feita de ouro, e de sonho, velejar pelo azul muito azul das águas do Mandovi onde amei... onde vivi...’ (p.163)

As epopéias indianas também aparecem como intertexto, em algumas crônicas. A partir da contemplação da paisagem, a cronista ativa a recordação desses textos e de seus personagens. A história da rainha Padmini, por exemplo, aparece na crônica “Do Ganges a Tagore”.

História de Espelhos - Os espelhos das pulseiras fazem-nos pensar numa antiga história em Chitor. A fama da beleza da rainha Padmini chegou aos ouvidos do rei de Delhi. Logo o soberano mandou cercar a fortaleza, e, depois de muita luta, concordou em levantar o cerco se o deixassem contemplar a rainha.(p.87)

O sujeito das crônicas dá espaço para a voz do outro no interior do seu discurso. O outro pode ser o guia turístico, personagem recorrente das

⁸⁸ GENETTE, 1982.

crônicas, que é uma das vozes muito freqüentes no texto. O outro tem voz, e através dela apresenta, explica, conta ao estrangeiro sua história como povo. Eis um exemplo: "O Imperador – continua o guia – reduziu seu harém a quatro mulheres: uma de cada religião (oh! o grande eclético...) e enumera: Jodh, Bai, Birbal, Maria..." (p.76)

O diálogo pode ocorrer também entre o sujeito enunciador e o outro (também o estrangeiro), como na crônica "Um dia em Calcutá" : "Mas não se esqueçam de que preciso comprar um livro de 'bengali'! Não, eles não se esquecem. No mercado há tudo, garantem. 'Mas livros, também?' Também."(p.104)

Do diálogo, passamos para outro recurso narrativo do sujeito das crônicas, o desdobramento da voz do sujeito de enunciação. Na crônica "Pelo Mahatma", o sujeito alterna a narração de sua viagem de avião à história da viagem de Alexandre, que também cruzou do ocidente para o oriente:

A sombra de Alexandre continua lá em baixo, por essas areias que sobrevoamos. É o herói do Ocidente investindo para o Oriente, quem sabe com que sonho juvenil de unificação humana! A fraternidade dos deuses e dos homens; a arte e a ciência abraçadas e compreendidas; os dois hemisférios integrados numa só família, como a cabeça bifronte de Shiva e Vishnu! (p.6)

Ergue-se em volta o cálido cheiro da comida indiana. Mãos orientais extremamente finas, de desenho, e extremamente leves, no gesto, catam na caixa de papelão, daqui, dali, frituras, grãos, como pássaros bicando num jardim. Depois, tudo se imobiliza: gorros, saris, sandálias douradas. O rosto das religiosas, róseo e redondo, tem a graça ingênua de uma estampa popular. (p.7)

É interessante notar que, nesta crônica, a marca textual do desdobramento

está na alternância dos parágrafos, ou seja, no primeiro parágrafo ocorre desdobramento 1 (narra a viagem de avião), no segundo, desdobramento 2 (narra a viagem de Alexandre), no terceiro volta o desdobramento 1 e assim sucessivamente até o final da crônica.

Este desdobramento também ocorre na crônica “Grutas de Ajantá”, marcado pela diferenciação tipográfica do texto e o uso de parênteses para representar as duas histórias que reproduz: de um lado, a da viagem, de outro, a história de Buda.

Suddhódana desejou também ver seu filho feliz. Deu-lhe uma esposa, cercou-o de festas, de música, de dança, de todas as doçuras da arte.

(Os companheiros olham para os relógios, e calculam que antes do meio-dia chegaremos às grutas de Ajantá.) (p.150)

O uso dos parênteses, como marca da alternância da voz do sujeito não tem apenas a função de diferenciar a narração da viagem real das histórias recordadas pelo sujeito, mas os parênteses também são utilizados na forma de comentário.

Mas isto é o túmulo. De seus restos não sei. Parece que não estão aqui. Onde podem estar os restos de homens como este? Basta o nome, a lembrança, a história, a obra... (Tudo é tão belo que dá vontade de morrer também). (p.77)

Sendo essa viagem uma descoberta do eu, do “estrangeiro que habita em nós”⁸⁹, como um processo de aprendizagem, podemos considerá-la uma narrativa de busca da essência humana projetada na essência do viajante.

3.2 Nova Delhi : seminário sobre Gandhi

Por muitos motivos se pode ir à Índia, por suas danças, por seu folclore, por seus ídolos, por seus palácios. A viajante já traz consigo este conhecimento, reflete sobre as vivências e o conhecimento novo que a viagem lhe proporciona. Assim, a troca entre as culturas – fundada na bagagem cultural da cronista e do estrangeiro - processa um novo conhecimento, uma nova perspectiva, incluindo a do próprio mundo interior da viajante. A razão de sua viagem é a participação em um seminário sobre Gandhi, em Nova Delhi.

As primeiras crônicas registram a viagem até a Índia, realçando a entrada no estrangeiro, o estranhamento que provoca no Eu, o contato com o novo:

Certa noite de 31 de dezembro, éramos um grupo de pessoas mais ou menos estranhas umas às outras, que voávamos juntas para a Índia. Nossas relações de conhecimento, muito vagas, datavam apenas de horas. (p.4)

Depois, Bombaim, que fica para trás, debruçada no Oceano Árábico, Bombaim já coberta de sol, toda fluida e cintilante – e o verde mapa da Índia que se desdobra em planaltos por onde se percebe o deslizar metálico dos rios. (p.18)

⁸⁹ KRISTEVA, op. Cit. Nota no 51 , p. 5.

O seminário reúne representantes de vários países como: Egito, Itália, Japão, França, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, e procura discutir as idéias e técnicas de Gandhi na busca da paz nacional e internacional.

Nas crônicas “Ano muito bom” e “Pelo Mahatma”, o sujeito de enunciação fala das diversas pessoas que viajam com ele no avião, pessoas com diferentes sonhos a serem realizados nas diferentes Índias, a Índia das artes e da ciência, a Índia dos negócios, a Índia mística, a Índia do desejo de paz.

A cronista chega a Bombaim e deve viajar para Nova Delhi, sede do congresso. No dia que passa em Bombaim, lê a vida da cidade. O olhar que quer penetrar em tudo o que vê, marca o ritmo lento da viajante interessada em ver além, em contemplar o outro, como, por exemplo, a leitura que faz do porteiro do hotel que espanta os mendigos, para que não incomodem os hóspedes:

É neste instante que o porteiro aparece, todo de vermelho, com enfeites dourados pelo peito e um turbante amarelo de cauda – um cometa que baixa sobre os humildes mendigos, e os faz volver à sombra rasa do passeio. Um cometa que vai e vem, que vocifera em marate o gujarate, ou que especial idioma com que se possa fazer aconchegar à grande poeira primitiva o transitório vulto humano que se levanta da miséria, do sono, - e pede. (p.10)

As crônicas que expressam a contemplação de Bombaim são: “O deslumbrante cenário”, “Luz e som de Bombaim”, “Caminhos de Bombaim”.

Na crônica “Adeus, Amiga”, a cronista dedica um longo adeus à mulher - de sandálias douradas, que quer dançar em Bombaim - que agora

nomeia de amiga. O sujeito recorda o que passou junto de sua amiga, elencando diversos aspectos da cidade de Bombaim.

Nas crônicas “Uma voz no Oriente”, “Ocidente perplexo”, “Onde fala o Japão e onde se vê a Índia”, “Um grande discurso”, “São belos, estes dias...”, “Raiz das catástrofes”, “Fala Nehru”, a escritora comenta a fala dos congressistas, retratando os mesmos assuntos que já a preocupavam na época em que escrevia a “Página de Educação” :

No pequeno intervalo, entre um discurso e outro, sinto, de repente, a distância a que fui transportada. Sinto, - não recordo, apenas, o caso recente da Europa, a continuada luta no Oriente, e longe, muito longe, lá em baixo, no fim do mapa, esse país ainda desatento a certas coisas tão sérias, tão profundas, tão graves: esse país chamado Brasil.

Sinto, - não penso - esta palpitação unânime da terra, esta angústia dos problemas humanos, esta necessidade de estarmos todos próximos, de sermos todos amigos, de nos compreendermos, de nos construirmos, de nos amarmos. Esta unidade do planeta. Este minuto da vida nossa no universo. Raças, religiões, idiomas... Oriente, Ocidente. História. A solidão da terra, pequenina, e o eterno combate do Bem e do Mal... (p.38/39)

Por três anos, Cecília Meireles, dirigiu uma coluna na imprensa carioca chamada “Página de Educação”. Neste espaço, escreveu sobre educação, liberdade, nacionalidade e paz internacional. Portanto, algumas das crônicas da viagem à Índia estabelecem uma relação direta com as idéias dessa produção jornalística.

Segundo Valéria Lamego, Cecília foi uma jornalista que defendeu a instauração de uma república democrática, da paz e das liberdades individuais, como se pode observar nos trechos, da “Página de Educação”, que seguem:

Não se pode compreender o indivíduo completamente educado senão quando seus sentimentos já se estenderem além da órbita familiar, além da órbita nacional, até os pontos mais vários do mundo em que vivam homens, seus irmãos. O espírito de fraternidade transpõe fronteiras, atravessa o mistério das línguas, esquece as diferenças das raças.⁹⁰

Para que o mundo firmasse um compromisso duradouro de paz, seria necessário, primeiro, que os homens se sentissem unidos por uma inspiração geral de amor. Para que esse amor, porém, possa, por sua vez, existir, mister se faz uma expansão do conhecimento que tome familiares todas as coisas que ainda estejam sendo obscuras ou incompreensíveis, e de cuja desconfiança e temor podem nascer esses desequilíbrios que custam o preço das guerras e marcam sombriamente a longa marcha da humanidade.⁹¹

Voltando ao percurso das crônicas, antes de iniciarem o Seminário, os integrantes visitam o local onde foi assassinado Gandhi. Na crônica “Retrato de uma outra família”, o sujeito narra este passeio comentando o fato. Todos os congressistas posam para uma fotografia, e, neste momento, a cronista nos apresenta um a um. No entanto, o sujeito enunciador destaca que a presença mais importante é a de Gandhi:

Mas a que não aparece é a que mais se vê: irradia, cheia de enigmas e sugestões, fala, exemplifica, insiste: é Gandhi, o Mahatma, cujos ensinamentos atravessaram as fronteiras da Índia imensa, e chegaram a todos os povos. (Por amor aos seus ensinamentos, de tão longe, e alheios uns aos outros, viemos ter aqui). (p.25)

A crônica “Pequena voz” expressa a colaboração da autora no Seminário. Esse texto inicia com suas idéias sobre o Brasil e suas semelhanças com a Índia:

Somos, de perto, um imenso território, como este da Índia, com as mesmas cores na paisagem, esta exalação de nascimento, de

⁹⁰ LAMEGO, 1996, p.129

⁹¹ Idem, p.200

princípio, de pureza original. A majestade natural da terra primitiva, com sua vegetação poderosa e maternal: esse contorno de mangueiras e cajueiros, a altitude cheia de silêncio dos palmares; os canaviais, as bananeiras (...) (p.50)

Em seguida, revela sua apreensão quanto ao futuro da Índia e, tendo o Brasil como comparação, escreve:

Será essa, talvez a minha pena, a temura com que às vezes me surpreendo diante da Índia, num temor quase filial pelo seu futuro. Uma pergunta a abraçá-la: 'Que vão fazer de ti?' Como quem ao Brasil já perguntou longamente: 'E de ti, que fizeram? que fizeram?' - e como resposta só teve a sua própria mágoa. (p.51)

Mas sua esperança está na figura de Gandhi, que embora morto, deixou sua idéia de não-violência e sendo assim, a Índia, um grande paradoxo da multiplicidade e da unidade, encontra-se mais homogênea que o Ocidente, aos olhos da cronista.

A Índia de muitas raças, de muitos idiomas e sistemas filosóficos parece-me, de repente, mais homogênea que os povos do Ocidente, com suas mútuas intolerâncias e idiossincrasias, seus resíduos de ódio e vingança, suas ambições de domínio, seus interesses políticos - em bases de mesquinho egoísmo, concreto, imediato, quase mecânico, desumanizado, comercial... (p.51)

Nessa participação, longe de sua nação, declara perceber o sentimento de dor da pátria, é o outro revelando o Eu:

Mas é nestes momentos que se sente a aliança do coração com a terra, e a dor da pátria - esse tumulto de recordações, com misérias e grandezas, lutas, homens, leis, vitórias e derrotas... (p.50)

O diálogo entre essas culturas estabelece a troca e o *carrefour* de saberes, diálogo entre o eu e o tu, o eu da viajante (com a carga cultural de seu país) e o tu, do estrangeiro (com a visão da Índia e seus costumes).

Em sua contribuição no seminário, sempre preocupada com a

educação, conclui que somente esta pode ajudar a humanidade a encontrar a paz universal:

Ponho-me a pensar no que deve ser a sabedoria. E como praticá-la. E tudo é longe, terrivelmente longe: não há convênios, conferências, congressos que transformem o homem de egoísta em generoso, de violento em pacífico, de cruel em manso, de cego em lúcido... O processo de edificação humana é lento, devia ser unânime, constante... Esse processo chama-se Educação. (p.53)

Na crônica "Fala Nehru", o sujeito expressa a arte nas palavras e nos pensamentos, como o homem torna-se artista através do pensar.

Pensar é um exercício difícil, e talvez se possam contar, no mundo, as pessoas que pensam. Mas pensar com beleza, saber colocar cada pensamento no lugar mais harmonioso, como o ourives engasta a pedra preciosa e o pintor pousa a tinta e a bordadeira a flor, - isso já é pensar duas vezes, e, depois de ser homem, ser artista. E fazer-se ouvir duas vezes, com o que se diz e com o além das palavras, que é um panorama submerso, mundo mágico, para viagens mais importantes. (p.33)

Além de pensar na paz, na unidade internacional, na educação, a autora também contempla esse país de tantas cores, de tantas gentes, de tantas belezas, penetrando em sua cultura e cotidianidade.

3.3 Um país multicolorido

Seguindo as indicações das crônicas, podemos traçar o itinerário da viagem pela Índia iniciada e finalizada em Bombaim. As crônicas indicam a passagem por 18 cidades indianas, Bombaim, Nova Delhi, Agra, Sikandra, Fatehpur-Sikri, Jaipur, Patna, Calcutá, Cuttack, Puri, Madastra, Coimbatore, Bangalore, Haiderabad, Golconda, Aurangabad, Ajantá e Goa, nesta ordem.

Através de informações sobre o percurso da viagem, como horário, meio de transporte, duração da travessia, nome das cidades, Cecília Meireles coloca o leitor dentro da Índia real, o leitor pode até mesmo percorrer esse caminho pelo mapa geográfico. A indicação do congresso do qual participa, o comentário dos discursos pronunciados, os esclarecimentos sobre os congressistas e as informações sobre o local do evento também são dados que conduzem o leitor pela viagem real.

O enunciador da crônica leva-nos a viajar, trilhando o seu caminho como se fôssemos os próprios viajantes, conforme demonstram os excertos a seguir:.

Sai-se de Bombaim às sete horas da manhã para chegar-se a Goa no dia seguinte, depois do meio dia. (p.155)

Em duas horas vai-se, de avião, de Bangalore a Haiderabad ... (p.138)

Às três, da tarde, no aeroporto de Aurangabad, o calor é tão grande que nem posso dizer como seja a paisagem. (...) Fomos de Haiderabad a Bombaim, num vôo de duas horas e meia; em pouco mais de uma hora de vôo, viemos de Bombaim até aqui. (p.146)

Partimos ontem, às nove da noite, deixamos para trás a fabulosa cidade de Calcutá, e às cinco da manhã, desta manhã de domingo, muito nebulosa fresca, batem à janela do trem, e chamam pelo nosso nome. (p.117)

Partimos de Cuttack pela manhã às 9 horas, estávamos no pequeno aeroporto, à espera do avião para Madrasta.” (p.124)

Considerando estas informações, podemos traçar o itinerário da viagem, e, dessa forma, a leitura do conjunto das crônicas proporciona o acompanhamento da viagem do início ao fim. Não temos informações para afirmar que esta tenha sido a ordem exata da viagem, escolhemos as indicações textuais como guia.

Depois de finalizado o congresso, a cronista relata o prosseguimento da viagem pela Índia. Na crônica “Índia Florida”, descreve um almoço ao ar livre, e a comida chama atenção por seus aromas:

Grandes travessas com acepipes de muitas cores e o luxo de aromas próprio deste remoto mundo das especiarias: canela, cravo, pimenta, cardamomo, coriandro, açafrão, erva doce entrecruzam seus perfumes com a nata, o arroz, a manteiga clarificada, legumes que não reconheço, grãos que nunca vi... Há também peixe e galinha com molho de caril - o prato típico da Índia, - conservas de gengibre, de manga verde, súbitas presenças de tamarindo e coco - ah, meu Deus, como no Brasil das crianças do meu tempo...(p.67)

Mas não é só a comida que a encanta, o jardim, palco deste almoço, também a inspira: “Para quem caminha por uma destas alamedas, a

Etimologia revela de repente seu coração poético: aprende-se aqui a relação que existe entre Jardim e Paraíso.” (p.68)

A alimentação indiana encanta a viajante, que registra o novo, as coisas que não fazem parte do seu mundo:

Quando nos levantamos da mesa, ofereceram-nos, em caixas de prata, estas coisas que aqui se mascam depois das refeições: a folha verde que enrola o bétel, sementes de cardamomo, coco ralado, erva doce... Caminhamos, assim, como quem vai mordendo a haste do dia, e a hora tem um gosto vegetal, doce ainda, de alegria, mas que sentimos torna-se em acre saudade fortuna. (p.69)

Não se pode esquecer, sobretudo, a tão celebrada "bebinca", doce de ovos, manteiga, amêndoa, coco, farinha de trigo e calda que se divide em sete porções, - as sete *folhas* sobrepostas na mesma assadeira, à medida que vão tomando consistência, até formarem uma coisa que não é nem pudim, nem bolo, nem torta e vagamente se assemelha a um grande bom-bocado disposto em lâminas. (p.169)

Na próxima crônica, "Apontamentos", a comida novamente aparece, essa comida bela aos olhos que sempre tem um significado especial:

Como eu falava do "rass-gula", explicaram-me que em Bengala há o "shandesh", que é também um doce de leite. (A palavra significa "mensagem"). (...)

Em Bengala, as visitas são recebidas com essa e outras gulosices, acompanhadas de palavras assim: "Por favor, adoce os lábios, antes de nos deixar!" (Ah, estas belas maneiras do Oriente que o Ocidente não entende mais !) (p.71)

Na seqüência da viagem, chega a Agra, para "deslizar por dentro dos séculos, ir ao encontro desse famosíssimo Acbar" (p.74), conta a história desse imperador. Na crônica "Reino de Hanumã", narra a lenda do macaco

Hanumã, narrativa que faz parte do livro Ramaiana⁹². Observando um grupo de macacos, o sujeito recorda a lenda de Hanumã, e este episódio o faz pensar na sabedoria que surge no cotidiano desse país: "(A Índia é um país em que a sabedoria não se encontra apenas nos livros sagrados, mas na vida diária, que repete os apólogos e fábulas entrelaçados na tradição como os ramos dos bosques e as tranças dos rios.)"⁹³ (p.78)

Na crônica "Vimos o Taj Mahal", a autora conta-nos a história de Xá Jehan, e o passado do Xá Jehan é percebido nas pedras, nos monumentos:

Xá Jehan - é em Xá Jehan que pensamos, agora, - porque é obra sua, o que vamos ver. E há uma poética melancolia em nosso pensamento, à medida que evocamos sua figura e sua vida. Estranha sensação, a de levantar de suas cinzas tênues esses mortos ilustres que nunca sabemos se chegamos a entender bem! (p.81)

Em "Tempo sobre espelhos", a viajante está em Fatehpur-Sikri onde visita os palácios das esposas do imperador Acbar:

Nunca mais se esquecerá, - embora esteja morta, a bem dizer, desde o dia em que o seu fundador, Acbar, a abandonou, desgostoso com as suas águas. Tem-se vontade de dizer que esta cidade morreu de amor. Secou de saudade. Seus palácios, no meio desta poeira róseo-amarelada, parecem um ramo de flores crestadas pelo tempo, mas guardando intacta a estrutura da sua beleza. (p.85)

No mesmo texto, segue viagem para Jaipur, conta a história da rainha Padmini, história de espelhos.

⁹² Ramaiana - Famoso poema épico hindu, tão conhecido quanto o Mâhâbhârata. Foi escrito por Vâlmîki cerca de cinco séculos antes de Cristo. Alude à grande guerra entre os Filhos de Deus e os Filhos da Negra Sabedoria, a grande batalha entre o Bem e o Mal.

⁹³ O uso dos parágrafos é um recurso de diferenciação tipográfica para marcar o desdobramento da voz.

A próxima crônica, "A Modesta Patna", indica a continuação da viagem, como o título já diz, é para Patna que se dirige, no entanto no início do texto comenta o desejo de conhecer Banaras(sic) (Benares); "célebre não apenas por estes maravilhosos tecidos de gaze metálica que envolvem de auroras e relâmpagos as formosas mulheres da Índia, mas célebre acima de tudo pela sua tradição religiosa, pelas centenas de templos (...)" (p.89), mas isso não é possível, pois voa para Patna: "um ponto no mapa, neste imenso mapa da Índia onde todos os pontos marcam, no entanto, um novo cenário, uma outra história, uma imprevista revelação." (p.89)

Às mãos, relacionamos idéias de produção, criação, atividade, para o sujeito das crônicas. As mãos relembram sempre o passado, um passado muito antigo em que elas eram o instrumento para a vida do homem. Quando contempla uma construção, o sujeito enunciador imagina as mãos criadoras que, há vários anos, executaram esse trabalho e destaca o que essas pessoas, simples artesãos, simples artífices, simples pedreiros – deixaram, para o mundo todo, o que suas mãos puderam realizar. Da janela do hotel, contemplando pedreiros, relembra os templos que já visitou:

(...) e passam diante dos meus olhos mãos seculares, milenares, perfis de artífices inclinados para o seu primoroso trabalho que o tempo não desgasta, anônimos artífices que amamos tanto sem sabermos quem foram, apenas pelo que suas mãos deixaram, e que os fez imortais. (p. 90)

Assim também é o artista, o escritor, o poeta, que criam suas obras para a eternidade, para que os homens as apreciem e, um dia, possam lembrar deles pelo que suas mãos escreveram.

Nessa profusão de obras, algo paira no ar seco da Índia, entre as luzes de um céu estrelado, ou de um céu dourado, a poeira multiplica-se em várias cores. Ela é símbolo de sabedoria, de conhecimento e tradição acumulada por anos e anos e que nunca se esgota: "...apenas as frondes cobertas de uma espessa poeira, não somente a que os carros levantam, a que os ventos arrasam – que, essas, as chuvas lavam – mas também a dos séculos, que água nenhuma pode limpar." (p. 166)

Na crônica, "Do Ganges a Tagore", a autora narra, primeiramente, a lenda que trata da formação do rio Ganges; depois, chegando a Calcutá, recorda o poeta Tagore, cuja obra traduziu para o português: "Giram, diante de meus olhos, Calcutá, com suas múltiplas aparências, e Tagore, com seus múltiplos dons. E tudo ressoa, como um caramujo aplicado ao ouvido, desde o primeiro instante, neste remoto lugar. (p.96)"

Em Calcutá, nas crônicas "Vistas de Calcutá", "Amanhece em Calcutá", "Um dia em Calcutá" e "Transparência de Calcutá", descreve a cidade, seu ritmo, seus habitantes, sua paisagem, seus costumes. Em "Um dia em Calcutá" vai a um Bazar em busca de um compêndio de bengali, depois visita a Biblioteca Nacional. Em meio a uma coleção de poesia, Cecília capta a forma com que os orientais tratam esta arte. A poesia é vista pelos orientais como um ensinamento, e esta é, também, a visão da cronista que declara ser uma alegria respirar num país que pensa dessa forma.

A Biblioteca está celebrando o seu meio centenário. Vi num catálogo uma breve resenha das maravilhas que possui,

especialmente os manuscritos ilustrados, muitos dos quais são coleções de poesia. (Porque estes orientais têm pela Poesia um respeito análogo ao que se costuma ter pela religião. A Poesia não é um versejar fútil: é uma iluminação interior, uma espécie de santidade e de profetismo. A palavra do Poeta não é uma habilidade superficial, um diletantismo, - e sim um exemplo, uma revelação, um ensinamento através dos sons e ritmos. Que alegria, respirar num país onde ainda se pensa desse modo! Que esperança de vida! Que renovação de fé na humanidade!). (p.107)

A terra dos "alponas" (pinturas rituais das mulheres de Bengala), e suas histórias, é o tema da crônica "Variedades":

Isto é uma terra para ser entendida devagarinho, para ser amada com ternura: uma terra não apenas de febres, de cólera *morbus*, de doenças e tigras, mas de mangueiras, de canções, de festas populares e histórias maravilhosas. (p.112)

A cronista nos conta uma história que considera a mais bela entre tantas histórias maravilhosas da cultura indiana, a das Sete Flores de Champak e da Flor de Parul.

Depois de Calcutá, viaja para Cutttack. Em "Domingo em Cutttack", relata uma viagem de trem e, em uma das estações, depara-se com o problema dos refugiados do Paquistão:

O espanto vem das proporções da aglomeração. O medo, da impossibilidade de compreender toda essa gente que fala em diferentes idiomas, com uma expressão a que não se está acostumado. A pena é consequência desse espanto e desse medo: pois, de repente, nos ocorre o número enorme de habitantes deste país, os seus infinitos problemas, a sua história - verdadeiramente heróica, feita de sucessivas lutas contra diferentes cativos - e o contraste do seu valor intelectual e moral com as circunstâncias físicas e materiais que ainda o oprimem.(p.116)

Nesta região, quer conhecer três coisas: as cartas de jogar, a filigrana e o carro de Jagganath.

Não foi possível ver o carro de Jagganath, mas a cronista fala, na crônica "Domingo em Puri", de toda a festividade e dos significados em torno de Jagganath, "Senhor do Universo".

A diversidade faz parte das crônicas "Humilde felicidade" e "Mil figuras e uma voz", que, como em toda Índia, "há de tudo: muçulmanos, cristãos, jainos, além da população hindu, mais numerosa. (...) Em Madrasta não coexistem apenas todas as religiões, mas todos os idiomas." (p.124) Aqui a autora revela que quer penetrar no idioma, na vida dos homens; através dessas letras curvas que parecem reproduzir o movimento do mar, o sujeito sente o Outro: "Mas o que me interessa, diante de um idioma, não é nem sequer poder usá-lo, - ou é muito mais... É andar por dentro dele como o fio por dentro das pérolas."(p. 110) E, como as crianças, o sujeito brinca com as letras e com sua imaginação:

Logo que posso, volto a abrir os meus compêndios. Como as crianças devem gostar de aprender essa escrita! Há frases que parecem bailados de formigas. Aqui, três formiguinhas se abraçam; depois viram cambalhotas seguidas uma, duas três vezes; agora, são contorcionistas; logo dão saltos mortais. Dançam de roda com muitas outras formigas; umas cabeçudas; outras, de pé torto..." (p. 126)

E seguindo a viagem, eis o que observa a viajante na crônica "Visão de Coimbatore":

... é a paisagem de Coimbatore que nos recebe, com o claro sol sobre os seus campos de cana-de-açúcar, sobre o seu pequeno, porém movimentado bazar, sobre as suas ruas modestas, sobre os seus carros, os seus rios desertos e os seus coqueiros amarelos e sedentos...(p.131),

O tema principal da crônica é a cana-de-açúcar, riqueza da região, e, ao mesmo tempo, o texto revela o desenvolvimento das pesquisas, na Índia, na área da agricultura.

A tranqüilidade e a paz que a cidade de Bangalore transmite são os temas da crônica “Ares de Bangalore”, pois, como diz a cronista: “Não se precisa ser oficial inglês reformado para se sentir que os ares de Bangalore fazem bem ao corpo e à alma.” (p.134) O sossego é um convite ao ócio, por isso pode abrir espaço para falar de tecidos, de plantas e das mulheres muçulmanas e suas roupas:

Aliás mulheres verdadeiramente veladas, raramente tenho visto. Essas que se diz estarem em “pardá” (“pardá” também significa “cortina”),

Vestem uma espécie de dominó de cor severa (violeta, castanho) que tem no capuz uma pequena grade de cadarços ou fios por onde os olhos vêm sem serem vistos. Todas as vezes que encontro uma mulher assim trajada, permito-me imaginar belezas estonteantes ocultas sob essa curiosa roupagem. (p.136)

Na crônica “Cinza e luz de Haiderabad”, o sujeito enunciadador retrata o hotel em que está hospedado, o artesanato local, o bazar e o Tchar Minar, que lhe inspira a lembrança do passado:

Andaremos pelo Tchar Minar, sentiremos um pouco do passado que tudo isto exala. Por Sarojini Maidu, por Pierre Loti, por outros que amaram estas coisas, e já não as podem ver, emprestamos nossos olhos a esta visão. Emocionante mundo dos poetas! (p.142)

Em “Sombra de Impérios”, fala de Golconda, uma cidade repleta de lendas e histórias: “Todos os vivos que vamos encontrando, e vemos e ouvimos, não são tão vivos quanto os mortos que não vimos nem ouvimos

naquela cidadela definitivamente morta, - e que, no entanto, sentimos muito mais nítidos e eloqüentes.” (p.146) A imaginação da viajante segue a paisagem, construindo no texto uma Golconda de túmulos e solidão.

Quando chega a Aurangabad, o calor extremo tira-lhe a percepção da paisagem, e, ao final do dia sai para passear pela cidade com um casal indiano, relembrando a história do imperador Aurangazeb. A noite de estrelas desperta emoções:

Esta solidão cálida, palpitante, inquietante. O rumor dos nossos passos na areia. Uma contida emoção. (Qualquer palavra fica vulgar, numa hora destas, num lugar destes. O ar é de uma substância como isso que chamamos alma). (p.148)

Outro elemento a destacar, nesta crônica, é a metalinguagem. Como já dissemos a crônica, por vezes, utiliza esse procedimento. Na citação a seguir, podemos interpretar os olhos do artista não apenas como os olhos do artesão indiano, mas do próprio sujeito enunciativo da crônica, que perpetua, através das palavras, como os imperadores que passaram, na “eternidade da estrela”:

Os imperadores passaram. Outras figuras lhes sucederam. Aquele sangue das guerras perdeu-se nessas areias, nessa claridade do sol e da lua. As pessoas têm outros nomes. Os passantes são outros. Mas a voluta da flor, mas o perfil do leão, mas a eternidade da estrela estão sendo repetidas na prata, na seda, no marfim; e entre os olhos do artista e o seu tear e as suas pinças e os seus buris há um diálogo de amor que nenhum acontecimento efêmero perturba. (p. 149)

A crônica “Grutas de Ajantá” relata uma visita às grutas que lhe inspiram a história de Buda. Ao longo da crônica, o sujeito vai intercalando

parágrafos com a visita às grutas e parágrafos com a história de Siddharta. As pinturas nas paredes das grutas fazem a viajante imaginar como foi a construção deste lugar e, detendo-se em cada coisa, comenta : “Cada pormenor daria para se escrever um livro.”(p.153)

Em “Caminho de Goa”, descreve a viagem de barco de Bombaim a Goa e Gova-puri, um kxetra (lugar sagrado). Observando o mapa da Índia, a cronista brinca com o som, o ritmo do nome das cidades : “Mas o conjunto é aquela zoadada de guizos rítmicos, que desce pelos rios: Araundem, Siquerim, Mandovi... e sobe pelas Montanhas: Chorlem, Querim de Satari, Morlenchó dongôr...” (p.154) A cronista reproduz, nessa crônica, um romanceiro que conta a história de Maria Úrsula de Abreu e Lencaste, que se vestiu de homem para combater na Índia:

Ai de mim, que eu já sou velho,
As guerras me acabarão.
Sete filhas que eu tenho,
Sem ter um filho varão!

Responde a filha mais velha
C'uma grande espertidão:
- Venham armas e cavalos.
Serei seu filho varão! (...) (p.156)

O olhar da viajante percebe nas águas do rio a lembrança de um poema de Bocage, que também esteve em Goa:

À foz do Mandovi sereno e brando,
Alicuto infeliz estava um dia,
Amorosos queixumes espalhando:

Alicuto, o Marítimo, que ardia
Por Glaura, das Nereidas a mais bela,
Que em vitrea lapa sem pesar o ouvia... (p.157)

Envolto em tanta poesia, o sujeito de enunciação recorda, nesta mesma crônica, uma voz conhecida:

E como não se viaja apenas neste barco, mas ainda muito mais em memória e imaginação, é uma voz amada, uma voz guardada na infância que murmura entre os rumores do festivo desembarque: "Cata, cata, que é viagem da Índia!" (p.157)

Em outra crônica "São belos, estes dias", percebe a inspiração que desperta o poeta oriental e que, segundo ela, seriam a misticidade e a filosofia que a Índia emana. O sujeito diferencia os poetas indianos dos ocidentais, com seus temas sentimentais:

(É preciso vir ao Oriente para se ver a importância atribuída às palavras dos poetas. É bem verdade que estes poetas do Oriente, quer os antigos, quer os de hoje, estão sempre com os olhos muito acima dos temas que dão renome à maior parte dos seus colegas ocidentais. Aqui, o poeta é, verdadeiramente, uma criatura de eleição, um inspirado, um mensageiro de avisos sobre-humanos. Neste mundo, banhado de filosofia e misticismo, não há lugar para a pequena confiança do poeta do Ocidente, com problemas sentimentais, que aqui se despoja de toda a sua amargura, como quem de repente perdesse o peso, e se encontrasse a levitar, magicamente.) (p.40)

A crônica "Goencho Saib" trata da passagem por Goa, momento em que a cronista narra a história de São Francisco Xavier, o Goencho Saib.

Ainda em Goa, na crônica "Barco de Poesia", ocorre um encontro com a poesia de Goa. A escritora conhece vários poetas goeses e reproduz alguns trechos de seus poemas. Os temas dessa poesia são saudade, amor, ciúme, como, por exemplo, no poema de Hipólito de Meneses Rodrigues:

Reza baixinho, coração dolente,
Reza baixinho, faz bem, o rezar.

Reza baixinho, que o rezar te alente,
Reza baixinho e voltarás a amar.

Reza baixinho, que Deus é clemente,
Reza baixinho, abranda teu penar,
Reza baixinho, faz mal ser descrente,
Reza baixinho, que o verás voltar.

Reza baixinho, coração magoado,
Reza baixinho, num murmúrio alado
Reza baixinho, pode alguém te ouvir

Reza baixinho, e o teu amor perdido.
Reza baixinho, tomará florido.
Reza baixinho, pois ela há de vir. (p.163)

A Índia também é tema para os poetas goeses, pois Adeodato Barreto assim descreve Goa:

Jardim plantado por Brahma,/ com a própria mão,/ jardim que às
vezes parece/ a meia lua crescente/ que um dardo de Parsurama/
ferisse impiedosamente/ e, despenhando, viesse/ engastar-se no
Concão. (p.164)

Na seqüência, a cronista continua a falar dos poetas goeses, apresentando seus temas, seus poemas, suas obras, seus estilos.

No texto "Não se pode esquecer", o sujeito de enunciação reproduz uma tradução que recebeu de um mandós, ou seja, música da terra, uma composição incorporada às cantigas populares de Goa, e curiosamente a personagem da cantiga chama-se Cecília:

Meu nome é Cecília./ Eu sou uma rapariga industriosa./ Se tu és
industriosa,/ manda-me talhado um casaco./ Para te talhar um
casaco,/ Menino, o meu engenho é fraco./ Se te talhar um casaco,/ Qual o feitio que me hás de pagar?/ Dou-te uma pera como sinal:/ Dize-me se queres ou não queres./ Tu tens usado flores nos cabelos,/ Cecília, chamo-te para o sobrado./ Os ratos dão saltos./ Cecília, encolhe as tuas pregas (do sari). (p.167)

Além das cantigas, várias lembranças da Índia, que está quase se tornando

um passado, fazem parte desse texto.

“Pensamentos do Caminho” é a crônica que relata o encontro com Nandita Kripalani, neta de Tagore, a procura por Vinoba Bhave e o espetáculo de danças populares em comemoração do dia da República. Estas lembranças revelam o desejo de penetrar no passado, de buscar a origem, o sagrado do que está sendo contemplado. Tudo o que se coloca diante do olhar da autora evoca histórias e lendas, e é esse olhar de estrangeiro que as revela:

Volto para Nova Delhi carregada das mais doces lembranças; mas de todos os lados da terra, a História, os monumentos, o povo, as aldeias e os templos me estão falando, chamando, seduzindo. O mármore dos palácios e a palha das cabanas têm para os meus ouvidos a mesma linguagem. Compreendo que se diga freqüentemente : "a Índia misteriosa". Há, na verdade, um mistério neste país. Uma densa emanção de espírito, uma força que se impõe, diversa da força humana, e irresistível. Como se isto fosse uma antecâmara da Eternidade. Atravesso a tarde, silenciosa, fria, translúcida como um vidro azul. (Oh, Índia sobrenatural!) (p.173)

Na intenção de comunicar-se, de dialogar com o outro, as canções populares estão presentes em várias crônicas, como em “Pensamentos do caminho”, em que a cronista reproduz uma cantiga popular do reino de Gaulior, que fala de saudade:

De repente, me abandonas;
depois, tomas a voltar:
meu coração maltratado
nem te sabe mais amar... (p.170)

“Poderemos dizer adeus” é uma crônica que realiza um levantamento da viagem. O leitor que empreendeu a viagem junto com a escritora

consegue neste momento final fazer o balanço da viagem e revisitar todas as imagens elencadas na crônica:

Foi assim em Delhi, a nova, - límpida cidade transparente de verdes e azuis e encarnados; na velha Delhi, monumental e humilde, com a pobreza dos refugiados do Paquistão ao pé das antigas lembranças imperiais; assim, na puríssima Agra, renda de mármore e lua; na árida Fathepur-Sikri; na rósea Jeipur; nas modestas ruas de Patna; assim na fumosa Calcutá, pesada de umidade e calor, como se houvesse pântanos no ar; foi assim pelas solidões de Cattack, entre as areias de Puri; à claridade ventosa, quase alegre de Madrasta; nas alturas arborizadas e sussurrantes de Bangalore; pelas ruas, pelos bazares, pelas oficinas de Coimbatore e de Aurangabad; pela inesquecível Haiderabad, que o Tchar-Minar coroa; por todas as esquinas, em todas as portas e janelas, entre os arrozais e os canaviais, atrás dos carros de bois, junto aos barcos de pesca; nos velhos, nas crianças, nas mais vaidosas mulheres, nos mais respeitáveis senhores; nos mendigos, nos aleijados (...) (p.174)

Para finalizar a viagem, Cecília Meireles escreve duas crônicas que falam da Índia já de um ponto distante. Em “Aragem do Oriente”, recordando os tempos vividos na Índia, a cronista fala sobre o clima quente e os costumes indianos relacionados a ele, como dormir do lado de fora da casa e a forma como as casas foram feitas, considerando-se esse clima quente. Na crônica “Oriente-Occidente”, compara a Índia à Itália, sendo a primeira de paisagem fluída, e a segunda, de uma “austera impenetrabilidade”:

A Índia é toda fluída: os palácios, os templos, os monumentos são rendados, embrechados, recortados, o céu com o sol e a lua e as estrelas atravessam esses pórticos, andam por esses salões, mesmo quando estejam fechados... Roma, embora transborde dos antigos muros, conserva aquelas paredes que lhe dão majestade, grandeza, mas também uma austera impenetrabilidade. (p.179)

Para conhecer outro país é preciso uma iniciação em sua história, cultura, filosofia, tradições e costumes. Esta é a conclusão da crônica “Oriente-Occidente”: “deve (o viajante) preparar sua alma para essa visita

longínqua, sob pena de não entender nada, e assustar-se facilmente com os aspectos de pobreza e a diversidade de hábitos a que será exposta a sua sensibilidade.” (p.178) A escritora, já iniciada na cultura indiana, reproduz uma troca entre esse conhecimento e sua sensibilidade alterada pela nova paisagem.

3.4 A contemplação da paisagem

Destacamos anteriormente que o verbo olhar, é o que está mais de acordo com a condição do viajante. Esta é a maneira de perceber o mundo novo, que o sujeito das crônicas marca com o uso dos verbos contemplar e olhar, ao invés de ver, como na crônica “Cinza e Luz em Haiderabad”: “... de onde se pode contemplar a cidade, toda cinzenta, com aquela concha azul de represa engastada no meio.”(p.139). A importância do olhar reaparece na crônica “Poderemos Dizer Adeus?” : “Este olhar que fita o Centro, a Origem, mesmo quando as sedas ondulam e passam,...”(p.174)

Como vimos, o olhar do viajante escava os vazios dos fragmentos captados pela visão⁹⁴, da mesma forma, o sujeito das crônicas procura o passado que ele percebe nesses vazios. Através da recordação, evoca o sagrado, evoca os mortos que, por vezes, dizem-nos mais que os vivos. Assim, vai realizando uma busca daquilo que não está diante de seus olhos, mas que ele está sentindo, percebendo através do olhar, da contemplação:

E, ao contemplar estes pedreiros ocupados em tarefa tão simples, recordo os tempos que já vi, as colunas lavradas de mil desenhos minuciosos, paredes recobertas de lâminas de nácar, de ouro, espelhos, as filigranas de mármore, os deuses de pedra, as fortalezas e parapeitos, - e passam diante dos meus olhos mãos

⁹⁴ CF. CARDOSO, 1989, p. 349.

seculares, milenares, perfis de artífices inclinados para o seu primoroso trabalho que o tempo não desgasta, anônimos artífices que amamos tanto sem sabermos quem foram, apenas pelo que as suas mãos deixaram, e que os fez imortais. (p.90)

Olhar, contemplar, buscar na memória o passado, buscar na imaginação o sagrado, o que está sentindo no momento da contemplação, tudo isso necessita de tempo. A contemplação é um processo lento, de modo que o itinerante deveria ficar parado em algum ponto do caminho. No entanto o que a cronista nos apresenta é a falta de tempo do viajante, pois, com roteiros pré-definidos, ele não pode deter-se nas coisas o tempo que gostaria. Sendo assim, as crônicas encerram um paradoxo: de um lado, a falta de tempo para embrenhar-se mais e mais nos “ângulos das ruas”, para contemplar e sentir todas as casas, todas as flores (“...de cada canto, de cada parede, tudo esteja a chamá-lo, a reclamar o seu olhar e a sua atenção?”- p.92), de outro, a agitação da viagem faz o viajante visitar muitos lugares e estar sempre em movimento.

É interessante perceber o efeito sonoro e imaginativo de uma seqüência de palavras, como que elencando várias coisas que dão a idéia de movimento, assim como a pontuação que sugere circulação, como se o texto fosse a reprodução de uma objetiva e estivesse registrando tudo o que passa à sua frente. Na verdade, a ausência de verbo no parágrafo a seguir, indica uma tal velocidade que não dá nem tempo de incluir o verbo, apenas subentendê-lo. A enunciação de cenas captadas pelo olhar dá um ritmo mais veloz ao texto. O uso da palavra “pressa” e da palavra “ondulação”,

que dá idéia de vento e ar em movimento, sugere circulação:

Homens carregados com rolos de tapetes; com cestos de grãos; com tabuleiros de comida amarela e cor-de-rosa; homens com livros embaixo do braço... Rapazinhos com marmitas de comida, crianças pulando corda, mulheres com vasilhas d'água à cabeça... Muita, muita gente. Muitas, muitas cores. Muitos ritmos. Muitas direções. E os automóveis, os carros, com cocheiros de turbante; as bicicletas, os pedestres, e o cruzamento das ruas, e a pressa, e a ondulação de todos os vestuários, e a estridência da luz nas cores – burburinho...(p.11)

Destarte, o próprio sujeito textualiza sua falta de tempo. A viajante, não tendo o tempo que imagina para uma demorada contemplação – “um tempo sem relógios, sem compromissos nem solicitações” (p.92) –, demonstra uma certa angústia diante da impossibilidade de ficar mais tempo para olhar demoradamente tudo, já que premido pelo programa de viagem. Em vários momentos, o sujeito declara sua vontade de ficar, como em “A Modesta Patna”, em que diz : “Mas que pode fazer nesta Índia imensa e prodigiosa o passante obediente ao seu programa,” (p.92) e, em outra crônica “No meio, sentado à oriental, o astrólogo que poderia contar o nosso destino – se tivéssemos tempo...” (p.143)

A falta de tempo não é a única inquietação, estando relacionada à outra inquietação, a da impossibilidade de gravar na memória tudo o que gostaria, pois “grande é o mundo para a ambição dos viajantes” (p.170), mas muito maior é a Índia. Assim, o sujeito reconhece não haver pessoa capaz de imprimir em seus olhos todas as maravilhas que se acumulam no país visitado:

Não há memória que guarde esta Índia imemorial, com uma história fabulosa, em que entram gregos, afgãs, persas, mogóis(sic),

italianos, portugueses, holandeses, ingleses e franceses, atraídos todos por esse poder indescritível, essa espécie de imã que a Índia sempre foi, tanto pelas suas riquezas naturais como pela fascinante qualidade espiritual das suas tradições. (p.170)

No desejo de conhecer e penetrar este mundo novo, o sujeito expressa a impossibilidade de compreender a língua estrangeira e o desejo de poder aprender mais coisas. Assim, ele dirá em "Humilde Felicidade" : "Ah! Quem pudesse viver vários séculos para aprender todas as coisas que ignora!" (p.125) E ainda, na crônica "Apontamentos", menciona o sentimento de melancolia de não ter tempo para desfrutar de tantos estímulos : "Creio que nesta Índia imensa, repleta dos mais variados estímulos, é onde melhor se pode sentir a melancolia do "Ars longa, vita brevis". (p.72)

O sujeito enunciador percebe o homem indiano através das coisas : o idioma que possui letras curvas, os monumentos que expressam a dor do trabalho duro, ao mesmo tempo que o prazer da contemplação de algo tão belo. Está sempre se embrenhando no que está diante de seus olhos, contemplando o outro e descobrindo o ser humano. Interessa-se pelas letras dos idiomas, pela voz de um "muezzin", pelas vidas que passam pela sua: "Também eu vou descer por essas ruas, mergulhar nesse movimento, participar da onda humana que vai e vem por esta "cidade de palácio", viver um dia da minha vida entre estas vidas a este sol, sob este céu." (p.104) Vidas simples, pessoas comuns são abarcados por esse olhar: são crianças, anciões, profetas, mendigos, mulheres, passantes que se tornam personagens das crônicas. Esta perspectiva com que vê a vida e inventaria

o mundo corresponde à forma de perceber as coisas da própria escritora.

A religiosidade é um elemento presente nas crônicas, visto a grandeza espiritual do país visitado e a sensibilidade da escritora para com o assunto. Na crônica “Poderemos dizer adeus”, o sujeito explica como essa religiosidade funciona na Índia:

(...) em brâmanes postados nos templos, em muçulmanos nos degraus das mesquitas, em parses, em cristãos, em jainas, e na multidão de modalidades religiosas que lado a lado convivem na Índia imensa: um grave olhar se dirige de todos estes olhos para um ponto comum: Deus.

De um modo geral, no Ocidente, Deus é um compromisso que se tem para certos momentos solenes, assinalados pelos próprios sacramentos. Nos intervalos, o olhar perde altura e entretém-se (às vezes, um pouco demais) com as infinitas coisas transitórias deste mundo. No Oriente, o compromisso é ininterrupto. Inesquecível. O que passa, não o perturba. O que passa é interpretado e eternizado. Tudo é sagrado. Mas também o sagrado se desfigura: Deus assume formas várias. Deus dança. Deus cria e destrói. Criação e destruição, mais o ritmo e as fantasias que as cercam são como arabescos em redor de uma letra. A letra é o símbolo, o sinal, o ponto de referência, o alvo. O olhar atravessa todas as tentações do caminho, como a flecha obediente ao seu destino. O olhar guarda fidelidade ao seu compromisso, a todas as horas. Nesse sentido de união, há também um sentido de unidade, que se torna evidente, quando se caminha sem preconceito entre mil seitas, mil imagens, mil cerimônias, na vasta selva mágica do panteão indiano. (p.175)

A evocação do passado, realizada pelo sujeito da crônica, não ocorre apenas pelo processo de recordação, no sentido dado por Staiger, mas também através dos mortos. Os mortos são vozes importantes para o sujeito, vozes que têm legitimidade, vozes encontradas também em poemas da autora, como nos que compõem *O romanceiro da inconfidência*. Esses mortos são percebidos pelo sujeito através de suas obras vistas no percurso

da viagem. Eles se tornam símbolo de uma morte que traz a alegria da transcendência.

Salas sem alfaias, esconderijos, abolido trono, alcandorados no céu, conservam um poder de ausência que às vezes nos obriga a voltar a cabeça para ver se o último rei não nos vem contar a sua alegria de não viver mais. (p.144)

A viagem revela o Eu e provoca a lembrança do que somos (leitores brasileiros), de como vivemos, por isso, encontramos em algumas crônicas a lembrança do Rio de Janeiro, da Bahia, do Brasil, da vida do brasileiro em comparação com a vida do indiano, com suas semelhanças e diferenças. Dessa forma, o outro é revelador do Eu, é no outro que se processam novas descobertas do eu. Na crônica "Oriente-Occidente", o próprio título já indica, a cronista compara os dois hemisférios e lista semelhanças entre o Brasil e a Índia, por exemplo no que diz respeito aos problemas desses dois países:

Por paradoxal que pareça, é mais fácil entender-se o Oriente conhecendo-se o Brasil, cujos problemas são curiosamente semelhantes (luta pela afirmação de uma nacionalidade, urgência de adaptação às circunstâncias internacionais, aproveitamento das riquezas, contratempos raciais, consolidação da economia, planos de educação). (p.179)

A recordação que o outro provoca também desperta imagens da infância : "Relembro um Rio de Janeiro de jardins e quintais, de crianças que cresciam sob mangueiras e cajueiros, de amas e avós que sabiam contar histórias e propor adivinhações..." (p.90)

Como num jogo de criança, o sujeito de enunciação personifica a natureza : "esta folhagem que sussurra sobre a nossa cabeça é a preciosa árvore *nim*" (...) (p.127).

Poesias e cantigas populares, lendas, leituras realizam um diálogo com as crônicas, conforme foi exposto quando falamos da literatura de viagem, que muitas vezes realiza esse diálogo. São textos sobre a história da Índia, textos religiosos, textos sagrados como o Mahabarata ou o Ramayana. Não poderia ser diferente, pois, sendo a autora uma estudiosa de folclore, seu olhar é sensível às manifestações da cultura popular.

Quando observamos uma imagem da Índia, percebemos a grande quantidade de cores vibrantes e douradas. Quando lemos as crônicas construímos em nossa imaginação a multicolorida Índia, através do sensorialismo ceciliano. O elemento da cor destaca a influência local no texto, as enumerações de objetos nos dão a impressão de estarmos em um bazar de verdade. Sob a influência das cores vibrantes da Índia e da imaginação, o sujeito de enunciação cria metáforas para ilustrar a passagem da noite para o dia:

Esperamos que termine a noite, esse muro estrelado que nos separa do dia seguinte. (p.149)

Vou-me por esses ares, quando o dia ainda for pequenino como um fio vermelho entre a terra e o céu. (p.15)

Enquanto o céu começa a inventar as cores do crepúsculo e os caminhos das estrelas. (p.91)

A diferença entre o turista e o viajante, expressada em algumas crônicas da autora como “Roma, turistas e viajantes”, está no olhar e no ver as coisas, pois a visão é um processo que recorta fragmentos e os percebe superficialmente, aceitando esses fragmentos como uma totalidade, enquanto o olhar penetra no que vê. Assim, o tempo disponível não

corresponde ao que a cronista gostaria para fazer sua viagem, mas, mesmo com um roteiro e um tempo pré-definidos, Cecília continua a ser viajante, por olhar detidamente as coisas e não simplesmente vê-las.

O sujeito das crônicas cecilianas olha para a paisagem, penetra nas brechas, “nos ângulos das ruas”, e processa um diálogo com o que sente, com o que olha, com o que sabe e com o que passa a conhecer por ocasião da viagem. Viaja como os “viajantes da eternidade”:

É essa paz que envolve as famílias indianas. Um silêncio caricioso. Uma compreensiva bondade. Como se todos estivessem pensando que os nossos encontros neste mundo, mesmo os mais caros, são apenas momentâneos e que nos devemos tratar como viajantes humildes que vão e vêm pelas portas da Eternidade. (p.91)

Talvez por ser a viagem tão momentânea e passageira é que o sujeito se detém com tanta atenção nas coisas, nas pequenas coisas, é por isso que quer aprender com o que vê e principalmente ensinar, porque sabe que também passará. Como disse o poeta: “E um dia sei que estarei mudo: mais nada.”⁹⁵

⁹⁵ MEIRELES,1987, p.81.

Conclusão

A crônica é um texto que representa as experiências cotidianas da sociedade, imita o dia-a-dia do mundo, em que um corriqueiro almoço de domingo torna-se matéria para uma reflexão do homem moderno.

Apesar de ser escrita para um meio que não tem a intenção de permanecer, a crônica continua a existir, mesmo depois de ter sido lida, ou seja, por sua carga literária torna-se permanente, seu texto pode ser lido em outras épocas e não apenas ser consumido no momento da publicação. A crônica capta o imaginário coletivo em suas manifestações simples da vida cotidiana e, dessa forma, eterniza esses momentos.

Para Cecília Meireles, as crônicas aqui estudadas serviram de meio para o relato de sua viagem. O conjunto destes textos mostra-nos a Índia visitada por Cecília Meireles; no entanto cada fragmento, cada parte desse todo, ou seja, cada crônica, revelou-nos muito mais, revelou o passado, a cultura, a religião do outro e revelou o homem, a humanidade, tornando-se fragmentos do cotidiano de uma viagem.

Esse conjunto pode ser lido de várias formas, uma delas é seguindo o percurso da viagem, através de marcas textuais em que podemos

percorrer, pelo mapa geográfico da Índia, o caminho da viajante e nos sentir mais próximos da viagem.

Através das descrições dos lugares, das pessoas, dos costumes, podemos sentir a Índia perto de nós e, quando finalizamos a leitura das crônicas, sentimo-nos como se estivéssemos estado lá. É como se, então, pudéssemos dizer que conhecemos a Índia, pois, através das crônicas, “visualizamos” suas cores fortes, sentimos seus aromas marcantes, compreendemos seu povo. Ao mesmo tempo, conhecemos algumas de suas histórias, entendemos alguns aspectos de sua cultura, tão diferente da nossa. O olhar da viajante traz à tona o que é sabido, conhecido por ela, para, em conjunto com o novo, possibilitar a aprendizagem da viagem.

Construindo-se sobre imagens simbólicas e na busca do sagrado, as crônicas cecilianas destilam indagações sobre o sentido do estar no mundo. Em muitos momentos da viagem, a paisagem indiana faz pensar sobre o mundo, sobre a violência, relembra os ensinamentos de Gandhi, e questiona uma proposta para a melhoria do mundo: a educação.

O que desperta a atenção da escritora são as coisas simples, são os detalhes do caminho, o que passa despercebido para o olhar do turista. Esta maneira de contemplar o outro assemelha-se à maneira como os hindus interpretam suas lendas. Os hindus dão a cada episódio de seus textos uma interpretação psicológica e espiritual, e cada detalhe é importante, pois tem uma analogia com as pequenas realidades da vida, com as coisas simples do nosso cotidiano. Para Cecília Meireles, a

recordação do passado faz com que cada detalhe percebido na paisagem seja a ponte para sua imaginação, sua interpretação psicológica e espiritual.

Essa viagem torna-se muito mais íntima e imaginária do que real. O sujeito enunciator dessas crônicas revive, ou tenta reviver, através do seu texto, o passado que contempla no que vê.

Mitos e lendas são variações de verdades e mistérios condicionados na alma popular e transmitidos oralmente. Na Índia, as manifestações da vida cotidiana são reflexos da vida eterna, como contam suas lendas e seu povo. Homens e deuses confundem-se, a natureza divina e o maravilhoso evidenciam-se em cada pequena ou grande coisa do dia-a-dia desse país. Sendo assim, suas histórias, lendas e mitos são ricos em símbolos e beleza, constituindo um folclore mágico e surpreendente. Esse folclore que se evidencia nas crônicas de Cecília Meireles, surge das vozes e da contemplação do povo, inspiradas pela visão inesquecível do rosto de um ancião, dos pés de um bailarino de rua, dos bordadores, das crianças que pedem dinheiro pelas ruas, dos mortos em suas piras. Essas vozes destacam todo o folclore que está vivo pelas ruas da Índia, assim como toda uma tradição de histórias de grande beleza espiritual.

A viajante contempla a paisagem e esta reflete em seu interior revelando-lhe algo sobre ele próprio. A viagem como um aprendizado, mas, mais do que isso, como uma fome de estar nas coisas. Por isso, opta pelo percurso lento, no ritmo de alguém que quer penetrar no que vê e busca o

passado daquilo que vê. Está sempre trazendo para o presente das coisas toda a tradição e o sagrado de um passado primordial.

Entendendo essa viagem como uma descoberta do eu, do “estrangeiro que habita em nós”, na expressão de Kristeva, como um processo de aprendizagem, podemos considerá-la uma narrativa de iniciação sobre os mistérios da essência humana, bem como da própria essência do viajante, que em seu desvelamento, desvela a todos nós.

Bibliografia

1. Da autora

Crônicas de viagem 1. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1998.

Crônicas de viagem 2. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.

Crônicas de viagem 3. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2000.

Crônicas de educação 1. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Crônicas de educação 2. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Crônicas de educação 3. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Crônicas de educação 4. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Crônicas de educação 5. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Escolha o seu Sonho. Rio de Janeiro: Record, 1964.

Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994

O que se diz e o que se entende. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989

Obra em Prosa - Volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Poesia completa: Cecília Meireles. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Romanceiro da Inconfidência. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

2. Sobre a autora

ALMEIDA, Márcio. A poesia ecológica de Cecília, Henriqueta e Emily Dickinson. In: Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 6 nov., Belo Horizonte, 1976.

ALVES, Guilherme. O segredo e a faca na poesia de Cecília Meireles. in: Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 24 jul., Belo Horizonte, 1982.

ANDRADE, Mário de. Cecília Meireles e a poesia. In: *O Empalhador de Passarinho*, São Paulo: Martins, 1946.

AYALA, Walmir. A véspera do livro: Obra Poética de Cecília Meireles. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de nov. de 1958.

_____ Nas fronteiras do Mar Absoluto. In : MEIRELES, Cecília *Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam no quarto centenário da sua fundação pelo capitam-mor Estácio de Saa*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1965.

AZEVEDO-FILHO, Leodegário A. de. Três poetas de Festa In: Minas Gerais, *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 1980.

_____ A poesia de Cecília Meireles. In: Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 13 Sept., Belo Horizonte, 1980.

_____ *Poesia e estilo de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1970.

_____ Apresentação. In: MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante e do Brasil, 1946.

BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. in: *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1964.

BOBERG, Hiudea T. Rodrigues. Fernando Pessoa e Cecília Meireles: Afinidades Poéticas. In: Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 21 jan., Belo Horizonte, 1989.

- BONAPACE, Adolphina Portella. *O romancelheiro da inconfi ncia: medita o sobre o destino do homem*. Rio de Janeiro: São José, 1974.
- CARVALHO, Rui Galvão de. *A a orianidade na poesia de Cecília Meireles*. in: *Revista Ocidente*, vol. XXXIII, Lisboa, 1947.
- CAVALIERI, Ruth Villela. *Cecília Meireles, o ser e o tempo na imagem refletida*. São Paulo: Cultrix – EDUSP, 1977.
- CORREIA, Roberto Alvim. *Ateneu e a crítica*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1948.
- COSTA, Edison José da. A produ o do sentido no discurso poético ceciliano. In: *Revista Letras*, n  38, Curitiba, 1989.
- COUTINHO, Afrânio. As Cartas Chilenas. In: *Diário de Notícias*, 13 jun., Rio de Janeiro, 1954.
- CRISTOVÃO, Fernando. Compreensão portuguesa de Cecília Meireles. In: *Colóquio Letras*, n  46, Lisboa, 1978.
- DACOSTA, Luisa. Encontro em tempo permanente. In: *Colóquio Letras*, n  94, Lisboa, 1986.
- DAMASCENO, Darcy. Apresenta o In : *Cecília Meireles: poesia*. Rio de Janeiro, Agir, 1974. (Nossos Clássicos).
- _____ Fortuna crítica. In: MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1967.
- _____ Poesia do sensível e do imaginário. In: MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1987.
- _____ *Seleta em prosa e verso de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____ *Cecília Meireles - poesia*. Rio :de Janeiro: Agir, 1974.
- _____ *Cecília Meireles: O mundo contemplado*. Rio de Janeiro : Orfeu,

1968.

_____. *Cecília e a crônica*. In: MEIRELES, Cecília. *Ilusões do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DAVID-PEYRE, Yvonne. Le Mouvant et l'imaginaire dans *Viagem*, de Cecília Meireles. In: *Quadrant*, nº 5, Montpellier, 1986.

FONSECA, Edson Nery. Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa. In: *Colóquio Letras*, nº 88, Lisboa, 1985.

GOLDESTEIN, Norma S. e BARBOSA, Rita de Cássia. (seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios) *Cecília Meireles*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

GRIECO, Agripino. *Evolução da Poesia Brasileira*. 3a ed., Rio de Janeiro: José Olímpio, 1947.

GROSSMAN, Judith. Painel de Cecília Meireles. in: *Cadernos Brasileiros*, nº 37, Rio de Janeiro, 1966.

LAURITO, Ilka Brunhile. Cecília Meireles: No 20º aniversário da morte. In: *Colóquio Letras*, nº 79, Lisboa, 1984.

MARTINS, Sylvia Jorge. Arte de Ser Feliz: Uma análise linguístico-estilística. in: *Revista de Letras*, nº 26-27, São Paulo, 1986-1987.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. O absoluto e o relativo nas *Canções* de Cecília Meireles. In: *Ciências & Letras*, no 17, Porto Alegre, FAPA, 1996.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *A poesia de Cecília Meireles: o encontro com a vida*. PUC-RS, Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 1994.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *O texto lírico: imagem, ritmo e revelação*. PUC-RS, Tese de Doutorado, 1991.

MENESES, Fagundes de. Silêncio e solidão - dois fatores positivos na vida da poetisa. In: *Manchete*, 3 out., Rio de Janeiro, 1953.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. A temática da morte em Cecília Meireles e Gabriela Mistral. In: *Revista de Letras*, nº 32, São Paulo, 1992.

PAVÃO, J. de Almeida. O portuguesismo de Cecília Meireles e os Açores. In: *Ocidente*, nº 84, Lisboa, 1973.

PELOSO, Lina T. A imagem da 'estrela' na poesia de Cecília Meireles. In: *Colóquio Letras*, nº 53, Lisboa, 1970.

_____ Cecília Meireles e Solombra: A cintilação do êxtase místico. in: Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 20 fev., Belo Horizonte, 1982.

PIRES, Ezio. Inconfidência na poesia de Cecília. In: Minas Gerais, *Suplemento Literário*, set., Belo Horizonte, 1968.

PORTUGAL, José Blanc de. Cântone de Cecília. In: *Ocidente*, nº 68, Lisboa, 1965.

QUEIROZ, Maria J. de. Linguagem e expressão de Cecília Meireles. Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 29 jul. 5 ago., Belo Horizonte, 1974.

RAMOS, Péricles E. da Silva. Cecília Meireles. In: *A literatura no Brasil*. (Direção de Afrânio Coutinho), vol. III, Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1958.

SACHET, Celestino. O Rio de Janeiro de Cecília Meireles para Armando Cortes-Rodrigues. In: *Travessia*, nº 22, Florianópolis, UFSC, 1991.

_____ (Org.) *A lição do poema. cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Ponta Delgada : Instituto cultural de Ponta Delgada, 1998.

SAVINO, Antonio. Anotações sobre a poesia de Cecília Meireles. In: Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 11 abr., Belo Horizonte, 1981.

SILVA, Domingos Carvalho da. Um livro desconhecido de Cecília Meireles. In: Minas Gerais, *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 1992.

SILVA, Rosana Rodrigues. *A contemplação em Viagem: um estudo do olhar na poesia de Cecília Meireles*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 1997.

UTEZA, Francis. De l'histoire au mythe littéraire: Tiradents dans le Romanceliro da Inconfidência. In: *Quadrant*, nº 9, Montpellier, 1992.

YUNES, Eliana Lúcia M. A infância na poesia de Cecília Meireles. In: *Revista Letras*, nº 25, Curitiba, 1976.

ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles: notícia biográfica, estudo crítico, antologia, bibliografia, discografia, partituras*. Petrópolis : Vozes, 1973.

3. Geral

ABREU, Graça e SEIXO, Maria Alzira (Org.) *Les récits de voyages : typologie, historicité*. Porto: Ed. Cosmos, 1998.

ALENCAR, José de Ao correr da pena In : *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1965 v.4 p. 647-9

AREND, Adriana Freitas. *Através da vidraça imagens do cotidiano por Theodemiro Tostes*. Porto Alegre, março de 2000. PUC RS. (dissertação de mestrado).

ASSIS, Machado de. Miscelânea/Aquarelas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José de Aguilar, 1962, v.3, p. 958-9

ARRIGUCCI, David. Fragmentos da crônica. In: _____ *Enigma e comentário*. Rio de Janeiro : Companhia das Letras, 1996.

BACHELARD, Gaston. *Direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, s/d.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BENDER, Flora e LAURITO, Ilka. *Crônica : história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993. p. 43.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antônio A vida ao rés-do-chão, in: *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, vol.5, 1980. p.4-13

_____ et alii. *A Crônica*. Organização Setor de filologia da FCRB. São Paulo: Unicamp, 1992.

CARDOSO, Sérgio. O Olhar viajante (do etnólogo). In NOVAES, Adauto (Org) *O Olhar* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CLARA, Fernando. As cidades e as ilhas. Algumas reflexões a propósito do enquadramento teórico da literatura de viagens. In : LEAL, Maria L, FALCÃO, Ana M., NASCIMENTO, Maria T. (Org) *Literatura de viagem: narrativa, história, mito*. Lisboa : Cosmos, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano : 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. 2ª edição.

COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio/ UFF, 1986. Vol. 6

_____ *Antologia brasileira de literatura*. Rio de Janeiro, Revista Letras e Artes, vol. 3, 1967.

ESPELOSÍN. Le rôle de la fiction (poétique) dans les récits de voyage. In : LEAL, Maria L, FALCÃO, Ana M., NASCIMENTO, Maria T. (Org) *Literatura de viagem: narrativa, história, mito*. Lisboa : Cosmos, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.

FRANK, Joseph. *Pelo prisma russo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

FRÉDÉRIC, Louis. *Dictionnaire de la civilisation indienne*. Paris: Éditions Robert Laffont, 1987

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978. (Problemas atuais e suas fontes; 3)

GENETTE, Gérard. Et alli. *Théorie des genres*. Paris: Editions du Seuil, 1986.

_____. *Palimpsestes: La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HUMBURGER, Käte. *A lógica da criação literária*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

IANNI, Octavio. *A metáfora da viagem*. Revista Cultura Vozes, nº 2, Março-Abril, 1996.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KRYSINSKI. Vers une typologie des récits de voyage : structures, histoire, invariants. In: ABREU, Graça e SEIXO, Maria Alzira (Org.) *Les récits de voyages : typologie, historicité*. Porto: Ed. Cosmos, 1998.

LEAL, Maria L, FALCÃO, Ana M., NASCIMENTO, Maria T. (Org) *Literatura de viagem: narrativa, história, mito*. Lisboa : Cosmos, 1997.

MEYER, Marlise. *Folhetim, uma história*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

_____. *As mil faces de um herói canalha*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1998.

MUIR, Edwin. *A estrutura do romance*. Porto Alegre: Globo, s/d.

PASQUALI, A. *Le tour des horizons*. Paris: Klincksieck, 1996.

PAZ, Otávio. *Vislumbres da Índia*. São Paulo: Mandarim, 1996.

PORTELA, Eduardo. *Vocabulário técnico da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro, 1979.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1987.

Revista da Biblioteca Mário de Andrade. V.57 1999 Secretaria Municipal de Cultura São Paulo.

Terceira Margem : Revista da Pós-Graduação em Letras. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdades de Letras, Ano 4, n 5/6, 1997/98.

SÁ, Jorde de *A crônica*. São Paulo: Ática , 1985 p. 25

SAID, Edward W. *Orientalismo. oriente como invenção do ocidente*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Turbilhão e semente*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SEIXO, Maria Alzira. *Poéticas da viagem na literatura*. Lisboa: Cosmos, 1998.

SEIXO, Maria Alzira (Cord.). *A viagem na literatura*. Martins: Publicações Europa-América, 1997.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TADIÉ, Jean-Yves. *Le récit poétique* Paris : Gallimard, 1994.

VARELA, Maria Helena. *O heterologos em língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 1996.

ZIMMER, Heinrich. *Mitos e símbolos na arte e civilização indianas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

WELLEK, René. Gêneros literários. In: _____ *Teoria da literatura*. Lisboa: Europa-América, 1971

ANEXO

Lista das obras da autora

Espectros. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1919.

Nunca mais... e Poemas dos poemas Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923.
(Ilustrações de Correia Dias).

Criança, meu amor. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924.

Baladas para El-Rei Rio de Janeiro: Lux, 1925.

Viagem Lisboa: Ocidente, 1939.

Rute e Alberto resolveram ser turistas. Porto Alegre: Globo, 1939.

Vaga música Rio de Janeiro: Pongetti, 1942.

Mar absoluto e Outros poemas. Porto Alegre: Globo, 1945.

Rute e Alberto. Boston: D.C.Heath, 1945.

A nau Catarineta. Rio de Janeiro, 1946 (Peça escrita para teatro de marionetes).

Evocação lírica de Lisboa. in Revista Luso-Brasileira, nº 6, Lisboa, 1948.

Retrato natural. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1949.

Amor em Leonoreta. Rio de Janeiro: Hipocampo, 1951.

Doze noturnos da Holanda e O aeronauta. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

Romanceiro da inconfidência. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

Poemas escritos na Índia. Rio de Janeiro: Livraria São José, s/d.

Pequeno oratório de Santa Clara. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955.

Pistóia, cemitério militar brasileiro Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955 (Xilografuras de Manuel Segalá).

Canções. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1956.

Giroflê, Giroflá. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956

Romance de Santa Cecília. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1957.

A Rosa Salvador: Dinamene, 1957 (Ilustrações de Lygia Sampaio).

Eternidade de Israel. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel, 1959.

Metal Rosicler. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.

Quadrante 1 e 2. Rio de Janeiro: Autor, 1962 e 1963.

Antologia poética. Rio de Janeiro: Autor, 1963.

Solombra. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1963.

Ou isto ou aquilo. São Paulo: Giroflê, 1964.

Escolha o seu sonho. Rio de Janeiro: Record, 1964.

Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam do Rio de Janeiro no quarto centenário de sua fundação pelo capitão Mor Estácio de Saa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965

Vozes da cidade. Rio de Janeiro: Record, 1965.

O menino atrasado. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1966.

Obra poética. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967, 2ª ed.

Inéditos (crônicas). Rio de Janeiro: Bloch, 1967.

Poemas italianos. São Paulo: Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1968 (edição

bilingüe com versão de Edoardo Bizzarrio.)

Antologia poética. Lisboa: Guimarães, 1968.

Ou isto ou aquilo e poemas inéditos. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

Olhinhos de gato. Lisboa : Revista Ocidente, vol. III, ns 7/8; vol. IV, ns.9/10/11; vol. V, nº 12, vol. VI, ns 15-16; vol. VII, ns 17/18/19; vol. VIII, ns 20 e 23.

Ilusões do mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Flor de poemas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, 9ª ed.

Oratório de Santa Maria Egípcíaca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

O que se diz e o que se entende. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989

Obra em prosa - volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Crônicas de viagem 1. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1998.

Crônicas de viagem 2. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.

Crônicas de viagem 3. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2000.

Crônicas de educação 1. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Crônicas de educação 2. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Crônicas de educação 3. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Crônicas de educação 4. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Crônicas de educação 5. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

Poesia completa: Cecília Meireles. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	2
ANO MUITO BOM	4
PELO MAHATMA	6
LUZ E SOM DE BOMBAIM	9
CAMINHOS DE BOMBAIM	13
ADEUS, AMIGA	14
DESLUMBRANTE CENÁRIO	18
RETRATO DE UMA OUTRA FAMÍLIA	22
RITMO DE UM CONGRESSO	26
OCIDENTE PERPLEXO	29
FALA NEHRU	32
UMA VOZ NO ORIENTE	36
SÃO BELOS, ESTES DIAS	39
ONDE SE FALA O JAPÃO E ONDE SE VÊ A ÍNDIA	43
UM GRANDE DISCURSO	46
PEQUENA VOZ	49
INTERLÚDIO	53
RAIZ DAS CATÁSTROFES	57
LEMBRANÇA DE ABHAM KHATAU	61
DE HOMENS E BICHOS	65
ÍNDIA FLORIDA	67
APONTAMENTOS	70
RECORDAÇÃO DE ACBAR	74
REINO DE HARUMÃ	77
VIMOS O TAJ MAHAL	80
TEMPO SOBRE ESPELHOS	85
A MODESTA PATNA	89
DO GANGES A TAGORE	93
VISTAS DE CALCUTÁ	97
AMANHECE EM CALCUTÁ	100
UM DIA EM CALCUTÁ	104
TRANSPARÊNCIA DE CALCUTÁ	108
VARIEDADES	112
DOMINGO EM CUTTACK	116
DOMINGO EM PURI	120
HUMILDE FELICIDADE	124
MIL FIGURAS E UMA VOZ	127
VISÃO DE COIMBATORE	131
ARES DE BANGALORE	134
CINZA E LUZ EM HAIDERABAD	138
SOMBRA DE IMPÉRIOS	142
EM AURANGABAD	146
GRUTAS DO AJANTÁ	150
CAMINHO DE GOA	154
"GOENCHO SAIB"	158
BARCO DE POESIA	162
NÃO SE PODE ESQUECER...	166
PENSAMENTOS DO CAMINHO	170
PODEREMOS DIZER ADEUS?	174
ORIENTE-OCIDENTE	178
ARAGEM DO ORIENTE	181
GLOSSÁRIO	184
BIBLIOGRAFIA	192

PREFÁCIO

O conjunto de crônicas, aqui apresentado, foi objeto de uma pesquisa intitulada *O imaginário de Cecília Meireles: poesia e prosa* sob a orientação da Prof. Ana Maria Lisboa de Mello, desenvolvida no período de 1996 a 1998, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na pesquisa, dediquei-me à recuperação das crônicas de viagens, empreendidas por Cecília Meireles, à Europa, à Índia e ao Oriente Médio, publicadas no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, e no *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Hoje, essas crônicas encontram-se publicadas pela Editora Nova Fronteira, organizadas por Leodegário A. de Azevedo Filho. Portanto, ao conjunto a seguir apresentado – *Crônicas de viagem à Índia* –, acrescia-se, na pesquisa, outros dois com as crônicas de viagem à Europa e ao Oriente Médio.

Participando como bolsista de iniciação científica, juntamente com outra colega, Simone Soares, finalizamos o levantamento das crônicas já recolhidas pelo professor Elpideo Paes (UFRGS) e doados pela Professora Isolda Paes à Professora Ana Maria. Foram tarefas da pesquisa: a) fixação dos textos, tentando recuperar palavras mal impressas ou apagadas no jornal; b) cotejo dos originais com os arquivados no Museu de Comunicação do Rio Grande do Sul Hipólito José da Costa; c) revisão e organização dos textos, de acordo com datas e locais visitados; d) organização de glossário de termos ligados à cultura indiana, visto que foi sobre esse conjunto que mais trabalhamos. No desenvolvimento da pesquisa, descobrimos três crônicas que não faziam parte do *corpus* inicial.

A necessidade de elaboração do glossário de termos da cultura indiana partiu da constatação de grande quantidade de termos daquela cultura, que nem sempre são familiares aos leitores do Ocidente. Para tanto, empreendemos pesquisa em enciclopédias, dicionários e em livros de especialistas na Índia, de modo a poder montar um glossário, que procurou incluir todos os vocábulos citados por Cecília Meireles, que

não fazem parte da cultura Ocidental, de modo a facilitar a recepção das crônicas. Nele, estão incluídos nomes de cidades, nome dos personagens das crônicas (na sua maioria personagens das epopéias indianas), palavras em língua oriental (sendo que neste ponto tivemos algumas dificuldades para encontrar o significados de todas estas palavras), nomes das obras sagradas da cultura indiana e elementos culturais, sobretudo vestimentas.

Para a ordenação das crônicas escolhemos seguir as orientações textuais que informavam um roteiro de viagem. Dessa forma, podemos acompanhar a cronista pelo mapa da Índia. Primeiramente chega a Bombaim e vai para Nova Dehli, onde participa de um congresso em homenagem a Gandhi. As primeiras crônicas têm como tema central o congresso e as idéias apresentadas pelos palestrantes, mas também algumas contemplações da cidade de Nova Dehli. Terminado o congresso, a cronista inicia sua viagem pelo país, visitando o palácio Taj-Mahal, localizado na cidade de Agra, Calcutá, Coimbatore, Goa entre outros lugares.

As crônicas da viagem à Índia , publicadas em livro pela Nova Fronteira, estão espalhadas por dois volumes (*Crônicas de viagem 2* e *Crônicas de viagem 3*), encontrando-se assim mescladas a crônicas de outras viagens. O presente volume contém apenas as crônicas da viagem à Índia, sendo que duas não constam em nenhum dos três volumes de crônicas de viagem, a saber: “De Homens e Bichos” e “Fala Nheru” .

Seguindo este caminho, o leitor participa da viagem de Cecília Meireles, descobrindo o espaço da viagem junto com o viajante. Destacamos que esta proposta de ordenação das crônicas, não visa, em hipótese alguma, determinar uma linha de leitura dos textos, apenas apresenta uma possibilidade, visto que cada crônica possui a sua individualidade, podendo ser lida isoladamente, independente da ordenação proposta. Ao lermos o conjunto de crônicas, apreendemos a Índia com suas cores, suas lendas, seu povo e sua cultura.

Cássia Ducati

ANO MUITO BOM

Certa noite de 31 de dezembro, éramos um grupo de pessoas mais ou menos estranhas umas às outras, que voávamos juntas para a Índia. Nossas relações de conhecimento, muito vagas, datavam apenas de horas. Nossa história comum limitava-se à contemplação de algumas imagens inesquecíveis: o Mediterrâneo, as Pirâmides, imensos desertos pálidos, golfos que o sol coloria com tintas orientais e, finalmente, o céu que se ia tornando noturno, o céu que fora tão grande e parecia pouco a pouco reduzir-se em sombra, e ficar do nosso tamanho, do tamanho das nossas pequenas vidas ali suspensas, com seus mistérios, esperanças e medos.

Éramos pessoas de variados lugares, viajando por variados motivos. Algumas, imersas, em leituras edificantes, outras, distraídas com livros fúteis. Um que dormitavam cansadas, outras que se aferravam ao noticiário de seus jornais, embora esses jornais e essas notícias fossem ficando a cada instante muito mais longe e como sem efeito para os viajantes do céu. E algumas que se entregavam sossegadas ao seu destino, mascando esses grãos e sementes, tão apreciados na Índia, ácidos, adocicados, perfumosos, com que os dentes vão entretendo, resignados, a passagem do tempo.

Éramos também pessoas de sonhos aparentemente diversos: bons indianos que regressavam a seus lares; europeus preocupados com pesquisas de arte e ciência; gente que ruminava negócios muito complexos; gente que refletia sobre a maneira de tornar o Oriente e o Ocidente reciprocamente inteligíveis. Havia de tudo: como convém a uma viagem mais ou menos mitológica. A minha rósea vizinha americana, de sandálias douradas, quando alguém lhe perguntou o que ia fazer por aqueles lados, respondeu com naturalidade que ia passar a noite dançando em Bombaim. E a aeromoça, com seus trajés de anjo, passava por entre esses sonhos tão desencontrados distribuindo equitativamente sementes e balas, enquanto a rósea americana começava a perfumar-se toda, porque Bombaim era uma realidade cada vez mais próxima.

O ano, porém, chegava ainda mais depressa que Bombaim. E em dado momento soubemos todos que, malgrado as extravagâncias dos relógios, era meia-noite, entre as estrelas e o mar.

Para os que tinham deixado sua casa no Ocidente, essa meia-noite se enchia de repente de recordações e saudades. Estrondos de bombas, cascatas cintilantes de fogos de artifício, ondas de música, repiques de sinos, rostos amados, cartões de boas-festas, e, em redor das ceias tradicionais, vozes antigas, vozes recentes, vozes graves, vozes humildes, dizendo frases de amizade que na terra, de tão repetidas, parecem banais, mas, naquela altura, inesperadamente se tornavam miraculosas, com toda a sua potência de felicidade.

Com pequenas alterações, todos levávamos no coração essa velha herança romana de doces ofertas de tâmaras, figos, mel, a antigos deuses que desejaríamos eternamente propícios. Com o mesmo gesto das mãos contemporâneas, entrevíamos em sonho mãos antiqüíssimas trocando presentes amistosos. E, sobre as festividades pagãs, o Menino Jesus, num outro plano, recebia a Circuncisão. Tudo isso levávamos conosco: início da vida, início das eras: urna união total, uma infinita alegria.

E a aeromoça, de belíssimos olhos, abria e fechava as asas do seu sári azul servindo-nos suas pequeninas oferendas. E o comandante vinha participar da festa, que era ao mesmo tempo de começo e de fim.

E de repente vimos que estávamos todos de mãos dadas, e todos formulávamos nossos votos mútuos, cada um na sua língua, todos num idioma comum de esperança e ternura.

Foi assim que, entre um ano e outro, uma noite, entre o céu e a terra, o Oriente e o Ocidente estiveram unidos simbolicamente, num fervoroso abraço.

O dia seguinte foi belo, colorido, bizarro, como são todos os dias da Índia. Mas lá o ano não começa em janeiro em todos os calendários. O primeiro dia do ano lunar, o *Gudi Parwa*, é na primavera. Há grandes festas, e quem mastigar folhas de *nim*, nesse dia, terá saúde o ano inteiro. Mas a coisa mais bela é que nesse dia ninguém pode falar com violência e são proibidas todas as manifestações de cólera. Ano bom, verdadeiramente! Quem o pudesse conservar assim, recomeçando-o do mesmo modo todos os dias!

PELO MAHATMA

A caminho do avião, por esta luminosa areia do Cairo, ao deixar para trás este mundo azul do Mediterrâneo, como é possível não pensar em Alexandre, se o seu próprio nome ainda ali está perpetuado no mapa?

A aeromoça, uma bela anglo-indiana, de vastos olhos, cheios de noite e de lua, serve aos passageiros caramelos, cardamomo, erva-doce... gosto do Ocidente e do Oriente, entrelaçado no céu.

Também Alexandre sonhara esse entrelaçamento na terra. Daqueles lados, por onde foi a Macedônia, seus pensamentos se dirigiram para os campos do Pendjab. É belo pensar que não tenham sido apenas marfins lavrados, jazidas de mármore, jóias e sedas a atração oriental do discípulo de Aristóteles. Mas, sob tantos séculos caídos neste seio da terra, na dispersão destes velhos Estados, cujos limites a visão da altura desfaz, - como é difícil adivinhar, entre a certeza da versatilidade humana e a incerteza da verdade histórica, a alma deste impetuoso jovem, que um dia partiu com seus trinta mil soldados pela Pérsia a dentro, e, sempre invencível, um dia se debruçou, afinal, na fronteira da Índia, pululante de deuses, sábios, ascetas, - e onde cada coisa e criatura é, num invólucro mágico, um enigma divino?

Os companheiros de viagem preparam-se para esta aventura aérea, tão breve, comparada com a de Alexandre! Bem se vê que deixamos o Ocidente: as caixas de almoço trazem a indicação do conteúdo, conforme seja vegetariano ou não. Há uma grande paz a bordo. Apenas a moça das sandálias douradas custa a encontrar posição confortável, custa a encontrar uma ondulação agradável para o penteado, e aroma suficiente na água de Colônia das suas infundáveis abluções.

A sombra de Alexandre continua lá em baixo, por essas areias que sobrevoamos. É o herói do Ocidente investindo para o Oriente, quem sabe com que sonho juvenil de unificação humana! A fraternidade dos deuses e dos homens; a arte e a ciência abraçadas e compreendidas; os dois hemisférios integrados numa só família, como a cabeça bifronte de Shiva e Vishnu!

Ergue-se em volta o cálido cheiro da comida indiana. Mãos orientais extremamente finas, de desenho, e extremamente leves, no gesto, catam na caixa de papelão, daqui, dali, frituras, grãos, como pássaros bicando num jardim. Depois, tudo se imobiliza: gorros, saris, sandálias douradas. O rosto das religiosas, róseo e redondo, tem a graça ingênua de uma estampa popular.

E não se pode deixar de pensar, nesta altura, que, para aqueles lados, onde aqui no mapa se lê "Palestina", onde este desenho azul diz "Mar Morto", entre todos estes velhos nomes bíblicos, andou um vulto que pregava a fraternidade dos homens, que ensinava às criaturas o grave bem de terem alma.

Olham lá para baixo as duas religiosas. Tudo quanto se avista é uma bruma dourada. Como um oceano de sol, com tênues franjas esverdeadas, azuladas, em lugares que não identificamos.

Passaremos assim, alto, longe, como em sonho, sobre os lugares de Alexandre, de Jesus, de Maomé. Em poucas horas cortaremos esses largos espaços de tão formidáveis ecos. Nem a força das armas nem a dos sentimentos conseguiu produzir ainda uma total união dos homens. Que instinto adverso nos separa? Que gênio contraditório impede o amor entre as criaturas? Por que, sempre que duas mãos se apertam, cai uma espada que as corta?

Depois, com a voracidade dos meridianos, a bruma dourada colore-se de outros matizes. Não é dos nomes do mapa que sobem estas sugestões de pedras preciosas - Síria, Bagdad, Golfo Pérsico... - não: é a cor do dia, visto de muito longe, que desdobra campos de pérolas, turquesas, diluídos rubis, tudo muito evaporado e frágil, com uns intervalos azuis, que parecem água, e devem ser miragem, pois tudo isto é deserto, deserto, deserto, léguas e léguas, sob as pobres vidas que planam nesta máquina...

Mais tarde, a luz do céu forma uns estranhos contrastes na solidão das areias. Deve haver muitas dunas, revoltas por uns poderosos ventos. O chão parece recoberto de inscrições. De umas inscrições tão bem recortadas, com seus imensos caracteres paralelos, que é como se voássemos sobre uma página escrita em hebraico.

Encontraremos a tarde, encontraremos a noite, e estaremos sempre voando. Veremos desenhos d'água. A água verdadeira e perigosa do golfo de Omã. E saberemos que chegamos ao Mar Árábico, por onde a Índia estende o seu longo perfil.

É a última noite do ano, - e a moça das sandálias douradas anuncia ao seu conhecido: "Dançaremos em Bombaim!"

Já deixamos para trás o sol enterrado no deserto; já descobrimos as estrelas, e a lua veio ao nosso encontro. Tão bela era a solidão, sobre tantas lembranças antigas! E já se fala em chegar, descer, tocar outra vez a terra, voltar ao convívio humano... "Dançaremos em Bombaim!" Alguns dançarão, esta noite, que é a última do ano. As religiosas agradecerão a Deus terem chegado sãs e salvas, para a sua missão. Alguns esperam apenas mudar de avião, para irem mais longe, para a costa oriental. Minha amiga francesa que, durante a viagem, tantas vezes se deslumbrou com as cores, as distâncias, as visões do passado, deseja, acima de tudo, entender o sentimento místico da Índia. Haverá quem venha atraído por estas riquezas orientais - estes metais, estas pedras - que ainda são mistério e prestígio para os que contemplam a Índia de longe. Sedas de turbantes, fumaças de "hukas", palácios de marajás, ouro de saris, incenso e especiarias, cobras encantadas, danças hieráticas, faquires deitados em pontas de pregos, ídolos faustosos, sacrifícios, astrólogos, fórmulas mágicas, tudo isso faz da Índia, à distância, um país diferente, onde a vida é uma espécie de levitação. Alguns virão por essa curiosidade.

A aeromoça põe-se a servir um jantar quase festivo: fim do ano, fim da viagem. Parece que já se avista alguma luz na costa. E de novo a alegria de voltar à terra anima os companheiros que tão sossegados sobrevoaram aquelas pedras, aqueles mares, aquelas areias...

Os santos já me disseram tudo; os marajás não me dizem mais nada; as sedas dos turbantes e a fumaça das "hukas" desenrolam-se, para mim, com a mesma lassidão efêmera. As danças contaram-me seus hieróglifos; os ídolos, suas histórias; os faquires, sua disciplina. Tudo isso vem comigo, ajustado à minha alma, como outras muitas heranças. Tudo isso já vem comigo: nada disso venho procurar aqui.

Houve, porém, um homem, um homem que o Ocidente conheceu de fotografia, e quase achou ridículo, porque calçava apenas umas sandálias, enrolava o corpo apenas num pano branco e falava da ressurreição do seu povo, e de uma independência feliz, sem armas e sem ódio. Esse homem chamava-se Gandhi. E sem ódio e sem armas tornou seu

povo independente. E quando o preparava para o seu destino, como um pai, a conversar com seus filhos, dispararam sobre ele um revólver, e tiraram-lhe a vida.

O comandante vem brindar com os passageiros, porque o avião começa a descer sobre Bombaim. E os passageiros levantam-se, e, de mãos dadas, cantam as canções que sabem, cada um na sua língua, e todos trocam votos de felicidade, nesta meia-noite de 31 de dezembro.

Por muitos motivos se pode vir à Índia. Eu venho por Gandhi, o Mahatma.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 30/08/53)

☪

☪

LUZ E SOM DE BOMBAIM

Depois de tantas horas de vôo sobre mares e desertos, o chão de Bombaim, confundido na noite, é território imaginário, por onde os passos dos fatigados aeronautas erram sem firmeza nem precisão. Na sombra pastosa de uma atmosfera úmida e morna, já não nos governamos muito; é mesmo o destino que nos vai conduzindo, através de um sistema de portas, mesas, balcões, guichês...

Desaparece a passageira de pés dourados, deixando esquecida em qualquer parte a pequena carteira que trazia, tão cintilante quanto as suas sandálias. Alguém a levanta na mão, no meio da sala, à procura da dona. Como uma estrela que tivesse entrado no aeroporto. E recordamos aquela pequena frase de alegre sonho, quando estávamos ainda tão longe, e tão nos ares: "Dançaremos esta noite em Bombaim!"

Mas agora é a voz muito conscienciosa da funcionária, à sombra dos seus belos olhos, docemente franjados: "... tudo de uso pessoal?" - "De uso pessoal". Lança um arabesco de giz em cada mala. E mergulhamos na noite, na primeira noite do ano, ao longo da cidade que parece fluida como um rio, neste nosso deslizar pela estrada. Às vezes, sentimos que há palácios, varandas, manchas altas de arquitetura. Tudo, porém, desliza, foge, exatamente como na água do sonho.

(Oh, este nome de Bombaim? Havia outrora uma deusa chamada Mumba... No tempo dos primeiros habitantes... há muitos séculos... Criadores de gado e pescadores...)

Bombaim... Mumba... Mumba... Bumba... Bumba-meu-boi... Na sombra da noite, o Brasil, muito longe, desenha um momento suas danças:

Alô, meu boi,
é bumba,
dança de frente!
é bumba...

Mas a quem poderei explicar esta lembrança, tão tarde, sob tanta sombra, neste deslizar pela noite, entre o fugir das casas, com suas janelas, acesas, e o fugir das fontes, grandes e redondas como vastas mangueiras?

Havia um pouco de música pelo caminho. Que é? De onde vem? - Qualquer festa... (... é bumba! ...) E o carro pára à porta do hotel.

E, como o carro pára, logo se levantam do chão muitos vultos sombrios, que se aproximam rastejantes, a esmolar, de mão estendida. Estavam ali, integrados no chão, como poeira adormecida, e como poeira se levantam, com vulto humano, e para nós se dirigem - poeira também. E, no meio da noite, a cena é vaga, triste e grandiosa: na opaca escuridão que ao mesmo tempo é terra, pano, pele, brilham grandes olhos patéticos, uns olhos que já vimos em pinturas e imagens milenares, com um olhar que existe desde a raiz do Tempo. Luzem pequenos dentes brancos, porque há um tênue sorriso sobre a súplica, em língua ininteligível, com timbre ingênuo de criança, com timbre grave de mulher sofredora, com timbre esmaecido e rouco de ancião desgrenhado e coberto de cinza.

É neste instante que o porteiro aparece, todo de vermelho, com enfeites dourados pelo peito e um turbante amarelo de cauda um cometa que baixa sobre os humildes mendigos, e os faz volver à sombra rasa do passeio. Um cometa que vai e vem, que vocifera em marate o gujarate, ou que especial idioma com que se possa fazer aconchegar à grande poeira primitiva o transitório vulto humano que se levanta da miséria, do sono, - e pede.

A noite no quarto é uma substância densa e cálida, muito densa e cálida, que os ventiladores trituram no seu giro incansável. E essa densidade e esse calor aderem às decorações encarnadas - cor insigne do Oriente e imagina-se andar em bosque de

papoulas, em gruta de rubis, atrás de pássaros de fogo procura de um raio frio de lua, de um traço de nuvem branca...

A janela mostra um céu puro, calmo, estrelado. Crocita um corvo, sacudido no seu sono. Não há brisa. Mas sente-se o cheiro de mar.

Espera-se, então, que a noite termine sobre os edifícios fechados, sobre a rua deserta, sobre as árvores, sobre os jardins, sobre os corvos, sobre os mendigos.

E a noite termina. E muitos corvos crocitam e esvoaçam, das janelas para os telhados, dos telhados para as varandas, das varandas para as árvores. E aparecem crianças que vem ver o dia. E o dia é verde, azul, chamejante, como no Brasil, com mangueiras e bananeiras, - rumoroso, povoado, colorido.

Aparecem os homens, muito limpos, com as pernas envoltas no alvo panejamento do *dhoti*; uns de camisa oriental, que flutua com o andar; outros, de paletó europeu. Cabeça descoberta, com esses luzentes cabelos negros que parecem ébano, laca, cetim - tão negros, tão negros, e que à luz do sol parecem polvilhados de safira. Cabeça enrolada em turbantes de variadíssimos feitios, e de todas as cores. Cabeça com *tope* branco - esse gorrinho simples que é recordação e símbolo da Índia independente.

E aparecem as mulheres com seus safáris tão elegantes, e que sugerem tantas coisas, num simples encontro de cores. O ar trágico de um sári preto com barras vermelhas, e a sensação lunar dos sáris brancos, levemente adornados de azul e prata! A mulher-flor que passa envolta em sedas roscas e verdes, e a mulher-crepúsculo, com seus véus amarelos e roxos...

Longas tranças negras; braços cobertos de pulseiras; brincos; enfeites no nariz; manilhas nos tornozelos; pés descalços, com a sola pintada de encarnado; sandálias de mil feitios, com tiras douradas, rosetas, fivelas... E as pregas e o arregaçamento dos sáris de algodão, de seda, de gaze, com barras bordadas, com barras de ouro e prata, lisos, estampados, flácidos, hirtos, conforme sejam do estilo de Bombaim, de Bangalore, de Benares...

Homens carregados com rolos de tapetes; com cestos de grãos; com tabuleiros de comida amarela e cor-de-rosa; homens com livros embaixo do braço... Rapazinhos com marmitas de comida, crianças pulando corda, mulheres com vasilhas d'água à cabeça... Muita, muita gente. Muitas, muitas cores. Muitos ritmos. Muitas direções. E

os automóveis, os carros, com cocheiros de turbante; as bicicletas, os pedestres, e o cruzamento das ruas, e a pressa, e a ondulação de todos os vestuários, e a estridência da luz nas cores - burburinho...

Porque é uma turba tão rumorosa quanto colorida. Falam as crianças, a brincar, de uma janela para outra, ou em redor dos arbustos do jardim. Fala a menina a pular corda, com a outra menina que a observa, sentada num degrau. Fala o porteiro com os passantes; falam os passantes com os seus companheiros; falam os que vão nos carros com os que estão na rua; falam os vendedores, à sombra das colunatas; falam os que chegam ao hotel, falam os que partem... Falam todas as línguas da Europa, da Ásia, da Terra... Falam até português! Mas falam sobretudo inglês e os numerosos idiomas nativos, puros ou mesclados, com um ritmo martelado e rápido, com uma inflexão dura que as palavras, em si, não têm.

No meio dessa multidão de pársis e *sikhs* - gorros, turbantes, barbas - com mulheres que deitam o sári pelo ombro ou o trançam pelo peito, ou o arregaçam entre as pernas; com mulheres que usam largas pantalonas de seda e outras que ainda passam embiocadas, só com os olhos a espreitarem por uma gradezinha aberta no pano que lhes cobre o rosto - no meio dessa algazarra que vai aumentando com o crescimento do dia, destacam-se os jovens vestidos à européia, com roupas muito bem talhadas e sapatos muito bem polidos. E passam ingleses cor de morango, ainda com capacetes de cortiça. E passam ingleses de pele farinhenta, com vestidos de cassa, muito frescos, muito feios, com essas mesmas florezinhas que andam estampadas pelas xícaras de chá, numa perpétua e inocente primavera.

Então, uma meninota pobre, de sári desbotado, mas coberta de brincos e pulseiras, como um ídolo maltrapilho, pára no passeio, sozinha, a olhar a multidão que ondula, a sorver pelos seus tristes, imensos olhos, o panorama efêmero e multicolor do mundo. Lentamente, leva à boca uma fruta amarela, que morde, embevecida. Uma fruta de polpa rósea, cheia de duros grãos, que aqui se chama *quava*, e é goiaba, no Brasil.

E enquanto a multidão humana, viva e ruidosa, cruza as ruas e Bombaim, os crociantes corvos cruzam os ares, desabridos, ansiosos pelos mortos, que são o seu sustento.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/09/53)

CAMINHOS DE BOMBAIM

Jeanne precisa de um par de sapatos. Veio ao meu quarto, conversar. Sua janela dá para o outro lado. Examina, por isso curiosamente, o que se avista da minha.

Jeanne gosta de tudo, compreende tudo. As camas extremamente simples, quase reduzidas a um estrado; os lençóis muito leves; as portas apenas de vidro, e mal seguras; as janelas imensas; - tudo isto é como o clima o exige. Pois não estamos na Índia?

Jeanne achou o pão muito escuro; o criado, leve e diáfano como um papagaio de papel; o chá era delicioso, e a voz dos corvos não lhe inspirou medo nenhum.

Para ser absolutamente feliz, Jeanne precisa apenas de um par de sapatos, - pois, cheia de curiosidade, saiu pelas ruas de Bombaim, sem companhia, sem mapa, andou pela praia, pelos jardins, perdeu-se pelas encruzilhadas, quis ver de perto gente, lojas, coisas, e voltou para o homem com os pés inchados, embora metidos numas finas sandálias de ráfia.

- São os saltos - diz Jeanne. - Preciso comprar uns sapatos rasos. Há muita coisa para ver! Umas ruas com um cheiro fantástico de cebola, incenso, rosa, palude... Palácios fabulosos... O mar, cheio de embarcações. Vendedores de coisas indescritíveis. (Ela mesma nem chegou a entender para que serviam!)

Jeanne tira os sapatos. Seus pés são vermelhos e reluzentes, como esculpido em coral.

O problema de Jeanne é trocar dinheiro. Começa a contar o que tem. Vai estendendo pela mesa montes e montes de notas italianas. Quanto será aquilo, em rupias?

Enquanto refletimos sobre graves problemas de câmbio, e melancolicamente observamos a desproporção entre o tamanho do papel-moeda e o seu valor, o quarto se enche de melodias orientais, vindas do pequeno aparelho de rádio embutido na parede, - trêmulas, prolongadas, cristalinas melodias, pontuadas, no primeiro plano, pelo áspero gaguejar dos corvos que vão e vêm de uma janela para a outra.

Guardamos o dinheiro, interrompemos a música: vamos comprar sapatos.

Há tanta gente pelas ruas como se tivesse acontecido alguma coisa extraordinária. Jeanne quer encontrar templos, quer ver deuses, assistir às cerimônias, entender mistérios. Embora com os pés em fogo, esquece-se dos sapatos que precisa comprar, para me dizer: "Ainda não vi nada, mas sinto que não vou sair mais daqui!" E, como Mofina Mendes, vai imaginando a capengar: "Arranjo um emprego... Falo francês, italiano, inglês... Posso aprender estas línguas orientais... No fim da semana, tomo um trem, um avião... Ou alguém me leva de automóvel... Posso trabalhar numa casa que tenha filiais... A Índia é tão grande... Transferem-me para diferentes lugares..."

Paramos. Não porque a bilha de azeite tenha caldo - mas porque Jeanne não pode dar mais um passo. E estamos à porta de uma sapataria!

Sandálias de todas as cores; de lona, de couro, de matéria plástica, de veludo; sandálias douradas, com enfeites faiscantes; sandálias bordadas a ouro e prata; de todos os feitios, para todos os gostos. As mais lindas são aquelas vermelhas e douradas, com um anel para segurar o grande artelho ou uma roseta para separá-lo dos outros... Jeanne escolhe as mais simples de todas, umas de pano riscado, parecido com a sua saia. "Como devem ser agradáveis!" - exclama a pobre moça, pensando nos caminhos de Bombaim...

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/09/53)



ADEUS, AMIGA

Adeus, amiga: parto amanhã para Nova Delhi. Deixo-te Bombaim, com suas inúmeras seduções, suas cores, seu calor, seu movimento, essa vibração das ruas e dos bazares, atravessada de lamentos de mendigos, vozes de mercadores, argentinas conversas infantis, e o envolvente riso florido das lindas raparigas, cobertas de jóias, berloques, borlas, sedas, musselinas, com os olhos transbordantes de colírio negro e a juventude com uma rosa encarnada nos dentes.

Adeus, amiga: não esqueceremos este encontro inesperado, em terra tão distante. Os que crêem na sucessão das vidas, saberão explicar por que viemos ter aqui, e, sem

anteriores nem apresentações, desconhecendo-nos completamente, andamos uma ao lado da outra pelos mesmos caminhos, vendo os mesmos espetáculos, provando a mesma comida, fazendo as mesmas perguntas e reflexões.

Adeus, amiga: o que me espera, não sei. Vou-me por esses ares, quando o dia ainda for pequenino como um fio vermelho entre a terra e o céu. Bombaim estará adormecida nos seus canais, nos seus vestidos d'água, e, pelas apagadas janelas das casas, os sonhos do sono esvoaçarão, como pássaros que levam e trazem mensagens, panoramas, retratos efêmeros, transmutáveis, irreais.

Adeus, amiga: irei pensando no fabuloso desenho dessas ruas que atravessamos juntas, com todos os seus habitantes aglomerados, e todas as mercadorias expostas, e a vida vivida em todos os pormenores, ao longo dos passeios: os doentes em suas camas; as mães abraçadas com seus filhos; as frigideiras cheias de gordura, com a colher a virar bolinhos que vão ficando inchados e louros; cestos e cestos de grãos amarelos, verdes, pardos; frutas, folhas, flores... Irei pensando na pequena porta onde um futuro filósofo está sentado a ler um livro, - absolutamente desprezado de todos os rumores e ritmos que se desenrolam a seus pés... E relembro os velhos de longas barbas, com pequenos gorros pretos, que parecem ilustrações da Bíblia, e até agora não sabemos se são "parses" ou judeus... Irei pensando nas pequenas lojas onde se amontoam objetos de metal amarelo, e que parecem oficinas do sol; e nos poços de escuridão de onde às vezes emerge, por uma janela despedaçada, um rosto sem tempo nem história, a escorrer luz pelos líquidos olhos, pelos cabelos oleosos, entre véus de limo e flores aquáticas - deusa imprevista que logo se esconde na sombra palpitante. Irei vendo os teus olhos viajarem pelos desenrolados "sares", no mostruário copioso das lojas: pelas suas orelhas prateadas e douradas, pela sua larga barra metálica, onde há pavões e cisnes, lesões e lotus, mas sobretudo a palma clássica, a curva folha, graciosamente torcida que o Ocidente reproduziu nos seus ornatos, interpretada em coração...

Adeus, amiga: levarei a lembrança da nossa aprendizagem de culinária, - quando nos explicavam como fazer complicados pratos de arroz com mostarda, coco, assa-fétida, castanha de caju, tamarindo, cardamomo, cravo, jagri... Que mundo perfumoso, esse Oriente a que chegamos! E a que jardins esmaltados, a que cenários de miniatura nos conduz o prestígio dessas palavras-cinamomo, coriandro, gengibre, açafrão... Não

esquecerei o nosso vagaroso êxtase entre amêndoas e pistacho, inhames e erva-doce, na descrição de pratos que ainda não vimos, e de doces que imaginamos, cobertos de folhas de prata, como em história de Xarazade...

Adeus, amiga: o pó do Jardim Zoológico, de árvores melancólicas, de animais tristonhos, não toldará a tua imagem ao lado de estranhas figuras com as barbas tingidas de henê, de mulheres ainda veladas, com seus capuzes castanhos e violáceos, e apenas uma pequena grade para o olhar; o teu sonho junto às crianças tão pequenas e já tão pensativas, que se entretêm a brincar entre as plantas, coloridas e puras, nos seus vestidos, como policromas anêmonas; e sussurrantes, nos seus enfeites, como sempre-vivas.

Adeus, amiga: fica emoldurada a lembrança - e onde é que as lembranças se emolduram e suspendem? - do largo parque por onde subimos e descemos, à procura de perspectivas, de lugares longe, terrivelmente longe, - enquanto o guia, de braço estendido nos apontava num ponto indeterminado as "torres de silêncio" em que os "parses" mortos são entregues aos corvos... Que imensas árvores se levantavam dos abismos!... E que mansos pássaros se misturavam aos jogos das crianças e ao passeio dos homens, sem nenhum receio de que lhes pudessem fazer qualquer mal!

Adeus, amiga: fica tua figura entre outras figuras amáveis, pelas belas vivendas de Malabar Hill, com suas salas tão altas, suas escadas tão brancas, suas cortinas tão longas, a flutuarem à brisa, por parapeitos entre o céu e a terra, como nuvens familiares.

Adeus, amiga: fica tudo vivo, entre nós - os negros mendigos sem mãos, sem pés, os meninos cegos, as mulheres grávidas, os velhinhos barbados, cobertos de cinza, que nós nunca soubemos se eram feiticeiros ou santos. Ficarás o gesto claro das tuas mãos a distribuir moedas como quem dá milho aos pombos. E o guia a dizer-nos: "Não dêem... não dêem... ou dêem apenas cobres..." E as tuas mãos a procurarem entender rúpias e "annas", sem saberem com que dinheiro se pode tornar alguém menos infeliz.

Ficam vivas as lojas ocidentais onde íamos procurar vestidos de verão,¹ as lojas imensas, tão necessárias e tão sem sentido, com meias, camisetas, saias estampadas, vestidos com botões, cintos, bolsos - essas coisas que o Oriente não entende - essas lojas em cujos balcões se podia ver, melhor que no mais perfeito mapa, a linha divisória de

¹ Sem vírgula no jornal.

dois mundos - de um lado, caixas e caixas de engenhosas coisas de pano, elástico, metal, barbatanas... - do outro, peças de seda e algodão que enrolam o corpo com uma sabedoria antiga, tornando-o imediatamente uma forma, não apenas humana, mas aparentada com os deuses, com as esculturas dos templos e museus...

Adeus, amiga: não esqueceremos as blusas dos bazares, todas recamadas de mica, e o nosso espanto um pouco infantil, e a nossa interrogação cheia de dúvidas: poderíamos algum dia vestir, em algum lugar, aquela roupa encantada, quase mágica - talvez mágica, mesmo... - cor de violeta, cor de mar, cor de papoula, cor de anil, com todo aquele esplendor de luzes presas nas espelhantes escamas? E começávamos a recordar contos maravilhosos, com princesas que tinham vestidos bordados de vaga-lumes...

Adeus, amiga: irá comigo o recorte da praia, larga e vazia, com um pesado sopro de aragem tentando elevar-se das águas e alcançar a cidade. Se fôssemos sempre andando, sempre andando, muito tempo, muito tempo, encontraríamos uma ilha, e nessa ilha uma caverna, e nessa caverna muitos deuses...

Era o templo de Elefanta. Olhávamos para esse lado, ali a poucas milhas... Mas o que estava na nossa frente era o pórtico por onde outrora subiam os que vinham do mar. E ouvíamos as vozes e víamos entre os vultos dos que por ali descansavam a tomar o fresco, fatigados pela noite ardente que descia sobre ²nós como um céu denso de chumbo, apesar das estrelas, de tantas estrelas, e da lua ...

Adeus, amiga: verei as nossas pequenas figuras, na noite larga a passear de "gare", a pequena carruagem de um cavalo, vagarosa e sobrenatural.

Um cocheiro antiquíssimo, com a cabeça muito enrolada num enorme turbante, a mover de vez enquanto o chicote, com um ar de quem não se atreve a bater no animal, seu companheiro de trabalho e de vida. Não dizíamos nada: a carruagem rolava na noite adormecida, o rosto do cocheiro, escuro e silencioso, perdia-se na sombra do turbante e da manta que lhe envolvia os ombros. Rolava a carruagem. Cavalo, cocheiro, tu, eu, estaríamos acordados, ou dormindo? Vivos ou mortos? E quem éramos, com certeza, fora do nosso nome, do nosso passaporte, das relações que ao longe conservávamos - tão longe, além de tantos mares e montanhas...?

² No jornal está : " sobre o nós".

Adeus, amiga: não esquecerei, sobretudo, a pequena música de flauta, pura como um fio de perfume, que começou a subir, muito leve, muito doce, de algum lugar que não víamos. Era um encantador de serpentes? Era um poeta, na solidão, compondo seu monólogo, sob as estrelas? Olhávamos, olhávamos, e não distinguíamos nada. O cavalo sonolento devia também ouvir aquela vaga melodia. E o cocheiro devia saber alguma coisa. Mas não perguntamos. E eu pensava que era Krishna, o deus do Amor, todo azul como safira que de longe chamava, misticamente, as almas enamoradas.

Adeus, amiga: parto amanhã para Nova Delhi.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS 11/10/53)



DESLUMBRANTE CENÁRIO

O clarão da madrugada oriental a estender ramos rubros no adormecido céu. Escadas, terraços, varandas, balaustradas, ainda na sombra. Longos panos estendidos - sáris vermelhos, alaranjados, amarelos, - que uma tênue brisa incha e faz levemente ondular. Os corvos a roerem o tempo, infatigáveis.

Pelas ruas, os primeiros passantes, *dhotis* tão brancos, tão brancos e transparentes sobre finas pernas escuras que o pensamento foge para velhas pinturas egípcias. Frescura matinal das tranças úmidas e das roupas limpas.

Os varredores - a mais humilde gente - acorados, com suas vassouras sem cabo, a limparem os passeios, os degraus, os vestibulos das casas. Turbantes, sandálias, silêncio.

Pequenos adeuses: tudo como nas miniaturas - a cabeça inclinada para o ombro, colares, brincos, braceletes, - o olhar amendoado, o sorriso discreto, uma flor na mão.

Depois, Bombaim, que fica para trás, debruçada no Oceano Árábico, Bombaim já coberta de sol, toda fluida e cintilante - e o verde mapa da Índia que se desdobra em planaltos por onde se percebe o deslizar metálico dos rios. A altitude, a vastidão, o céu absolutamente azul, o horizonte que se descobre em mil pormenores, na transparência do

dia, - uma grandeza maternal, uma doçura, no longo vôo: talvez pela simplicidade silenciosa dos companheiros, quietos nos seus lugares, confiantes naquele céu, naquela terra, naquele ar, como se estivéssemos viajando nos braços ternos de um piedoso deus.

Poder-se-ia desejar que, daqui a cinco horas, uma fita se desdobrasse na nossa frente, como nas gravuras de outrora, e os nossos olhos pudessem ler: "Délhi". Mas, por que nos queixaremos, se a realidade ainda é mais bela, - se aparecem os amigos, carregados de flores, com uma efusão que nos está mostrando como o coração fala a mesma língua em qualquer lugar deste mundo?

O Palácio do Nizan de Haiderabade, que hospeda os convidados oficiais, é um súbito deslumbramento, com seu parque florido, suas escadarias, mas, sobretudo pela cor de seus intermináveis tapetes que forram salões, corredores, varandas, fazendo-nos caminhar como em chão de safiras. Os altos aposentos, os mármore brancos, o pátio interno, com seu jardim cheio de pássaros mansos avivamos a certeza de estarmos no Oriente, embora um delicioso frio nos obrigue a tantos agasalhos. Toda esta brancura, e estas janelas pegadas ao teto e estas imensas portas, e estes pisos de mármore, e estes pátios e varandas de suave sombra são para os dias de verão, o fabuloso verão oriental de que Bernier dizia, há três séculos: "Deveis saber que o calor obriga, aqui, a todo o mundo, inclusive o rei e os homens grados, a andar sem meias, com umas simples babuchas ou pantufas, e um turbante muito fino e leve, na cabeça. O resto do vestuário é no mesmo estilo. Há meses de verão tão excessivamente ardentes que, dentro de casa, mal se poderia encostar as mãos nas paredes ou a cabeça na almofada, sendo todo o mundo obrigado, durante mais de seis meses, a dormir na entrada do quarto, sem manta nem roupa de cama, como o povo humilde faz pelas ruas, ou como os mercadores e pessoas de certa posição, que passam a noite nos pátios de suas casas, em algum jardim bem arejado, ou num terraço que à tardinha foi bem regado."

Mas agora estamos todos embrulhados em lãs, e nenhum tão bem como o guarda da minha porta, com o seu manto branco, de muitas voltas, feito desse tecido de Cachemir, tépido e caricioso, ao mesmo tempo belo de ver e agradabilíssimo de usar, e que parece, nas suas pálidas pregas, um vestido de marfim.

O guarda da minha porta ensina-me logo duas palavras de hindi - *varanda e chabes* - e é como se o ouvisse falar português...

E, com essa iniciação, deixo-lhe a chave do meu quarto, que ele chama *cam'ra* - como com certa imponência clássica também eu poderia dizer - e sou arrebatada pela cidade cor-de-rosa, esta Nova Délhi ocidental, de jardins grandes e virentes, que encobrem residências brancas, de estilo sóbrio, numa paisagem plana e repousante, de ruas muito largas, que se cruzam em amplos hexágonos.

Esta cidade é cor-de-rosa porque os grandes edifícios, construídos de grés avermelhado, adquirem ao sol uma irradiação de aurora ou luminoso ocaso e essa tonalidade, e o azul do céu, e os jardins verdes formam o cenário deslumbrante por onde passam, como em sonho, homens de turbantes multicores, mulheres de vaporosos sáris, crianças vestidas como ídolos, e essas carruagens que são a minha paixão, com uns cavalinhos quase alados, e que até parece que sorriem, todos enfeitados com penachos, colares, xailes e flores! (Ah! meus amigos, se tiverdes de reencarnar, e de vir - Deus vos proteja, mas quem sabe o que nos espera!... - de vir sob a forma de bicho, fazei o possível para serdes cavalinhos de Délhi! Tereis estes colares azuis, de contas grandes como ovos; tereis plumas encarnadas, cor-de-rosa e alaranjadas, no topete; arreios dourados, e flores nas orelhas... Tereis uma carruagem toda reluzente de negro, vermelho e ouro. E um cocheiro de turbante, que move o chicote por amor ao gesto, mas que não bate nunca... E tudo é como um bailado entre o céu e a terra, com belas moças recostadas, tintinantes de jóias, que vão como nós para os lugares antigos, onde só se fala de Xá Jehan e de Aurang Zeb e do trono do pavão, que Nadir Xá roubou e levou para a Pérsia...)

Esse trono tinha seis pés de ouro maciço, e era todo cravejado de diamantes, esmeraldas e rubis. No espaldar, havia dois pavões de cauda aberta, - e as cores da plumagem eram minuciosamente imitadas em pedras preciosas. Dizem que entre os pavões havia também um papagaio, talhado num bloco único de esmeralda. Nesse trono, dava o soberano suas audiências, vestido de cetim branco bordado de flores de ouro, e com o peito coberto de colares de pérola. Do seu turbante de tela dourada, saía um penacho de diamantes, com um topázio que era o retrato do sol...

Mas Jorge Manrique já tinha perguntado dois séculos antes:

*...los edificios reales
lienos de oro,
las bajilas tan fabridas,*

*los enriques y reales
del tesoro;
los jaéces, los caballos
de sus gentes y atavios
tan sobrados,
donde iremos a buscarlos?
Qué fueron sino rocios
de los prados?*

Foram só orvalhos dos prados, essas riquezas; mas os palácios persistem, na sua magnificência, com seus mármore por onde corriam arroios refrescantes; com suas paredes e seus tetos pacientemente lavrados de flores; com suas grades de alabastro - rendado, para se ver sem se ser visto...

E é a grande mesquita, com suas escadarias, com suas cúpulas e minaretes, na praça apinhada de gente que vende comidas, flores, jóias, objetos de metal, frutas, e as crianças que pulam, pedem esmola, riem, choram, e os velhos que tropeçam em tudo, cobertos de andrajos, de barbas, de resignação, e de inviolável fé - porque só Ala é grande e Maomé é o seu Profeta...

É o Kutb Minar, a maravilhosa torre, que se eleva como uma planta mágica, em cinco andares, vermelha, rósea, alaranjada, com balaustradas de onde se contempla o céu, o casario, a mesquita, o parque, o resto do templo hindu, e a sua profusão de colunas todas diferentes umas das outras... No meio de tudo isso, o misterioso Pilar de Ferro, que não se sabe como pôde ser fundido nem transportado, e que quem conseguir abraçar, de costas, ficará feliz para sempre...

E há os túmulos imperiais... E os jardins...

Nos jardins é que passeiam as belas moças que descem dos carrinhos puxados pelos indescritíveis cavalos de Delhi. Passeiam todas enfeitadas *de flores* - nos cabelos, nos pulsos, no pescoço, com as longas tranças pelas costas, e os véus úmidos de brisa. Algumas vão descalças, com argolas de praia nos tornozelos; outras usam umas sandálias de bico recurvo, muito flexíveis, de fina pelica; outras, sandálias completamente cobertas de bordados em ponto de cadeia... Passam, miram as inscrições gravadas nas paredes, nos túmulos, nas torres...

Pelo chão, as famílias sentam-se em grupos, a comer frutas e grãos, cercadas de pássaros, que não fogem de ninguém.

E às vezes vem uma menina, mansa como os pássaros, com uma doce voz muito tímida, oferecer cestinhas pequeninas, muito delicadas, que não custam quase nada... E logo desaparece entre os monumentos milenares, como uma estrela cadente que a noite imensa reabsorve.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 24/10/53)



RETRATO DE UMA OUTRA FAMÍLIA

Estávamos todos muito emocionados, quando hoje nos reunimos no lugar do assassinato do Mahatma Gandhi. Tão pura, a manhã, - tão leve, tão alto, tão diáfano o céu! - tão delicioso, o sítio, agora contornado por uma suave moldura de arbustos, que a lembrança da tragédia ali se transformava em sonho. Todos íamos tão silenciosos que se ouvia o ranger da areia, em nossos passos; e sentia-se o borbulhar dos nossos pensamentos, cuja dor se atenuava naquele recinto de paz. Estarão mortos, realmente, todos os mortos?

Quase em segredo, alguém recordava o episódio fantástico: ele estava ali, - como de costume - para uma reunião mística. Daquele lado, veio o assassino, um místico exaltado (ah! quem sabe por que se mata e por que se morre, e quem, realmente, está matando ou está morrendo?) e prostrou-o a tiros. Aí caiu. Exclamou apenas: "Ó Deus!".

A descrição diluiu-se no ar, - porque o céu é muito alto, e o horizonte muito amplo, e o sopro da palavra humana, - como o próprio sopro da vida, - uma coisa tênue e fugitiva, sem vestígio nem eco.

A sombra do acontecimento, aqui, no verdadeiro lugar em que ocorreu, não tem nenhuma escuridão, não possui densidade de sofrimento. Nesta atmosfera da Índia, tudo se torna transitório - e transparente. Tudo vem até os homens e logo volta para Deus. Há circunstâncias violentas, - como a desta morte. E há uma saudade, uma camaradagem perdida, - como a desta ausência. Mas a humildade da condição humana é um sentimento profundo, perenemente acordado nestes olhos que nos olham, nestes lábios que nos

falam, neste gesto que ondula obediente, - e a doçura de ser humilde é tão adorável que se torna paradoxal, e é como um grande orgulho. Porque há no místico essa perturbadora incoerência: quanto maior seja a sua modéstia, e mais completa a sua renúncia, mais fácil a sua aproximação de Deus.

Deus, Deus, sempre Deus. Como no último instante, na boca do Mahatma, essa é a palavra mais vivamente escrita por toda a parte, em terras da Índia, seja nos variados caracteres dos diferentes idiomas, seja sem forma alguma, - e, no entanto, visível, nítida, - nos monumentos, nos caminhos, nas altitudes, na posição de cada coisa, na concordância de cada ritmo e de cada som.

Fomos colocar uma coroa de flores no lugar em que foi cremado o corpo de Gandhi. A paisagem é tão bela que se tem vontade de ficar ali para sempre, sem nenhuma dependência do mundo, pensando: sentindo elevar-se, deste efêmero corpo que nos conduz, esta espécie de chama em que nos reconhecemos. (Esta espécie de chama que a todo instante múltiplos ventos dispersam, torcem, abafam!)

Caminhávamos todos juntos, sem falar. Com uma espécie de alegria deslumbrada. Éramos ainda todos desconhecidos uns dos outros. Vinhamos de lugares tão diferentes! - da Inglaterra e do Japão, da França e dos Estados Unidos, da Itália e do Irã, do Egito e do Brasil... E, com os discípulos e amigos de Gandhi, tirávamos os sapatos para nos aproximarmos respeitosamente daquele venerável sítio onde o fogo consumira seus ossos, e onde mãos devotas estão perpetuamente desenhando, com brilhantes corolas, no bordo da pedra, o nome de Deus, com que se encerrou a sua vida. Deus, Deus, sempre Deus.

Todos juntos colocamos a coroa de flores, que carregáramos juntos, como se nessa homenagem houvesse um compromisso de solidariedade total. E ali nos demoramos, sem palavras, entre pessoas da terra, que nos fitavam sem saber quem fôssemos - homens, crianças, mulheres, velhos, envoltos em xales, vestidos de grossos casacos, - tranças, barbas, turbantes, "sares" - todas as cores dos jardins em sedas e lãs: amarelo de girassol, carmesim de buganvília, brasa de gladiolos, todos os tons de fúcias, papoulas, anêmonas.

Por que nos encontrávamos ali? Por que nos tinham chamado de tão longe? E por que tínhamos vindo? Que desejavam de nós? E que podíamos fazer? Como em sonho,

terminávamos a nossa visita àquele homem desaparecido, e, no entanto, bastante presente para arrastar-nos aos lugares do seu desaparecimento, e para nos reunir, durante dias e dias, em redor das suas idéias, na tentativa de ajudar a construir um mundo melhor.

Que pensava cada um de nós, naquele momento? Qual de nós saberia bastante para ajudar a resolver alguma coisa deste mundo? E até onde vai o poder dos homens e a força dos acontecimentos? E que são, na verdade, as idéias de Gandhi? E quais são as que têm o poder de modificar os fatos e as criaturas, e a força de caminhar por este vasto e desvairado mundo, e a magia de deixar em cada porta exatamente a mensagem que cada habitante deseja, necessita, espera e aceita com amor?

E agora somos este retrato: Professor Tucci, que vem da Itália, onde dirige uma instituição de estudos orientalistas. Nervoso, apaixonado pelos assuntos de sua especialidade. (Ouvi dizer que fala trinta línguas orientais). Sentou-se, cruzou a perna, sossegou um momento. Mas sua alma está por esses caminhos da Índia, pelas aldeias tão pobres e tão limpas de que já me falou com ardor. Está pelo Tibé. Está entre fragmentos de cerâmica antiquíssima, com que anda ressuscitando não sei que mundo, ou construindo não sei que teoria.

Dr. Mohamed Hussein Haekal, do Egito, grande sabedor de Direito e de Educação com um pequeno sorriso quase satírico, - mas tão afável, - apesar de tristemente convencido de que os problemas da humanidade são igualmente amargos nos quatro pontos cardeais. Com olhos fatigados, fita a objetiva através de grossas lentes. Mas quem poderá dizer o que está vendo, enquanto se deixa reduzir a sua simples fotografia?

Lord Boyd Orr, que é Lord e é prêmio Nobel. Rosa e neve. Com umas sobancelhas que parecem uma floresta branca. As mãos, inquietas por saírem do lugar, para pescarem o cachimbo, o tabaco e os fósforos. O lábio inquieto por uma breve história humorística que lhe acenderá nos pequenos olhos profundos uma faísca de inteligência igual à do fósforo logo transformada em aroma e fumo.

Dr. Matine Daftari, do Irã, entre solene e irônico, adornando conceitos de jurista internacional com versos de Firdusi, Saadi e Omar Khayyam... Pousou nos joelhos o grande chapéu de feltro. (Para ele, a Pérsia antiga tornou toda a Beleza mais bela, porque lhe deu requinte).

Dr. Ralph Bunche, americano, e prêmio Nobel da Paz, tem o ar de quem procura uma fórmula prática e eficiente para a solução pronta de todos os problemas. Será por isso que torce um pouco a mão?

Professor Massignon, do colégio de França, um erudito que sabe tantas línguas quanto o professor Tucci, e cuja cabeça, todas as vezes que o encontro, me faz pensar em Romain Rolland: o mesmo ar sonhador, a mesma face magra, e a atitude um pouco ausente do estudioso que vem de longe, arrancado a seus livros...

Professor Yusuke Tsurumi, pacifista japonês, tão lúcido, tão sensível, de uma cortesia milenar...

Os discípulos de Gandhi: Pyarelal, que foi seu secretário - e usa o "dhoti" branco, o pequeno gorro, e um grande xale de lã... Saheb Kalelkar, também veterano das campanhas antigas, apaixonado pelas ardentes idéias que palpitam em cada frase do Mestre... Narendra Deva com um ar feliz de quem teve nos olhos uma inesquecível revelação.

Os altos funcionários do Ministério de Educação: Junankar, - severo; Saiyidain, - extremamente doce; Kabir, - cintilante e sorridente; Sethi, - amável, um pouco distraído, um pouco esportivo; Nagappa, - discreto, quase tímido.

Eis a família que somos, agora, aqui sentados, diante dos fotógrafos. Uma família cujo o sangue deve ser de pensamento e amor.

A Sra. Alva Myrdal, enviada da UNESCO, vem para uns breves instantes. Fica entre o ministro de Educação, Maulana Abul Kalam Azad, e o primeiro ministro, Pandit Nehru.

Os fotógrafos estão por todos os lados, em todos os ângulos, nesse pátio do Parlamento. (Daqui a pouco será a inauguração do Seminário). Fixam todas essas figuras no papel. Mas a que não aparece é a que mais se vê: irradia, cheia de enigmas e sugestões, fala, exemplifica, insiste: é Gandhi, o Mahatma, cujos ensinamentos atravessaram as fronteiras da Índia imensa, e chegaram a todos os povos... (Por amor aos seus ensinamentos, de tão longe, e alheios uns aos outros, viemos todos ter aqui).

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 08/04/53).

RITMO DE UM CONGRESSO

Muitas coisas me encantam neste palácio do Nizam de Haiderabad, onde estamos instalados, nós, os estrangeiros participantes deste congresso reunido em Nova Delhi. Da sua arquitetura não sei muito, ainda não tive tempo de reparar pelo lado de fora: por qualquer porta que saia, sou logo abraçada pelo jardim de flores (muitas rosas, muitos amores-perfeitos) e há sempre coisas que me distraem e não me dão tempo de levantar os olhos para o edifício.

Quando cheguei aqui, a primeira grande impressão foi a dos tapetes. Estas grandes salas assim forradas de um azul suntuoso, mais carregado que o das turquesas, porém mais festivo que o das safiras, são como uns imensos escrínios, de muitos silêncios acumulados, de suaves muralhas que separam do mundo e tornam possível o supremo de pensar. Aliás, é como se os tapetes estivessem eles mesmos pensando, - pois, sobre esse azul luminoso e mineral, correm arabescos, despontam centelhas, desdobra-se um universo misterioso como o que surge do fundo dos caleidoscópios.

O palácio tem, naturalmente, confortabilíssimas poltronas, armários, mesas, estantes, mas tudo isso lembra o Ocidente que, visto daqui, é bem triste, mesquinho e vão. Os tapetes, ao contrário, fazem parte desta atmosfera: eles repetem, dentro de casa, a maravilha dos jardins que, na verdade, são, no Oriente, a imagem do Paraíso. Caminha o olhar pelas suas cores como por alamedas floridas, sentindo o polígono dos canteiros e o arco-íris do sol nos jorros d'água. O oriental senta-se nos seus tapetes exatamente como num relvado, num campo, numa primavera. Os tapetes guardam todas essas lembranças de flores, pássaros, borboletas, arroios, brisa, estrelas, - o passo dos homens e a presença de Deus.

O palácio tem um pátio interno, quadrangular, com os seus canteiros geométricos e um passeio em toda a volta. Pois os tapetes saem de casa e caminham por esse passeio: como grande lagarta azul, deslizam pelo mármore; - vão ver o jardim verdadeiro que ali cresce, resguardado do mundo, e cujo destino é alegrar as portas dos aposentos que o contemplam dos quatro lados.

Afirmaram-me que, muito cedinho, o rouxinol vem cantar neste jardim. Por sua causa, tenho feito o possível por madrugar: ouço várias conversas de pássaros (embora

não as entenda, como, outrora, certos sultões felizes), - mas não encontro, nelas, a sua voz. O que se imagina é quase sempre mais belo do que o existente. Imaginarei, portanto, o rouxinol, que aqui se chama "bulbul", e o canto borbulhante como o seu nome, a cascata musical desenrolada sobre estas plantas, quando o céu ainda é cor de rosa.

Outra coisa que me encanta é a água despenhada no mármore do quarto de banho. Estamos no inverno, faz muito frio, mas tenho reparado que este mármore tem uma temperatura suave e uma superfície tão aveludada que não se sente nenhum desconforto em caminhar por ele de pés descalços. Enquanto me deslumbro nestas largas festas d'água, o muçulmano que se ocupa do meu quarto e da minha pessoa pousa na peça contígua, ao lado da minha cama a bandeja do chá da manhã.

Andei sem saber que título dar a este jovem, todo tiritante nas suas vastas roupas de lã branca. Vejam o que ele faz: à hora que lhe indico na véspera, "tchê", "sat", "solisat" (mas tendo o cuidado de mostrar-lhe os dedos, para entender bem que são seis, ou sete, ou sete e meia), vem trazer-me a bandeja do chá. Coloca-a na mesa, e retira-se. Quando presume que já estou vestida e pronta para o pequeno almoço, bate-me levemente à porta. E oferece-me com uma reverência e o "salam" muçulmano um botão de rosa encarnada. (Este botão de rosa não é galanteria nem privilégio. É um uso. Se estivéssemos no verão, a rosa seria amarela). Depois, enquanto estou tomando o pequeno almoço, na sala comum, com os companheiros, ele se ocupa do meu quarto: arranja a cama, põe flores novas na jarra, fecha a porta e vai entregar-me a chave. Quando chego das reuniões ou de alguma festa, lá está ele à minha espera, à entrada do palácio. Tira-me a chave da mão e vai na frente para abrir-me a porta. Faz-me outra reverência, pergunta (já nos entendemos) a que horas deve trazer o chá no dia seguinte - torno a mostrar-lhe pelos dedos, "tchê", "sat", "solisat", e com outro "salam" nos despedimos. Pela manhã tudo recomeça do mesmo modo.

Pois, como ia dizendo, eu não sabia que título dar a este jovem, que não é um criado, que não é um porteiro, que é uma espécie de poeta e de anjo da guarda, que me ensina que água é "páni"; leite, "dudh"; pão, "ruti"; quente, "garam"; frio, "thanda"; bonito, "sundar"; limpo, "sáfar"; que não se importa nada com papéis rasgados nem ralos entupidos, mas se interessa muito por flores, pássaros, panos bordados, versículos do Alcorão... Perguntei aos meus amigos indianos que coisa era uma pessoa assim.

Disseram-me: "tchucla" ou "nókar". Mas custava-me, dar-lhe esses nomes. Ele não era um criado, na concepção ocidental. Depois, reparei que os da sua classe se tratavam uns aos outros de "bai" - o que quer dizer "irmão". Está claro que eu não o trato assim, mas pelo seu nome. No fundo do meu coração, porém, ele é como um irmão, um irmão muçulmano, sob o céu hindu - o que me parece um sentimento verdadeiramente cristão. E essa é outra coisa que aqui me encanta.

O professor Tsurumi, que é o nosso colega japonês, foi o primeiro a descobrir a mansidão dos pássaros deste pátio. Ele vinha lá do seu quarto, para a sala do pequeno almoço, com o seu andar tão característico de japonês vestido à ocidental. Vinha andando, vinha andando, e os pássaros não se importavam com ele. Então, o professor parou. Os pássaros, na mesma, a conversarem os seus assuntos particulares ou universais. O professor achou interessantíssimo. Desceu do passeio. Aproximou-se dos pássaros. Nem olharam para ele. Porque os pássaros na Índia não tem medo dos homens. Não há memória, na sua tradição, de homens que houvessem feito mal aos seus antepassados. Ficamos todos ali a pensar em pássaros mansos, em gente mansa, e eu a recordar aquela palavra do jovem muçulmano: "bai". Podíamos todos ser irmãos? Podíamos. Devíamos.

O pequeno almoço é muito ocidental, com chá e café, papas de aveia, geleia de laranja, torradas. Até ovos estrelados, para quem quiser. E grãos torrados - amêndoas, pistaches - a melhor coisa da mesa, para quem deseja sentir o Oriente em redor de si.

Depois do pequeno almoço, partimos todos para o Parlamento, vastíssimo edifício, de altas escadarias - elevadores, varandas, portas, saris, turbantes que vão e vêm - onde se realizam diariamente as reuniões do congresso. Cada um ocupa seu lugar à mesa, presidida por Lord Boyd Orr. Começam as exposições, os debates. O microfone roda de um lado para outro. Ao fundo do recinto, os assistentes acompanham os trabalhos.

Quem pensar que os indianos são lentos e vagos, não está pensando com acerto. Têm-me acontecido não poder acompanhar a marcha de um destes companheiros. Não sei como podem dar passos tão grandes, com pernas que não são assim tão compridas.

Pois no congresso é o mesmo. Eles falam, justificam, aparteiam, insistem, voltam atrás, continuam, decidem.

O que mais me encanta na Índia é a ânsia do povo em realizar coisas boas, de um modo exato. A ânsia de construir. De dar um sentido à Independência, obtida com tantas e tão longas lutas. A busca de uma direção. Um interesse patriótico, junto ao eterno interesse sobre-humano. Realmente, como uma ressurreição.

Nós, os do Ocidente, devíamos estar aqui para aprender. (Esta é a minha opinião). Mas estamos também para contribuir. (O que me parece gentileza oriental). Às vezes, nem ouço o que estão dizendo em redor da mesa. Vou fugindo, fugindo... Vou achando todos os pensamentos ocidentais rasteiros e incolores, diante da experiência humana deste lado do mundo, tão alta, tão viva, tão copiosa.

Depois, volta-se para o palácio de Haiderabad. Recordo o que se disse, o que se pensou. Enterneço-me. Tudo me parece transcendente, mesmo o vulgar e fátuo, neste encontro e nestas discussões. Afinal, todos poderíamos dizer uns aos outros, neste grupo: "bai". Seria suficiente.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 04/08/54)



OCIDENTE PERPLEXO

Lord Boyd Orr, que está presidindo esta sessão do Seminário, depois de breves indicações sobre a marcha dos trabalhos, começa a falar de Gandhi. Um homem que disse: Deus é verdade e amor. Coisa que já não era inédita. O inédito é a sua aplicação à vida diária - à política e à economia. Gandhi lidava especialmente com a Índia. Como poderão ser seus métodos aplicados no resto do mundo?

Lord Boyd Orr com seus cabelos e sobrancelhas muito brancos e cintilantes desaparece, de vez em quando, aos meus olhos: escuto apenas a sua voz, moderada, experimentada, voz de Prêmio Nobel e de muitas andanças por este mundo, - voz que parece vir de uma alta montanha nevosa toda amaranhada em cristais de água. Lord Boyd Orr levanta o indicador e chama a atenção dos ouvintes para um certo número de fatos que lhe parecem muito importantes. E enumera-os: o avanço da ciência e os poderes

imensos que ela tem colocado ao alcance dos homens (pode-se fazer ou destruir o mundo com grande facilidade). A centralização do poder: um pequeno grupo pode dispor do mundo inteiro. A expansão da educação e um mais alto padrão ético de vida: as criaturas querem viver em paz umas com as outras.

Lord Boyd Orr declara este Seminário muito importante, pede que todos se manifestem livremente e dá a palavra a Acharya Kripalani. (Não sem dizer, com seu humor inglês que, se pronunciar mal o nome de qualquer dos presentes, isso não deve ser tomado como ofensa...).

Acharya Kripalani parece um pássaro branco, - todo envolto num xale do Cachemir, com o "dhoti" a subir-lhe dos tornozelos magros até a cintura; um colete de lã bege a proteger-lhe o tronco um pouco arqueado - nariz adunco, face pálida, o cabelo ralo penteado para trás. Tem na boca um sorriso constante, embora vagamente triste. E uma remota cintilação nos pequenos olhos escuros, sempre um pouco além do horizonte.

Companheiro de Gandhi, tendo sofrido numerosas prisões por atividades anti-britânicas, político, estudioso de História, Acharya Kripalani parece exercer grande influência na orientação ideológica do seu meio. Apresentou ao Seminário uma longa contribuição sobre Gandhi e seus pontos de vista. Como essa contribuição foi escrita, acrescenta alguns esclarecimentos orais: que Gandhi não foi um pacifista no sentido comum do termo. Para ele, o maior mal não era a violência, mas o medo. Gandhi queria ver o seu povo livre do medo. Por medo, pode-se suportar humilhação e tirania. Pode-se ser até criminoso, por medo. A violência, ao menos, é positiva; o medo é negativo. A violência é vitalidade mal orientada. Pode ser orientada convenientemente.

Insiste na explicação de não-violência de Gandhi, uma não-violência de alma forte; disposta ao sacrifício; na sua capacidade de ficar só com as suas idéias, quando as considerava certas, a despeito de quaisquer opiniões divergentes; no seu sentido de "urgência", no impulso para a realização do que lhe parecia inadiável.

Depois dessas observações, e quando Lord Boyd Orr oferece a palavra a³ quem quiser discutir, o americano dr. Ralph Bunch, prêmio Nobel da Paz, principia a falar. Fala de um modo muito especial mas que, segundo já ouvi dizer, é considerado o modo elegante de discursar em inglês: com ar titubeante de quem pede muitas desculpas por

³ Este "a" não tem no original.

estar usando a palavra, com pausas tímidas, incertezas, reticências. Em suma, o dr. Ralph Bunch deseja saber como Gandhi conseguiu atingir o povo, melhor que ninguém. Qual era a sua técnica? Era a sua influência que o diferenciava dos outros chefes? É certo que, por toda a parte, há um desejo de paz, como acentuou Lord Boyd Orr: mas nem as pessoas nem as organizações encontram meios de atingir o povo com uma fórmula eficiente, como Gandhi conseguiu no seu país. Fórmula que se faz indispensável para evitar acontecimentos desastrosos.

Quando Achárya Kripalani começa a responder, não posso deixar de refletir sobre as distâncias que medeiam entre o Oriente e o Ocidente, sobretudo quando esse Oriente é a Índia, e, esse Ocidente, os Estados Unidos. Tão grande é essa distância que permite, depois de certo tempo, a interferência do professor Humayun Kabir, para quem a arte de fazer discursos é absolutamente oposta à do dr. Bunch. Vivíssimo, inteligentíssimo, tão rápida é a sua elocução que eu, se pestanejar, perco o fio de suas palavras.

Então, o professor, que está secretariando o Seminário, começa a explicar melhor o que diz o dr. Bunch acerca da importância de Gandhi sobre a multidão. De passagem, vai respondendo, também. Fala da identificação de Gandhi com seu povo, adotando suas crenças e seus costumes, sua atitude, sua linguagem, seu vestuário...

Kripalani continua as revelações: certamente, foi o tempo próprio, sua identificação com a alma do povo indiano e o uso de novas armas que lhe permitiram essa vitória sobre a Inglaterra. As novas armas da não cooperação, da descentralização e do descontrole do poder. E da aceitação do sacrifício. É preciso que algumas nações dêem esse exemplo. Kripalani crê na abolição dos conflitos, não-violentemente, pela força moral do desarmamento. No seu entusiasmo - entusiasmo que todos lhe reconhecem - sugere que as nações digam como Cristo: "Vou morrer na cruz" - e se deixem crucificar pela salvação do mundo.

Então o francês Massignon insinua delicadamente que os homens têm sido preparados para morrer na guerra e não para evitá-la; mas acha que também poderiam ser educados dentro dos ensinamentos de Gandhi. Recorda o Mahatma; repete suas palavras: "Deus é⁴ a essência do amor". Crê que, por amor, se poderá formar, nas criaturas, uma personalidade capaz de afirmar: "Estou pronto a sacrificar-me por amor à não-violência".

⁴ No jornal que nós temos existe um espaço em branco no lugar do "é".

Crê, também, na importância do voto. Do voto no sentido de promessa ou juramento. O respeito à palavra empenhada.

E é assim que, das perguntas do dr. Bunche, se vai originando uma explanação múltipla de pontos de vista, uma vasta explicação das idéias de Gandhi, suscetíveis de originar largas interpretações.

Todos se esforçam por esclarecer. E Kaka Sahed Kalelkar penetra profundamente no assunto: Gandhi (que ele diz Gandhiji, por veneração) acreditava no poder moral e na força moral do povo, não na sua força bruta. Para se combater sem violência, é preciso possuir força moral. Conhecia seu povo, sabia que o podia dirigir e unir. Enquanto os administradores e governadores não dispõem senão de força física e de diplomacia; ele dispunha da força e do poder moral da Índia.

Assim prosseguem os debates. O Ocidente e o Oriente face a face. Duas visões do mundo. Dois conceitos de vida, de heroísmo, de luta, de vitória. O dinamismo e a renúncia. Os pés bem agarrados à terra, e a frente bem perto das estrelas. Um progresso físico e um progresso espiritual.

Na verdade, onde começa o Oriente? - O professor Tucci disse-me: "Em Napoles..."

Mas os debates continuam: o Ocidente quer saber mais; o Ocidente ainda não entendeu bem a técnica da não-violência, do sacrifício, do amor, e da alma sozinha diante de um exército... (Esse Ocidente perplexo!)

(CORREIO DO POVO, //)

☪

☪

FALA NEHRU

Desnecessário descrever Nehru: é exatamente como se vê nas fotografias e nos filmes - de cor, moreno dourado; de olhar, inteligentíssimo; de sorriso, festivo; de gesto, nervoso.

Principia a falar, - não em "hindi", mas em inglês, com uma expressão que se inflama, apaixonada, e logo se evapora em leveza e gratuidade. O que no Maulana Abul Kalam Azad era força, majestade, fogo, aqui se transforma em elegância, graça e luz, - tanto somos todos diferentes, mesmo debaixo do mesmo céu, nutridos pelas mesmas lutas, voltados para o mesmo horizonte, vivendo os mesmos problemas.

Pensar é um exercício difícil, e talvez se possam contar, no mundo, as pessoas que pensam. Mas pensar com beleza, saber colocar cada pensamento no lugar mais harmonioso, como o ourives engasta a pedra preciosa e o pintor pousa a tinta e a bordadeira a flor, - isso já é pensar duas vezes, e, depois de ser homem, ser artista. E fazer-se ouvir duas vezes, com o que se diz e com o além das palavras, que é um panorama submerso, mundo mágico, para viagens mais importantes.

Pandit Jawaharlal Nehru nasceu, conforme se lê na sua autobiografia, em Allahbad, a 14 de novembro de 1889. Aparentemente, não há nenhuma concordância entre essa data e a sua pessoa. Como se a natureza tivesse descontado de sua vida todos os anos de prisão e sofrimento. Como se o tivesse restituído à adolescência, mas a uma adolescência enriquecida por essas claras amarguras, transformadas em sabedoria jovial, e - pelo menos à superfície - cortesia, disponibilidade, entusiasmo, iluminação.

Aborda o assunto do Seminário como o faria um poeta. Esquiva-se ao título de Pandit, alegando não ser sábio nem filósofo, e não saber muito exatamente o que dizer sobre o tema. Logo porém acrescenta que, se não sabe dizer coisas positivas, a respeito, sente, por intuição, o valor do que há para discutir. E sente-o por já ter pensado muito, sobre essas idéias, e também por ter conhecido Gandhi.

Discorre, então, sobre Gandhi. A sua complexidade. A multiplicidade de interpretações a que podem conduzir seus ensinamentos. Qual era a sua técnica? Seus métodos, quais eram? Não parecia ele, por vezes, confuso e contraditório? Mas não seria, ao contrário, simples e coerente, e deformado pelas nossas confusões e contradições?

(Eis a minha felicidade, neste momento: presenciar esta coisa fabulosa que é Nehru a falar de Gandhi).

E Nehru fala transferindo o tema para domínios subjetivos. Porque não pensa em técnicas nem em ação, quando pensa em Gandhi. Não pensa em termos de lógica, mas de

maneira emocional. Calidamente. E Gandhi era para ele como Sócrates fora no passado para certos interlocutores, com um efeito de presença difícil de discernir e definir.

Insiste nesta nota do que é "humano", e do que se "sente" sem se poder medir, - das coisas de natureza imponderável. Como se mede a bondade? e a tolerância? - qualquer coisa digna de apreço: a beleza, a verdade...? Não se podem medir. Sente⁵-se.

E põe-se a discorrer sobre a missão dos líderes. E como conduzir os homens e os povos. E até onde. E os limites de receptividade de cada um, mesmo para as mais altas coisas. (Mesmo ou principalmente...) E a diferença que há entre trabalhar-se pela própria perfeição e trabalhar-se pela perfeição alheia...

E o que é a verdade. Não já a Verdade maiúscula, mas esta de todos os dias, com seus sucessivos degraus. E as coisas certas, quais são? Ou, pelo menos, qual é a direção certa? Pois é preciso haver uns certos princípios, de modo que, verificado um erro, na marcha do nosso experimento de viver, possa haver também uma correção, mas não se interrompa ou modifique o rumo... Pois é preciso haver pontos de referência, para sabermos se uma coisa é boa ou má... (E que não de fazer os líderes, entre a solicitação profética e a solicitação cotidiana? Entre o Absoluto e o Relativo, - suponho...).

E Nehru apresenta-nos um Gandhi profético e humano, ao mesmo tempo firme e inflexível e adaptável. Um Gandhi a aplicar na imensa multidão, e no campo político, velhas verdades apenas enunciadas ou individualmente tentadas.

A simplicidade de Nehru, ao expor a complexa personalidade de Gandhi, torna-a imediatamente compreensível e amável. Pois é fácil de ver-se o Mahatma condenar, sem rancor; amar, com isenção; com uma das mãos investir contra o crime e, com a outra, amparar o criminoso. E impregnar o seu povo desse poder de não guardar amargura nem ódio contra os adversários, seja qual for a luta.

Por falar em luta, passa-se a uma análise rápida - mas nem por isso menos profunda - das guerras e de seus resultados. A vitória, nas guerras, significará sempre a chegada a um objetivo ambicionado? Ou, depois das vitórias, será preciso atingir outros objetivos, e, portanto, começar outras guerras?

Quando percebe que está discorrendo sobre guerra e paz, o Primeiro Ministro da Índia declara "com todo o respeito" que muito se fala de paz, mas nem sempre com

⁵ No jornal está "sentem-se".

grande sinceridade. Refere-se aos políticos, aos estadistas, aos dirigentes. Embora reconheça que eles, tanto quanto o homem da multidão, desejem a paz, também, no fundo da sua alma.

Ora, pela aplicação das idéias de Gandhi, é possível conduzir as criaturas a uma compreensão mais feliz da vida. É possível mesmo mostrar-lhes que, para se convencer uma pessoa, não é indispensável quebrar-lhe a cabeça...

De vez em quando, passa pelo discurso de Nehru como um vento de primavera, na frescura de certas imagens, na transparência de certas expressões. Como se falasse o adolescente, o estudante, o jovem cheio de entusiasmo que ajudou a construir a independência de seu povo com o sacrifício de tantos dias sem retorno.

O sorriso de Nehru, depois de tantas palmas, é inesquecível e comovente, quando se conhecem as tragédias de seu passado. Ele exemplifica o perdão e a generosidade de uma alma que sabe quanto perdeu no mundo, e não se fecha em paredes soturnas de rancor ou desgosto: ao contrário, - volta-se para todas as criaturas, amavelmente, cordialmente, e procura ajudá-las nesta busca de orientação, com essa gentileza dos homens bem nascidos, ao mesmo tempo grandiosa e displicente.

Falam outros oradores. Dizem coisas certas, coisas justas, coisas necessárias. Perduram, porém, as palavras de Nehru, - embora já tenham passado. Não só por terem sido como foram, mas por quem as disse. Por toda essa história de longe, pelo sofrimento vencido, pelo sacrifício atravessado. Pois dizer bem é, certamente, belo. Mas dizer bem, depois de se ter experimentado na carne e no espírito aquilo que se está dizendo é, certamente, ficar imortal.

Dissolve-se a tarde, dispersam-se os acontecimentos. No peito de Nehru, brilha o botão de rosa encarnada. E brilha o seu sorriso, humano e próximo, sobre as palavras do seu discurso que vai ficando longe, ampliado, além do Parlamento, além de Nova Delhi, por cima do mundo.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 28/08/54)

UMA VOZ NO ORIENTE

Faz-se um grande silêncio, na sala do Parlamento, quando Maulana Abul Kalam Azad, ministro da Educação, começa a falar, na sessão inaugural do Congresso reunido em Nova Delhi para estudar a contribuição das idéias e técnicas de Gandhi na solução das tensões nacionais e internacionais.

Maulana Abul Kalam Azad é uma figura robusta, apertada numa casaca cinzenta - essas casacas indianas, tão simples e solenes, abotoadas da gola até a cinta - e cujas abas vêm até o joelho, na cabeça, um negro barrete cônico. Sua face enérgica e ao mesmo tempo cordial recebe um lampejo de prata que lhe vem dos bigodes e do cavanhaque grisalhos. Lampejo que deve corresponder ao do olhar, oculto, no entanto, por amplos e impenetráveis óculos pretos.

Disseram-se que Maulana Abul Kalam Azad - esse nome que parece vir das "Mil e Uma Noites" - significa, pouco mais ou menos, - o "sábio, pai da palavra livre". Todos nos concentramos para ouvi-lo. E na grande sala ressoa sua voz poderosíssima: porém em "hindi".

É certo que, aos estrangeiros, logo oferecem a versão inglesa do seu discurso; mas, no momento, prefiro muito mais acompanhar o fogo da sua emoção na língua indiana que será, dentro de alguns anos, o idioma nacional.

Falou da importância daquele Seminário, para o mundo moderno, e da sua significação para todos os países. Que as idéias de Gandhi já se tinham tornado uma herança intelectual para o homem contemporâneo. Que essas idéias estão cheias de compreensão e fraternidade. E diante da ameaça constante de outras guerras, conviria examinar a sua contribuição para suavizar as relações entre homens e povos.

Então, a Índia não queria pensar sozinha, mas com pessoas de todas as latitudes, que livremente estudassem o assunto. Ainda que não se chegasse a uma conclusão definitiva, o esforço de procurá-la já seria compensador.

Depois, analisou a guerra moderna, com a energia atômica a seu serviço. Essa energia que, desencadeada, poderia concorrer para a abundância e o bem estar geral, estava, no entanto, sendo dirigida principalmente para a criação de engenhos de destruição. Como o rádio e o telégrafo, que, em lugar de serem usados para aproximar os

homens são agentes de propaganda de ódio e discórdia. Como o aeroplano, como os germens e bactérias, que podiam trazer à comunidade os maiores benefícios, nos campos da técnica e da ciência, e que se vêem melancolicamente aproveitados como armas de destruição.

Maulana Abul Kalam Azad não acredita que nenhum problema possa ter solução com uma guerra. As guerras originam ódios que produzem novos ódios - e sua voz se estende pela sala fazendo alastrar aos olhos dos ouvintes essa sucessão de males que, desde a primeira grande guerra foram envolvendo, um por um, todos os países do mundo. Humilhações. Infelicidades. Vinganças. O poder derrotando a justiça...

O "sábio pai da palavra livre" fala com veemência e clareza... Que vem a ser um crime de guerra? Compara os bombardeios alemães na Inglaterra e os ataques aliados na Alemanha. A responsabilidade dos inventores da V-2 e a dos que lançaram bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki. Diz então: "o uso de uma arma para destruir uma cidade inteira, com milhares de homens, mulheres e crianças desarmados e inocentes, é por isso, um ato que deve ser condenado como um crime contra a humanidade". Estará sendo ensaiada a guerra bacteriológica na Coréia? Pergunta inquieto.

Não! Precisamos encontrar uma solução para o mundo, que não seja por meio de guerras. É isso o que desejam as Nações Unidas, como antes o desejou a Liga das Nações. E o ministro da Educação da Índia abrandava a voz, para explicar que o convívio humano na terra só poderá ser feliz quando se der atenção à Justiça - e quando os Estados admitirem limites para a sua soberania nacional e se submeterem à arbitragem de um organismo internacional. E como "pai da palavra livre" que está falando, aproveita para esclarecer que os Estados advogam a arbitragem, no que se refere aos outros, porém mudam de opinião quando é⁶ o seu próprio caso que se acha em jogo...

Disse ainda que os povos têm o direito de escolher o seu próprio caminho desde que o façam livremente e não procurem interferir no caminho dos outros povos. As nações devem ter a liberdade de escolher o caminho mais de acordo com o seu "espírito nacional".

Depois, falou que reconhecer a justiça como um valor absoluto é pôr o direito no lugar do poder. E, sobre esse famoso conceito de que "o fim justifica os meios", recordou

⁶ Este "é" não está no jornal, mas há um espaço em branco que o indica.

um princípio básico, no pensamento de Gandhi, aquele que diz: "não só devemos procurar a verdade e a justiça, mas também adotar meios que sejam verdadeiros e justos, para alcançá-las". Insistiu ainda na idéia de Gandhi sobre a violência e o ódio, que não resolvem nenhum problema - apenas conduzem a outras desgraças. Falou nas falsas vitórias que se observam ao longo da História: vitórias que foram prelúdios de outros conflitos. As únicas vitórias verdadeiras são as que se baseiam em princípios morais.

Maulana Abul Kalam Azad recordou os ensinamentos de Gautama Buda, seiscentos anos antes de Cristo; a mensagem de Jesus no Monte das Oliveiras; o poder moral dos primeiros cristãos; a grandeza de Gandhi encarnando esses princípios de Verdade e Justiça, e a influência do seu exemplo na multidão.

Depois, recordando a longa vida do chefe espiritual da Índia, o ministro da Educação referiu-se àquela fé na não-violência que era, para Gandhi, uma verdade definitiva, uma verdade tal que o levava a aconselhar a Inglaterra, por ocasião do segundo conflito mundial, a opôr à agressão nazista e sua não-cooperação não-violenta... Que o levava à idéia de rejeitar a própria independência da Índia, se essa independência envolvesse um compromisso de participar da guerra...

Maulana Abul Kalam Azad é um realista: não vai tão longe na prática da não-violência. Crê num uso limitado da força precisamente para obstar a violência.

Sua palavra poderosa enche a sala do Parlamento, e é ouvida religiosamente pelo público. Os congressistas, sentados ao pé da tribuna, vão acompanhando, na versão inglesa, o rumo de seu pensamento.

Antes de terminar seu ardente discurso, o orador lamenta que os convidados da Rússia e da China não tenham comparecido ao Seminário. E passa a palavra ao primeiro ministro, Pandit Nehru, que está a seu lado, atento à sua fala, percorrendo com olhos vagos o auditório, tirando os óculos, às vezes, - às vezes, deixando brincar os dedos, distraídos numa folha de papel.

No pequeno intervalo, entre um discurso e outro, sinto, de repente, a distância a que fui transportada. Sinto, - não recordo, apenas, o caso recente da Europa, a continuada luta no Oriente, e longe, muito longe, lá em baixo, no fim do mapa, esse país ainda desatento a certas coisas tão sérias, tão profundas, tão graves: esse país chamado Brasil.

Sinto, - não penso - esta palpitação unânime da terra, esta angústia dos problemas humanos, esta necessidade de estarmos todos próximos, de sermos todos amigos, de nos compreendermos, de nos construirmos, de nos amarmos. Esta unidade do planeta. Este minuto da vida nossa no universo. Raças, religiões, idiomas... Oriente, Ocidente. História. A solidão da terra, pequenina, e o eterno combate do Bem e do Mal...

Pandit Nehru começa a falar. Tem à cabeça o quepe branco, distintivo das lutas da Independência. E usa no peito um botão de rosa. Um botão de rosa encarnada. - (Copyright ESI).

(CORREIO DO POVO, 07/08/54).



SÃO BELOS, ESTES DIAS

São belos, estes dias de Nova Delhi, não apenas pelas cores do céu e da terra, tão límpidas e brilhantes; não apenas por quanto já descrevi destas ruas, destas casas escondidas em jardins verdes, destes palácios, destas festas, que se sucedem nas várias Embaixadas, em homenagem aos congressistas; - mas pelo próprio congresso que, um depois do outro, vai apresentando os diferentes pontos de vista dos que o integram em relação às idéias de Gandhi e à consolidação da paz no mundo.

O representante do Irã, dr. Matine Daftari, ao iniciar hoje a sua alocução, lembrou a semelhança entre os ensinamentos de Gandhi e os de alguns poetas persas - Firdusi, Saadi, Hafiz, Orfi e Gazzali. Citou mesmo um trecho de Saadi, no original, o que é ao mesmo tempo, para um ouvido ocidental, maravilhoso e rebarbativo:

Bani Adam Aazaye Yek-Deagarand...

É um parágrafo sobre a solidariedade humana, e diz, pouco mais ou menos, o seguinte: "Os homens estão todos ligados, no passado e no futuro, como membros de um mesmo corpo. Quando uma parte do corpo padece, o resto não pode ter sossego. Tu, que não te preocupas com as tristezas e desgraças dos homens, não mereces ser chamado humano."

(É preciso vir ao Oriente para se ver a importância atribuída às palavras dos poetas. É bem verdade que estes poetas do Oriente, quer os antigos, quer os de hoje, estão sempre com os olhos muito acima dos temas que dão renome à maior parte dos seus colegas ocidentais. Aqui, o poeta é, verdadeiramente, uma criatura de eleição, um inspirado, um mensageiro de avisos sobre-humanos. Neste mundo, banhado de filosofia e misticismo, não há lugar para a pequena confiança do poeta do Ocidente, com problemas sentimentais, que aqui se despoja de toda a sua amargura, como quem de repente perdesse o peso, e se encontrasse a levitar, magicamente.)

O orador faz todo o seu exórdio com citações poéticas. A respeito de Fé e Heresia: "O sonho é o mesmo: a interpretação varia". Sobre diferenças de culto: "O amor penetra tudo: abraça igualmente a mesquita e a igreja."

Passa depois a considerar as palavras de Maulana Abul Kalam Azad, em que o ministro da Educação da Índia, por ocasião da abertura deste congresso, se referiu às origens da Segunda Guerra, dizendo que "a assinatura do Tratado de Versalhes foi o instante do nascimento de Hitler...". E, depois de um rápido estudo da posição das Nações Unidas, em relação às necessidades atuais do mundo, e de uma alusão à frase de Attlee - que justamente acaba de passar por aqui -, "o imperialismo está em vias de dissolução e liquidação", recorda os quatro pontos citados por *Lord Boyd Orr* como dignos de consideração para a tentativa de se aplicar a doutrina de Gandhi ao mundo contemporâneo. (Esses quatro fatores são: o avanço da ciência que pode eliminar a fome e a doença ou aniquilar a humanidade; a concentração do poder nas mãos de uma pequena minoria; a transformação do mundo, em virtude dessa concentração, em dois únicos campos; finalmente, como fator favorável, o grande desenvolvimento da consciência ética das massas, principalmente como um resultado do progresso da educação.)

Em seguida, a alocução toma um caminho mais positivo, procurando situar os problemas atuais do mundo, como o nacionalismo, "reação contra o imperialismo", - que não deve, no entanto, exceder-se em ultranacionalismo, para não trazer outras complicações ao equilíbrio internacional, - o isolacionismo, a exploração... - e a guerra, esse monstro que não respeita leis nem moral... (Ao longe, o padre Vieira declamava:

"que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta".)

Como a alocação do dr. Daftari insinuava, ou parecia insinuar, a certa altura, que as Nações Unidas tinham fraquezas comparáveis as da antiga Liga das Nações, o Prêmio Nobel, dr. Ralph Bunche, tomou a palavra para um longo esclarecimento de defesa daquela entidade; a réplica do delegado iraniano iluminou os pontos por acaso obscuros, da sua alocação, - mas logo o secretário Kabir desejou esclarecer também que na resistência às guerras seria mau que se associassem países do Oriente e países do Ocidente, de modo a formarem dois blocos separados. Não era isso porém delegado iraniano sugeria. Ele sugeria que as Nações Unidas tivessem um âmbito universal. Que incluísse todos os países.

Acharya Kripalani faz uma pequena observação maliciosa sobre os atuais pontos de vista de Attlee, comparando-os aos do tempo da dominação inglesa na Índia.

E é por isso que eu digo que são belos estes dias de Nova Délhi, tanto lá fora, com o frio sol dourado fluindo do céu azul sobre as inumeráveis flores, como aqui nesta sala do Parlamento, onde todos nos esforçamos por pensar da maneira mais certa, mais benéfica, mais generosa, procurando encontrar todos juntos o caminho que conduzirá os homens à felicidade ou pelo menos à paz. ("Tu, que não te preocupas com a tristeza e a desgraça dos homens, não mereces ser chamado humano" - disse o poeta persa, pela boca de Matine Daftari.)

No intervalo das sessões, os funcionários encarregados de servir chá e café deslizam em redor da mesa, graves, nos seus altos e largos turbantes, carregando nas mãos enormes bandejas. Há uma pausa nos trabalhos. É então que se aproximam da mesa as pessoas que assistem a estas reuniões, como simples observadores. Oferecem-nos seus livros; convidando-nos a visitar seus *ashrams*, em diferentes lugares da Índia. Tudo é tão simples, tão familiar, que é como se nos conhecêssemos desde sempre e para sempre nos tivéssemos encontrado. (A saudade que eu vou ter destes lugares e destas pessoas tem suas raízes nessa intimidade imediata com que os problemas da Índia me alcançam. E na maneira por que me comovem.)

Ora, o delegado egípcio está fazendo uma apresentação de pontos de vista rápida, simples, eficiente. Aliás, há na sua fisionomia esses traços que, na arquitetura

como na escultura tradicional do Egito, denunciam um temperamento científico, um meio matemático de ser, uma sobriedade lógica. Diz não acreditar numa terceira guerra, apesar de tantos prognósticos; se agora sobreviesse uma guerra, seria a aniquilação da humanidade; precisamos, pois, ter uma nova filosofia, uma nova idéia do mundo, que está ficando cada vez menor e mais próximo, graças aos diferentes instrumentos de intercomunicação.

As Nações Unidas constituem a maior organização capaz de nos ajudar na realização de uma obra universal de amor e de paz. Qualquer povo deveria ser membro das Nações Unidas, por simples solicitação. Só assim as Nações serão realmente Unidas. E nessa ocasião poderemos fazer alguma coisa pela melhoria da vida humana.

Não tenho tempo para anotar grande parte dos debates de hoje; mas, antes de passar a palavra ao delegado alemão, o conhecido pacifista pastor Martin Niemoller, *Lord Boyd Orr* faz uma pequena alocução, comentando as idéias dos oradores precedentes, e traça como um panorama futuro: quando os povos mais poderosos da terra, diante da não-violência das nações pacíficas, decidirem abolir as armas, porque "a guerra está morta". (*Lord Boyd Orr* não diz isso com retórica, embora todo o discurso, e a frase final, principalmente, tenham suficiente ênfase para um grande gesto e um diapasão mais alto. Não; diz isso a conversar, discretamente, sem ostentação. Pudessem a profecia cumprir-se!)

O pastor Niemoller tem um exórdio simpático: pertence a um povo que sofreu muito com a violência, mas que não tem direito a queixar-se, porque fez sofrer os seus vizinhos com uma violência inaudita. É a sua experiência que ele traz como contribuição a este congresso. Fala da sede de paz, da desmoralização da guerra e de sua turbulência, da desmoralização, também, do poder, entendido como "uso potencial da força". O mundo é cada vez menor, temos de melhorar o nosso convívio, as Nações Unidas devem ser a nossa esperança, como autoridade que impeça o uso da violência, mesmo quando se trate de punir.

Depois de examinar vários pontos do problema violência-força-poder, o pastor Niemoller mostra como o chamado "mundo cristão" tem seguido tão de longe as pegadas de Cristo. Aos seus olhos, não é Gandhi senão uma expressão de Deus chamando os cristãos ao arrependimento e a uma nova devoção.

Disse muitas outras coisas. E todos o ouvíamos com profundo interesse. Falava uma Alemanha pacifista.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01/05/54)

§

¶

ONDE SE FALA O JAPÃO E ONDE SE VÊ A ÍNDIA

Esta quarta sessão do Seminário de Gandhi principia com a exposição feita pelo professor e pacifista japonês Yusuke Tsurumi.

Desde o início destes trabalhos, a figura do professor japonês se impôs à simpatia de seus colegas, principalmente pela sua extrema cortesia. (Quanto mais observo os diferentes povos, mais me convenço do requinte - muitas vezes incompreendido - das maneiras orientais.).

A exposição do professor Tsurumi não tem nenhuma teatralidade; vai lendo o seu papel com grande atenção e polidez, sem elevar a voz nem contorcer a face. No entanto, sabemos todos o que há por detrás daquelas sóbrias linhas - uma tragédia ultrapassada, mas de conseqüências evidentes: a idéia de guerra; a crise econômica; a busca de uma orientação espiritual, entre o descrédito dos antigos valores e a expectativa de valores novos ainda não aparecidos.

Pois é sobre esse caos que o professor Tsurumi vai mostrar a possibilidade de uma reconstrução nacional e humana, inspirada na obra de Gandhi, principalmente no aspecto dessa obra que, excedendo os limites da Índia, se projeta no campo universal.

Considera as várias fases de Gandhi: o profeta, o economista prático, o político, o professor; e, referindo-se à sua qualidade de homem religioso, acentua a veneração que lhe dedicam os japoneses, orgulhosos de que a Ásia tenha produzido tão grande e heróica figura.

De passagem, observa a distância que vai das idéias à personalidade; pois, enquanto aquelas se dirigem apenas os intelectuais, a personalidade arrasta multidões de homens comuns. Gandhi não visava apenas intelectuais, mas esses milhões de homens

comuns; e sua personalidade ficou sendo um símbolo de verdade, amor, coragem e sabedoria para toda essa gente.

Depois, analisa a melancólica situação do seu país, derrotado na guerra. O desprestígio da velha noção de dignidade japonesa, em servir ao Estado com uma devoção que não media o mais profundo sacrifício pessoal. A guerra e a ocupação⁷ perturbaram o prestígio do Estado, afetaram a posição do Imperador e de muitas experiências sofridas e passadas, resta um grande vácuo moral. As largas perspectivas da vida entrevistadas na obra de Gandhi serviriam de estímulo a esse país tão maltratado pela guerra. E o professor Tsurumi que, em 1950, percorreu aldeias, fazendas, fábricas e docas de seu país, falando sobre os problemas do novo Japão, propõe-se fazer agora a mesma coisa para apresentar as idéias de Gandhi.

Quanto à ação de Gandhi como economista, refere-se o professor japonês a vários dos seus aspectos, entre os quais o movimento de regeneração das aldeias. Recorda então a figura de Santock Nino Mea, que viveu no Japão há coisa de um século e tanto, e que é considerado por lá como o camponês santo. Por toda parte se encontra a sua estátua, com a forma de um menino de dez anos que carrega uma cabra às costas e lê, ao mesmo tempo, um livro. O camponês santo vinha da pobreza, e tinha de estudar enquanto trabalhava.

Se a habilidade política de Gandhi, no trato dos assuntos mais difíceis, não se pode, talvez, transplantar, - dado o seu caráter pessoal, - sua influência, como professor ou inspirador é evidente e, como a de Sócrates e Confúcio, ajudou a mocidade que o cercava a revelar o melhor que tinha em si.

Quanto à sua coragem na técnica da não-violência, o professor Tsurumi não sabe como o Japão a poderá aproveitar - embora, no momento, se encontre desarmado militar e economicamente. Poucos japoneses - diz ele - atingiram a altitude espiritual de Gandhi, e o povo não tem a herança e a tradição do Ideal por ele seguido, para enfrentar uma guerra sem o recurso das armas. No entanto, o professor Tsurumi sente que o Japão necessita de um novo ensinamento, um novo evangelho, para enfrentar também a nova situação que se lhe apresenta: a falta do poder de proteção e a iminência de perigo em suas fronteiras.

⁷ Inicia com maiúscula no jomal.

Sua exposição termina incertamente, como a refletir aquela incerteza atual da vida do seu país. Termina interrogativamente: não poderiam as nações do Bloco Oriental e as do Bloco Ocidental unir sua força moral em alguma forma concreta, a fim de resistirem ao desabamento de uma outra guerra mundial?

Esse fantasma da guerra desliza constantemente neste Seminário, com a mesma insinuação, vaga mas pertinaz, com que o senti, ainda no ano passado, em diferentes lugares da Europa, e agora, nesta viagem, no pensamento de pessoas que por acaso tenho encontrado. Para quem vem do Brasil, um fantasma assim parece extremamente impalpável; mas, entre os que foram duramente feridos pela guerra, os que tiveram seus países devastados, seus parentes aniquilados de mil formas atrozes nos campos de concentração - mais do que nos campos de batalha - o fantasma adquire tal densidade que sua presença, próxima e terrível, sobressalta.

Na Índia, salvo quando algum estrangeiro fala nele - como agora o professor Tsurumi - o fantasma anda tão diluído que mal vem, logo desaparece. Tão plácido é o povo, quer na humildade dos pobres, quer na altivez dos ricos; tão serena e maternal é a terra; tudo é tão vasto, infinito no espaço e no tempo; e a palavra de Gandhi soa com tanta energia ao longo destes caminhos que não⁸ posso imaginar a Índia armada, embora já me tenham dito que há lá pelo nordeste um lugar que produz o mais formidável soldado do mundo...

Enquanto eu estava pensando essas coisas, o egípcio dr. Mohamed Hussein Haekal, que hoje dirige os trabalhos, abriu os debates sobre a exposição do professor Tsurumi. E a palavra foi dada ao dr. Sarvapalli Radhakrihnan, vice presidente da Índia, grande professor e filósofo, autor de numerosos trabalhos sobre Filosofia, Religião, Educação e Política.

Não sei⁹ se muitas pessoas no Brasil já leram alguma de suas obras. Não sei quantas conhecem ao menos de retrato ou de nome. Esta é a primeira vez que ele aparece na reunião do Seminário - e sua figura é absolutamente inesquecível.

Sarvepalli Radhakrishnan nasceu em 1888 - mas não tem nenhuma aparência de senectude: sua expressiva cabeça traduz ao mesmo tempo uma concentrada força de

⁸ Ver PS em "Um grande discurso".

⁹ No jornal há uma vírgula.

pensamento e uma saudável e espiritual alegria. Como em Gandhi se via o apóstolo, como em Nehru se vê o artista, em Radhakrishnan se vê o sábio.

E o sábio aparece-nos aqui de um modo quase mitológico, semi-envolto em nuvens - pois é como nuvem branca a sua roupa, e é principalmente nuvem branca o seu enorme turbante, com uma forma que eu ainda não tinha visto, neste país onde os turbantes passam e repassam diante dos meus olhos noite e dia.

Aos que nunca leram Radhakrishnan, diria daqui: "Lede-os!" porque não me será possível, de tão longe, expor e comentar suas Idéias.

Mas o que me entristece é que mesmo os que o venham a ler não o possam ouvir, como hoje o ouvimos. Porque a sua figura, a sua voz, a sua linguagem e o seu pensamento formam uma unidade admirável. É o tipo mais perfeito que até hoje encontrei do grande orador, do grande professor. Sua palavra disciplinada parece nascida para por em equilíbrio todas as coisas que alcança. E o que ela vai alcançando é cada vez mais longe do domínio físico, mais além do concreto, como os pássaros quando sobem os degraus do ar. Sem complicações. Sem esforço. Nenhum fogo de artifício. Leveza, apenas.

Não sei se os demais ouvintes sentem a mesma coisa: mas enquanto Radhakrishnan fala, pergunto a mim mesma: "Onde foi que já vi esta criatura? Quando foi que a ouvi?" E estou certa de que, se em lugar de inglês falasse sânscrito, seria capaz de adivinhar o que estava dizendo.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, /10/54)



UM GRANDE DISCURSO

Enquanto falava o vice-presidente da Índia, uma voz murmurava dentro de mim: "Felizes os povos governados por sábios!" E, sem perder de vista a Índia de Gandhi, recordava o antiquíssimo pensamento de Confúcio. (Aliás, este congresso me faz pensar,

todos os dias, em dois mil anos estragados pela Humanidade, depois de Cristo, Confúcio e Buda. E tudo me parece uma volta ao princípio. Uma correção de erros).

O vice-presidente Radhakrishnan, partindo do discurso do professor Tsurumi, analisava a posição de Gandhi, em relação à Índia e ao mundo. Mostrava a distância que existe, geralmente, entre o que dizemos e o que somos: os hindus falam de intrepidez e amor; os budistas, de sabedoria e amor ou compaixão; os cristãos, de verdade e liberdade; os muçulmanos, de um só Deus e uma só família terrena - mas o que distingue uma natureza como a de Gandhi - acentuava - é a seriedade de viver esses princípios. "Nós falamos deles. Conhecemo-los. Mas as nossas obras não correspondem a esse conhecimento". Para Gandhi, Deus era a Verdade, a Verdade que se pode atingir por uma busca incessante. Quando tinha alguma coisa a resolver, pensava, interrogava-se, jejuava, rezava, e só então se decidia.

Quanto à sua política de não-violência, era uma política para o mundo inteiro, não apenas para o seu país. Seu nacionalismo era uma lição para o internacionalismo. Queria obter a independência por métodos límpidos, sem deixar atrás de si amargura nenhuma. E assim foi. Queria deixar claro que, apesar de todas as diferenças, continuamos irmãos. Precisamos julgá-los como nos julgamos a nós mesmos, - não com diferente medida.

Radhakrishnan reporta-se às antigas escrituras, onde se lê que os anjos e os demônios provêm do mesmo Criador. Em Deus está o seu último elo. A atitude de Gandhi era de compreensão, de humildade. Essa atitude obrigava-o a sentir que as outras religiões eram tão válidas quanto a sua. A crença de que uma religião pudesse ser suprema, e a declaração de um monopólio exclusivo da verdade parecia-lhe uma espécie de orgulho espiritual. Não é a verdade a essência de todas as religiões? E dentro desse espírito de compreensão e amor foi que a liberdade religiosa ficou estabelecida na Constituição da Índia.

Comentando uma observação do professor japonês sobre o comunismo - "produto de um vácuo criado pela ausência de valores éticos e morais da vida" - Radhakrishnan pondera que o comunismo é a réplica à maneira artificial, grosseira e desonesta por que são praticadas as religiões. Fala-se de pureza de pensamento e praticam-se tantas coisas contra a ética, o espírito e a humanidade! Por essas deficiências, a religião tem sido criticada nos planos da Ciência e da Ética. O ateísmo militante resulta da religião mal

praticada. Se fôssemos verdadeiramente capazes de pôr em prática o Amor e a Verdade que as religiões pregam evitaríamos tal situação; mas a nossa conduta demonstra a nossa ausência de fé em Deus, enquanto as nossas crenças proclamam tal fé. Tornamo-nos praticamente ateus: por isso, os comunistas tomaram a dianteira, dizendo: "abandonemos a falsa crença em Deus, e edifiquemos uma espécie de sociedade humanística".

Todo o discurso de Radhakrishnan é como esses céus rasgados de luz dos grandes quadros de Ascensão. Cada palavra, cada frase tem o seu valor justo. Ninguém poderia fazer melhor resumo do mundo, de suas ansiedades, de seus problemas e de seus remédios como este sábio professor, - tanto é verdade ser a Sabedoria um clarão que penetra os mais difíceis recantos do mundo e da alma, e revela com simplicidade todas as coisas, explicando-as sem partidarismo, apenas conforme a sua natureza.

Se estamos rodeados de incerteza, medo e confusão, diz Radhakrishnan, é por não termos finalidades claras, bem definidas. Não temos dado ao espírito alguma coisa que lhe satisfaça a ânsia de verdade e alguma coisa capaz de criar a fraternidade universal. Estamos cercados de falsas seduções. Devíamos encarar mais seriamente a religião e ser mais fiéis com a humanidade. Sente-se a falta de um sentido de humanidade comum, de fraternidade, de identidade humana.

Por amor a essa lealdade humana Radhakrishnan insiste na grandeza de se ser humilde: de se considerar a situação dos outros povos pelo mesmo prisma por que se considera a situação nacional; de se acreditar que não há só erros alheios, - mas também próprios; e de se procurar acertar pela fraternidade universal, pelo respeito mútuo - tanto dos indivíduos como das nações - sem usar dois métodos de crítica, mas um só, e o mesmo, para nós e para os nossos opositores.

Lentamente chegaremos a essas conquistas morais; - é o que todos estamos sentindo. E voltam-se os meus pensamentos para os campos da Educação, um pouco desconstruídos, por toda parte, justamente porque o mundo está em pleno caos.

A reunião continua, - pesa-se a grandeza de Gandhi como nacionalista ou internacionalista; fala-se da limitação da riqueza e da pobreza: nem muita fome nem excesso de alimentação (torna a pensar no "caminho médio" de Confúcio); nem cidades superlotadas, com pessoas indiferentes umas às outras, nem aldeias mínimas, em que todas as vidas ficam extremamente entrelaçadas; alguém fala da Verdade que, nos termos

de Gandhi, não é para ser analisada nem discutida, - mas praticada; e Lord Boyd Orr, com a pupila acesa sob a floresta branca das sobranceiras, avisa que não há filosofia nem ética para um estômago vazio, e que um homem não é livre, se depende de outro para ter o seu pão.

(Insisto em crer que a Humanidade está com um atraso de dois mil anos. Tudo quanto havia para ser ensinado, foi ensinado. Cada um aprendeu o que pode, sem contar os que não puderam ou não quiseram aprender nada. E o resultado é termos de aprender de novo).

“P.S. - Nem sempre o que sai publicado corresponde exatamente ao que se escreveu: e o erro tipográfico é de natureza muito especial, pois quanto mais se corrige mais errado fica. Por precaução, deixei de corrigir o "patriota" que outro dia apareceu num destes artigos, quando o que tinha escrito era "patriarca", a respeito do presidente Rajendra Prasad.

Mas, no último artigo(Onde se fala o Japão e onde se vê a Índia), houve dois lapsos que desejo ressaltar: onde se lê: "que posso imaginar a Índia armada", deve-se ler: "que não posso imaginar" etc.; e onde, a respeito do discurso de Radhakrishnan se lê: "Leveza, apenas", estava escrito: "Beleza, apenas".

Deixo de corrigir alguns plurais, alguns sinais de pontuação e até uma gralha numa indicação geográfica, não só por acreditar na inteligência do leitor como pelo receio de provocar mais confusão.” - C.M.

(CORREIO DO POVO,04.09.54)

♪

♪

PEQUENA VOZ

Que posso eu dizer aqui, diante destes senhores ilustres, que conhecem tanto mundo, tanta vida, que sabem como são as manobras da política, nacional ou

internacional, que ainda têm nos olhos e nos ouvidos - e na alma, principalmente - bombardeios, campos de concentração, exílios, fugas, loucuras...?

Visto daqui, o Brasil não é mais que um vago desenho no mapa, - embora alguns dos presentes já o tenham visitado rapidamente. Tênuas lembranças do Rio e de São Paulo. Amplos horizontes. Imigrantes. Riquezas naturais. Tudo muito longe. Como sonhado.

Dentro dessa recordação da paisagem, a criatura humana é pura ausência: quem somos, o que pensamos, o que sentimos, o que valemos, - nada disso alcança esta distância. Existe o Japão - vizinho próximo; existem o Egito e o Irã, Oriente Médio; existem a Alemanha, a Itália, a França, a Inglaterra, essas poderosas representações da Europa, tanto em assuntos de cultura como em experiências de guerra. E os Estados Unidos, que de qualquer ponto se avistam. E eis que o Brasil aqui sou eu, com certa melancolia do que sei e do que não sei, as esperanças um pouco fatigadas, esta humildade de quem não se ilude.

Não serei bem o Brasil, uma vez que todos estamos presentes como convidados nominais, sem representação dos nossos países de origem, pensando apenas com a nossa cabeça, e falando apenas pela nossa boca. Mas é nestes momentos que se sente a aliança do coração com a terra, e a dor da pátria, - esse tumulto de recordações, com misérias e grandezas, lutas, homens, leis, vitórias e derrotas...

Que pode dizer aqui uma brasileira, diante destes senhores ilustres e experimentados, sobre coisas tão sutis como o bom entendimento dos homens, na órbita nacional como na internacional? Que sabemos nós de tudo isso? Que somos, quando observados de uma altura universal?

Somos, de perto, um imenso território, como este da Índia, com as mesmas cores na paisagem, esta exalação de nascimento, de princípio, de pureza original. A majestade natural da terra primitiva, com sua vegetação poderosa e maternal: esse contorno de mangueiras e cajueiros, a altitude cheia de silêncio dos palmares; os canaviais, as bananeiras, - orla da nossa infância; o cheiro de flor e de fruta que vêm na poeira; o mato onde talvez alguma serpente deslize; o rio que transporta sua solidão; o casario pobre, com sua vida abraçada e suave; o trabalho humilde, à sombra de Deus; os caminhos crepusculares, com o gado que pasce, os carros que regressam; a pequena luz mortiça das

habitações onde já se espera o sono. Este sossego de pastoral, este comovente existir transferem-me, a todo instante para lugares brasileiros que não são as grandes cidades já contaminadas de cosmopolitismo, - mas o recesso do país, ainda não devastado por enredos humanos, artifícios mecânicos, competições tanto mais ruidosas quanto mais ôcas... Ah! um Brasil que eu mesma já não sei se é real ou imaginado, mas que esteve a ponto de existir, que se podia ter desenvolvido num desabrochar natural de todos os seus poderes e pendores, sem deformações, extravios, embustes...

Será essa, talvez a minha pena, a ternura com que às vezes me surpreendo diante da Índia, num temor quase filial pelo seu futuro. Uma pergunta a abraça-la: "Que vão fazer de ti?" Como quem ao Brasil já perguntou longamente: "E de ti, que fizeram? que fizeram?" - e como resposta só teve a sua própria mágoa.

Aqui, no entanto, uma esperança perdura: um chefe espiritual, embora morto, continua presente, e seus conselhos e palavras são estudados, aprendidos, discutidos, como um outro evangelho. Não é ele que nos reúne em torno desta mesa, para que também pensemos em voz alta, e juntemos ao seu o nosso depoimento para a felicidade do mundo?

Ora, este chefe - todos o sabemos - não inventou nada - provou, apenas, que se pode viver, praticar o código moral de todos os povos, - código que jaz esquecido, abandonado, desprezado sob a desordem do século, feita de paixões desencadeadas e irresistíveis seduções.

Não ter medo. Não fazer mal. Amar a verdade. Vivê-la. Dispensar o supérfluo. Prezar a castidade. Não pactuar com a violência... - relembro pontos esparsos na obra imensa de Gandhi.

Depois de cerca de trinta anos de trabalho, na formação de um povo dolorido de opressão, é certo que esse chefe espiritual foi assassinado: mas é certo, também, que seu povo alcançou a independência. Alcançando-a, passou a girar com os outros povos, na órbita internacional. Suas virtudes, herdadas de longas tradições severas, e aperfeiçoadas por esse exercício de um orientador incansável, como se sustentarão, no conctato obrigatório com outros povos?

A Índia de muitas raças, de muitos idiomas e sistemas filosóficos parece-me, de repente, mais homogênea que os povos do Ocidente, com suas mútuas intolerâncias e

idiosincrasias, seus resíduos de ódio e vingança, suas ambições de domínio, seus interesses políticos - em bases de mesquinho egoísmo, concreto, imediato, quase mecânico, desumanizado, comercial...

Ocorre-me a presença da máquina. Não só essas imensas, poderosas máquinas que tomam o lugar do homem no trabalho, - que não o ajudam, apenas, mas o substituem, completamente; e as que o deformam e o reduzem a um ser de inteligência tão limitada e automática quanto a sua...

Lembro-me de Tagore, quando lhe falavam num trem velocíssimo que vencia quilômetros num abrir e fechar de olhos (ai de nós! que não eram, sequer supersônicos!). E o poeta a perguntar, enfasiado: "E que se faz depois, do tempo economizado?" Eis o problema: que se faz?

Penso nos aparelhos de televisão que deixei atrás de mim, além dos oceanos... Ó tristes rostos deformados, ó palavras tortas, ó programas - para divertir? para instruir? - mais tristes que um dia de luto... E as cifras, por detrás.

Penso nas emissoras de rádio, nos estúdios de cinema, - em tudo quanto está convertendo a arte em negócio. Sempre as cifras por detrás da máquina.

Isto são máquinas pequeninas. De aparência inofensiva. Que matam lentamente, matando o livro, matando a cultura - a pretexto de divulgá-la - porque máquina, já por si perigosa, tem atrás de si a perigosíssima cifra. A cifra que se converte no supérfluo. A cifra que dá prestígio. A cifra que engana, mente, corrompe, porque a sua natureza é satânica.

Não, eu não estou pensando em fábricas de tratores, nem de aviões a jato, nem de engenhos de guerra - tão longe não se arriscam as minhas faculdades! Estou refletindo, apenas, sobre os bordados e rendas feitos ponto a ponto por finas mãos destras, esses bordados que levam um pensamento em cada flor, um sentimento em cada arabesco (ó rendas que cantaste, Rilke, rendas que têm dentro de si os olhos das rendeiras...) e os horrores que a máquina gera - a máquina imitadora, a máquina falsificadora, a máquina bárbara, grávida de quantidade...

Estou refletindo sobre estas jóias, sobre estas madeiras, estas sedas, - sobre este bazar humilde e precioso que de repente pode sossobrar em sucedâneos, e transformar

este povo sobrenatural numa destas caricaturas de vida que tenho visto, e que me deixa o coração cheio de lágrimas.

Mas tudo é tão longe! Como vai o Ocidente compreender essa grandeza do despojamento indiano, da sua não-violência, da sua moderação - quando a máquina inventou uma velocidade inumana, e já ninguém pode parar para refletir, para estudar, para penetrar séculos, idiomas, filosofias, - se todos querem viver imediatamente, confortavelmente, a serviço do corpo e da hora?

Ponho-me a pensar no que deve ser a sabedoria. E como praticá-la. E tudo é longe, terrivelmente longe: não há convênios, conferências, congressos que transformem o homem de egoísta em generoso, de violento em pacífico, de cruel em manso, de cego em lúcido... O processo de edificação humana é lento, devia ser unânime, constante... Esse processo chama-se Educação.

Como somos cada vez um mundo menor, mais próximo, unido no mesmo destino terreno, devíamos acertar a nossa marcha numa certa direção e com um certo ritmo. Entre a vida e a morte - esse espaço tão curto - devíamos ser melhores do que temos sido e estamos sendo.

Foram essas coisas, pouco mais ou menos, que ousei pensar em voz alta, quando me convidaram a falar entre estes senhores tão ilustres.

(CORREIO DO POVO, 18/09/54)



INTERLÚDIO

Os dias prosseguem, ricos de debates e sugestões, e nós somos um grupo de pessoas de boa vontade, desejosos de encontrar a fórmula capaz de tornar o mundo inteiro feliz.

Entre uma sessão e outra, do Seminário, aparece-me Mustafá. Mustafá pretende vender-me um tapete. E eu estou exatamente na situação do príncipe Ali, quando partiu com seus irmãos à procura da maior raridade do mundo.

Pois também eu cheguei à Índia, também eu fui dar nestes longos mercados, onde, de um lado e de outro se alinham vendedores de telas finas; de estofos pintados e bordados, com pássaros, animais e flores; vasos polidos; bandejas trabalhadas; caixas de madeira esculpidas; xales de Cachemir, que podem passar por dentro de um anel; colares de ouro e prata, que gorjeiam, com suas mil campainhas minúsculas; objetos de laca e charão; brincos, braceletes, adornos para a risca do cabelo, um do lado de cá, representando o sol, outro do lado de lá, representado a lua; pingentes que se põem por cima das orelhas, outros que caem na testa, entre as sobrancelhas; caixinhas para guardar sinais; bolsas de seda com bordados de ouro; saris estampados, saris com ourelas metálicas, saris dessa gaze de Banaras frisada, transparente e hirta como a asa das libélulas; coroas de jasmims para o cabelo, feiras de mil flores para o pescoço e para os braços; pingentes para as tranças; água de rosas; óleo para fazer, ao mesmo tempo, crescer, perfumar e lustrar o cabelo, curar dores de cabeça, aumentar a inteligência, acabar com as insônias e tornar ardentemente amadas as pessoas que o empregam; blusas com rodelinhas de espelho metidas por dentro dos bordados; cambraias de Lucknow todas rendadas de palmas e elefantes; "batiks" de Jaipur, cujos desenhos são feitos com pedrinhas amarradas, antes de serem tingidos, e conservam, depois de prontos, seu relevo na fina, flexível seda; sandálias de bico recurvo, lavradas a ponto de cadeia, ou com largos desenhos de ouro e flores de lantejoulas; objetos de metal amarelo, com incrustações de esmalte coloridos e curiosos trabalhos de "bidr", que é uma mistura de metais, negra e fosca, onde desabrocham flores e ornamentos geométricos, em clara prata cintilante...

Também eu desejava, como o príncipe Ali, comprar tudo aquilo, embora as minhas rúpias não se pudessem comparar com os seus sacos de ouro oferecidos pelo sultão Nurenahar...

Também eu dizia comigo, esforçando-me por não gritar: "Que país encantador! e que gente maravilhosa!" E Mustafá era como aquele vendedor que apregoava o seu tapete por trinta mil dinares de ouro, - pois, embora o seu preço fosse muito menor, o meu espanto era tão grande quanto o do príncipe.

O tapete de Mustafá não voava, como o que comprou o príncipe. Mas não fazia diferença nenhuma, porque Mustafá e eu voávamos somente com olhar para aquelas

cores e aqueles desenhos, no fundo de uma pequena loja sem outro sol nem outro luar nem outras estrelas nem outras flores que os dos velhíssimos motivos presos para sempre naquela grossa trama secular.

As histórias que Mustafá contava para vender um tapete valiam todos os sacos de ouro do príncipe Ali. A idade daqueles tapetes. "Old piece, Old piece..." Já não se faz mais nada tão belo, tão perfeito, tão original... O número de barras, todas diferentes, em largura e em motivos ornamentais... A qualidade da seda... As cores: aquele vermelho que não é nem de papoula nem de cereja nem de cravo nem de fúcsia - um vermelho que parece o reino da romã, onde moravam aquelas princesinhas que todos os dias desciam para o jardim, por escadas de seda, e todas as noites se fechavam de novo na sua casa mágica... E os azuis? Os azuis que ora parecem de lápis-lazuli, ora de pena de pavão, conforme a lâmina de luz que de repente os corta... E as claridades e sombras dos jogos amarelos, como se dentro da seda estivessem príncipes inclinados sobre tabuleiros¹⁰ de xadrez? E umas repentinas perspectivas, que não sabemos se são jardins Mogóis, tendas no meio do mundo, ou janelas de jaspe em cujas grades de pedra passeiam como luzentes besouros os olhos prisioneiros de belas mulheres escondidas?

Os tapetes de Mustafá eram como páginas de livros ilustrados. Não se podia ver tudo nitidamente, porque estavam carregados de poeira. Muita poeira do espaço e do tempo. Seria preciso deixar correr muita água sobre aquelas cores... Muitos rios - o Indo, o Jâmuna, o Ganges... Então, as cenas iriam ficando cada vez mais claras. Veríamos as figuras se levantarem e caminharem, saírem de dentro das cores, cantarem, dançarem, ressuscitarem, e, livres da morte, conversarem conosco.

O que Mustafá tinha andado, para encontrar aqueles tapetes! Pois já não se encontram muitos assim. É só ver as pontas como estão gastas! As pontas por onde vão escorrer os rios purificadores, deixando cada cor mais suave que uma mosa e mais transparente que uma gema. Aparecerão os elefantes e os rouxinóis; os jardins com jorros d'água; as alcovas de madreperla; os tambores, as cítaras e as vinas; as bandejas com mangas e carambolas, pêssegos e cajus; os imperadores em seus tronos de mármore; os poetas que perguntarão:

"Que morada de esquecimento é esta,

¹⁰ No jornal está escrito taboleiro.

onde não nos lembramos uns dos outros?..."¹¹

e as longas planícies por onde galopam cavalos amarelos e roxos; e as montanhas cintilantes, e as florestas onde os faquires conversam com as serpentes, e o céu com nuvens mensageiras; e os camelos que levantam o perfil, sonhando solidão...

E os sofrimentos de Mustafá por esses caminhos, a perguntar: "Quem tem tapetes antigos, muito antigos, para vender?..." E os rolos de seda e poeira lentamente estendidos aos seus olhos sapientes... Tapetes cheios de passos, com a forma dos pés descalços de tanto sábio, de tanto artista, de tanta beldade... Tapetes cheios de música: ora, prestando-se bem atenção - como quem leva o caramujo ao ouvido - não se ouve aqui nesta macia felpa o som estridente e choroso das cordas, e o ritmo opaco dos tambores e a fluida voz das cantoras, a afrouxar-se em pérolas tristes?

Mustafá leva-me pelas terras áridas, onde os palácios secam ao tempo, como flores de herbário. Aponta-me lugares, escadas, salas. Estou vendo e ouvindo. Atravessamos rios sem água, represas com o esqueleto de pedra à mostra. Como os coqueiros se inclinam sequiosos, pálidos e graves para os barrancos despedaçados! O vento vai levando as varandas, as colunas, os pórticos...

E Mustafá continua. Continua a procurar tapetes. Por detrás das tamareiras, nasce a manhã de nácar, e a tarde de nácar desfalece. Canta o muezin, soam os címbalos dos templos, os sinos das igrejas; inclinam-se os barretes de astracã, os gorros brancos e pretos, os turbantes de mil cores e mil voltas... - Mustafá não pára. Come um punhado de grãos, bebe um jarro de leite, fala árabe, urdu, hindi, hindustani, bengali, tamil, malaiálam - é capaz de falar sânscrito, grego, latim... Passa entre panteras, nagas, macacos, chacais, procissões de casamento, fogueiras de mortos, bois de chifres pintados, búfalos mansos como crianças, burrinhos de meio metro de altura, campos de mostarda, cabanas, mercados - Mustafá está comprando tapetes antigos, escolhendo os melhores exemplares, descobrindo o que jaz nessas grandes, sombrias, veludas páginas...

Sol, chuva, tempestades de areia, noites negras e estreladas, luas, fantasmas, salteadores, Mustafá conhece tudo quanto pode suceder nos caminhos do mundo. Nada tem importância, quando se consegue um tapete como o que pretende vender-me. "Old piece". Muito bom. Raríssimo. Único. Não voa, como o do príncipe Ali. Nós é que

¹¹ Estas aspas não abrem no jornal.

voamos, sem precisarmos sair do lugar. Conhecemos todos os reinos, todas as dinastias, guerras, festas, amores, traições. Todas as epopéias, todos os comentários filosóficos. O tapete é um resumo da vida.

A trama estava estendida e vazia, como as cordas de uma harpa. Todas as histórias foram sendo amarradas ali, fio por fio, - palavra por palavra. Amarradas para sempre. Até o fim do mundo. Para quem souber ouvir. E por muito menos de trinta mil dinares, senhores!

Nem o meu dinheiro se comparava com o do príncipe Ali nem o seu deslumbramento com o meu. (Só Deus é grande!)

(CORREIO DO POVO, 24/07/54)



RAIZ DAS CATÁSTROFES

Quando as catástrofes espalham a ramaria pelo mapa, é que os corações, as opiniões e mesmo os corpos estremecem. Apontam-se nações ou raças, causadoras dos conflitos; discute-se a responsabilidade do potencial bélico; assenta-se a culpa em determinados credos religiosos ou idéias políticas. É como se as catástrofes nascessem grandes de repente; como se as árvores comessem pela fronde.

Então, para remediar os conflitos internacionais, promovem-se congressos e conferências, assinam-se acordos e armistícios, volta-se a falar em desarmamento parcial ou total, em reparações, em novas relações amistosas dos antigos adversários, e julga-se que as divergências estão encerradas e o mundo, feliz.

Este nosso amargo século, de tão repetidas guerras, é, no entanto, um século mais lúcido que os anteriores, pelas experiências humanas já sofridas. Ao mesmo tempo, é um século vastamente aberto às conquistas da ciência como à reflexão moral, e, nos países de tradição democrática, não há, na verdade, problema que não esteja à disposição dos que tiverem qualidades para o esmiuçar.

Examinando-se, pois, sem preconceitos, e com respeitoso equilíbrio, as catástrofes que vêm devastando a humanidade, somos conduzidos à verificação de que elas não podem ser exterminadas pela rama, simplesmente com discursos ou tratados, por melhores que sejam as intenções, - e sugestivas, as palavras, - e prestigiosas, as pessoas que as empregam. Tudo isso está ultrapassado.

Evidentemente, é necessário que as palavras expliquem as tensões internacionais, mas não se deve esperar que as resolvam, apesar da magia que se lhes atribui. Essa magia deve ter uma ação de profundidade, conduzindo às causas das tensões. Daí por diante, são os fatos que resolvem, - é o domínio da ação. Ação que varia conforme as causas a atender.

Por isso, os participantes do Seminário de Gandhi, ao examinarem as tensões internacionais, foram favoráveis à idéia de que todas as nações pacíficas fizessem uma redução, pelo menos simbólica, de seus armamentos, e decidissem de comum acordo nunca mais tomar a iniciativa de uma guerra total, e pegar em armas apenas para se defenderem em caso de agressão. Mas não afirmaram que as guerras sejam o resultado do simples poderio militar dos povos. Afinal, as armas não se constróem nem se acumulam nem se repartem nem funcionam sozinhas. Elas são pobres instrumentos da violência humana. A violência, portanto, é que precisa ser suprimida, pois na sua estrutura se sustentam as catástrofes, com sucessivos choques e entrechoques.

Mas também não se pode dizer simplesmente à Violência: "Termina!" e esperar que ela, que se chama Violência, fique de súbito dócil e obedeça. Porque a Violência já é uma explosão de mil causas. Em cada criatura humana há mil aspectos possíveis de violência: frustrações físicas, materiais, sociais, morais, intelectuais, políticas... Essa confusa unidade humana é que constitui os povos e as nações. E os povos e as nações tanto mais tumultuosos serão quanto mais caóticos e violentos forem os elementos que os compõem.

Por isso, os participantes do Seminário de Gandhi consideraram que uma das medidas para extinguir as tensões internacionais seria a da elevação do nível de vida da população, nas regiões menos desenvolvidas, bem como a extinção do espírito de exclusivismo racial e o sentimento de superioridade racial, que constituem obstáculos à liberdade de movimento das populações. Como ação imediata, deveriam ser tomadas

medidas para uma distribuição mais eqüitativa da população mundial, em função dos recursos disponíveis, organizando-se a emigração das populações excedentes para as regiões do mundo que as possam receber. (Não deixou de ser observado que essa prática fosse estudada com precaução, a fim de evitar novos problemas, por intensificação da concorrência entre países industrializados ou possíveis conflitos entre os imigrantes e a população local).

No entanto, como os problemas de natureza econômica tendem sempre a tomar um aspecto contrastante, quer entre os indivíduos, quer entre os povos, e logo se defrontam ricos e pobres, e os que ajudam e os que são ajudados, - concluiu-se que um organismo central devia ser encarregado dessa assistência, organismo esse que é, evidentemente, a ONU, na sua qualidade de encarregada da manutenção da paz mundial.

Mas, para que a ONU possa exercer essa atividade centralizadora, será preciso que represente o mundo inteiro, como uma grande família. Só assim terá ela prestígio e possibilidades de ação eficiente.

Por isso, os participantes do Seminário de Gandhi entenderam que deviam ser admitidos na ONU todos os países que o desejassem e que subscrevessem a Carta: o que permitiria ao mesmo tempo aproximar o mundo em suas idéias e problemas, para a necessária solução ou orientação.

Ora, isso vem a ser um apelo aos povos para a compreensão de sua humanidade, de seu convívio na terra, e das vantagens para que esse convívio seja, tanto quanto possível, amável, próspero, humano. (Humano, - isto é, mais do que simplesmente zoológico, como se está tornando). A exigüidade da vida na terra devia dar-nos o sentimento profundo da nossa pequenez, e o desejo de empregar esse breve prazo da maneira mais nobre. Devíamos ter, ao mesmo tempo, a visão bem nítida de pertencermos à mesma família terrena, - com as diferenças de toda espécie que caracterizam, mas não separam, os irmãos.

Se conhecermos e acalmarmos as nossas violências, se tivermos consciência de nossos direitos e deveres, e se os respeitarmos nos outros, deixaremos de ser agressivos, não pretendemos mais impor a nossa vontade aos demais, teremos a modéstia de admitir que os outros também têm razão, - ou razões - e poderemos viver mesmo entre os

maus, modificando-os talvez mais facilmente com a nossa brandura e a nossa resistência desarmada que por uma retribuição agressiva ou qualquer forma brutal de intolerância.

Por isso, os participantes do Seminário de Gandhi concordaram em que as tensões entre os países resultam de tensões internas, e estas, resultam das tensões entre indivíduos, por incompatibilidades oriundas de divergências políticas, desigualdades econômicas e preconceitos religiosos ou raciais.

Em suma, se o homem se educar, ou for educado, para viver humanamente, não haverá mais na terra esses conflitos monstruosos, essa pavorosa chacina que já não se compreende na segunda metade de um século nutrido de tanta ciência e talvez, por isso, desorientados nos fundamentos da sabedoria.

Quando os participantes do Seminário de Gandhi concluíam os seus trabalhos, não tinham nenhuma pretensão de estar dizendo a última palavra da Verdade; mas não deixavam de estar humildemente inclinados para a sua Verdade interior, porque nenhum outro intuito os movera nesse encontro, tão longe, na Índia, senão o de ajudarem o mundo com o mais sincero testemunho da sua mais clara, e por vezes bem amarga, experiência.

Éramos dos mais diferentes lugares, e tínhamos visto, com máscaras diversas, as mesmas coisas; diferentes em idioma, em raça e em religião, coincidíamos em princípios morais. Os debates travados, salvo pequenos esclarecimentos circunstanciais, serviram apenas para tornar unânime o nosso testemunho. E o nosso testemunho repousava, principalmente, numa obra comum e imediata de Educação.

A figura de Gandhi não nos foi imposta: impôs-se. Na verdade, não foi ele, neste século, o único herói da Paz, o que renovou no mundo uma doutrina esquecida, ou abandonada, provando-a não apenas com seu espírito, mas com seu corpo, e afirmando-a definitivamente com a própria morte?

Encerra-se um congresso destes, olha-se para o Ocidente e pergunta-se: onde, quando, se repetirá o que se fez aqui, para se insistir, mais uma vez, na vitória do Bem sobre o Mal, numa vitória sem violência, a vitória que o coração e a inteligência pedem, o que não pode tardar mais, porque estamos cobertos de vergonha diante de um mundo coberto de sangue, desmoralizados e cheios de terror? Por muito longe e confuso que esteja o Ocidente, há de alcançá-lo este depoimento de boa vontade e esta esperança que reuniram os participantes do Seminário de Gandhi em Nova Delhi?



LEMBRANÇA DE ABHAM KHATAU

A Índia foi sempre um país para pintores: o esmaltado colorido de sua paisagem, o intrincado desenho de seus bosques, a delicadeza minuciosa de seus jardins e palácios, os pássaros nos ares, os pavões entre as flores, os búfalos, as vacas, os camelos e elefantes pelos caminhos; as aldeias humildes com seus tetos de colmo e seus habitantes amistosamente reunidos pelas portas, ou debaixo das árvores; os pescadores com seus barcos e suas redes; os agricultores pelos arrozais; as procissões de mulheres com suas vistosas roupagens, em diferentes ocupações campestres; as danças e festas populares; os templos, com seus devotos e cerimônias; os bazares com suas mercadorias e sua população; a indumentária de cada região e cada profissão; o luxo das antigas cortes; sedas, tapetes, pavilhões, cavalos maravilhosamente ajaezados, instrumentos musicais; pormenores de jóias, bordados, lacas, incrustações - representam uma constante solicitação visual, e um constante encantamento.

As cenas das grutas de Ajantá são um ponto de referência na pintura da Índia antiga. Aí, como em outras grutas, os pintores procuraram narrar, com seus Murais, histórias religiosas que, nesse caso, se relacionam com o budismo e, em outros, com figuras bramânicas ou jainas.

A Idade Média é o tempo das preciosas miniaturas, em folha de palmeira e em papel, que artistas de diferentes escolas, com infinita graça e habilidade, criaram, sobre passagens de textos sagrados, ou ilustrações da vida que se desdobrava a seus olhos, em cenas de guerra, alegria, amor.

As miniaturas mogóis, do século dezesseis ao século dezoito, são mais particularmente relacionadas com assuntos da corte, e fixam a figura dos imperadores e altos dignitários, em audiências, festas, cenas de caça ou de repouso.

Mesmo, porém, quando a obra é de inspiração superficial, há uma coisa, nestas pinturas da Índia, que se sobrepõe à deliciosa finura das cores e à incrível maravilha do desenho e da composição: um ritmo que nos faz flutuar entre o visível e o invisível, como se a nossa contemplação não fosse uma imobilidade estática, mas em movimento como um vôo.

É que, ainda quando o motivo não seja transcendente, como no caso das ilustrações religiosas ou épicas, ainda quando não estejamos diante dos amores simbólicos de Radha e Krishna, de Shiva e Parvati, de Vishnu e suas pastorinhas, - o desenho de uma beldade que se contempla ao espelho de uma princesa num balouço de um rajá cavalgando a solidão possui uma essência que transmite, ao contemplar atento, muitas coisas mais, que não estão nem no traço, nem na forma, nem na cor, nem na perspectiva, nem nos espaços vagos...

É a mesma essência que a Índia inteira exala, - e que não se pode dizer que esteja determinadamente nem nos seus rios, nem nos seus bosques, nem nos seus bazares, nem nos seus templos e palácios, nem nos mendigos, príncipes, artistas, pescadores, agricultores, sacerdotes, ascetas, sábios nem nas aldeias, nem nas cidades, mas em tudo, ao mesmo tempo e inseparadamente; no olhar dos animais, no gesto de qualquer figura que passa, na atmosfera que envolve a miséria e a abundância, - uma auréola, um aroma - o caráter, o espírito, o gênio da própria Índia.

Os tempos modernos, a independência, o renascimento da nacionalidade tem influído, naturalmente, em todos os setores artísticos da Índia. A prestigiosa família Tagore¹², em Bengala, e a sua conhecida escola de Shantiniketan contribuíram para a eclosão de muitas atividades dessa espécie. E assim como a Índia atual possui uma longa lista de musicistas e dançarinos, de atores e escritores possui também variadíssimos pintores, em todas as regiões, uns seduzidos pela lição tradicional, outros de olhos abertos às cenas contemporâneas, e que dão aos seus trabalhos ora o tratamento clássico, ora o tratamento novo e, freqüentemente, - conhecedores de técnicas ocidentais, - fundem na sua experiência artística emoções, conhecimentos e objetivos de diferentes escolas e épocas, harmonizando-se com sutileza e bom gosto.

¹² No jornal está Tagora.

O caso de Abhay Khatau parece-me dos mais curiosos e significativos. Conheci-o neste último dia de Bombaim, que era apenas um tempo de despedidas.

Certamente, já me teriam falado no seu nome, porém esvoaçava entre outros muitos nomes significativos que não se prendiam, na minha memória, a imagens definidas de desenho, escultura, quadro ou movimento de dança.

Abhay Khatau teve a bondade de conduzir-me a sua casa, isto é, ao seu palácio. O que o preocupava, no caminho, era saber o tipo de vida que se vivia no Brasil. Se as famílias se conservavam reunidas, estreitamente, com todos os seus descendentes, numa grande e festiva colmeia... (Abhay Khatau nasceu em 1927 e é um grande sonhador...)

Quando cheguei a seu palácio, tão grande, tão amplo, com tantas escadas e varandas, pensei não ter entendido bem era um palácio ou um grande hotel? Era a sua casa. Vários automóveis, no pátio, alguns servidores deslizando... - e Abhay Khatau pensando no nosso estilo de vida, - todos separados, longe, ausentes, pais, filhos, irmãos, sem este laço de amor próximo e vibrante...

Fomos subindo. Como quem sobe uma montanha. De um salão vinham vozes juvenis e sons de música. Aula de dança? De canto? Noutro, um homem, sentado à oriental, passava roupa a ferro; o chão servia-lhe de mesa, - por esse hábito de trabalhar sentado ou agachado, tão típico do Oriente.

Quando acabamos de subir, estávamos no seu salãozinho, com meia dúzia de artistas seus amigos - oh! a medida, a dignidade, o respeito religioso deste artista, diante da obra de arte! - e sua jovem esposa - porque Abhay Khatau casou-se o mês passado com esta moça, cujos óculos não lhe perturbam a beleza lunar - e que avança para nós como uma deusa, simples e generosa, toda envolta nas pregas douradas do seu formoso sari.

O pintor começa a mostrar os seus trabalhos. A mais perturbadora coleção que se possa imaginar, pelo ecletismo da inspiração e das técnicas. Temas da Índia e temas do Ocidente, - pois Abhay Khatau, recebido pela crítica de seu país, desde a primeira apresentação, como um verdadeiro menino prodígio, conhece a Europa, demorou-se na Itália, viu museus e viu Ópera. Naturalmente, há nas óperas um ponto de contato com o Oriente - quanto ao seu desdobramento plástico. Os leques, as plumas, as escadarias, os gestos, as roupagens da Ópera repercutiram na sensibilidade do pintor, secularmente

impregnada de escadarias, plumas, sedas, baldaquinos... e ele, com esta facilidade inverossímil para a "Visão sinfônica", como quem escrevesse uma carta narrativa, transportou tudo aquilo para os seus quadros, com uma fluência em que não deixa de haver um certo espanto.

Mas a mim o que mais me impressionou foi uma cena ocidental - ceia? festim? - com vastas senhoras rubicundas, de busto monumental, imensos decotes, cabeleiras complicadas reunidas com grande pompa, exatamente como num concílio de harpias.

Imagino bem o que terá sentido o jovem artista, diante do espetáculo, para nós tão comum, mas de tal modo em contrastes com a visão indiana de mulheres pálidas e aéreas, envoltas em muitos véus, com movimentos de planta ou pássaro, e uma outra espécie de beleza nas suas jóias, nos seus colírios, nos seus cosméticos, na sua misteriosa sedução.

Fiquei pensando se estas mulheres se vissem neste retrato tão realista, se pudessem entender o seu aspecto aos olhos de uma pessoa sensível à verdadeira beleza, creio que ficariam horrorizadas. Que se sentiriam iguais a fúrias, num complicado banquete, em pleno inferno...

Abhay Khatau, filho de uma família riquíssima, dedicada à indústria de tecidos, empregou seu talento decorativo desenhando os modelos dos saris do enxoval de sua esposa. É um encantamento tocar estas finas sedas metálicas com seus contrastes de cores, que sugerem plumagens reluzentes de aves. Ver as blusas desenhadas pelo pintor, onde cada bordado é também como obra de ourivesaria.

Maior encantamento é que tudo isto aconteça com uma naturalidade de sonho - inesperadamente, e com este ar confidencial, íntimo e afetuoso de amizades hereditárias... E vão mais longe, e querem mostrar-me sua coleção arqueológica - e tudo é simples, sem hesitações de cerimônia, e cada aposento está aberto à nossa passagem, e o jovem casal sorri.

Em todo caso, ainda gostei mais das pinturas de Abhay Khatau inspiradas nos motivos da Índia. Creio que elas prevalecerão, na sua obra, sobre a inspiração circunstancial do Ocidente.

E o céu estava estrelado, e nas varandas do palácio o pavimento era um ladrilho com estrelas. Como se pode esquecer uma coisa assim ?

(Mas não, Abhay Khatau, - no Ocidente, vivemos todos separados... Não há a pessoa mais idosa da família a superintender a casa...

Não há a continuação do amor fazendo aumentar a habitação, dilatando-a em novos andares, escadas, terraços... Não há uma casa assim, com cem pessoas, com trinta servidores, entretidos em passar a ferro, em socar os grãos, na cozinha, em contar histórias às crianças... Não, meu amigo, não há).

(CORREIO DO POVO 20/08/55, publicada em "O que se diz e o que se entende")

§

§

DE HOMENS E BICHOS

Constantemente me aparecem crianças suadíssimas, de arco, flecha, pistolas e facas de ponta (tudo de matéria plástica, é certo), que me apontam no vazio muitos índios e tigres que andaram caçando pelos mais pacatos e floridos jardins. Essa decidida vontade de matar dizem-me ser natural na infância, e eu já não entendo mais nada, pois, segundo alguns, não se deveria permitir às crianças tais brinquedos, mas, segundo outros, é melhor que matem, na infância, esses índios e tigres imaginários, para não terem esses impulsos depois de grandes.

Ora, eu entendo cada vez menos este mundo, e na verdade limito-me a ver com tristeza os lamentáveis casos de delinquência juvenil que os jornais apontam. Por outro lado, nenhum dos meus antigos companheiros de infância, cometeu, em adulto, qualquer crime, embora vivessem todos, naquele tempo, de estilingue em punho a caçar passarinhos e amarrassem libélulas com fios de linha e fizessem os cães arrastar latas presas à cauda. (É verdade que os homens não agredem só com facas e revólveres; há pessoas perversas que usam apenas palavras, e outras ainda mais expressivas, que se limitam a sorrisos e olhares. A vida é uma arte complexa).

Mas em Nova Delhi o assombro de todos nós, convidados de certo congresso, foi vermos, num jardim, a tranqüilidade com que os passarinhos se deixavam contemplar, entre as flores dos canteiros, sem nenhuma desconfiança nem temor. Como se desde que

o mundo é mundo, jamais, naquele bem-aventurado lugar, qualquer pessoa tivesse estendido a mão para atentar contra a liberdade dos pássaros.

Aliás, noutra cidade da Índia, os passarinhos vinham comer à mesa dos hóspedes, pousavam no espaldar das cadeiras, andavam entre os garfos e as facas e acontecia freqüentemente morrerem por se aproximarem demais dos ventiladores. Porque os pobres bichinhos, desconhecendo a maldade humana, desconhecem igualmente que muitas coisas que os homens criam com a sua inteligência vêm, desgraçadamente, impregnadas da sua maldade.

Essas vacas que os ocidentais ficam tão impressionados de encontrar pelas ruas indianas (e não são tantas assim) simbolizam com a sua imunidade o respeito que a Índia tem por um animal intimamente associado à sua vida, e que lhe dá desde o leite, para alimento, até o esterco para combustível, um animal que se venera com gratidão.

Que os pássaros sejam admirados, que as vacas sejam respeitadas, - enfim, são animais pacíficos e os forasteiros, depois de alguma relutância, chegam a compreendê-lo. Mas as cobras? As cobras venenosas, traiçoeiras, pendurada nos galhos das árvores, escondidas nas pedras dos caminhos... como pode uma pessoa viajar tranquilamente, sem temer a cada instante um mau encontro?

Mas o indiano débil e desarmado explicava: eu tenho a minha vida; a cobra tem a sua. Eu por aqui, ela por ali... Cada um vai para o seu destino... (E não podia admitir que a cobra o atacasse. E não via, portanto, razão para se ofender).

Mas se seu contar isto a uma criança, ela me dirá: "Só se for na Índia". E continuará a caçar índios e tigres invisíveis, convencida de umas prerrogativas que não se sabe quem lhe conferiu.

(CORREIO DO POVO, 23/05/57)

ÍNDIA FLORIDA

O azul compacto do céu figura uma jóia na testa do dia. O dia está vestido de verde cintilante, um verde sem poeira, metálico, brunido, de árvores bordadas a seda ou talhadas em esmeraldas transparentes. A água, tão pura que se percebe só pelo brilho, resguarda seus olhos do sol; seus olhos são aqueles suaves lótus, azuis, violáceos, róseos, alongados em sonhos de imagens muito silenciosas.

As tendas são vermelhas, e destacam-se violentamente sobre o fundo verdejante do jardim. Foram armadas para o serviço do almoço. E uns copeiros de prodigiosas roupas encarnadas, com as insígnias da sua hierarquia em correntes e placas douradas, circulam gravemente, a cabeça envolta em volumosos turbantes, as mãos carregadas de porcelanas que, pela cor parecem arrancadas ao firmamento, e onde uma estréia de ouro passeia a sua inscrição: "A luz do céu é o meu guia". Venha de onde vier esta clara estrela, as letras que a acompanham possuem uma essência tão indiana como as folhas destas árvores, a areia destes rios, as gemas destas rochas.

Longas mesas se estendem por dois lados; para os vegetarianos e os outros. Grandes travessas com acepipes de muitas cores e o luxo de aromas próprio deste remoto mundo das especiarias: canela, cravo, pimenta, cardamomo, coriandro, açafrão, erva doce entrecruzam seus perfumes com a nata, o arroz, a manteiga clarificada, legumes que não reconheço, grãos que nunca vi... Há também peixe e galinha com molho de caril - o prato típico da Índia, - conservas de gengibre, de manga verde, súbitas presenças de tamarindo e coco - ah, meu Deus, como no Brasil das crianças do meu tempo...

Os convivas escolhem bolinhos, almôndegas; descobrem combinações inesperadas; ensinam uns aos outros segredos desta culinária; comparam este prato com outros, do Extremo Oriente, do Oriente Médio, da Europa... - ai de mim, senhores, que lá na minha terra também se come tudo isto, apenas de outra maneira, - porque da Índia ao Brasil, nas velhas naus, era uma viagem comprida, e a memória dos cozinheiros de bordo devia de ser fraca, e andar perturbada - como agora, a nossa, - com estes verdes e azuis e encarnados, e este céu e estas flores e esta gente que não parece viva, mas sonhada e sonhante...

Vamos por onde queremos, para estas pequenas mesas espalhadas pelo jardim, e aqui não há incompatibilidade nenhuma entre comer e ser poeta: os doces cristalizados tem o mesmo aspecto das pedras preciosas, e há tênues folhas de prata estendidas sobre certas iguarias, e que se comem também, como se faz com o véu de canela em pó espalhado sobre os cremes.

Neste esplêndido almoço festivo, não há bebidas alcoólicas, mas altos copos de refrescos, com talhadas e gomos de frutas amarelas e vermelhas suspensos no cristal como peixes em aquários. E o sol a atravessar esse mundo fabuloso de cores e cintilações; o sol a mostrar a transparência da crista pregueada dos turbantes; a agarrar-se à placa dourada no peito do copeiro; a pousar pinceladas claras na pele morena das beldades indianas; a liquêfazer-lhes os grandes olhos meigos a escorrer pelas barras de ouro e prata dos saris de mil matizes delicados, que resumem na tessitura da seda, todas as invenções da primavera.

O almoço termina com frutas confeitadas ou frutas frescas vindas do Cachemir, e que não são pêras nem maçãs, mas outra coisa, que se assemelha às duas e é melhor que ambas... Termina com flores; porque os convidados vão passear pelo jardim.

É preciso ver um destes jardins mongóis, para se compreender a exatidão das miniaturas antigas e a sugestão dos tapetes orientais; a água e a terra entrelaçadas desenham rosáceas, estrelas, de modo que as faixas dos canteiros são o arabesco geométrico a aprisionar os repuxos, esguios e brancos como plumas. Acontece que um raio de sol os atravessa e as plumas transformam-se em diamantes irisados, como os penachos suntuosos dos turbantes.

Para quem caminha por uma destas alamedas, a Etimologia revela de repente seu coração poético: aprende-se aqui a relação que existe entre Jardim e Paraíso - é esta doçura da terra obediente ao desenho, ao mesmo tempo conciso e prolixo, que a submete a composições caleidoscópicas; é a distribuição das plantas, formando manchas de cor que de longe seduzem pelo conjunto, antes de nos extasiarem de perto com a revelação de cada corola, de cada pétala, de cada perfume; é a mansidão do arroio prisioneiro que apenas levanta o suspiro do repuxo, tão leve, e logo morre no ar, absorvido pelo vento, evaporado na luz, são os pássaros que chegam de repente, contemplam e partem; são os muros por onde resvalam trepadeiras brancas, amarelas, encarnadas, ramais de coral em

colos verdes de folhagem; é a harmonia que vem de tudo isso como a frescura vem da brisa, e o azul, do céu, e a luz, do sol.

Quando nos levantamos da mesa, ofereceram-nos, em caixas de prata, estas coisas que aqui se mascam depois das refeições: a folha verde que enrola o bétel, sementes de cardamomo, coco ralado, erva doce... Caminhamos, assim, como quem vai mordendo a haste do dia, e a hora tem um gosto vegetal, doce ainda, de alegria, mas que sentimos torna-se em acre saudade fortuna.

No fim destas alamedas, o jardim se arredonda, abraçando a água represada. As flores elevam-se em toda a volta, formando um policromo anfiteatro. Param todos os passos, e os olhos perdem-se nesta moldura delicada, feita de beleza momentânea, que brilha apenas um dia, mas nesse dia consola o copioso tempo da existência humana.

Quem se sentar aqui, em solidão, ouvirá, certamente as flores conversarem; e que lições recolherá, do mundo vegetal, para os desvairados alunos humanos? Aceitação: consente em estar cativo na terra. Sonho: há luz, sol, estrelas, - porém muito longe. Bondade: teu doce mel é para as abelhas (que ferem). Disciplina: quando a Primavera ordena, vem-se, - não importa para que. Humanidade: que nome temos? Ignoramos. Renúncia: quando o vento quiser leva-nos. Constância: em qualquer solidão, o mesmo perfume. Coragem: as primaveras se sucedem, embora com outras flores. Esperança: a eternidade não está na corola, mas na semente.

Flor: "Phul", "pul", "pu" - aqui estamos contemplando como poetas e naturalistas esta maravilha recortada em seda viva, denticulada, franzida, polvilhada de matizes cambiantes, enfeitada de pingentes mais luminosos que pérolas, mais finos que um raio de lua... Flor: mas como é o seu nome particular? Não sabemos. Nem ela... Modéstia: ouvimos falar da nossa beleza, e nunca chegamos a saber de que se tratava...

De volta, por aquelas alamedas, recordávamos desenhos de tapetes: concentrações de céu azul; simetria de águas e plantas; luz e sombra plasmada na obscura trama; a figura do jardim guardada para sempre no pano que se vai levantando no tear.

E depois imaginávamos a noite, com a luz em cada rosácea d'água. E o amanhecer, com o céu cor de rosa e o bulbul debulhando seu gorjeio como romã partida no ar.

E caminhávamos... E víamos, na manhã pura, as mãos dos jardineiros, essas morenas mãos, da mesma cor da terra, caminharem pelas hastes e folhas verdes, com levezas de borboleta, silenciosas inteligentes e impessoais - como vindas de dentro da terra para completarem apenas aquele serviço das flores, e logo desaparecerem, obscuras e admiráveis, quando a luz do dia cobre de glória a sua criação. (ESI).

(CORREIO DO POVO, 11/09/54)



APONTAMENTOS

Este grito que corta a noite, lancinante e incansável, é o dos chacais. Rondam pelo fundo dos jardins, parece que fazem grandes estragos. Dizem que estão sendo perseguidos, e paga-se não sei quanto, não pela sua cabeça, mas ... pela cauda. (Isto deve ser um eufemismo). Seja como for, ainda não consegui ver de perto nem o chacal inteiro nem a sua representação parcial. Às vezes, uma sombra rasa atravessa a estrada. Apontam-me: é ele! E é só o tempo de apontar - desapareceu. De modo que o chacal, para mim, ficará sendo esta voz, lancinante e incansável, que grita na escuridão.

Há outras músicas mais agradáveis: a dos cortejos de casamento - tambores, flautas, um desenho de alegria a flutuar pelas ruas como um galhardete ou uma grinalda; - a dos pregões dos vendedores: uma dolência lírica tão alongada, tão alongada que nos leva a um Brasil já quase desaparecido, um Brasil como a Índia, com vastas mangueiras, resinosos cajueiros, sombras mansas de estradas calmas, estrelados jasmims por cima das sebes; - e essa melodia azul que se ouve ao entardecer, que se ouve na noite profunda, que nunca se localiza, que é um pequeno sopro num pequeno bambu: leve arabesco a desenvolver-se nos ares como uma palavra que se escreve pouco a pouco, um misterioso nome, - de que? de quem?

* * *

Houve uma tempestade maravilhosa. Há tanto tempo não tinha notícias de trovões que estes, que rolam pela noite, me pareciam um relato da antigüidade. Como se não explodissem no ar, mas numa página do Mahabhárata.

O que restou da noite tempestuosa, trêmula de relâmpagos e ondulante de chuva, foram estes grãos de orvalho dentro das rosas matinais. (Aqui, o orvalho chama-se "os", e a rosa, "gulab".) Olho para a terra úmida, com seus aromas acordados, e penso no tempo das monções, com as águas a descerem pelos campos, a esmaltada folhagem reluzente a enfeitar a paisagem ofuscada pela seca e pelo pó.

* * *

Usa-se muito, por estes lados, um doce de leite chamado "rass-gula". Deram-me a seguinte receita: espreme-se um limão nuns três litros de leite a ferver. Passa-se o leite talhado por uma cambraia fina. Deixa-se a massa esfriar, junta-se água de rosas, fazem-se bolas do tamanho de um ovo, mete-se dentro de cada uma um torrão de açúcar, e põem-se a cozinhar em calda, por uns dez minutos, com fogo brando. É muito doce. (Mas parece que açúcar e felicidade guardam certa relação, - como na palavra doçura).

Como eu falava do "rass-gula", explicaram-me que em Bengala há o "shandesh", que é também um doce de leite. (A palavra significa "mensagem"). Principia, como o "rass-gula", com leite talhado (um limão para um litro de leite a ferver), coado e espremido. Junta-se, depois, muito açúcar, e trabalha-se a massa, para torná-la bem lisa. Leva-se ao fogo, mexendo sempre com colher de pau, até ficar completamente seco. Coloca-se em moldes próprios, que têm desenhos no fundo, e nomes especiais, segundo o que representam: - "mach" (peixe), "chakti" (roda), "chandra-pulu" (bolo de lua), e muitos outros. Quem não tem moldes, coloca o doce num prato e enfeita-o com pistache e pétalas de rosa.

Em Bengala, as visitas são recebidas com essa e outras gulosices, acompanhadas de palavras assim: "Por favor, adoce os lábios, antes de nos deixar!" (Ah, estas belas maneiras do Oriente que o Ocidente não entende mais !)

* * *

Eu estava muito contente com as minhas duzentas palavras de "hindi". Mas alguém me disse: "Não se canse tanto: daqui a pouco não lhe servem para nada! Agora, está contando: "ek, do, tin, char, panch, chhe, sat..." - mas, quando chegar às regiões do

"tamil", terá de dizer: "onru, irandu, munru, nalu, aindu, aru, eru..." - e, se alcança as do "malaiálam", passará a: "onna, rantá, munná, nalá, ancá, ará, erá..." E se toda a linguagem fossem números cardinais!"

Isso não me assusta, como não me assusta o chacal nem a serpente nem a cremação dos cadáveres nem a deusa Durga. Trocar duzentas palavras de um lado por duzentas de outro, é mesmo um jogo interessante. E pode ser que não as troque, mas acrescente. A minha pena é que o tempo não dê para tantos jogos. Creio que nesta Índia imensa, repleta dos mais variados estímulos, é onde melhor se pode sentir a melancolia do "Ars longa, vita brevis".

* * *

Acabo de ler nos jornais que hoje é o "Vasant Pantchami", uma das cinco grandes festas populares da Índia: a que marca o início da primavera. Todos devem usar ou vestir, hoje, qualquer coisa amarela. Segundo a lenda, nesta data, o deus Shiva, com um simples olhar, reduziu a cinzas Kamdeva, o deus do amor. (Ainda não entendi bem a lenda, mas a morte do deus do amor me causa uma delicada tristeza).

Procurei saber onde poderia ver a festa de hoje. Disseram-me que em Bengala. É onde melhor se festeja o "Vasant Pantchami". Até fazem uma procissão, com a deusa do Saber, Sarasvati, que, por fim, é mergulhada no rio.

E, como se não me bastasse estar triste com a morte do deus do amor, e com a distância que me separa de Bengala, ainda me descrevem rapidamente, outras festas populares: o "Holi", com suas bisnagas de água colorida; o "Divali", com suas roupas novas, seus presentes, seus fogos de artifício, suas luminárias; e o "Rakhi", com os fios coloridos que as moças amarram no pulso dos irmãos, como fez a deusa Sachi a seu esposo, Indra, quando o viu derrotado pelos demônios, - a fim de que recobrasse forças, e voltasse a combatê-los, e triunfasse ... (Coisas que não verei, - que se realizam noutros meses...)

* * *

Conheci uma princesa muçulmana. Todos vão pensar que era uma figura das "Mil e uma Noites": mas não era. Não tinha véus nem jóias cintilantes. Não possuía, mesmo, grande beleza.

O que tinha era uma exemplar modéstia. Um suave sorriso. Uma simplicidade perfeita. E isso a fazia resplandecer mais do que todas as mulheres que já vi no mundo, cobertas de beleza e luxo. Na verdade, não parecia uma princesa das "Mil e uma noites", - mas era. Porque está escrito: "a virtude era o seu adorno e o seu perfume".

* * *

O poema de Rilke aos olhos das rendeiras, a esses olhos perdidos no entrelaçamento dos fios, pode-se repetir aos dos bordadores do Cachemir. Os xales, os casacos, os panos que eles vendem não trazem apenas flores e arabescos delicadamente bordados: trazem, sobretudo, os olhos e as mãos desta gente que, dia e noite, transfere cada minuto de sua existência para estes pontos de seda, pequenos e finos como cílios, com os quais descrevem flores, ramos, jardins, campos, primaveras... "Vede - dizem os bordadores - não se distingue o avesso do direito!" É o seu orgulho. Um orgulho humilde de quem desejaria fazer ainda melhor.

Ponho-me a pensar: como seremos nós, míseras criaturas do Ocidente, com o prodígio pesado das máquinas, - diante destes olhos disciplinados em graça e exatidão, que vêem todas as nervuras de uma pétala e são capazes de reproduzi-las no mundo mágico de seus bordados? "Não se distingue o avesso do direito!" - a perfeição é a sua alegria. E suspendem entre as mãos e os olhos os seus bordados - isto é, a sua vida.

* * *

Perguntaram-me para onde vou agora. Quem sabe para onde vai, jamais? Se for para o norte, encontrarei o templo de ouro de Amritsar, em cima do poço da Imortalidade. Se for para o sul, vou ter à cidade deserta de Fatehpur-Sikri, ao pórtico de Sanchi, às grutas de Ajantá, às pedras de Haiderabad, às minas de Golconda, até Madura, - a indescritível - sempre entre deuses, colunas, templos, escadarias... Se for para oeste, chegarei à rósea Jaipur, com o palácio dos Ventos, o cintilante Observatório, os salões de nácar do alto palácio de Amber... Se for para leste, verei o Taj Mahal, Banaras, com seus tecidos de ouro e seus penitentes mergulhados na lama do rio santo, o Ganges, reclinado em alvas areias...

Para qualquer lado que vá tudo será maior que qualquer sonho. (Feliz é a folha dócil, na mão da aragem!).

(CORREIO DO POVO, 17/07/54)

RECORDAÇÃO DE ACBAR

CAMINHO DE AGRA - Feliz também o que pára, nesta vastidão, e alonga o olhar, e recorda.

Não, a Índia não é apenas para ser vista em seus aspectos superficiais, sejam eles pitorescos, dolorosos ou brilhantes. É para ser vista, principalmente, em profundidade, em história, em sonho, em tempo. Refazer com a imaginação todas as coisas que aconteceram por estes lugares, sentir o que está guardado dentro destas palavras - Agra, Delhi, Sikandra, Fatehpur-Sikri... - é deslizar por dentro dos séculos, ir ao encontro desse famosíssimo Acbar, filho de Humayun, neto de Báber - da estirpe de Tamerlão, de Gengis Cã, dessa confusa gente mongol, tártara, turca, - Jalal-uddin Acbar que deixou sua lembrança perpetuada em conquistas da terra e do espírito; na fundação de um império, na unificação de povos, em habilidade política e administrativa, em amor às artes e em curiosidade filosófica.

Vamos agora para Agra, onde Acbar - o Grande (a paz seja com ele!) - passou os últimos anos de sua vida, e onde morreu. É semana de lua cheia - o tempo de visitar Agra e contemplar seus diáfanos monumentos. Mas paramos, no caminho, para subir ao mausoléu do imperador, em Sikandra.

SIKANDRA - Não sei por onde está o sol: tudo flutua numa luz de nácar, dourada e rósea. Há pouco, passou diante de mim um vôo de pavões resplandecentes. Havia uns campos de flores amarelas. De mostarda, disseram. E um camelo, da cor da terra. E um poço, de onde tiravam água. E um silêncio de mundo desabitado.

Os parses entregam os cadáveres aos corvos. Os hindus queimam os seus mortos. Os cristãos, enterram-nos sob uma lápide, ou um pequeno monumento. Estes príncipes mongóis construíam palácios, - para a memória dos defuntos, ou para a glória da morte?

De modo que este túmulo do grande imperador do século XVI é, como vários outros, um palácio, precedido de plataformas, jardins, lagos, pórticos e escadaria. Neste, superpostos terraços elevam graciosas cúpulas sobre a imponente edificação. E os sucessivos arcos e a filigrana dos arabescos transformam em renda e seda florida este

mármore polido pelo tempo e sobre o qual, mais do que todos estes intermináveis ornamentos, brilha, apesar de invisível, a face eterna do Imperador.

ACBAR - Ele nasceu em 1542, numa pequena fortaleza, quando o pai partia para o exílio. Subiu ao trono aos quatorze anos; e, logo que se livrou do regente, começou a expandir sua vocação de reinar. Não sei se houve, jamais, outra, mais perfeita do que a sua.

Dos dezoito aos vinte e cinco anos, tudo são guerras para firmar sua autoridade por estes lados do Pendjab. Mas é nesse tempo de guerras, com flechas para cá e para lá, cavalos, elefantes, tendas de campanha, - que eleva em Delhi o túmulo de seu pai Humayun: palácio de largo domo central, com muitas cúpulas em volta, que até hoje cintila perfeito, no meio de um jardim.

É um moço de vinte e sete anos, já conquistou Ajmir, vai apossar-se de Oudh e Gwalior, - mas, para agradecer o nascimento de um filho, constrói a cidade de Fatehpur-Sikri, jóia de arquitetura que, hoje, o vento e a poeira envolvem, sem destruir.

Em meio século de reinado, esforçou-se por uma conciliação geral dos homens que o cercavam. Misturou, nas escolas, muçulmanos, hindus e persas. Chamou jesuítas de Goa, para o instruírem no Cristianismo. Ofereceu-lhes muitos presentes, aprendeu a pronunciar o nome de Jesus, ordenou fossem traduzidos os Evangelhos, mandou ensinar a língua persa aos padres e a portuguesa aos filhos, - e as abóbadas de Fatehpur-Sikri repercutiram debates religiosos que, entre cristãos e maometanos, promoveu.

Seu filho começava as lições escritas com a fórmula "Em nome de Deus"- e ordenou-lhe acrescentar : "e de Jesus Cristo, o verdadeiro profeta e filho de Deus". Mas também adorava o sol, como os parses, e fez a nação aceitar suas interpretações pessoais dos textos islâmicos. De modo que, até morrer, não se conseguiu saber qual era a sua fé, embora o vissem muitas vezes em êxtase e tivesse mandado gravar na porta principal de Fatehpur-Sikri esta curiosa inscrição: "Jesus disse (a paz seja com ele!): o mundo é uma ponte. Por isso, passa por ela, mas não edifiques nada ali." (Não vi a inscrição, não sei se a tradução é exata. Creio que quereria significar: "Não te apegues ao que edificares").

Seu gênio era como os seus palácios: sólido, florido, variado.

Pensou no povo, e tratou com sabedoria da sua administração: todos se referem às suas preocupações com os impostos: repartiu-os proporcionalmente à propriedade e à

renda, combateu as extorsões. Dizem que simpatizou com os jesuítas que mandara buscar a Goa porque se recusaram a absolver certos mercadores cristãos que sonegavam impostos ao reino mongol.

Mas os impostos não perturbavam seu gosto pelas artes. Elevou fortalezas em Agra e Laore - e uma fortaleza mogol é um deslumbramento de mármore e arabescos. Disfarçou-se em hindu, para poder ver a poetisa Mira Bai, a belíssima rainha de Mewar. Depois de a ver e ouvir, no seu palácio de Chitor, caiu-lhe aos pés, e ofereceu-lhe um colar de diamantes para o seu templo, - colar tão fabuloso que os joalheiros da corte revelaram não poder vir de um homem qualquer.

Queria conhecer os instrumentos científicos do tempo, e, uma noite, mandou chamar um dos jesuítas que tinha em seu palácio, para que lhe mostrasse, num livro de geografia, os mapas de Portugal e da Índia.

E mandou embaixadas a Felipe II e parece que ao Papa.

E publicou um decreto para ninguém se opor à construção de qualquer edifício de culto, fosse igreja, sinagoga, templo, mesquita ou altar para fogo.

Quando as águas de Fatehpur-Sikri não lhe pareceram boas, mudou sua corte para Laore, deixando atrás de si aquele esplendor de varandas, terraços, túmulos de nácar e mármore, e residências de imperatrizes, e salas de conferências religiosas... ("Não te apegues ao que edificaste...").

Em Agra morreu, no ano de 1605. Talvez o tivessem envenenado. Porque apesar de tão notável, com tanta capacidade de compreensão e conciliação, - ou por isso mesmo, - tivera de sofrer o combate de seu ortodoxo irmão, e do filho Salim, cujo nascimento agradecera com a construção de Fatehpur-Sikri.

TÚMULO DE ACBAR - Aqui é Sikandra. Muito longe, muito longe, são nuvens brancas acumuladas, ou os minaretes do Taj Mahal? A luz parece um pó de ouro e de coral descendo do céu, pousando em tudo: no chão, nos mármore, nas árvores, no nosso rosto, nos muros...

O Imperador - continua o guia - reduziu seu harém a quatro mulheres: uma de cada religião (oh! o grande eclético...) - e enumera: Jodh Bai, Birbal, Maria... Maria era cristã. Portuguesa. (Mas acho que é lenda).

Na sala do túmulo, o crepúsculo é veludoso. Como sob a asa de um imenso pássaro. O vulto que ali permanece de guarda, sentado, com ramos de jasmim para os visitantes espalharem sobre a lápide, grita o nome de Deus, para se ouvir a sua repercussão pelas sucessivas abóbadas, de eco em eco. O grande clamor propaga-se naquela solidão, como se um povo inteiro ali se comprimisse. "Alaú Acbar!" "Só Deus é grande" - é o que está também escrito no túmulo daquele que se chamou Acbar e que, apesar de tudo, foi realmente grande.

Mas isto é o túmulo. De seus restos não sei. Parece que não estão aqui. Onde podem estar os restos de homens como este? Basta o nome, a lembrança, a história, a obra...

(Tudo é tão belo que dá vontade de morrer também).

(CORREIO DO POVO, 24/12/54)

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS 27/06/54)



REINO DE HARUMÃ

Agora que saímos do túmulo de Acbar, a tarde não é mais aquela, rósea e dourada, entre nácar e manga madura, que contempláramos a chegada, - mas uma vasta claridade de prata, límpida e fria como um espelho. E, sobre a transparência do céu, os pormenores da paisagem começam a imprimir-se com uma nitidez muito fina de desenho negro.

Apontam-nos um vulto que desliza a pouca distância e logo desaparece entre as árvores. Dizem-nos, com um extasiado sorriso: "Bandar!" Era um macaco. Paramos, - e descobrimos outros outros mais, pelos muros, pelas plataformas, pelo terraço. Chegam, olham, saltam, passam, tornam a olhar, param. São leves, ágeis, graciosos. Terão talvez um metro de altura, os adultos. Muito delgados. A pelagem, fulva cor de metal, com tufos mais escuros, cor de caramelo, ou mais claros como marfim antigo. Seria assim, Hanumã,

o rei dos macacos, "cor de ouro brunido" como se lê no Ramayana, a imortal epopéia sânscrita?

Todos se juntaram agora ao longo de uma cornija. E como são numerosos e expressivos! As fêmeas vêm de longe, a correr, com os filhinhos agarrados ao peito e assim pulam, e assim ficam - tão humanas, na sua ternura! - palpitanes e vagamente desconfiadas do nosso jeito ocidental, que certamente percebem, entretidas, por um momento na sua observação.

O guia contempla com outros olhos essas criaturas aglomeradas essa pequena aldeia, nervosa e aérea, que subitamente apareceu diante de nós. Parece-me que lhe explica os visitantes que somos. (A Índia é um país em que a sabedoria não se encontra apenas nos livros sagrados, mas na vida diária, que repete os apólogos e fábulas entrelaçados na tradição como os ramos dos bosques e as tranças dos rios.)

Pois era uma vez um macaco que vivia com um homem encarregado pelo rei de dar um disparo de canhão todas as tardes, para que os seus súditos descansassem e orassem. Tanto se acostumara a vê-lo meter logo no canhão, que imaginou ser capaz de fazer o mesmo. Aproveitou a ausência do homem para tentá-lo. Não acertou logo. Por isso, aproximou o focinho da boca do canhão, a ver se descobria a causa do seu insucesso. Justamente nesse momento, o canhão explodiu e matou-o. De onde se conclui que cada um deve ser apenas o que é sem procurar imitar ninguém.

Outro macaco vivia na casa de um carpinteiro. Via-o trabalhar com a madeira, abrir fendas, entalar cunhas. Resolveu ajudá-lo e ficou com a cauda presa. De onde se conclui que ninguém se deve apresentar onde não é chamado.

Ainda outro macaco vivia no alto de uma mangueira. Lá em cima, não queria companhia nenhuma. Passava o tempo a comer mangas e a atirá-las a quem passava em baixo. Passou um crocodilo, ganhou também a sua manga, ficaram amigos, começaram a contar histórias um para o outro. O macaco, histórias da floresta; o crocodilo, histórias do rio. Conversa vai conversa vem, fez-lhe o macaco esta confidência: tinha no coração uma pérola.

A mulher do crocodilo fica impressionadíssima com o que lhe revela o marido. Já a carne do macaco deve ser uma delícia dado que é feita só de mangas, essa fruta

excelente. Mas o que não será o coração do macaco, que tem dentro uma pérola, a mais bela jóia do mundo? E roga ao marido que o traga de qualquer modo, para o seu jantar.

Lutando muito com a consciência, lá vai o crocodilo buscar o macaco. Mas no caminho, já com ele às costas, lembra-se do castigo que Deus lhe dará por aquela traição, e conta-lhe o plano de sua malvada mulher.

Então, o macaco desculpa-se. Ora essa! Ele não leva o coração consigo... Como iria expor aos acasos de uma viagem a pérola que tem lá dentro? Não; o coração fica sempre pendurado lá na mangueira... precisam voltar, para apanhá-lo...

E voltam. Do alto da árvore fala o macaco: "Dize à tua mulher que prefiro guardar a pérola comigo!" De onde se conclui que a iminência da morte é capaz de engendrar os mais engenhosos subterfúgios.

Outro macaco, que também vivia numa árvore, roubou um punhado de lentilhas do saco de um mercador que ali perto se deitara a dormir. Quando as saboreava, lá no alto, caiu-lhe das mãos um grão. E o macaco desceu para apanhá-lo. E não só não o apanhou como, com a descida, perdeu todas as lentilhas que tinha. De onde se conclui que, às vezes, pelo menos se perde o mais.

Também, certa noite, estavam muitos macacos reunidos e viram um vaga-lume. Pensaram que fosse uma chama, e começaram a juntar lenha para uma fogueira. Mas um pássaro, pousado numa árvore, avisou-os "O que vedes não é o que pensais". Os macacos não fizeram caso. Nem olharam para ele. O pássaro insistiu e resolveu descer para castigá-los.

Um homem que estava perto disse ao pássaro: "Não te canses em alertar e corrigir aqueles que não querem ser alertados nem corrigidos! Ninguém corta a pedra com uma espada nem endireita um pau torto! E quem o tentar fazer certamente se arrependerá!" o pássaro aproximou-se dos macacos, e logo foi agarrado e morto.

Em quase todas as fábulas orientais, o macaco é sempre personagem inferior, apenas com algum rasgo de esperteza, aqui ou ali. Mas no Ramayana, Hanumã, rei dos macacos, Hanumã "cor de ouro brunido", Hanumã dos longos braços, é figura central amigo e companheiro do herói. Filho de uma ninfa e do deus do vento, ainda criança pensou que o sol fosse um brinquedo ou uma fruta, e atirou-se sobre ele. Indra, o grande deus, fulminou-o, mas seu pai, o deus do vento, conseguiu ressuscitá-lo. Tal era a sua

leveza que, na epopéia, pode ir, de um salto, da Índia ao Ceilão. Tal era a sua força que, para curar os seus aliados com quatro plantas mágicas, que se escondem à sua chegada, arranca e traz aos ombros um pedaço do Himalaia, onde estão¹³: o simples que ressuscita da morte, o que faz sair as setas das feridas, o que cicatriza as chagas e o que restitui às partes curadas a sua cor natural.

Foi ele que descobriu onde o demônio Ravana tinha escondido a princesa Sita. E por ter combatido esse demônio e suas hostes, foi convertido de rei em deus. Quem teria sido, no coração das lendas, esse Hanumã, amigo de Rama, venerado em tantas capelas sob a forma de um simio, tendo na mão um leque ou uma lira?

Atribuíram-lhe até a primeira narrativa das aventuras de Rama. Valmiki, autor do famoso poema sânscrito, ao conhecê-lo teria querido rasgar seu próprio livro. Hanumã, porém¹⁴, precipitou no mar sua narrativa gravada em pedras.

Às vezes, num bosque num eremitério, avista-se um vulto sentado à oriental profundamente absorvido na leitura de um livro. É quase sempre o Ramayana, a longa história de Rama, Sita e Hanumã com suas tropas, em luta com Ravana, - símbolo do eterno combate do Bem e do Mal. Mas que poema é esse? - pergunta-se.

"Esse poema afortunado, que atrai a glória que prolonga a vida, que torna os reis vitoriosos, é a obra primordial que outrora compôs Valmiki.

"O homem que puder ter neste mundo, seu ouvido sempre ocupado com a narrativa desta história admirável, ficará livre do pecado. (Copyright E.S.I.)

(CORREIO DO POVO 25/09/54)



VIMOS O TAJ MAHAL

Agra - Laço de pedra, neste cinto d'água que é o Jâmana. Toda em crepúsculo, agora, - no dia de hoje, no tempo de hoje. Mas, por detrás deste crepúsculo, na profundidade dos séculos, vê-se brilhar o vulto de Báber, "O tigre" : elmo emplumado,

¹³ No jornal está com ponto e vírgula.

¹⁴ Colocamos uma vírgula após porém, porque este deve estar entre vírgulas.

aljava a tiracolo, sabre na cinta, lança em punho, sob o pára-sol imperial, cercado de sua tropa - cavalos, camelos, arneses, gualdrapas, escudos, flechas, soldados... Foi assim que ele chegou das partes do Ocidente. Sem saber ainda que, no meio do tesouro de Agra, veria cintilar aquele diamante que só duzentos anos mais tarde o conquistador persa, deslumbrado, denominaria "Koh-i-nur" - montanha de luz. Ainda sem saber que ia principiar ali a dinastia mogol em que Acbar foi também como um diamante...

Agra começa a adormecer neste momento, embrulhada na neblina do luar, bordada de árvores. As últimas mulheres desfazem-se na sombra, com suas jóias pelos pés, pelos braços, pelo rosto - e seus jarros dourados à cabeça. Os últimos carros desmancham-se no silêncio - rodas mansas, meninos mansos, búfalos mansos. Sono. Sonhos.

O jardim. O hotel. Estas chitas de flores que logo insinuam saudades das ramagens bordadas de Cachemir, - lembranças desse mundo dedicado que vivem em tapetes, miniaturas, arabescos de lacas e de pratas gravadas... Estes copeiros que deslizam, esguios e silenciosos como cipreste, em redor das mesas: finos pés descalços, redondos turbantes - um giro de tulipas, anêmonas, papoulas...

O jardim, cada vez mais escuro. O céu, cada vez mais claro. (Esta noite veremos o Taj Mahal).

Xá Jehan - é em Xá Jehan que pensamos, agora, - porque é obra sua, o que vamos ver. E há uma poética melancolia em nosso pensamento, à medida que evocamos sua figura e sua vida. Estranha sensação, a de levantar de suas cinzas tênues esses mortos ilustres que nunca sabemos se chegamos a entender bem!

Ele nasceu daquele príncipe Salim, filho de Acbar, que reinou com o nome ambicioso do Jehanguir - "Conquistador do mundo". (Parece que, apesar do título, um imperador bondoso e displicente, amigo de caçadas e bebidas, dominado por uma Begam que deixou fama de grande beleza e sedução, além de tão hábil e inteligente que, mais do que nas do marido, teria o império descansado em suas mãos. Haveis de vê-la, nas miniaturas mogóis, com seus longos olhos negros, suas tranças finamente esparzidas, como a de uma disciplinada medusa, e seu colo, redondo e nu, sob muitas jóias, cor de âmbar, contorno de pérola).

Oh! Esta dinastia mogól, com uns príncipes inquietos, ciumentos, ambiciosos, que se sucedem precipitadamente, com tanto sangue derramado em seu caminho!

Também assim, a ascensão de Xá Jehan. E enchem-se os olhos de pena, diante do seu retrato, nestas primorosas miniaturas, - tão pulcro, o fino perfil aureolado, como o dos santos, a bela barba pontiaguda, o penacho imperial, o franzido turbante ornado de gemas. Muitos crimes, em redor de sua história. E, apesar disso, tão amoroso e tão amado por aquela Muntaz Mahal, a "Coroa do Palácio", que lhe deu tantos filhos, e, ao dar-lhe o último morreu. (E é certo, lábios amados, que, já cheios de morte, ainda murmurastes: "Não ameis, Senhor, a mais ninguém, depois de mim..")

Homem contraditório, este, que, tendo conhecido o avô Acbar, tão sábio e tolerante, foi um destruidor implacável de igrejas, imagens e pinturas religiosas, tanto dos hindus como dos cristãos. Quase todos os seus atos parecem agudos, violentos como golpes de espada. No entanto, era um apaixonado de pedras preciosas: construiu o famoso trono do pavão, jóia que engastava numa complicada arquitetura de ouro a pedraria acumulada nos seus cofres; e era um sentimental, pois mandou elevar em memória da favorita, este Taj Mahal que o mundo inteiro conhece, por mil descrições e desenhos, fotografias e miniaturas - um túmulo que parece imaginário, quando se ouve dizer que levou cerca de vinte anos a ser construído, que é todo de mármore e pedras finas, e reflete num longo espelho d'água, emoldurado por ciprestes, os superpostos planos brancos de parapeitos, colunas, pilares, minaretes, zimbórios, nichos rendados, e que teve porta de prata por onde se entrava para visitar a morta. Tudo parece imaginário, quando se ouve dizer que ali trabalharam artistas persas e turcos, italianos e franceses, com vinte mil operários, e que uns morreram de fome, de tão mal pagos, e outros tiveram as mãos cortadas para não repetirem, em lugar nenhum, coisa que se assemelhasse à obra prima erguida em Agra, a margem sereníssima do Jâmuna.

(Esta noite, veremos o Taj Mahal).

O Taj Mahal - Primeiro, como em todos estes túmulos mogóis, é o pórtico, o arco, a porta imensa, que é já como um pequeno palácio, e onde nos recebem com uma candeia que ilumina ora um pedaço de parede, ora um pedaço de teto, perturbando-nos com estas lâminas de luz e escuridão. Rodam aos nossos olhos ornamentos, arabescos, inscrições, e figuras vivas, envoltas em sedas e lãs, com esse movimento e esse olhar de tão profunda

majestade que só no Oriente se podem conhecer. Entre luz e treva, uma bruma que nos abraça e conduz e fala de histórias seculares. Ficamos ofuscados, separados do mundo. (Que é da clara noite que víamos lá fora, como um véu de musselina a descer sobre a cidade?).

Atravessamos o pórtico que dá para o jardim interior. A clara noite está aqui. Outro guia aponta-nos o caminho, ao longo do espelho d'água que reflete o branco túmulo: ramo de magnólias naquele cristal do lago diáfano.

Tão denso é o luar que tudo se torna impalpável: chão, ciprestes, muros, os vultos humanos e seus movimentos e gestos. O luar atravessa tudo: se falarmos, a voz é absorvida por esta claridade esponjosa, ensurdecente, em que tudo se converte com delícia. Terá ficado no pórtico, o nosso corpo, como um traje miserável, num vestibulo? Isto que somos agora é já outra coisa - aérea e resvalante: um pouco de vento que ainda pensa e recorda, apenas.

E assim transfigurados encontramos outros guias, que se sucedem com outras candeias, outros mantos brancos, outras vozes - tudo esparso na brancura do luar que não parece vir da lua, mas deste mármore, das suas placas polidas, de suas colunas roliças, de seus minaretes, - fusteis imóveis de espuma - desta renda dos nichos, destas grades das gelosias, que refletem no chão seu formoso desenho de flores. Mármore que, à luz da candeia, revela seus segredos minerais mansamente superpostos, e os seus embrenhados lambris, onde lírios, fúcsias, tulipas, campânulas de diferentes cores imitam os bordados de Cachemir, lavrados em pedras preciosas a imitarem minuciosamente os vários tons de caules, folhas, pétalas, pistilos, sem constrangerem a graça das curvas nem a expressão dos ramos que se elevam ou se inclinam, como se por eles continuasse a passar uma perpétua aragem.

E eis os túmulos de Muntaz Mahal e de Xá Jehan, ao lado um do outro - como deveriam ficar para sempre os que se amaram. O dele, um pouco mais acima - porque era o Imperador. No mármore, frisos e frisos superpostos, de delicadas flores, finamente gravadas. E no alto, os ramos de jasmim vivo que os visitantes vão recebendo do guarda que, em troca de algumas moedas, os convence de que é preciso eternizar e venerar este sonho de beleza em redor da morte.

Não estão verdadeiramente aqui, nestes ataúdes, os restos de Xá Jehan e Muntaz Mahal. Descansam na cripta aonde nos conduzem como se nos levássemos para um outro reino. Descemos? Flutuamos? Estamos realmente vendo alguma coisa?

Depois, levitamos pela plataforma em redor das colunas, vestidos de luar, falando e tateando luar - puros fantasmas felizes.

Fim - Acasos de guerra? Divergências de idéias? Tesouro esbanjado? Os dias gloriosos de Xá Jehan terminam na fortaleza de Agra, onde o aprisionou Aurangzeb, seu filho e usurpador do trono, sangrento rival de seus irmãos. Dizem que, antes de morrer, o velho imperador pediu que o levassem numa cadeira de ouro até uma janela, para ver o Taj Mahal pela última vez. E que nesse instante chorou. Pela amada? Pelo palácio que a guardava, tão branco, tão puro, tão eterno? Pelos rivais e filhos mortos? Por esta incompreensão da vida? Pela aproximação da morte? (E é certo, envelhecidos olhos, que desejustes construir, do outro lado do rio, o vosso próprio túmulo, negro e majestoso, unido a este por uma ponte de prata?).

Grandes são estas águas do Jâmuna, que vão daqui até o Ganges. A pequena lágrima de Xá Jehan bóia sobre elas; paira sobre muitas ondas de sangue derramado; brilha nestas flores de ágata, calcedônia, turquesa, jade, como um orvalho inesquecível.

Noite. Luar. Sereno. Vimos o Taj Mahal! Uma espécie de música nos atordoia, divinamente. Vimos o Taj Mahal. Não estamos mais no mundo. Somos puro sonho evaporado deste palácio branco, livres da vida e da morte, por um momento - alados, sem resistências entregues a estas recordações de glória, amor, melancolia: - a história humana, em forma de mármore, água, luar, com uma pequena lágrima no fim. (ESI)

(CORREIO DO POVO 09/10/54)

TEMPO SOBRE ESPELHOS

Fatehpur-Sikri - Nunca mais se esquecerá esta cidade que jaz entre Agra e Jaipur. Nunca mais se esquecerá, - embora esteja morta, a bem dizer, desde o dia em que o seu fundador, Acbar, a abandonou, desgostoso com as suas águas. Tem-se vontade de dizer que esta cidade morreu de amor. Secou de saudade. Seus palácios, no meio desta poeira róseo-amarelada, parecem um ramo de flores crestadas pelo tempo, mas guardando intacta a estrutura da sua beleza.

Tudo isto foi obra de Acbar, e assinalou o nascimento do príncipe anunciado pelo eremita Selim Chésti, que neste lugar vivia. Eis o túmulo do eremita; uma grade de mármore que é muro de renda; e uma cúpula toda recoberta de escamas de nácar, pura e luzente como um pálio de seda nova. Nem os séculos nem o vento nem a poeira embaçam esta jóia que adorna a morte e a faz preciosa e bela. Dizem que até hoje as mulheres que sonham ter filhos vêm deixar aqui seus votos, esperando sejam exaltados como, há quatrocentos anos, os da esposa de Acbar.

Ali, o palácio de Birbal, uma das quatro favoritas do imperador: nichos, colunas, plataformas, zimbórios tão minuciosamente lavrados que não se pode imaginar as mãos desses antigos artistas - ágeis, infatigáveis, leves e poderosas - que assim recortavam a pedra como quem rasga uma flor. O outro palácio é o da favorita Jodh Bai. No de Maryam, a lendária esposa portuguesa, dizem que havia pinturas murais com a Anunciação e a Queda do Homem.

Agora, somente o sol passeia por aqui. Nós, viajantes, não pertencemos a nada disto. E os guias que nos conduzem, que explicam estas coisas como podem, também não pertencem a estes monumentos do passado, repletos de um silêncio grandioso, fantasmas imóveis, entretidos para sempre com as suas recordações.

Aquele pavilhão com quatro minaretes, gelosias, finamente recortadas, transparente varanda em toda a volta é o "Divani-khas", o salão das audiências, onde Acbar ouvia discutir a essência de todas as religiões professadas no seu reino, pelos representantes dos diferentes cultos.

Tudo isso passou, - mas deixou em Fatehpur-Sikri uma auréola, como as que cercam a caça dos soberanos, nas miniaturas da época. O sol cobre de ouro tudo isto. O

sol é tão brilhante que ofusca a paisagem. É de sol que se enchem os ressequidos, velhos poços de pedra; é o sol que carregam no¹⁵ flanco de suas jarras as poucas mulheres que passam. E, num recanto onde o sol dificilmente penetra, um lago viscoso concentra suas águas densas e recobertas de tanta vegetação como um canteiro flácido, escuro e frio. Numa alta plataforma, homens quase nus dispõem-se a mergulhar, em troca de algumas rúpias. Desprendem-se no ar, afundam na onda que se entreabre ao choque brusco e logo se fecha, pesada, quase sem respingo. Depois reaparecem como divindades aquáticas, úmidos, lustrosos, com o cabelo colado à face, o peito ofegante, o lábio arregaçado - para sorrir ou para respirar? e voltam de novo para a sua plataforma, de onde se desprendem outros mergulhadores, como estátuas que rolassem de altos nichos.

Caminho de Jaipur - Por uma estrada quase deserta, seguimos para Jaipur. A cidade de Jaipur é famosa por muitas coisas, entre as quais as suas portas, preciosamente decoradas de relevos, flores, imagens, peixes, arabescos. É uma cidade do século XVIII, traçada em avenidas perpendiculares, que a dividem em grandes blocos, e as ruas também perpendiculares, que dividem cada bloco em vários quarteirões. Muitos a chamam "cidade cor de rosa", porque é a cor dominante das fachadas; mas numa tonalidade discreta e calcária, - como a de certas conchas, - que o olhar se compraz em percorrer, descobrindo ramos pintados, diferentes ornatos, policromos ou brancos, tudo gracioso e gentil, como se houvesse no ar um constante pensamento festivo. Jei Singh II, o Mahrajá fundador da cidade, não era apenas um guerreiro, mas um matemático, e especialmente um astrônomo. Construiu cinco observatórios, em vários lugares: o maior de todos é o que aqui se encontra, numa praça, ao ar livre, surpreendente nas suas linhas geométricas, nas suas barras, nos quatorze monumentais instrumentos que o compõem e lhe dão o aspecto de uma obra de arquitetura moderna, maravilhosamente simples e funcional, no centro desta risonha cidade rósea, onde o "Palácio dos Ventos" é uma espécie de leque de filigrana, prolixamente recortado em balcões, sacadas, gelosias, varandas, tudo superposto e harmonioso como, pluma sobre pluma, a cauda desdobrada dos pavões.

Jaipur é uma cidade viva, cheia de palácios, templos e edifícios antigos e modernos. É uma cidade clara e colorida, ampla e agradável, com um mercado das Mil e uma Noites, cestas de frutas e grãos, frigideiras com bolos a dourar em óleo fervente,

¹⁵ No jornal está "na flanco".

bordadores, ourives, tudo lado a lado, como uma família imensa que conversa e trabalha, estuda e brinca, - pois há mesmo jovens atentos sobre livros, pelas soleiras das portas, em face da multidão. Mas a nota mais pitoresca é a dos tintureiros que, um em cada ponta, estendem longos panos coloridos, panos de turbantes ou de saris, e, em plena rua, os fazem ondular por um momento, ao vento, ao sol, ao olhar dos passantes - e são longas barras amarelas, encarnadas, verdes, - larga pincelada nítida sobre mil figuras que vão e vêm, rodeiam os tabuleiros¹⁶, as mesas, as barracas; vendem, provam, compram, discutem, refletem, abanam a cabeça de enormes turbantes, acertam balanças, fazem contas...

Também aparecem alguns vendedores no jardim do palácio desta "Guest-house" que nos hospeda. Escultores de marfim, com suas caixas repletas de imagens mitológicas; o divino Krishna, de perna cruzada, a soprar na flauta mágica; a deusa Ganesha, com cabeça de elefante, Budhas sentados em lotus, ou simples figurinhas de elefante, espátulas esculpidas e rendadas, com leões que caminham por entre flores... Há finos bordados brancos, a ponto de sombra e ponto turco; pantufas de cetim brilhante com o bico retorcido, recamadas de palhetas de ouro; xales de seda leve e crespa, de uma espécie de "batik", cujo desenho é obtido com pedrinhas amarradas no pano, de acordo com o padrão, antes de serem aplicadas as diferentes cores. Não falta mesmo um jovem astrólogo, de turbante cor de rosa, como as casas da cidade, um astrólogo que deve estudar as posições do céu com aqueles hemisférios, ponteiros, discos e barras do Maharajá Jei Singh II, e que nos oferece uma pedra branca e negra como um ovo de pássaro fabuloso, dentro da qual está para sempre, ativa e gratuita, a nossa felicidade. Há, finalmente, os vendedores de pulseiras de espelho, frágeis adornos em que o sol da manhã faisca, multiplicado.

História de Espelhos - Os espelhos das pulseiras fazem-nos pensar numa antiga história em Chitor. A fama da beleza da rainha Padmini chegou aos ouvidos do rei de Delhi. Logo o soberano mandou cercar a fortaleza, e, depois de muita luta, concordou em levantar o cerco se o deixassem contemplar a rainha. Por mais que a proposta parecesse ultrajante ao país, a rainha, para por termo à luta, resolveu mostrar-se refletida em doze espelhos. Tão perturbado ficou o rei de Delhi que aprisionou o marido de Padmini,

¹⁶ No jornal está taboleiro.

oferecendo-lhe a liberdade em troca da mulher. Novamente ela concordou, com grande espanto do povo. E partiu para o acampamento inimigo com suas aias em setenta liteiras. Permitiram-lhe, porém, um último encontro com o marido - e foi assim que ela voltou, frustrando o invasor, protegida pelos seus soldados, que eram aquelas aias, disfarçadas.

Amber - Continuo a pensar e Padmini, diante destes inumeráveis espelhos que ornaram o velho palácio de Amber, a antiga capital de Jaipur. Imensas paredes decoradas de pequenos espelhos, engastados em arabescos, entre mil invenções florais. Que rostos multiplicariam aqui sua beleza, povoariam estas salas de sorrisos, de olhares, de jóias, de véus, de gestos, de ilusão!

O guia que nos acompanha, este paciente e sorridente Lala Bakshás, com um grande turbante amarelo a circundar um rosto de nobres feições, conta as histórias deste lugar; aponta o sítio das audiências dos antigos rajás e, em frente, as rendadas gelosias por onde as mulheres do palácio podiam ver sem serem vistas o que se passava aqui. Descreve-nos cada coluna, cada aposento, cada arco. História, ciência, mitologia, anedotas... Neste lugar, sentava-se o rei, para as refeições, com alguma favorita. (Pelas paredes em redor, há uma paisagem com a reprodução dos lugares santos). Agora, esta outra sala, é igual à noite e estrelada: uma pequena luz acesa, multiplica-se nas escamas de madreperla que revestem os muros e a abóbada... (Acende um fósforo: e o recinto fica todo cintilante...)

Como se não bastassem essas visões fabulosas, ouve-se de repente um som de gongos e sinos: é o ofício religioso num pequeno templo contíguo; um templo de porta de prata, com a deusa Durga num altar ladeado por bananeiras esculpidas em pedras de cor sobre o mármore branco. O ofício é rápido: uma nuvem de aroma, os gongos que soam, o sacerdote que chega, os fiéis que se prosternam e recebem na fronte um sinal de óleo encarnado. Mas ninguém pode entrar no templo trazendo consigo qualquer objeto de couro: nem sapatos, nem cintos, nem carteiras, nem máquinas fotográficas. Tudo fica do lado de fora.

Quando descemos, o guia mostra-nos o lugar dos antigos sacrifícios de animais, e o torreão destinado aos soberanos, para esses espetáculos. (Durga é uma deusa terrível, esposa de Shiva, símbolo de destruição).

Do palácio de Amber, a vista sobre os arredores é vastíssima como um abismo cheio de sol. Subimos sentados no sereno elefante que nos espera comendo com delícia um tijolo de rapadura. E assim desceremos agora, e as criancinhas correrão atrás de nós, pedindo moedas - "bakshish! bakshish!" - um pouco por pobreza, um pouco por brinquedo, e entre seus lábios escuros os dentes brilharão miudinhos como grãos de arroz dentro d'água. (ESI)

(CORREIO DO POVO, 12/02/55)



A MODESTA PATNA

A caminho de Patna, sabe-se que existe - mas não se pode no momento alcançar - a sagrada Banaras, célebre não apenas por estes maravilhosos tecidos de gaze metálica que envolvem de auroras e relâmpagos as formosas mulheres da Índia, mas célebre acima de tudo pela sua tradição religiosa, pelas centenas de templos que ai se concentram, e por essas escadarias que servem, ao mesmo tempo, para os devotos que se banham no Ganges a louvarem a água e o sol e para os mortos que, cremados, sobem para Deus, reduzidos a uma exígua linha de fumaça.

Mas é para Patna que voamos. Em Patna é que ficaremos. E pensamos nesse breve nome, que, decerto, no Ocidente, não desperta nenhum eco! Patna - uma pequena cidade à margem direita do Ganges, - um ponto no mapa, neste imenso mapa da Índia onde todos os pontos marcam, no entanto, um novo cenário, uma outra história, uma imprevista revelação.

Do aeroporto ao hotel, tudo é simples e afável como, em melhores tempos, um bairro do Rio de Janeiro. E o hotel, no meio de um jardim um pouco abandonado, tem o jeito familiar de qualquer palacete conhecido na infância. Apenas, como em cinco horas de vôo para leste o clima é outro, portas e janelas estão largamente abertas, protegidas por cortinas coloridas, sendo que as das portas não chegam até o chão. As camas têm cortinados de tule, e o banheiro é no estilo indiano, isto é, com recipientes de água fria e

água quente, e uma vasilha que serve para misturá-las e despejá-las pelo corpo, no ato do banho. (Esse sistema não é tão prático quanto o do chuveiro, mas é muito mais higiênico do que o da imersão e tem a vantagem de economizar água, sem sacrificar o asseio).

Debruço-me à janela, para sentir o ar, a luz, a tranquilidade deste meio-dia de Patna. O longo muro que separa o jardim do hotel do edifício vizinho está sendo reconstruído. E, ao contemplar estes pedreiros ocupados em tarefa tão simples, recordo os templos que já vi, as colunas lavradas de mil desenhos minuciosos, paredes recobertas de lâminas de nácar, de ouro, espelhos, as filigranas de mármore, os deuses de pedra, as fortalezas e parapeitos, - e passam diante dos meus olhos mãos seculares, milenares, perfis de artífices inclinados para o seu primoroso trabalho que o tempo não desgasta, anônimos artífices que amamos tanto sem sabermos quem foram, apenas pelo que as suas mãos deixaram, e que os fez imortais.

No meio do jardim, há uma mulher sentada numa esteira e cercada de crianças. - Quantas vezes tenho encontrado na Índia este mesmo quadro - Que faz essa mulher? Conta histórias? Explica o mundo? Ensina cantigas? Brinca de adivinhações? As crianças aproximam-se, como para ouvir melhor, depois afastam-se, de mãos erguidas, com a alegria de uma conclusão. Em dado momento, a mulher levanta-se, e muda a esteira de lugar, em baixo da árvore, para proteger-se do sol. E o entretenimento continua.

Relembro um Rio de Janeiro de Jardins e quintais, de crianças que cresciam sob mangueiras e cajueiros, de amas e avós que sabiam contar histórias e propor adivinhações: um tempo feliz intimamente ligado à vida, um tempo adorável, de criaturas solidárias, unidas por uma afetuosa cadeia de tradições. Por isso, a Índia vai sendo para mim, dia a dia, entre mil outras coisas, uma grave imagem de saudade. É preciso vir-se do Ocidente com um coração dolorido pela falta de ternura geral, é preciso ter-se deixado para trás a frieza de uma civilização de cimento e aço da qual se defendeu a força pura do coração, para se parar emocionado diante de uma centena destas, tão simples, tão humana, tão livre das circunstâncias efêmeras e tão próxima do sentido eterno do mundo.

O vento que chega pelas janelas e pelas portas, sacode estas cortinas coloridas, e parece uma festa. Do jardim, sobe um perfume vivíssimo: são as ervilhas de cheiro, que abrem suas grandes flores policromas sobre uma fina sebe de bambu.

Vamos visitar o Instituto de Pesquisa da Batata que é uma das muitas obras científicas em que se empenha o país. Um grupo de especialistas apresenta e explica seus gráficos, mostra numerosos exemplares de diferentes variedades de batata ensaiadas em experiências tecnicamente conduzidas a fim de serem verificadas suas qualidades de produtividade bem como as de resistência às doenças que tanto assolam o tubérculo.

O material exposto é suficiente para deixar pensativo mais desatento poeta que ocasionalmente o contemple. Mas o que sobretudo impressiona é o entusiasmo e a febre de trabalho que parece empolgar todos esses estudiosos, apaixonados pelas suas investigações.

Em redor do laboratório, estende-se o campo de plantio para as experiências. E por aí caminhamos todos, a conversar sobre o Brasil e a Índia, com uma camaradagem de antigos conhecidos, uma simplicidade de habitantes do mesmo mundo, - enquanto o céu começa a inventar as cores do crepúsculo e os caminhos das estrelas.

Vamos jantar à casa de um dos técnicos do Instituto. Nenhum aparato. A recepção mais íntima, cordial e generosa que se pode encontrar: por isso mesmo, a mais inesquecível e emocionante. O ambiente modestíssimo que caracteriza o esforço de recuperação da Índia e o seu propósito de cooperação verdadeiramente nacional. Como estamos longe dos palácios mogóis, com seus mármore e pedras preciosas! Tudo aqui se reduz às linhas essenciais da habitação, e à pequena mesa onde a comida indiana exala seus fortes aromas. - A dona da casa envolta num sari alaranjado, tem essa presença tão serena e reconfortante, suave e protetora, que simboliza a própria maternidade. E as crianças são como todas as crianças que vi na Índia: exatamente iguais a flores, pela delicadeza, pela graça, pela doçura tímida com que levantam os imensos olhos negros, ou modelam nos lábios um puro sorriso.

É essa paz que envolve as famílias indianas. Um silêncio caricioso. Uma compreensiva bondade. Como se todos estivessem pensando que os nossos encontros neste mundo, mesmo os mais caros, são apenas momentâneos e que nos devemos tratar como viajantes humildes que vão e vêm pelas portas da Eternidade.

Voltaremos a ver estes doces amigos de um instante? Onde? Quando? Guardo as imagens no coração: a mais graciosa é a da criança que ainda não sabe falar, e vai

adormecendo nos braços do pai, à sombra do seu turbante, do seu olhar, do seu sorriso, da sua barba de "sikh".

No dia seguinte, antes de partirmos, ainda corremos ao museu, que é uma das belas coisas de Patna. Corremos de um modo singular: num carrinho puxado por um ciclista. Parece impossível, mas é assim: a bicicleta roda e leva-nos consigo no bojo de um pequeno veículo com pinturas encarnadas.

O museu não é para ser visto num dia nem numa semana, é por anos deixar escravizados às suas salas, aos seus armários, diante das peças de arqueologia e dos objetos de arte, - por um tempo sem relógios, sem compromissos nem solicitações. Mas que pode fazer nesta Índia imensa e prodigiosa o passante obediente ao seu programa, embora de cada canto, de cada parede, tudo esteja a chamá-lo, a reclamar o seu olhar e a sua atenção?

Cercados pelas miniaturas mogóis como quem fosse de súbito transportado ao esplendor dos séculos XVI e XVII, recompondo nos ambientes que antes visitamos as cenas que agora vemos, desejaríamos imprimir nos olhos, para sempre, cada rosto, cada animal, cada jardim, cada flor tão preciosamente pintados. Mísera coisa somos. Não há memória com suficiente nitidez ou fidelidade para conservar ao lado uma da outra, límpidas e luminosas como aqui se encontram, as figuras desta encantadora galeria!

E assim vamos arrastados para a frente, para a rua, para o aeroporto, para outros lugares, insensíveis a malas, passagens, balanças, passaportes... Continuamos a ouvir a voz que nos falava: "Hoje, Patna é quase apenas esta rua principal, com seus edifícios, suas residências, suas propriedades rurais (porque na Índia o rural e o urbano se entrelaçam, inseparáveis...) mas por estes lugares floresceu outrora a maravilhosa cidade de Pataliputrâ, capital de um império que ia quase do norte ao sul do país. Era cercada por uma extensa muralha de madeira com mais de sessenta portas e quase seiscentos torrões... O palácio real tinha colunas com trepadeiras de ouro e pássaros de prata! Pataliputrâ foi um grande centro de cultura e de ensino budista. Ainda se encontram esparsos alguns vestígios desse antigo esplendor..." - E o resto - "O resto dorme sob as areias do Ganges..."

As areias do Ganges! Visto do avião, o rio parece um imenso deus de cristal recostado num tronco branco. São as suas alvíssimas areias...(E.S.I.)



DO GANGES A TAGORE

Na verdade o Ganges não é um deus, mas uma ninfa, como se lê no velho texto de Romaiana. A simples informação geográfica de um rio que nasce no Himalaia e vai desaguar na baía de Bengala, depois de receber muitos afluentes nas longas milhas do seu percurso, - nada tem a ver com a sua verdadeira biografia. E quem não a conhecer não pode associar a estas águas a virtude purificadora que se lhes atribui, nem entender como para tanta gente o supremo bem é mergulhar no lodo das suas margens, que limpam de todos os pecados, ou ter as cinzas atiradas em sua correnteza, depois da morte, quando se abandona o triste corpo cremado, como um vestido gasto, e se sobe para os palácios de Deus em puro espírito desprendido.

Rei é o Himalaia, - rei das montanhas, com seus fabulosos tesouros de pedrarias fechados nas minas. Casou-se com Mena, filha de Meru, deusa encantadora e graciosíssima, que lhe deu duas filhas: Gangá e Uma.

Os imortais, que habitam lugares sobre-humanos, desejaram Gangá para sua esposa: Gangá, a que caminha à vontade no seu leito de areias para a purificação dos três mundos. (É assim que se lê na velha história. E Gangá significa, realmente, "aquela que vai" ou "o rio que vem do céu à terra").

Quando o asceta Visvamitra contava ao herói Rama essa história do Ganges, parou na cerimônia de casamento, depois da qual os Imortais partiram do Himalaia, levando consigo a sua noiva Gangá. Rama, porém, quis saber mais. Por que a ninfa rola por três leitos e vem espalhar-se no mundo dos homens, ela que é o rio dos deuses? Quais são as suas obrigações?

E Visvamitra recomeçou de muito longe: Era uma vez o rei Sagara, que, apesar de possuir duas esposas, não tinha nenhum filho. Por isso se dedicou a longas penitências, até que, um dia, um anacoreta lhe anunciou: uma de suas mulheres seria mãe de um só

filho, com muitos descendentes, e, a outra, de muitos filhos, sem descendente nenhum. Deviam escolher.

As mulheres escolheram. E assim foi. A primeira, teve um filho único. A outra, sessenta mil, - que saíram de dentro de uma abóbora.

O filho único foi banido pelo pai, por ser um herói exterminador; mas deu-lhe um neto, benquisto de todos, e cujo nome era Ançumat.

Certa vez, preparava-se o rei para o sacrifício de um cavalo, quando aparece uma serpente que rouba o animal destinado ao sacrifício. Interrompe-se a liturgia, e os sacerdotes exigem que o rei mande perseguir a serpente. Sagara chama os seus sessenta mil filhos, ordena-lhes que a procurem por toda parte, enquanto ele e o neto ficam à sua espera, presos ao compromisso religioso já iniciado.

Depois de haverem escavado toda terra, construindo as montanhas e os vales que hoje existem, descobrem que o cavalo foi roubado pelo próprio deus Vishnu a fim de preparar o desaparecimento dos sessenta mil filhos do rei. De fato, quando se aproximam do cavalo, o deus redu-los a cinzas.

Então, o rei, cansado de esperar¹⁷, manda o neto à procura dos tios. O neto, depois de muito andar e conversar com os quatro elefantes que suportam o mundo, encontra o cavalo roubado e o monte de cinzas a que ficaram reduzidos os seus sessenta mil tios. Encontra igualmente, Garuda, o rei das aves, tio materno dos mortos, e, quando lhe comunica o seu desejo de regar aquelas cinzas com água lustral, dele recebe o conselho de fazê-lo com as águas de Gangá, - pois desse modo aqueles mortos irão para o céu.

Ançumat volta para trazer o cavalo ao avô e contar-lhe o conselho de Garuda. E o rei Sagara começa a pensar na maneira de trazer o rio do céu. Mas, depois de ter reinado trinta mil anos, morre, sem conseguir trazê-lo.

Ançumat devia suceder ao avô, mas preferiu entregar o reino a seu filho Dilipa e retirar-se para o Himalaia como penitente. Queria conseguir também, à custa de macerações, que Gangá descesse, a fim de purificar as cinzas dos sessenta mil tios. Mas não o conseguiu, apesar de trinta e dois mil anos de penitência. No entanto, morreu e foi para o céu.

¹⁷ No jornal está "espera", acrescentamos "r", mas poderia ser também "s".

Dilipa, que reinou vinte mil anos, também fez inúmeros sacrifícios, com o mesmo fim. E Gangá não desceu.

Seu filho Bhagiratha não tinha descendente. Asceta, passou mil anos em penitência. E o deus Brahma apareceu-lhe e disse-lhe: "Pede o que quiseres". Pediu que Gangá descesse, a fim de purificar as cinzas de seus antepassados, também que eles pudessem entrar no céu sem mácula.

Mas o próprio Brahma achava Gangá tão poderosa, com suas águas, tão pesada e tão grande que o aconselhou a pedir auxílio do Shiva, para sustentá-la na sua descida à terra, pois o mundo podia quebrar-se, sem o socorro de um deus. O rei fez ainda mais penitências e Shiva ordenou a Gangá que descesse.

Quando Gangá desceu do céu e começou a caminhar pelo mundo, o rei Bhagiratha ia na frente para conduzi-la¹⁸ até o lugar onde estavam os seus antepassados, que logo se purificaram e puderam subir sem mácula ao paraíso.

Foi essa história que Visvamitra contou a Rama. Como todas as grandes narrativas da mitologia indiana, essa também concede indulgências até aos que a ouvem contar. Esses terão riquezas, fama, vida longa, o céu e a purificação dos pecados. Se a simples narrativa pode produzir tais efeitos, quando ouvida com atenção (e, naturalmente, bem compreendida), que benefícios não receberão os penitentes que, como esses velhos reis, de um passado incalculável, se dedicam a tanta meditação, concentrados pelos lugares sagrados da Índia?

Visto do alto, o Ganges parecia uma nuvem estendida pelo chão. Mas a luz do sol atravessava-lhe a água e fazia-a cintilar sobre as claras areias. Íamos para Calcutá. E era um contraste, essa claridade do rio que caminhava para o mar, e a obscura fama da cidade a que nos dirigíamos. Dela, desde sempre, todos nos falavam com uma espécie de terror. Mesmo os que nunca ¹⁹ a representação de todas as sombrias desgraças humanas: da fome, da peste, da devastação... Talvez pelo seu nome, que lembra a deusa da morte, - Kli-gath quer dizer "cais de Kali" e Kali é, como Durga, a esposa de Shiva, representação trágica da divindade... - talvez pelas notícias desse clima de mormaço e pântano que os viajantes referem nas suas crônicas...

¹⁸ Completamos com esta palavra a partir do texto, no jornal está meio apagada.

¹⁹ Lacuna no texto do jornal. Na edição da Nova Fronteira foi completado com: "a tinham visto. Era".

E estamos em Calcutá! E, por enquanto, é o movimento claro do aeroporto, em que se cruzam todas as raças e idiomas. Gente loura e gente quase negra. Línguas européias e línguas orientais. Turbantes, barretes saris, vestidos ocidentais, grandes olhos contornados de colírio negro, véus, tranças, meninos que choram no colo das amas, senhores de cara vermelha que fumam grossos charutos.

Estamos em Calcutá: e as ruas voltam a ser movimentadíssimas, como as de Bombaim. Parece que, em população, esta é a terceira cidade do mundo. Correm veículos variadíssimos: carros puxados por cavalos, puxados por homens; automóveis, bicicletas, motocicletas, carrinhos de mão...

Tudo é rumoroso, multicolor e novamente o ar é úmido e cálido, e aparecem, misturados à confusão imensa dos passantes, mendigos que estendem a mão, que inclinam o rosto, que contam como podem a sua história, e os guardas do hotel afastam a turba, e os estrangeiros querem ver as vitrines, e o hotel está em obras e os andaimes são de bambu, e pelos andaimes andam operários como aranhas na teia, - e no imenso restaurante come-se à européia, come-se à oriental, os ventiladores rodam, os copeiros deslizam como sombras, esguios e silenciosos, com pratos fumegantes que cheiram a cravo, hortelã, canela, ²⁰ ...

Estamos na região mais oriental da Índia, na província de Bengala. E ocorre-nos à memória a figura quase mitológica de Tagore, o poeta indiano mais conhecido no ocidente. Nesta cidade, há quase um século, nasceu. Mal acabo de chegar, e já me dizem que se inaugurou aqui uma exposição de pinturas suas. Foi músico, pintor, poeta, romancista, educador, dramaturgo, ator...

Giram, diante de meus olhos, Calcutá, com suas múltiplas aparências, e Tagore, com seus múltiplos dons. E tudo ressoa, como um caramujo aplicado ao ouvido, desde o primeiro instante, neste remoto lugar. (E.S.I.)

(CORREIO DO POVO, 23/10/54)

²⁰ Lacuna no texto do jornal. Na edição da Nova Fronteira foi completado com : "pimenta".

VISTAS DE CALCUTÁ

A cidade é grandiosa: pelo tamanho, pelas edificações, pelo número de habitantes e de forasteiros. Todos os tipos humanos, todas as cores de pele, todas as classes sociais vão e vêm pelas ruas, por onde circulam também todas as espécies de veículos. Destes, os que mais impressionam o visitante ocidental são os "rikshás", carrinhos puxados por gente. Se o "rikshá" está vazio, o homem caminha lentamente, numa atitude de quem restaura as forças. Mas basta que um freguês entre - e às vezes são dois ou mais - para o homem apoiar com energia as mãos nos tirantes laterais e, de braços abertos, o tronco inclinado para a frente, abrir caminho por entre a multidão, com ritmo acelerado, numa velocidade surpreendente.

2

Pelo centro da cidade, é este burburinho, este movimento humano só comparável ao de um agitado mar. Mulheres de saris amarelos, vermelhos, alaranjados, purpurinos atravessam as ruas e praças; e o vento dilata as pregas das sedas, e a luz da tarde passa por dentro delas. Homens de branco, sérios e calmos como doutores ou sacerdotes, destacam na multidão seu claro vulto, do "tope" de algodão enterrado na cabeça à ponta recurva do calçado. A população humilde, escura, maltrapilha, esguedelhada, insinua-se por entre as coloridas sedas das senhoras e os "dhotis" e xales brancos dos homens: as crianças carregam coisas: latas de esmola, embrulhos, trapos. As crianças de colo vão enganchadas no flanco das mães. Há figuras tão magras que parecem esqueletos pretos. Alguns homens, por motivo religioso, têm a cabeça e o peito cobertos de cinza. Isto é o que de repente causa certa surpresa, - pois, quanto ao mais, os pobres se parecem todos uns com os outros, em qualquer parte.

3

Uma das coisas mais famosas de Calcutá é o seu Jardim Botânico, tanto pela área que ocupa como pelas essências que ostenta. Aos olhos brasileiros, acostumados à identidade das cores, ao porte e profusão das árvores daqui, não causam grande surpresa estes belos passeios sob as vastas frondes. Mas há realmente um recanto que inspira admiração, e excede tudo quanto já tínhamos visto em bosque, floresta ou parque: é o fabuloso "ficus" quase bi-secular, que se multiplicou em cerca de cem plantas, - numa

circunferência de mais de trezentos metros, - todas entrelaçadas, formando uma espécie de gruta vegetal, cujas estalactites e estalagmites são os troncos e as raízes que deles irrompem, e cujo teto é a massa compacta da folhagem onde a tarde escurece, aconchegada e misteriosa. Imaginemos esta gruta encantada, verde e palpitante, às diversas horas do dia e da noite, em diferentes estações: a brisa que pode aqui brincar, o vento que dentro dela pode rugir, os pássaros que podem subir e descer por estes ramos, depondo aqui e ali a flor do seu gorjeio; e a chuva a gotejar de cada folha e o luar a abrir caminho por entre estas colunas caprichosas...

4

Graças ao impulso dado ao artesanato, há freqüentes exposições de indústrias artísticas, por toda a Índia, e lojas especializadas que favorecem os artificies e artistas na colocação e venda de seus produtos. Já tínhamos visto, nos arredores de Nova Delhi, salas e salas repletas de tapetes, bordados, jóias, móveis esculpidos, charões, sedas, metais trabalhados - todas as modalidades das indústrias artísticas do norte do país.

Esta exposição de Calcutá, além de uma variedade imensa de "saris" e panos estampados e bordados, de lenços e echarpes de seda, para uso ocidental, mas com motivos indianos, oferece grandes mostruários de brinquedos. Cada objeto é tratado com tal delicadeza e alegria que não se compreende como podem ser destinados às mãos inábeis das crianças. Ou a criança oriental é dotada de qualidades excepcionais, que lhe permitem o uso destes brinquedos por um prazo capaz de justificar o primor da sua execução - ou o artífice indiano é tão entranhadamente artista que só pode executar maravilhas, ainda que para terem a duração de um momento.

Os brinquedos são de madeira muito leve, recobertos de uma pasta como de gesso, à qual é aplicada a pintura, que, às vezes, tem o aspecto fosco das tintas de guache. Também há alguns diretamente pintados sobre a madeira. Em muitos casos, a pintura é de tinta brilhante, como as dos objetos de charão.

Quanto às formas, há uma variedade imensa de bonecas, reduzidas a um contorno oval, com os pormenores do corpo apenas pintados, o que, naturalmente as torna mais duráveis, evitando fraturas de articulações. Além das bonecas propriamente ditas, há as "figurinhas" que representam homens e mulheres nas suas diferentes atividades: tocando tambor, carregando água, leite, baús, socando pilão... - tudo isso com a representação

minuciosa das roupas, das jóias, até dos sinais de casta. E não falta bom humor, na representação dos ingleses ruivos, com todos os bolsos desenhados nas roupas e chapéu branco de tiras encarnadas. Mas talvez os brinquedos mais encantadores, - não sei se para as crianças, mas para os visitantes estrangeiros - sejam os bichos aqui apresentados. O papagaio, que figura em tantas histórias do Oriente, aqui está, quase em tamanho natural, com todas as penas desenhadas, os redondos olhos salientes, o bico entreaberto, a ponto de falar. A vaca - animal sagrado - destaca-se entre os demais brinquedos pela riqueza decorativa dos seus pingentes e colares, da manta que lhe cobre as costas, da pintura das orelhas, dos chifres, do focinho e das patas. Branco, preto, amarelo, azul, vermelho, verde, - listas, riscos, salpicos, barras, discos, a boa vaquinha amamenta o bezerro com uma profunda ternura nos olhos, prolongados como os das belas mulheres indianas, e aos quais não falta o suave traço das sobrancelhas.

Além dos brinquedos de madeira - e há muitos outros, impossíveis de descrever - vêem-se bonecas de pano, com olhos de miçanga, jóias no nariz, nos braços, nos dedos e nos pés, sari orlado de prata: - um objeto de arte feito de uns pedaços de pano, meia dúzia de contas e um bocado de fios metálicos.

5

Mas a noite cai sobre Calcutá, e as luzes brilham nos edifícios, nas lojas, nos salões dos hotéis, e nos seus sucessivos mostruários, onde tudo se pode ver - lacas, marfins, sedas, objetos de sândalo, metais trabalhados, sandálias douradas, jades, brocados de ouro, e prata, jóias de mil pedras diferentes... E é diante desses mostruários que se sente como a China esta perto, por uma ou outra peça que brilha, entre tantas coisas indianas.

Também há restaurante chinês no hotel, com palitos de marfim, sopa de barbatana de tubarão, mil pratinhos de legumes e porcelana de chá verde, para rematar.

Sobre o meu amor por estas coisas que me rodeiam, passam grandes advertências sinistras: aqui pululam todos os perigos - varíola, cólera, tifo... Doentes por toda parte... Mendigos sem fim... E a deusa Kali no seu templo, à espera de animais sacrificados... E o crematório, com os cadáveres a arderem nas piras, entre flores amarelas e fórmulas religiosas entoadas pelos parentes do morto e os ministros do culto...

O amor é um transbordamento de alma, sem limites nem lógica. O amor entende tudo, e sente, na sua própria força, defesa para todas as adversidades. Quem ama - seja uma criatura, seja um objeto, seja um país - não acredita em nada que possa diminuir o seu amor. Os verdadeiros amorosos não precisam nem ser correspondidos, pois o amor não visa mesmo essa mínima finalidade. Os verdadeiros amorosos não passam pelo mundo com os pés das outras criaturas: são aéreos, levitam como sonâmbulos, pousam entre a varanda e a lua, caminham por escadas de nuvens.

6

Um egípcio conta-me coisas folclóricas de sua terra. A aia - que é o nome das babás aqui - leva as crianças para dormir: é uma mulher silenciosa, de traços mongóis. Talvez seja do Nepal. Os copos de uísque pousam em pratinhos dourados, com finos desenhos e esmaltes de cores. Amanhã comprarei um livro para estudar "bengali".

(CORREIO DO POVO, 16/10/54)



AMANHECE EM CALCUTÁ

Acordo com o planger de uma voz de homem que prolonga suas frases nostálgicas, onduladas, moduladas como um longo estandarte desenrolado ao vento. Não sei se posso dizer que fala ou canta. É uma voz bem timbrada, cheia de emoção, a destacar-se no silêncio da madrugada exatamente como as inscrições estendidas pelas arquitraves das edificações muçulmanas. Com tristeza, não a posso entender, por mais que a escute; como, de outras vezes, não conseguia ler, por mais que contemplasse. Feliz foi o Profeta (a Paz seja com ele), que também o anjo Gabriel lhe mostrou a palavra de Deus escrita e lhe disse: "Lê" e ele respondeu: "Não posso!" - mas o anjo leu: "Deus é generoso, pois ensinou ao homem a servir-se da pena, ensinou ao homem o que ele não sabia". E desapareceu.

Eu não esperava que um anjo me aparecesse: bastava-me descobrir se aquela voz era de algum "muezzin". Abri a janela. O dia ainda era incolor. A voz, porém, tinha uma

claridade e um relevo dramático que me emocionavam. Talvez houvesse uma mesquita próxima? O Hotel ficava numa encruzilhada. E uma das esquinas não me era possível avistar. Resignei-me a ouvir, a ver o dia amanhecer sob aquela voz, como se fosse trazido por ela da sombra da noite, arrancado ao abismo do sono, salvo do esquecimento e da escuridão.

Na minha frente, o jardim cercado de grades de um palácio - provavelmente um edifício público. Mal se vêem as cores dos canteiros. No entanto, são flores imensas, amarelas e vermelhas. Na calçada, encostados às grades, pequenos grupos humanos, muito enrolados em panos cinzentos, velhos e desbotados. Começam a despertar. Senta-se um vulto. Toma nos braços uma criancinha. Muita gente dorme assim pelas ruas. Há o problema da miséria, o problema dos refugiados (em consequência da separação do Paquistão), e também o gosto peculiar dos indianos pela Natureza - pois vi, em Bombaim, gente sem miséria que, à noite, punha a cama na calçada, para dormir. (Questão de clima).

Também do outro lado, em diagonal com o Hotel, há um enorme edifício, de vários andares, sob cujas arcadas começo a distinguir muita gente adormecida. A cor das roupas confundia-se com a do chão. E tudo estava tão imóvel! Mas a grande voz passa pelas ruas, desce dos telhados, repercute no asfalto: pede, implora, celebra, exorta... E aqueles que dormiam começam a despertar.

As ruas ainda estão sem movimento. Agora, aparecem uns homens com cestos vazios. Na esquina do jardim, junto à grade, há um cano d'água com uma torneira, e, ao lado, um balde e um pequeno vaso de metal, com asa. Chega um homem, movimenta uma alavanca, enche o balde. Chega outro homem, conversa com ele, começa a tomar banho. Com o vaso de metal, despeja água pela cabeça, esfrega o cabelo, limpa todas as cavidades - boca, nariz, ouvidos - despeja mais água, esfrega-se bem; lava o pescoço e os braços, o peito e as costas - tudo isso sem se despir, na verdade, porque a sua roupa é apenas um pano enrolado nos quadris. Um outro pano que ele traz, já foi lavado ali mesmo, e com duas sacudidelas no ar, já deve estar seco. Então, o banho continua, da cintura para baixo. A água passa por dentro da tanga, escorre pelas pernas, vai para os pés, desce pela sarjeta. O banho termina. O homem toma o pano limpo, enrola-o na cintura, deixa cair o que antes trazia, lava-o com todo o cuidado, sacode-o, põe-no aos

ombros, como echarpe, penteia os cabelos - e vai trabalhar. É um puxador de "rikshá". Seu carrinho ficou por ali perto, à sua espera.

Enquanto o homem tomava banho, um vulto feminino, em sari branco de orla azul, passa pela encruzilhada, vai, de pobre em pobre, a distribuir qualquer coisa. Fala com eles. E o silêncio ainda é tão grande que, se eu soubesse o seu idioma, poderia entender o que estão conversando.

Aquela gente que dormia já está sentada ou de pé. As mães abraçam ternamente os filhinhos, passam-nos para os outros parentes. A ternura é ainda maior que a miséria. Agora vejo pedaços de esteiras estendidos ou colocados como biombos, tapumes, toldos. Bem no meio da rua, há um pobre sentado, só de tanga, com o cabelo crescido, e a barba hirsuta. Tão magro que parece um esqueleto negro. Pode ser um penitente. Muda de posição, recosta-se, apoia a cabeça no braço. De vez em quando, estende na mão uma caneca para que lhe deem algum dinheiro. Pode ser um enfermo, um antigo pária.

Chegam agora os vendedores ambulantes de grãos e frutas. Estes grãos amarelos me intrigam muito. Serão tremoços? favas? feijões? (A minha maior provação é andar entre estas coisas - como pelos bazares - e querer sentir o gosto de todas as comidas, e ouvir avisos mais dramáticos que os do "Muezzin"- "olhe as febres, a peste, a cólera, o tifo, os pântanos, as vacinas ..."). Os grãos amarelos deslumbram. Parecem de ouro brunido. E há cestos e cestos cheios... E todos compram, comem, vão andando...

Na esquina, os banhos continuam.

Assoma o primeiro automóvel. Depois, passam bicicletas. Vêm homens a pé, carregando legumes em fardos de aniagem. Movimentam-se os "rikshás".

Até agora estive plangendo aquela voz que vem não sei de onde. (Provavelmente, do céu). E atravessa a encruzilhada um carregador com um tabuleiro de comidas amarelas e cor de rosa.

O sol já apareceu. Um sol quente, que obriga os mendigos a procurarem refúgios de sombra. Na outra esquina, sentou-se um homem para que lhe façam a barba. Tudo é assim, ao ar livre, entre passantes ocidentais e orientais e pregões que recordam imensamente velhas vozes de rua do Brasil.

O ritmo começa a mudar. Tudo é mais acelerado. Soam as campainhas dos carros, as buzinas dos automóveis e dos caminhões. Há uns carrinhos de mão feitos só de bambu. Circulam vendedores de flores artificiais. Vibram motocicletas.

Desfilam meninas de colégio. Cerca de uma centena, duas a duas, de sari branco com barra vermelha, ou de vestido branco, à européia. Todas de trança pelas costas.

A rua foi-se enchendo, e agora há vacas, bezerros, carrinhos de mão, automóveis, crianças que brincam, saris, vestidos, calças ocidentais e gorros muçulmanos... (Passam mais meninas, de branco, com laços azuis e cor de rosa no cabelo, duas a duas numa longa fila - talvez duzentas).

Mais meninas. Alguns meninos. Que será? Festa? Data cívica ou religiosa? Sons de sinos, campainhas, rodas, vozes. Cestos de pão. Verduras. Caminhão de carvão. Carregadores de água com os baldes pendurados nas duas extremidades de um pau pousado no cangote.

O mendigo magro, que parece um faquir, olha para tudo isso, do quadrado da sua esteira, e estende ora um braço, ora uma perna, muito feliz com o sol.

Todos os veículos giram agora pela encruzilhada. No meio dessa confusão, há uns homens que carregam quartos de carneiro assado; outro que vende utensílios de lata; rapazes ocidentais muito limpos, em suas bicicletas reluzentes; senhores orientais, também muito limpos, em seus vestidos brancos; vendedores de "bétel", padres protestantes, um carrinho de mão cheio de barris e um caminhão com garrafas de refrigerantes, que, pela cor, devem ser laranjadas e groselhas...

Armou-se uma briga com uma pobre mulher que aponta para o vendedor de utensílios de lata e implora o testemunho de todos os passantes. Os passantes param, ouvem, dão a sua opinião, a mulher continua muito zangada, o vendedor está um pouco perplexo, e o sol e as crianças brincam, felicíssimos, com as panelas, frigideiras, bacias e funis que o homem traz amontoados num pau.

Se o "muezzin" cantasse agora, creio que não o ouviria, tão ruidosa se fez a rua. Já não vejo mais fregueses para o banho; apenas, alguns meninos brincam com a água que escorre pela calçada. Mas a freguesia do barbeiro ainda não se acabou.

Também eu vou descer por essas ruas, mergulhar nesse movimento, participar da onda humana que vai e vem por esta "cidade de palácios", viver um dia da minha vida entre estas vidas a este sol, sob este céu.

Dez horas da manhã. Vi Calcutá despertar, muda e incolor como um pequeno botão na haste do tempo. Agora parece uma romã, amadurecida e partida, com bagos de mil cores rolando por todos os lados. (Copyright ESD)

(CORREIO DO POVO, 30/10/54)

∂

℘

UM DIA EM CALCUTÁ

Saio a correr, para encontrar os amigos - os bem-aventurados amigos que sempre existem à nossa espera, em qualquer parte do mundo.

Iremos ao Mercado. "Mas não se esqueçam de que preciso comprar um livro de "bengali!" Não, eles não se esquecem. No mercado há tudo, garantem. "Mas livros, também?" Também.

Saio com tanta pressa que quase atropelo os bambus com que estão sendo armados os andaimes do Hotel. (Admirável Índia, com andaimes de bambu, com janelas e varandas por todos os lados das casas, com jardins e árvores copadas, com estas roupas masculinas e femininas tão adequadas ao clima... Admirável Índia compreensiva, onde todas as coisas têm sua razão de ser!)

Salvo-me dos bambus, mas paro diante da primeira vitrina do corredor: "ó amiga gentil, eu gostaria de te oferecer as esmeraldas do trono do pavão, os diamantes dos mongóis, as feiras de pérolas que as princesas antigas usaram no seu colo cor de âmbar... - mas estes adereços de pedras multicores são muito interessantes, e baratíssimos. Permite que a minha pobreza te enfeite com estes brincos e este broche!" (Não cheguei a pronunciar esse amável discurso. Nós, os ocidentais, temos visto as palavras tão mal empregadas que às vezes sentimos pena delas. Pensei, pois, nas palavras, mas tratei de convertê-las em fato, antes que algum aventureiro se apoderasse dos adornos que tão bem

assentavam na minha amiga. Tudo isso num abrir e fechar de olhos, antes também que ela dissesse: "Ora essa, que idéia, não pode ser..." - pois estava com disposições de dar, e possuía um certo número de rúpias para fins poéticos.)

Saio do Hotel com a minha amiga enfeitada e surpreendida, e já encontramos o porteiro às voltas com os pobres que querem esmolas, com os aleijados, com os desgrenhados, as criancinhas sujas... (E as minhas rúpias loucas para saírem da carteira, e o porteiro a convencer os pobres que não devem pedir esmola, e os passantes que não lhas devem dar, - um porteiro poliglota, que para um lado fala inglês, e para o outro - que sei eu? - "bengali", "hindi", "pracriti", "sânscrito"...?) Ó porteiro inacreditável, porteiro de sonho, de febre, todo vestido de encarnado, com um turbante amarelo do tamanho de um planeta, com alamares dourados, medalhas, barba e até - se não me engano - um "casse-tête"...

Já me esqueço do Mercado e do compêndio de "bengali", quero ficar vendo este porteiro, quero saber como ele vai resolver este assunto de convencer os pedintes e os passantes, uns para não darem, outros para não pedirem (se eu soubesse disto, tinha descido mais cedo lá da minha janela!), mas os amigos puxam-me, dizem que isto dura todo o dia e a noite inteira, que posso ver o porteiro noutra ocasião, metem-me no seu automóvel, e lá vamos entre carrinho de mão, bezerros, "rikshás", motocicletas, táxis, pela cidade mais fabulosa do mundo, que nenhum ocidental deve deixar de visitar antes de morrer, sob pena de não ter tido uma visão completa da vida, e chegar diante de Deus muito mais ignorante do que quando nasceu.

No Mercado há mesmo de tudo. Ainda não acabei de sair do automóvel e já me quiseram vender meia dúzia de aves, muitos cestos de frutas e muitos ramos de flores. Um verdadeiro leilão, ao contrário. Quando um vendedor dizia 10, o outro oferecia a mesma coisa por 8, o terceiro por 5, e se houvesse mais uns três nessa progressão, tinha podido receber tudo de graça... Como eu ando tão encantada com tudo, direi que as galinhas pareciam faisões, as flores eram como nunca vi nem nessas exposições elegantes do Ocidente, e as frutas pareciam aquelas que Aladino encontrou na caverna: rubis e topázios figurando laranjas, romãs, goiabas...

Vieram também os meninos, como no Rio de Janeiro, com cestinhos debaixo do braço oferecer seus serviços de carregador. Nenhum deles é capaz de imaginar que eu

venha apenas comprar um livro. E o livro já está ali na minha frente, todo azul, com uma barra atravessando o desenho do globo terrestre, e tudo isto escrito, "Marlborough's - BENGALI - self-taught", mas o aviso: "This system teaches you the essentials of a language (for travel and enjoyment) without the drudgery of prolonged study". O preço ainda é maior que o título: 3'6 net. Ninguém me pedirá mais que essas 3 rúpias e 6 annas net. O nome do autor vem pequenininho, no fim de tudo: Sunit Kumar Chatterji, com seus títulos de doutor pelas universidades de Calcutá e Londres. Nome que merece fé.

Não é por querer estudar sem "drudgery", mas é por ter logo encontrado o que buscava, que me sinto tão contente. Agora comprarei tudo que quiser: cintos dourados, saris, sandálias, jarros e bacias, cabides, bolsas, as galinhas e as laranjas, as flores e os vidros de óleo para cabelo... Mas os vendedores, já dentro, não parecem assim interessados em vender. Estão sentados de pernas cruzadas, todos com cara de poetas e filósofos, e, quando se pergunta o preço de uma coisa levam algum tempo remexendo nas fichas da memória, e às vezes as fichas estão trocadas, e dizem que um pedaço de fita custa o preço de um carneiro, como poderiam dizer que o carneiro custa o preço de um alfinete. (Isto é suposição minha: não vá algum negociante ocidental partir para Calcutá a fim de realizar tais operações...)

Este Mercado é um pouco diferente dos que tenho visto. Tem o seu recinto, com suas ruelas internas, - tudo muito arrumado, - com os artigos em seus lugares, com seus pequenos balcões, com muitas coisas pelas portas ou pendentes do teto, como se usa na minha cidade, pelas adjacências do Palácio Itamarati. De certo modo, parece menos oriental que os bazares de Bombaim, Jeipur, Delhi, fascinantes, com seus metais brunidos, sua ourivesaria popular, seus panos de seda e seus tapetes amontoados e, em cima deles, o mercador com ar místico, à espera do freguês, ou à espera de Deus?...

E agora, que fazemos com tudo isto? Agora voltamos para almoçar. E o meu carregador - igualzinho a um brasileiro - com um cinto, dois cabides e um livro no seu cesto... Para que quero dois cabides? Não sei. Eram uns cabides engraçados, pintados de cores metálicas, roxos, azuis, purpúreos. Se eu contasse que existem cabides assim, ninguém acreditaria. De modo que estes cabides são duas testemunhas de um mundo maravilhoso. Duas testemunhas de arame, é certo. Mas os homens de que são? Não são de barro?

E os vendedores de aves continuavam com as galinhas que pareciam perdizes, faisões, aves do paraíso, e achavam que o seu destino era serem compradas por mim... E os homens das flores, a mesma coisa. E tudo estava mais barato: um dizia 8, outro dizia 5, outro dizia 3... E eram montes de aves, - não uma ou duas... como ramos de flores de penas. E as aves me olhavam de lado, e logo viram que não tinham nada a temer, e quase sorriam - ou talvez sorrissem mesmo, - quem sabe?

E afinal fomos almoçar, para visitar depois a Biblioteca Nacional, em cujo vestíbulo estavam expostos desenhos e pinturas de Tagore²¹.

Que emoção, subir esta escadaria, penetrar nesta sala, contemplar estas paredes, ao longo das quais estão colocados estes quadros "sentidos" por um dos maiores poetas do mundo! Figuras, flores, manchas de cor... - invenções poéticas representadas com tintas, procurando nas tintas a sua manifestação como em palavras visuais.

A Biblioteca está celebrando o seu meio centenário. Vi num catálogo uma breve resenha das maravilhas que possui, especialmente os manuscritos ilustrados, muitos dos quais são coleções de poesia. (Porque estes orientais têm pela Poesia um respeito análogo ao que se costuma ter pela religião. A Poesia não é um versejar fútil: é uma iluminação interior, uma espécie de santidade e de profetismo. A palavra do Poeta não é uma habilidade superficial, um diletantismo, - e sim um exemplo, uma revelação, um ensinamento através dos sons e ritmos. Que alegria, respirar num país onde ainda se pensa desse modo! Que esperança de vida! Que renovação de fé na humanidade!).

Esta Biblioteca está equipada com prateleiras moderníssimas, e na principal sala de leitura há uma longa mesa em torno da qual acho que se podem sentar mais de cinquenta pessoas, tendo, cada uma, na sua frente, uma pequena estante com os livros que vai ler.

Pensar nos tesouros que aqui se encontram, em sânscrito, pali, pracrit, persa, chinês, tantos outros idiomas da Índia, - e também obras do Ocidente como as de Cervantes e Goethe... Ilimitado é o mundo ²²e o espírito, e a Bíblia tem aqui o seu lugar, entre os outros velhos textos sagrados.

Rabindranath Tagore sobrevive e alegra mais este ambiente intelectual com a primavera dos seus desenhos. Como o sentimos eterno - no que compôs em todos os

²¹ No jornal está Tagora.

caminhos da arte! Como o sentimos vivo, o nosso lado, e entendemos o seu sonho de tornar inteligíveis, um ao outro, o Oriente e o Ocidente! E com que sinceridade o agradecemos! E com que carinho!

Voltamos felizes, como se o tivéssemos visto. A Beleza é uma felicidade imortal.

(E.S.I.)

(CORREIO DO POVO, 08/01/55)



TRANSPARÊNCIA DE CALCUTÁ

Diz este livro que aplicadamente estive lendo, ser a língua bengali a mais importante da Índia, depois do hindustani (hindi ou urdu). Falada por cerca de quarenta e nove milhões de pessoas, é, dos modernos idiomas do país, o que possui mais vasta e original literatura.

Na verdade, é o idioma em que escreveram - para não citar outros - o poeta Rabindranat Tagore e o romancista Sarachandra Chatterji. Mas escrever não é o mais importante: foi o idioma em que pensaram, com que viveram. E isso é o que principalmente me seduz no estudo de um idioma: senti-lo interiormente, na história de cada vocábulo, nas sugestões que dele se desencadeiam, na sua força emocional, na sua ressonância e no seu eco. Ler, afinal, é um ato muito mais profundo do que conhecer letras, juntá-las em palavras e, as palavras, em frases.

Escrevo Rabindranath Tagore e Saratchandra Chatterji, e ponho-me a recordar os meus primeiros encontros com a Índia, nesses tempos da adolescência em que todos somos tão generosos e desejamos organizar - sem sabermos como - não a nossa, mas a felicidade universal. Tempos em que tantas traduções de orientalistas famosos trouxeram ao Ocidente a notícia de um mundo que, literariamente, começara a existir, para nós, apenas a partir do século 18. O prêmio Nobel conferido ao grande poeta bengali despertava a curiosidade por este mundo tão altamente espiritualizado, o que parecia uma

²² No jornal: "Ilimitado é o mundo o espírito, (...)".

nova forma de esperança, depois de tantos desastres de guerra, tantas incompreensões humanas e tão evidentes ameaças de decadência moral. Tudo que vinha desse mundo era sedutor: a filosofia e suas interpretações; a vocação religiosa do povo; a tendência mística da sua poesia; o folclore, que nos revelava, em formas arcaicas, lendas, histórias, brinquedos que eram também os nossos, diversamente apresentados...

Logo depois, surgia a figura de Gandhi: tempos da "Jovem Índia", com os famosos artigos que remotamente iriam preparando a independência do país. A campanha da não-violência e da não-cooperação com o mal; essa disciplina de buscar a Verdade e caminhar para ela com fé e respeito, exatamente com quem busca Deus. Tempos em que se voltava a confiar na criatura humana, na sua possibilidade de ser, com algum esforço, alguma coisa mais do que ela se deixa ser pela simples facilidade da inércia, pela conivência com o transitório, pela transigência com o mal.

Ao lembrar essas coisas, tão longínquas, sinto a minha dívida para com a Índia. Dívida que é a de muitos ocidentais que tenho encontrado agora nestes caminhos, aonde vieram ter para se identificar mais com uma pátria que reconheceram ser a do seu espírito. Já falei com franceses, belgas, italianos, ingleses que não estão aqui por assuntos materiais, mas por interesses de alma; e vão passar aqui o resto da vida, estudando, procurando entender o que somos, o que fazemos, realizando a sua formação interior, e explicando aos demais o processo, as conclusões, a importância desse trabalho especulativo. Há também os artistas, maravilhados com certos descobrimentos que lhes permitem despojar a Arte de todas as aparências fúteis, de toda a vaidade de um artesanato apenas hábil, e mostrar o íntimo segredo da sua beleza e duração.

Não vim como essas felizes criaturas, nem ficarei aqui definitivamente. Na verdade, já me parece demasiado ter vindo. O mundo é pequeno para os encontros, mas longo para as viagens. O destino, porém, continua velado aos nossos olhos. E aqui em Calcutá, neste momento, posso também sentir como é secreta, a nossa vida, e curto o alcance dos nossos desejos.

Pois, se algum dia me tivesse ocorrido chegar a este país, a primeira coisa a que me conduziriam os meus desejos seria, naturalmente, a Universidade de Shatiniketan. Ela era e continua a ser - como um símbolo, no meu coração. Fundada por um poeta - e um poeta que se chamou Tagore! - no princípio deste século, - que havia de ser tão

atordoante, - e sonhando realizar o "sítio de paz" que o seu nome exprime, por meio de uma educação integral, intelectual, moral, artística, ao mesmo tempo ligada ao glorioso passado da Índia, à humildade contemporânea e a um futuro que se poderia sonhar fraternal, - tudo, nessa instituição, me chamava: origem, métodos, objetivos. (Embora com resultados constantemente melancólicos, a minha vocação profunda foi sempre uma: educar).

No entanto, aqui, a umas noventa milhas dessa universidade, por obediência a um plano de viagem que é preciso cumprir, não a poderei ver: continuarei a guardá-la na imaginação, com suas árvores, seu ensino ao ar livre, sua preocupação de dar aos estudantes uma correta formação interior, e meios de exprimi-la. Shantiniketan continuará a ser um lugar de sonho, com música, dança, poesia, festas populares, tecelagem, pintura, entrelaçadas a estudos de ciência, filosofia, num ambiente bucólico, com as aldeias em redor, as cestas de frutas, os jarros de leite, - a vida antiga enriquecendo a atual, e a vida atual enriquecendo a antiga... Não verei Shantiniketan. Assim é o nosso destino: recebemos o que jamais esperamos; não conseguimos o que às vezes pretendemos.

Quando poderia pensar em viver esta tarde em plena Calcutá, debruçada sobre um livro de bengali? - E acabo de aprender que esse idioma tem duas formas: uma, nobre, erudita, literária, nunca usada na conversação, - o Sadu-Bhasha; outra, coloquial, popular, mas que também já vai sendo usada literariamente, - o Chalit-Bhasha. Percorri o vocabulário. Aprender palavras, não é nada: e o que consegui conhecer de hindi, pelo caminho, ajuda muito, nestas novas aquisições. Mas o que me interessa, diante de um idioma, não é nem sequer poder usá-lo, - ou é muito mais... É andar por dentro dele como o fio por dentro das pérolas.

Levantei-me para acender a luz, e vi a cidade pela janela, (Onde está o faquir com a sua esteira? Que foi feito da voz do "muezzin"? Para onde foram os barbeiros, os vendedores, os pobres que vi despertarem à primeira luz branca do dia?). Não haveria lugar para eles, agora, neste imenso tumulto, com os "rikshás" a rodarem vertiginosamente, os taxis, as motocicletas, os cavalos, os homens de turbante, as mulheres de sari, as roupas ocidentais, sombrias e mesquinhas, em confronto com a linha e a cor dos vestuários da Índia.

Na porta de uma loja, brilha uma placa luminosa, vermelha e azul, apenas com esta palavra, colocada verticalmente: MINERVA. E tenho de repente a impressão de estar no Brasil. Sai da loja um velhinho com cinco crianças pela mão, agarradas umas às outras. Logo se confundem na multidão. E sobe um rumor confuso. Imagino que alguém estará falando, como na conversação turística dos compêndios: "Ekhane gari milbe?" "Dan-dike!" "Amra rat attay khabo" _ Mas, com o ruído da fala humana, chegam os sons variados das campainhas, das buzinas, das rodas... Apenas, entre tanta coisa mesclada e ininteligível, um chorinho de criança faz-se ouvir, dolorido e nítido, embora tímido. Única expressão que verdadeiramente compreendemos em qualquer lugar do mundo. Tão pequeno, e mais alto que todos os rumores!

E a multidão, que agora é quase toda masculina - avisto apenas dois ou três saris, e alguns vultos ocidentais sentados nos carrinhos em movimento - passa, avança, desaparece... Este contínuo suceder, visto de uma janela é como um retrato do mundo efêmero. Para onde vão estes passos? Por quê? A que conduz este incessante caminhar? A que ordem obedece este movimento sem fim?

O elevador está cheio de senhoras européias, elegantíssimas, que descem para o salão de jantar. Estes decotes, suas jóias refletem-se em olhos que hoje viram tanta coisa diferente - lojas suntuosas e ruas escuras de poeira; cenas de mercado; condutores de carroças; a fumaça dos cadáveres cremados; os quadros de Tagore na Biblioteca Nacional, tão límpida e nobre; os pobres embrulhados em trapos cinzentos; o meu faquir negro e seco como um galho de árvore: o Victoria Memorial, com sua arquitetura branca e redonda, tal qual uma nuvem pousada num parque; e o templo de Kali, com seus colares de flores e estampas coloridas, no muro da entrada, entre muitos fiéis aglomerados; com a imagem da deusa (de aspecto terrível) iluminada por altas chamas, e o povo a comprimir-se, como magnetizado, na sua adoração. Estes olhos viram o lugar do sacrificio dos animais, - o que resta de antigos holocaustos. Viram os enfermos; os miseráveis além de toda miséria concebível...

No entanto, há na Índia uma pobreza voluntária que explica muitas coisas. Lembro-me de Ramakrishana, que viveu em Calcutá, embebido em misticismo, desprezando todas as comodidades do mundo, e de seu discípulo Vivekananda que,

também aqui, recebeu um estrangeiro com estas palavras: "Sou o homem mais pobre do país mais pobre do mundo..."

Calcutá fica nos meus olhos como a cidade mais prodigiosa da Índia que visitei até agora. A mais hindu, por enquanto. Ficou para trás o passado mogol, com suas maravilhas imobilizadas. Calcutá é o passado, o presente e o futuro, num turbilhão. O belo e o terrível, o suntuoso e o miserável, todas as esperanças de vida como todas as sombras da morte crescem deste chão úmido. Não creio que ninguém consiga ficar indiferente ao choque desta cidade. Como se a torrente do tempo, precipitada em cascata, mostrasse e escondesse a todo instante essa pedra da Eternidade sobre a qual desliza e que, com alegria ou dor, todos avistam, sem saber...

(CORREIO DO POVO 27/11/54)



VARIEDADES

Os bengalis gostam de doces: é o que diz o compêndio - "bangalira bara misti-khor"; mas apenas conheci três: o transparente "gelabis", feito de mel, o "sandesh", uma espécie de doce de leite preparado com limão e moldado em forminhas especiais, e o "rass-gula", bolas de caseína com um torrão de açúcar dentro, banhadas em calda leve e aromática.

Aqui, a doçura da vida está ligada ao açúcar das iguarias; e, na cerimônia do casamento, os noivos colocam nos lábios um do outro uma gota de mel, a fim de que só existam, entre eles, palavras doces.

Isto é uma terra para ser entendida devagarinho, para ser amada com ternura: uma terra não apenas de febres, de cólera morbus, de doenças e tigres, mas de mangueiras, de canções, de festas populares e histórias maravilhosas.

É a terra dos "alponas", de corações rituais ligadas a práticas populares e às cerimônias de casamento e nascimento, - decorações dos bancos em que devem sentar os

noivos, ou do chão do aposento em que são colocadas oferendas de flores e frutos, em diferentes festas.

Essas decorações constituem uma arte doméstica tradicional, exercida apenas pelas mulheres. São traçadas com os dedos. A tinta é água com farinha de arroz e alguma cor vegetal. Os motivos podem ser puramente ornamentais, ou descritivos. São freqüentemente simbólicos, tanto no desenho como nas cores. Para certa deusa da prosperidade e da beleza, que se cultua três vezes no ano, o alpona é verde, antes da sementeira; amarelo, quando os campos de arroz estão maduros, e vermelho, por ocasião da colheita.

Há muitas cerimônias em que intervêm os "alponas", como ornamento mágico: a dos pés de Krishna, a da deusa da noite, a da deusa da chuva, a do outono, a das folhas de mostarda e outras. São acompanhadas de dança, cânticos, e constituem pequenas representações, que os "alponas" ilustram ou completam. Numa delas, a do casamento do filho do Sol com a filha da Terra, encontrei esta linda cantiga de berço, que as traduções superpostas não conseguem prejudicar:

Este é o filho do sol:
que nome lhe darei?
Dar-lhe-ei u'a manga
e o nome de Rama;
dar-lhe-ei uma laranja
e o nome de Kamla_
dar-lhe-ei um pouco d'água
e o nome de Jei_
É o filho de um rei,
é o filho de um rei:
o nome de Raja
dar-lhe-ei.
É o filho do filho do sol:
que jóias lhe darei?
Dar-lhe-ei braceletes,
para os seus bracinhos;
para o seu pescoço,
colares darei.
Dar-lhe-ei um amuleto
para cobrir-lhe o peito.
Darei campainhas
para os seus pezinhos;
dar-lhe-ei anéis
para os seus dedinhos.

Quando este menino dançar de alegria,
todo reino rirá de alegria.

Quanto às histórias maravilhosas, de que a Índia é riquíssima, a das Sete Flores de Champak e da Flor de Parul é, certamente, uma das mais belas. Champak é uma árvore de flores amarelas, muito perfumosas, cujo nome aparece com frequência nas composições dos poetas. Parul é uma flor celeste, imaginária, também frequentemente citada nos contos maravilhosos.

Pois era uma vez um rei que tinha sete rainhas, e as mais velhas eram más, orgulhosas, desdenhosas, enquanto a mais jovem, ao contrário, era modesta e amável, e o rei a preferia a todas as outras.

O rei levou muito tempo sem ter filhos, o que muito o desgostava, por não possuir um herdeiro que lhe sucedesse no trono, e lhe acendesse a fogueira funerária.

Mas, um dia, lhe anunciaram que a mais jovem das rainhas breve seria mãe. O rei ficou muito feliz, e mandou abrir todos os cofres cheios de tesouros, e anunciar por todo o reino que cada um podia vir retirar deles o que quisesse.

Mas, enquanto o rei e seus vassallos assim se alegravam, as outras rainhas sofriam de raiva e ciúme; e, quando se pensou em arranjar uma aia para cuidar da jovem mãe, opuseram-se, dizendo que se ocupariam dela da melhor maneira possível.

Nasceu uma linda menina cor de ouro, com cabelos negros como ébano. As invejosas rainhas esconderam-na num pote, que meteram sob um monte de cinza atrás do muro do palácio. E, quando o rei quis ver a criança, mostraram-lhe uma boneca de madeira, dizendo: "Foi esta feia boneca, ó Rei, que a rainha pôs no mundo!"

O rei saiu do quarto sem dizer nada. E, assim, durante sete anos, a rainha deu à luz sete meninos lindos, e as invejosas enterraram os sete príncipes recém-nascidos sob o grande monte de cinzas. Sempre que a pobre mãe pedia para ver o seu filhinho, as invejosas diziam: "Que filho? Não há filho nenhum! O que nasceu foi um rato..." E mostravam um rato ao rei, dizendo-lhe: "Ó Rei, isto é o teu filho..."

De modo que o rei, muito irritado, expulsou a jovem rainha do palácio, mandando-a trabalhar no campo. As invejosas ficaram muito contentes. Mas o rei ficou triste, pois, sem ela, o palácio lhe parecia deserto, além de que muitas coisas estranhas aconteceram, quando a jovem rainha foi expulsa: as mangueiras não deram mais fruta, as

flores do jardim não desabrocharam mais, e todos os pássaros deixaram de cantar subitamente.

Estava o rei muito triste, sem frutas para a sua sede, nem pássaros para o seu despertar, nem flores para a sua devoção, quando um dos seus jardineiros o abordou com uma boa notícia: "Ó Rei - disse-lhe ele - acaba de acontecer uma coisa maravilhosa: atrás do palácio havia um grande monte de cinzas. Dessas cinzas nasceram duas árvores: um Champak e um Parul. Sete flores acabam de desabrochar no Champak, e, no Parul, uma flor apareceu. Vem ver essas oito flores, e as tuas tristezas terminarão."

- Trazei-me essas flores imediatamente, disse o rei, para que eu as possa levar em oferenda ao templo.

Mas o jardineiro não as conseguiu colher, e ficou admiradíssimo de ouvir o botão de Parul falar: "Ó meus irmãos Champaks, respondi-me, ainda estais dormindo?" E as sete flores de Champak responderam: "Ó flor de Parul, ó irmazinha, que nova desgraça nos anuncias?" E disse Parul: "O jardineiro do rei vem colher os Champaks e sua irmã. Deveremos deixá-lo levar as flores?" E os sete irmãos exclamaram: "Não, não, - queremos crescer, não queremos ser colhidos; mas se o rei vier aqui, talvez possa levar as flores".

O jardineiro corre a anunciar ao rei a conversa das flores; o rei vem ver as árvores; as flores repetem o seu diálogo, com uma variante: "Se a velha rainha vier aqui, talvez possa levar as flores". Vem a velha rainha, vêm todas as outras, e nenhuma as pode colher. Os ramos crescem cada vez mais, até tocarem o céu, onde as flores brilham como oito estrelas. E de lá de cima se ouve: "A mais jovem das rainhas, a que trabalha curvada, no campo, se essa vier aqui poderá levar as flores."

Afinal, a jovem rainha vem, irreconhecível, com os pés e as mãos cobertos de lama e os vestidos todos rasgados. Mas logo que levanta os braços para as flores, as flores descem como pássaros, destacam-se dos ramos, pousam como grinalda no seu cabelo, e dentro delas aparecem sete príncipes e uma princesa, que dançam e cantam em redor da rainha abandonada: "Mãe, ó mãe, nós somos teus filhos, e nunca mais trabalharás no campo!"

Todos os cortesões, estavam mudos de espanto, o rei chorava, as velhas rainhas tremiam de medo. Foram banidas do reino, enquanto aquela, injustamente condenada, voltava em grande pompa, ao som das trombetas reais.

Os pássaros recomeçaram a cantar, as flores desabrocharam de novo, e, nesse ano, a colheita de mangas foi como nunca tinha sido até ali.

Assim termina essa história que os meninos bengalis ouvem de suas avôs, ao anoitecer, sob as vastas mangueiras. (Como antigas crianças brasileiras saudosamente ouviam...)

(CORREIO DO POVO, 15/01/55)



DOMINGO EM CUTTACK

Quem agora passar pela estação de Howrah, para tomar o trem que conduz de Bengala a Orissa, poderá ter uma súbita sensação de espanto, medo e pena. O problema dos refugiados do Paquistão converteu o local numa espécie de albergue, num "sarai", como as antigas pousadas das caravanas. Uma verdadeira multidão se abriga por onde pode, e há os que já estão deitados, enrolados em seus panos como as múmias em suas faixas; e há os que conversam acorados, como é uso em toda a Índia; e os turbulentos, que falam, gesticulam, riem, correm, - como existem em todo o mundo.

O espanto vem das proporções da aglomeração. O medo, da impossibilidade de compreender toda essa gente que fala em diferentes idiomas, com uma expressão a que não se está acostumado. A pena é consequência desse espanto e desse medo: pois, de repente, nos ocorre o número enorme de habitantes deste país, os seus infinitos problemas, a sua história - verdadeiramente heróica, feita de sucessivas lutas contra diferentes cativos - e o contraste do seu valor intelectual e moral com as circunstâncias físicas e materiais que ainda o oprimem.

Todas essas confusões ferroviárias - bagagens, bilhetes, vagões - aumentam aqui, de cambulhada com turbantes e saris, "dhotis", embrulhos, barbas, crianças, caras de todas as cores, gritos de todos os idiomas, a pressa do Ocidente e a calma dos orientais.

Mas a cabine, perfeitamente limpa e confortável, oferece absoluto sossego e segurança, por mais que os forasteiros sempre imaginem perigos inacreditáveis, desde que transpõem o canal de Suez... Pode-se dormir serenamente, - sem assaltos de bandoleiros, sem descarrilamentos, sem tigres, cobras ou leões que entrem pelas janelas - enquanto a locomotiva corta a noite, em direção a Cuttack, antiga capital mogol, na província de Orissa.

* * *

Partimos ontem, às nove da noite, deixamos para trás a fabulosa cidade de Calcutá, e às cinco da manhã, desta manhã de domingo, muito nebulosa e fresca, batem à janela do trem, e chamam pelo nosso nome.

Ainda não entendemos a paisagem: tudo é bruma, perfume matinal, - e esse ar de mistério que têm as coisas e as pessoas quando começam a sair da escuridão da noite para a claridade do dia. Ainda meio adormecidos caminhados, ainda meio adormecidos chegamos à "guest-house" em que nos alojaremos até amanhã. Viemos apenas ver um pouco do passado, nos templos de Puri, e um pouco do presente (e do futuro) numa estação agrônômica dedicada a experiências de cultura do arroz. Orissa é uma região muito importante, na produção dessa gramínea, que, por sua vez, é a base da alimentação indiana.

Ainda há três coisas que me interessam profundamente aqui - embora o arroz doce, o arroz coberto de folhas delgadas de prata, o arroz misturado a cravo, canela, amêndoas, o arroz de caril, o pilau, tudo, enfim, quanto se refere a arroz, no Oriente ou no Ocidente, mereça toda a minha simpatia. Essas três coisas são: as cartas de jogar, a filigrana e o carro de Jagganath.

As cartas de jogar (embora eu não saiba nem jogar nem ler a sorte) interessam-me, em Orissa, apenas porque ouvi dizer que são redondas, e extremamente decorativas, com figuras de flores, frutas, barcos, príncipes montados em cavalos e elefantes, imagens de deuses. Parece que, na Idade Média, havia um jogo relativo às dez encarnações de Vishnu (por onde se vê como até no passatempo se insinua, aqui na Índia, a idéia

religiosa). Não sei se cartas como essas ainda existem. E infelizmente é domingo, e teremos de partir amanhã...

A filigrana, todos me dizem também que é trabalhada aqui como em nenhum outro lugar do mundo. Talvez algum amigo caridoso me possa mostrar algumas que possui...

E o carro de Jagganath está mais adiante, nos templos de Puri, - e é o carro sob cujas rodas, outrora, se atiravam os fiéis, a fim de que, esmagados pela procissão religiosa, pudessem merecer a graça de uma nova encarnação mais feliz.

Até agora, só tinha visto, da fauna da Índia, pavões, elefantes, camelos, vários passarinhos, e, num palácio de Nova Delhi, um gracioso animal do Cachemir, semelhante a um grande urso de brinquedo. Muitos corvos, também. E conhecia a voz dos chacais. Cobras, leões e tigres, nunca me apareceram. Mas hoje travei conhecimento com os mosquitos.

Na verdade, aquela bruma da madrugada começou a ficar um pouco estranha, mesmo para uns olhos ainda mal acordados. Era uma bruma que se podia tocar com as mãos. Era um véu de asas minúsculas, mais agradáveis de descrever que de sentir. Podíamos afastá-lo como quem afasta uma cortina de tule. Que profusão de mosquitos! Mosquitos nas pontas dos dedos, nas solas dos pés, na raiz dos cabelos, - uns espantosos mosquitos que nos obrigam a viver debaixo de cortinados, e mesmo assim com pouca segurança, porque as camas de Orissa não têm colchão, mas apenas cadarços cruzados. (Camas de clima quente, admirável solução para as noites de canícula, mas que prejudicam todo o serviço dos mosqueteiros, pois desgraçadamente, por onde entram as brisas, entram os mosquitos, também...)

* * *

Além dos mosquitos, vimos o arroz, que era muito, de muitas variedades, cada uma com a sua utilização. Máquinas modernas. Doutores em agronomia explicando suas realizações em pesquisas e conquistas científicas. Campos cultivados, trabalhadores, jardins, um sol muito lindo, que já devolvera para a região das sombras os mosquitos que, em densas nuvens, tinham descido sobre nós, de madrugada.

Uma família extremamente amável, dessas famílias indianas de que guardarei sincera saudade, mostrou-me algumas filigranas: jóia, caixas, flores, arabescos. Ponho-

me a pensar que as filigranas são também objetos de clima quente, como as persianas de mármore rendado, as grades das varandas, e, num plano mais modesto, o estrado de cadarços trançados destas camas de Orissa. Na Índia, o ar é um elemento que faz parte da arquitetura, da música, da palavra... (Enfim, perguntar a um "iógui" o que é o ar, e como ele o dirige pelo pensamento, por dentro dos seus músculos e dos seus ossos!... E ele vos dirá que o ar é a própria vida...)

* * *

Quanto às cartas de jogar, só tive informações muito vagas. Parece mesmo que só existiram na Idade Média, e agora só podem ser encontrados nos museus.

Mas vi um rapaz apanhar coco, as mãos agarradas ao coqueiro, os pés metidos numa pulseira de corda que lhe permitia um ritmo rápido e seguro na ascensão. Vi, à sombra das árvores, homens comerem coco verde e beberem água de coco exatamente como se estivessem no norte do Brasil.

* * *

E vi os templos de Puri! A tarde, toda vermelha, nas águas do golfo de Bengalo. "Samudra!" dizia-me o motorista apontando-me para o mar. "Súria!" exclamava, sorridente, a apontar para o sol. Os pescadores com seus barcos e suas redes recortavam-se em negro sobre o horizonte escarlate. Um reflexo de fogo coloria as areias. Imensa, a praia. Um silêncio enorme. Os pescadores seminus, entretidos na sua ocupação, tão longe, tão longe... Apenas como um desenho.

* * *

A minha esperança era o carro de Jagganath. E assim atravessávamos as ruas humildes, com suas cabanas cobertas de palha (frescas no verão, abrigadas, no inverno), seus muros cheios de desenhos ingênuos, e os vizinhos em conversa, as crianças em brinquedos, nesse ambiente de família humana intimamente unida, que sempre me sugerem as aldeias indianas.

(CORREIO DO POVO, 19/02/55)

DOMINGO EM PURI

Ainda é o mesmo domingo, e estamos em Puri, onde, se não conseguir ver os carros de Jagganath, visitarei, pelo menos, seu templo, dos mais famosos da Índia, e mesmo de Orissa, embora esta região seja notável pelos seus monumentos arquitetônicos.

Não sei se é a proximidade do mar que empresta a Puri uma atmosfera especial, estimulante e festiva. As ruas que conduzem ao centro da cidade - e o centro da cidade é o grande templo, a Pagoda Branca de Jagganath - estão cheias de gente: os indianos são criaturas de ar livre, de árvores, de rios, e a flora e a fauna formam a moldura da sua vida, como nas miniaturas, nas esculturas, nos poemas, nos bordados, em que o mundo entrelaça todos os seus aspectos naturais.

Há, pois, muita gente, pelas ruas pobres, sem calçamento, extremamente pitorescas, com suas casas cobertas de palha (dizem-me que essas coberturas refrescam, no verão, e aquecem, no inverno); roupas coloridas brilhando sobre a tonalidade neutra do fundo, cor de argila seca; muitas, muitas crianças, - estas crianças da Índia que me parecem as únicas crianças realmente infantis do mundo; muitos velhos, velhíssimos; alguns aleijados; moças bonitas, de cabelos lustrosos; rapazes barulhentos, que riem e discutem - como é próprio de rapazes - em algum dialeto local, ou em alguma destas línguas dravídicas - tamil? telugu? - que começam a aparecer, à medida que caminhamos para o sul; e as belas mulheres maternais, com os filhinhos escarranchados na cintura, silenciosas e suaves, mergulhadas numa profunda conversação interior.

Não é apenas a multidão que concorre para esse ar festivo de Puri. Há também as decorações murais. Pelas paredes das casas, pelos muros do caminho, alastram-se ingênuos desenhos coloridos que representam flores, elefantes, árvores, e umas torres interpretadas muito modernisticamente, e que devem ser a reprodução das torres de Jagganath.

Porque Jagganath domina tudo. Aliás, assim deve ser, uma vez que esse nome sânscrito significa "Senhor do Universo". Como Senhor do Universo, Jagganath sabe tudo, penetra tudo, e dizem que permite o acesso ao seu templo a quantos o queiram visitar, seja qual for a religião que professarem.

A peregrinação a Jagganath é imensa. Imensa e constante. Em Puri, segundo me explicam, há festas religiosas todos os meses, - pequenas festas com cerimônias curiosas: os fiéis dão banho nas imagens, balançam-nas em balouços, vestem-nas, oferecem-lhes iguarias especiais - um tesouro folclórico perenemente vivo, nestas areias da baía de Bengala... Mas a grande festa é a Ratha-Jatra, que se realiza entre junho e julho, com a célebre procissão dos carros, cujos ecos repercutem até o Ocidente.

Os carros são enormes, de uns quinze metros de altura, com rodas de uns dois metros de diâmetro. Sob essas rodas é que alguns viajantes afirmam ter visto os devotos estenderem-se, para, com o seu sacrifício, obterem uma reencarnação mais feliz. Outros dizem, porém, serem tais atropelamentos meramente ocasionais, dada a multidão que se precipita para os carros, a fim de tocá-los ou puxá-los, - e que sendo Jagganath uma encarnação de Vishnu - aspecto criativo e não destrutivo da divindade - um sacrifício dessa espécie poluiria o recinto sagrado. A Índia é essencialmente fabulosa: pode ser vista e interpretada de mil maneiras. Quanto a mim, desejava apenas contemplar os carros, e foi assim que chegamos à praça defronte ao templo.

Aqui há altas casas, estas casas indianas de muitos andares, muitas varandas, que nos parecem tão familiares, e onde se vê tanta gente reunida a conversar e a contemplar. O rumor de todas essas conversas das casas e da rua zune pelo ar como um enxame. (O guia foi parlamentar com alguém - parece que o guarda do templo - para ver se me podem mostrar os carros, ou se posso subir não sei a que plataforma, de onde conseguirei avistar não sei se os carros ou outras coisas).

Aproximam-se de nós as pessoas que estão pela praça. Não devem ter nenhuma curiosidade. Que curiosidade pode ter um habitante da Índia, que conhece todas as maneiras de vestir, de falar, todas as cores de pele, todas as possibilidades de pensamento da criatura humana? Aproximam-se mansamente. E é como em tempos bíblicos. Os anciãos: ali vêm os anciãos de barba branca e olhos desbotados, com seus mantos deitados para o ombro; os profetas: ali vêm os profetas, seminus, com os cabelos compridos, hirsutos, revoltos, cobertos de cinza; as mulheres: ali vem as mulheres, muito bem enroladas nos seus vistosos vestidos, com jóias da cabeça aos pés; os enfermos, os mendigos: ali vem os mendigos e enfermos, o que não tem braço, o que arrasta a perna, o que tem o corpo torcido, o cego... (E ali vem o guia que não conseguiu nada: ah,

plataforma impossível, carros impossíveis, Jagganath impossível, no seu pedestal, entre Balabhadra, seu irmão, e Subhadra, sua irmã!...)

O recinto do templo - compreendendo vários santuários - é de alguns quilômetros quadrados. As torres aparecem, por cima dos muros, e a mais alta é a de Jagganath: uma espécie de pirâmide ovalada, tendo lá em cima - dizem que mede uns setenta metros - o emblema de Vishnu: uma roda metálica, cheia de pontas, que o sol transforma em roda flamejante.

Mas já é suficiente, para se ter uma impressão da majestade arquitetônica e da fantasia simbolista destas construções medievais - uns dizem século 12, outros, século 13 - contemplar as esculturas destes pórticos: os imensos leões, as quimeras, essas figuras híbridas que associam na sua composição as múltiplas idéias que exprimem - figuras que a antigüidade compreendia mais facilmente: da família das esfinges, dos touros alados, das sereias, dos querubins, e da visões de Ezequiel...

A imagem de Jagganath - contam-me - é uma tosca imagem de madeira, que todos os anos renovam, talhando-a numa árvore onde nunca tenha pousado pássaro carnívoro. Pintam-na de vermelho, menos o rosto, que é preto. Não tem braços nem pernas: perdeu-os, quando carregava o mundo, para salvá-lo. Explicam essa rusticidade da imagem, contando que o ídolo primitivo foi esculpido pelo próprio Vishnu, disfarçado em carpinteiro. Estava ele ainda no esboço, e pedira que o deixassem trabalhar na solidão; mas o rei, desconfiado de que se tratava de um carpinteiro preguiçoso, resolveu espreitá-lo: Vishnu desapareceu, deixando interrompido para sempre o seu trabalho. Todos os anos, quando se esculpe um novo ídolo, transfere-se para ele os poderes e a alma do antigo. Assim é Jagganath, o Senhor do Universo, humilde e imperfeito, no meio das riquezas acumuladas no seu templo. O simples turista deve achá-lo horrível, mais demoníaco do que divino, com essas estranhas feições. Por isso é que é perigoso chegar-se a Índia como simples turista. Tudo aqui requer uma explicação previa. Tudo aqui é simbolismo atende às solicitações da estética ocidental!

Defronte ao templo há uma ruidosa varanda, toda pintada com figuras multicolores de homens e animais. Dizem-me ser a casa dos descendentes do Maharajá que construiu o templo. Falam-me também da cozinha monumental de Puri, onde trabalham diariamente mil cozinheiros, sem salário, apenas pelo prazer de prestar esse

benefício a dez mil pessoas que podem comer por um preço ínfimo - um cruzeiro, talvez, cada refeição. Dez mil pessoas, em dias normais, porque, sendo Puri lugar de peregrinação, às vezes esse número sobe a cinquenta mil...

Pouco a pouco nos afastamos do templo, da grande Pagoda Branca, mas outros pequenos templos surgem: este de granito vermelho, completamente esculpido, com duas Sereias à porta, como à espera da visita do mar, que não está longe...

O mar ainda não vem, e o templo - um cofre de silêncio. Impossível descrevê-lo: mas esta arquitetura da Índia deslumbra as criaturas mais simples e os mais exigentes artistas. Rodeio este monumento perdido tão longe, na solidão da sua beleza: lá dentro, uma noite úmida, reclusa. Por fora, as figuras de pedra que ascendem para o céu cercadas de ramos de flores. Ramos de flores tão perfeitos que me pergunto se estes lagartos que saltam lá em cima não estarão enganados, cuidando que isto é uma floresta viva, apenas imobilizada por algum encantamento.

E seguimos. E há outros templos, com seus tanques sagrados, com suas sucessivas torres... E há mulheres e homens trabalhando, pelo caminho. É uma estrada, que constróem? Pedras amontoadas, classificadas pelo tamanho. Mulheres que as carregam. Belas, sérias, - quase tristes - escuras, com o sari arregaçado por entre as pernas, formando uma espécie de calção drapeado; algumas não trazem blusa: apenas uma ponta do sari mal encobre metade do busto. Homens e mulheres trabalham em silêncio. Não é por nossa causa: já os encontramos assim. Apesar de puras de feições, e de cabelos corridos, há mulheres quase negras. E é nestas que as jóias de prata nas orelhas, no nariz, no pescoço, nos dedos, nos braços, nos tornozelos têm, realmente, singular poder sugestivo. Estes saris humildes são, geralmente, de um azul safira muito profundo. Pensa-se na noite estrelada diante destas pobres mulheres que vão e vêm, na sua penosa ocupação.

Mas em redor tudo são deuses, nos seus plintos, nos seus nichos, nas suas torres... Deuses seculares, milenares, eternos... Deuses que devem estar vendo tudo isto, muito melhor do que nós os vemos...

(CORREIO DO POVO 31/12/54)

HUMILDE FELICIDADE

Partimos de Cuttack pela manhã: às 9 horas, estávamos no pequeno aeroporto, à espera do avião para Madrasta. (Os indianos, pela manhã, - especialmente as mulheres - têm sempre um ar primaveril: roupas frescas, tranças úmidas, - freqüentemente, uma flor na mão...) Seguem na minha frente duas moças de vistosos saris, amarelos e encarnados, com as solas dos pés pintadas desse pó vermelho que, se não me engano se chama "alta".

Chegamos a Madrasta logo depois do meio-dia. Há qualquer coisa na cidade que me seduz instantaneamente; e o Hotel é tal modo confortável - um apartamento de peças amplas, com muitas janelas, cortinas balançadas pelo vento, um jorro de água prodigioso... - que o meu desejo imediato é nunca mais sair daqui. Mas há um congresso marcado pra estes dias, o Hotel já está todo tomado, e temos de obedecer ao gerente que, neste caso, representa o próprio Destino...

Indago do que me seduz: é a transparência do dia? É este vento que passa, carregado talvez de uma invisível sugestão de mar? É este verde das árvores, ao longo das ruas? São estas claras roupas, estes alvos "dhotis" como nuvens enroladas no corpo escuro dos homens? São estas nítidas cores dos "saris", tão acentuadas aqui pelo cristalino brilho do sol?

Na enorme sala de jantar, deslizam os copeiros com a sua silenciosa cortesia. Inclino-nos para o cardápio oriental: afinal estamos no país das especiarias... E, entre aromas de canela, cardamomo, e os mil segredos do "caril", já me explicaram a história de São Tomé, já me convidaram para um casamento, já me falaram dos museus e bibliotecas desta cidade de Madrasta, cujo nome, segundo suponho, deve originar-se de "madras" ou "madrasha", que significa "escola muçulmana".

Em Madrasta, como no resto da Índia, há de tudo: muçulmanos, cristãos, jainos, além da população hindu, mais numerosa. E os teosofistas de Adyar - que é aqui bem perto - são conhecidos no mundo inteiro, e trabalham no sentido de fazer convergir todas as modalidades religiosas para o seu centro final, que é Deus. Bem que eu gostaria de esmiuçar tudo isso, mas muitos já o fizeram brilhantemente, antes de mim; - e a prova de

que a tarefa não me compete está na fatalidade de ter de deixar o Hotel daqui a três dias por mais que goste destas salas, destes quadros, desta comida, destas cortinas, e desta brisa que dança no meu apartamento.

Em Madrasta não coexistem apenas todas as religiões, mas todos os idiomas. Sem falar nos forasteiros europeus que vão deixando atrás de si rastros de francês e alemão, sem falar no inglês, que ainda se ouve por toda parte, aqui se usam em grande escala o tamil e o telugu, seguidos do malaiálam, do canari, do oria, e ainda do khond, do savara, do talu e do concani, que parece pertencerem apenas a algumas tribos.

Estou encantada com a noiva que me convida para o seu casamento. (Casamento, aliás, católico.) É uma linda moça, toda de branco, e azul celeste, e estas cores e este drapeado das roupas - Deus me perdoe, mas fazem dela uma Nossa Senhora morena destas águas que se balançam de Madrasta ao Sião e de Sião a Madrasta...

Quando a tarde refresca, saio por esta cidade clara, limpa, arejada, arborizada, com muitos estudantes, - e em tudo parece existir uma alegria pura de viver. E encontro - O que? Um templo? Um monumento? Um bazar? - não, uma livraria! Uma destas livrarias onde todos os livros são absolutamente interessantes. Todas as artes e ofício da Índia e do Oriente; toda essa literatura que, no Ocidente, parece inalcançável; todos os vocabulários, dicionários, guias de conversação não só das línguas da terra, como de Burma, da China, da Turquia, até a da "ocidental praia lusitana"... É claro que começo por travar conhecimento com as línguas da terra.

Ah! Quem pudesse viver vários séculos para aprender todas as coisas que ignora! Abro um livrinho de "tamil" para principiantes, e encontro o seguinte: "O alfabeto tamil compõe-se de trinta letras: doze vogais e dezoito consoantes. Essas letras formam 216 caracteres silábicos, que são combinações das consoantes com as vogais, havendo, por vezes, leve modificação da consoante unida ao sinal vocálico..."

Ponho-me a contemplar os caracteres: já não se percebem os do hindu e do bengali, com os fortes traços e as barras do sânscrito: estes, são arredondados, enrolados, parecem argolinhas metidas umas nas outras, molas de relógio, espirais solatas, brincos, bicicletas, colchetes. Por onde será que se começa a desenhar uma letra dessas?

O conjunto parece uma renda com muitas cobrinhas ou em diferentes posições de ataque, perseguidas por um pontinho que se coloca nos lugares mais inesperados. Essas

cobrinhas são extremamente complicadas, de modo que para se responder: "Estou bem", a uma pessoa amável que indague da nossa saúde, temos de dizer: "Nan migavum chagamai irukkiren".

O livrinho de malaiálam não é mais consolador. A língua tem cinqüenta e duas letras, sendo dezesseis vogais e trinta e seis consoantes. Os caracteres - e há 576 caracteres silábicos - parecem menos atrapalhados, mas são igualmente curiosos. Predominam as curvas, como no tamil. Há letras compostas que se escrevem lado a lado, ou uma por cima da outra. São como laços de fita, broches, fivelas, óculos, esquilos... Mas a resposta àquela mesma pergunta é muito mais simples: "Nalla sukam tanne". (Mas não é um exemplo suficiente.)

Sobraçando estes livros, pelas ruas de Madrasta, com uma profunda alegria de colegial em férias, ponho-me a pensar que é muito sábio, para a Índia estabelecer-se um idioma nacional, uma "língua geral", o hindí, sem abolir estes idiomas locais, todos eles com categorias literárias, pois todos possuem obras clássicas, autores ilustres, e a dignidade da sua tradição.

Logo que posso, volto a abrir os meus compêndios. Como as crianças devem gostar de aprender essa escrita! Há frases que parecem bailados de formigas. Aqui, três formiguinhas se abraçam; depois viram cambalhotas seguidas uma, duas, três vezes; agora, são contorcionistas; logo dão saltos mortais. Dançam de roda com muitas outras formigas; umas cabeçudas; outras, de pé torto...

A brisa move todas as longas cortinas das janelas. A paz é deliciosa, neste apartamento largo, de cores suaves, por onde o crepúsculo começa a penetrar. E aparece uma estrela: "nakshatram", em malaiálam, "taragai", em tamil.

Pode-se ser feliz assim, no fim do dia, tão longe de tudo, tendo como único entretenimento este exercício de espírito que consiste em sentir como pensam as criaturas mais distantes, dentro das palavras mais diferentes. Isto não é erudição nem filologia, é coisa mais próxima e bem mais rica: é o desejo de compreender a vida humana, mesmo sob este aparente brinquedo com letras curvas e sinuosas, que tem qualquer coisa também do movimento do mar.

Recordo, diante destes livros, que Madrasta organizou há mais de vinte anos uma biblioteca ambulante, - e folheio estas páginas de arte, cheias de pássaros coloridos, de

deuses serenos, de dançarinos quase em levitação, de esculturas antiquíssimas e de pintura contemporânea... E pouco a pouco tudo se vai apagando, - por mais brilhantes que sejam as cores, por mais nítidas que sejam as gravuras, por mais impecável que seja o papel. O dia acaba, nesta sala, entre estes livros - enquanto a estrela se torna mais brilhante, escondendo-se e mostrando-se, ao jogo do vento na cortina.

Mas, apesar do vento e dos ventiladores, o calor é grande, sem ser desagradável. Tudo é tão vasto que não se chega a sentir sua opressão: janelas, jardins, árvores, praia, céu, mar, o oriente do oriente...

Tem-se pena de apagar as luzes. Tem-se pena de dormir, de perder o tempo do sono. Compreende-se porque Alexandre sempre dizia ser o sono uma das suas duas - apenas duas - debilidades. E dorme-se desejando que a noite seja breve, que a madrugada brilhe cedo, e que ainda se tenha a graça de acordar.

(CORREIO DO POVO, 22/01/55)



MIL FIGURAS E UMA VOZ

Esta folhagem que sussurra sobre a nossa cabeça é a da preciosa árvore "nim", tão citada pelos poetas da Índia - árvore bela e boa, que adorna muitas avenidas daqui, sendo, ao mesmo tempo, usada em medicina, para diferentes fins. Se quereis seu nome científico, é "Melia Azadirachta": assim o escreve no meu caderno.

O sol da manhã dá uma transparência dourada à copa destas árvores, e, por entre os seus ramos brilha um céu azul, nítido, mineral como um teto de louça.

"The National Art Gallery" de Madrasta, que vamos visitar, foi inaugurado em 1951. Não é um vasto museu; mas oferece aos visitantes um pouco de todas as coisas de arte da Índia; pintura e escultura, objetos de metal e madeira, de marfim e de sândalo, tecidos e artigos de "bidri", - indústria típica de Haiderabad, aparentada com a velha damasquinaria da Arábia e da Pérsia, mas com um tratamento peculiar, apenas com desenhos de prata numa superfície negra e fosca, semelhante à ardósia.

Apesar de ser tão famoso o ardor da imaginação oriental, ainda não encontrei um indiano que exaltasse com palavreado febril as coisas de seu país. Isto me parece um dos requintes da educação do povo. E há um contraste pasmoso entre a modéstia das referências que ouço e o valor das pessoas ou objetos que venho a conhecer.

Na verdade, "The National Art Gallery" não é um museu de vastas proporções; mas todas as obras que aqui se encontram foram escolhidas com tal sabedoria e expostas com tal intenção que o visitante não pode deixar de se sentir empolgado pela atmosfera que o envolve, e que envolve cada peça - atmosfera de silêncio, respeito, solidão, onde a obra de arte recobra o sentido sagrado que originalmente existe em todas as grandes criações do espírito.

Seria matéria para um especialista explicar os exemplares da pintura mongol e das antigas escolas de Tandjori e do Rajastão, bem como estes notáveis bronzes que aqui se encontram. E mesmo simplesmente descrevê-los é absurdo, impossível, pela riqueza dos pormenores, a excelência da factura, a delicadeza e a sublimidade dos temas, e a posição de tudo isto no espaço e no tempo.

Igualmente impossível falar das peças mais recentes, em poucas linhas, porque a arte, deste lado do mundo, é encarada, realizada e apreciada, governada, enfim, por outras leis. Leis tão fundamentais no espírito desta gente que relacionam o mais suntuoso templo, recoberto de inverossímeis esculturas, com o mais modesto objeto de arte popular. Pode a Índia possuir muitos idiomas, muitas religiões, muitos estilos, - mas há uma coisa que une tudo isso, uma unidade que paira, acima dessa multiplicidade e que nitidamente a preside, um pensamento profundo e concentrado que está nos movimentos de Shiva dançante, como nas flores que correm pelos marfins, pelo sândalo, pelos tecidos de ouro e prata, como no drapeado das roupas de homens e mulheres, como na expressão de seus olhos e no ritmo jamais vulgar de suas mãos.

Pode-se ter visto todos os museus da Europa, das grandezas do Vaticano à sóbria elegância dos mostruários da Holanda; esta galeria é outra coisa. Aproxima-se das exposições cuidadosas de Amsterdão pela distribuição dos objetos, pela qualidade da luz, pela valorização de cada peça. Mas excede-as pela concordância - que ao mesmo tempo é contraste - dos objetos seculares com o despojamento de que o circundam; parede, nicho, pedestal... Nessa espécie de ausência que forma um nimbo, suave, em redor de cada um,

pode-se ficar longo tempo a descobrir, uma após outra, todas as graças de que o artista foi revestindo o seu sonho à medida que o transferia para este mundo, submetido a cores, forma, densidade... Uma obra de arte, uma única, dá para pensar toda vida.

Mais tarde, vamos ao museu. Aqui, é diferente; muitas salas. Que imensidão de vitrinas e de objetos; que abundância de informações para um estudioso que disponha de tempo!

E enquanto o esclarecido professor que nos acompanha me explica os vários adornos usados pelas mulheres da Índia em seus decorativos penteados, descubro um "balangandã" por detrás da vidraça. Um balangandã de prata, com os seguintes berloques: chave, trinco, pote de colírio, cestinho, escada, uvas, potes vários, abacaxi, lâmpada, peixe, borrifador de água de rosas, escorpião, folha de bétel, uma haste que serve para limpar os ouvidos e um tubo que é considerado estojo de talismã. Tudo isso exatamente suspenso de um suporte de desenho mais ou menos barroco, no gênero dos que conhecemos nos modelos baianos. O nome do objeto é Savi kottu. Significa: "molho de chaves".

Para uma pessoa que se interessa por assuntos folclóricos, ir encontrar num museu de Madrasta um balangandã como os da Bahia é, certamente, uma grande emoção. Aliás, em Patna, já me tinham aparecido muitas bonecas de barro idênticas às do Araguaia, mas com um suporte para as manter de pé, como os porta-retratos.

É depois dessas belas aventuras, com os olhos repletos de deuses, de flores, de animais, de foscas cerâmicas e jóias cintilantes, que vamos ver um fabuloso templo, com uma destas torres piramidais que caracterizam a arquitetura do sul da Índia, onde uma assembléia mitológica parece meditar sobre os destinos do mundo e dos homens. O largo tanque sagrado. As pessoas homens, crianças, mulheres de todas as idades - que se aglomeram em redor. O velhote que nos tira os sapatos para que possamos penetrar no recinto - o imenso recinto que rodeia as varias edificações. O ranger da areia cinzenta e quente - muito quente - nos nossos pés descalços. Os ascetas, a sombra das colunas, imóveis, em meditação: barbas e cabelos desgrenhados, e apenas um pedaço de pano, como vestido. Os devotos, numa capela, a caminharem em ritmo apressado em torno de uma pedra simbólica, a recitarem palavras de ritual. De repente vejo-me ao lado de uns grandes elefantes de pedra, negros, com os dentes e as unhas pintados de branco. E

contemplo as torres - policromas, reluzentes de prata, subindo para o céu azul, fazendo cintilar ao sol todas as suas prodigiosas alegorias...

E vem depois, à hora do chá, a noivinha que se vai casar no sábado... - ai de mim, que não estarei aqui! - a noivinha de azul e branco, que é doutora em medicina e tem o nome de Maria...

A cidade de Madrasta, como quase sempre acontece na Índia, tem aspectos muitos variados: bairros quase Europeus, mas com tabuletas em caracteres locais; o "bazar", sempre inconfundível com seus odores, rumores e cores; a bela avenida por onde se estende a fachada rósea e branca da Universidade; a zona aristocrática; e, afinal, a do porto, onde, ao sol que declina, brilham, lustrosos de suor e de água do mar, uns homens quase negros e quase nus, robustos e sérios, que conduzem seus carros de boi com a majestade das esculturas arcaicas.

À noite, na praia deserta - há um caminho por onde se poderia ir andando, andando, e entrando pelas águas do mar - os noivos querem conhecer cantigas populares do Brasil. Cantigas populares do Brasil! Os metros ocidentais, no Oriente, não tem sentido: toda esta paisagem, a grandeza destes monumentos, a antigüidade destes monumentos, a antigüidade deste povo conduzem a frases longas, sem retorno de rimas nem estribilhos. "Prenda minha", "Meu limão, meu limoeiro", "Nesta rua tem um bosque", as melhores cantigas de carnaval perdem-se aqui, melancolicamente, sem poderem aderir a este ambiente, sem ressonância nestes ouvidos... Ficam humilhadas como papel rasgado no meio de um faustoso e prolixo jardim.

Agora, Maria e seu noivo cantam. A música, é esta música oriental, que uns adoram e outros detestam, - interminável, entrecortadas com um soluço, e logo infinita... A letra é de Tagore. As palavras são de exprobação aos faquires que passam a vida inteira rezando pela sua salvação própria, sem nenhum esforço pela felicidade alheia.

A noite vai avançando, e Maria canta. Praia deserta e vagamente iluminada. Não há malfeitores, não há cobras, não há mais ninguém senão estas quatro pessoas, duas do Ocidente, duas do Oriente, que talvez nunca mais se encontrem, mas agora são felizes, entre o céu e o mar.

A voz de Maria será o último eco desta cidade em meus ouvidos: amanhã de manhã partiremos para Coimbatore.



VISÃO DE COIMBATORE

Quando vínhamos para o Sul, os amigos diziam-me: "Madura! Tanjore! Não deixe de visitar os templos! Vai ver uma arquitetura inesquecível!" E mostravam-me fotografias coloridas dessas torres impressionantes, desses pilares prolixos, desses tetos trabalhados que constituem uma das glórias artísticas dos velhos tempos da Índia.

O Sul encerra muitas heranças e tradições que se presume serem das mais autênticas - como esse estilo de dança denominado Bhárat Natyam que, pelo próprio nome, estaria indicando a legitimidade da sua origem índica.

Madura! Tanjore! - Mas quem realizou jamais tudo quanto sonhou? Entre o que se deseja e o que se pode, há um vasto abismo; e a felicidade não consiste, justamente em contemplá-lo sem tristeza?

Em lugar dos policromos templos com seus recintos de emaranhada arquitetura, que lembram grutas repletas de plantas e animais fabulosos; em lugar das torres piramidais que representam o esforço do homem em simbolizar o divino, - é a paisagem de Coimbatore que nos recebe, com o claro sol sobre os seus campos de cana-de-açúcar, sobre o seu pequeno, porém movimentado bazar, sobre as suas ruas modestas, sobre os seus carros, os seus rios desertos e os seus coqueiros amarelos e sedentos...

Não vou fazer a descrição de um instituto de experimentação de cana-de-açúcar; mas valia a pena fazê-la, para revelar esse aspecto construtivo da Índia, que procura resolver seus graves problemas com recursos próprios, à sua maneira, adaptando às suas conveniências e possibilidades o que a ciência e a técnica possuem de mais avançado em suas conquistas.

O que não me cansarei de celebrar é a modéstia com que esses planos se executam. Tenho razões para acreditar que essa modéstia represente honestidade, em todos os sentidos. E, assim sendo, que grande exemplo para o ocidente, tão perturbado,

nos dias de hoje, e confundindo tão perigosamente, a cada passo, a felicidade do povo com o benefício particular de alguns indivíduos!

Trabalha-se aqui em Coimbatore na obtenção de variedades de cana-de-açúcar que ofereçam ao produtor o maior rendimento, isto é, canas cuja riqueza em sacarose torne a lavoura mais vantajosa, no sentido de atender com presteza às necessidades de alimentação do povo.

É a fim de dar solução a esse problema alimentar de uma população de quase quatrocentos milhões - num país em que a erosão tem feito crescer os desertos, - que a Índia está procurando ativar, com métodos modernos, a produção de certas culturas básicas, - e para isso estabeleceu estes vários institutos de pesquisa agrícola, de cujas experiências resultam ensinamentos e práticas a serem adotados nos melhoramentos de determinadas lavouras.

Não se pode ver minuciosamente, num só dia, tudo quanto está sendo tentado e realizado, neste instituto. As paredes estão cheias de gráficos, e em cada laboratório o pessoal especializado quer comunicar, com o mais vivo interesse e o mais admirável entusiasmo, o rumo de suas pesquisas e as conquistas de seu trabalho. São, na maior parte, moços formados em grandes universidades, compenetrados da responsabilidade de oferecerem à pátria tudo quanto sabem para a sua grandeza. (Antigamente, poder-se-ia dizer: são moços com um ideal. Será que hoje em dia se compreende ainda o que isso significa?)

Entre essas longas visitas, entre essas curiosas explicações que vem da fábula (quando o açúcar ainda habitava o céu) à contagem dos cremosônios e ao fotoperiodismo, há outros deliciosos momentos.

Há, por exemplo, a gentileza desta família que nos recebe em sua casa, onde tudo é genuinamente indiano, a começar pelo brilhante incrustado na narina da dona da casa, uma destas encantadoras senhoras de quem se tem vontade de ficar amiga para sempre. O caril de legumes; e arroz; a conserva de manga verde; o pão que está sendo feito na cozinha, e vem quentinho para a mesa a cada instante; a minha curiosidade sobre as amêndoas que estão no vidro de conserva, e a moça que me explica: "são só para enfeitar..."; o copeiro que vai e vem, atencioso, afável, tão incorporado à família, tão longe de qualquer atitude mercenária; a moça que come com o dedo mindinho levantado,

tal outrora - ai de nós! - as meninas do Brasil... E este saber conversar, e este saber estar calado; e esta descrição do vestuário; e este modo de sentar, de oferecer o café, de ser milenarmente bem educado... (Saudade... Saudade "da aurora da minha vida" - ...Casimiro de Abreu numa casa de campo em Coimbatore, num pequeno terraço aberto para um jardim...)

Há uma excursão por um engenho, com o tanque de melado a ferver, as carroças por ali perto, a rapadura em formas de barro, como vasos de plantas... "Um bloco grande assim, quanto custa?" - "Uma rúpia". (Com um dólar, poderia comprar quatro blocos e ainda um pedaço. Tenho a impressão de que seria açúcar para o ano inteiro...).

Há o rapazinho do carro que me quer mostrar o bazar, onde os costureiros estão fazendo rodar as suas máquinas, e os doceiros fritam seus bolinhos em enormes frigideiras fumegantes...

E há os jumentinhos dos lavadeiros, carregados de trouxas. Uns jumentinhos cinzentos, de peito esbranquiçado, da altura de uma criança, - da altura da criança que os conduz... E há os carros de bois, com chifres ainda pintados de azul, vermelho, verde, - porque houve recentemente uma festa, e, nessa ocasião, os bois comparecem com os chifres coloridos... (Alguns, tem ornamentos metálicos e borlas).

E há um pequeno templo que o rapazinho do carro me mostra com grande respeito. É que, lá dentro, à noite, um devoto "explica Deus". Fica às ordens de quem o procura para essa explicação. E há sempre quem o procure: Deus é o permanente sonho da Índia, em todas as direções.

Mais adiante, são as mulheres que voltam, com o entardecer, carregadas de vasos dourados; foram buscar a água tão longe, tão longe! - O leito do rio ali está; completamente seco. Uma vala de poeira, sobre a qual os coqueiros se inclinam, quase secos, também...

Ainda mais longe, sobre um céu de mil cores, a torre de um templo. E, à entrada, à sombra de uma destas velhas árvores que imprimem à Índia seu ar maternal e bucólico, muitas crianças reunidas em torno de uma mulher que lhes conta qualquer coisa de extremamente interessante, dada a atenção com que a escutam (Quem pudesse parar, e ficar sentado, também, e acompanhar a narrativa...).

Mas o carrinho vai rodando... Iremos ver as fábricas de tecidos? Iremos ver, ao menos, os tecidos fabricados?

Eis os "sarís" mais diversos, em cores, padronagens, qualidade... Os de algodão, muito simples - e lindíssimos - de tecido liso, apenas ornados de um ourlo de outra cor, e com desfiados e bordados na barra que se deitam para o ombro. Os de seda, com todas as combinações mais imprevisíveis, que tornam a tela furta-cor, e dão à orla delicados desenhos. Os de gaze que se deslizam nos nossos dedos impalpáveis... (Pensa-se na admiração dos romanos por estes panos orientais - togas de vidro, vento tecido, névoas de linho...)

A noite desce de mansinho sobre Coimbatore. As luzes, as pequenas luzes dentro das casas e ao longo dos bazares, parecem vaga-lumes, tão trêmulas, humildes, ao alcance das mãos...

Ah! quem pudesse ser, ao mesmo tempo, pobre e feliz, simples nas coisas da terra, transbordante nas da alma...

O homem que cuida do alojamento, mostra-nos o seu caderno, os viajantes que passam deixando-lhe algumas rúpias, para a educação do filho. Estas calmas palavras, sob as árvores, tem um som muito antigo, como no princípio dos tempos... Com apenas sonhadas...

(Os sonhos, aqui no alojamento, são velados mosquiteiros de filó grosso).

(CORREIO DO POVO, 21/02/56)



ARES DE BANGALORE

Não se precisa ser oficial inglês reformado para se sentir que os ares de Bangalore fazem bem ao corpo e à alma. Estendidos nestas cadeiras, pela varanda do hotel, calados e quietos, ou aglomerados no bar, um tanto rubros e um tanto ruidosos, todos aqui parece desfrutarem uma felicidade suspensa, como se habitassem um aéreo paraíso.

A cidade, no Estado de Maiçor, tem uma altitude de cerca de mil metros, possui notáveis instituições de ciência e técnica, inclusive a granja modelo que visitamos, com todos os serviços encadeados, de modo que se vai do campo ao estábulo e do estábulo ao laboratório, admirando majestosos exemplares bovinos e uma seqüência de gabinetes de pesquisa do leite e seus derivados, tudo entre doutores que manipulam tubos, pipetas, lâminas, explicam: reações, apontam gráficos, discorrem sobre a manteiga clarificada, - de búfalo ou de vaca, - esse "ghi" de que já fazem menção os velhos livros sagrados da Índia e que, sendo um produto alimentar de uso diário, é também um medicamento precioso, cujas propriedades terapêuticas aumentam com o tempo. Essas propriedades são, aliás, inúmeras: o "ghi" cura doenças da vista, úlceras, dispepsia, aumenta o poder mental melhora a voz... (Evidentemente, os ocidentais sorrirão, diante de tal medicamento que faz lembrar o "Brahmin oil", loção para o cabelo que repousa os nervos, cura a insônia, abre a inteligência e torna amáveis as pessoas que a empregam.... Mas o melhor dos sorrisos resolverá todas as nossas ignorâncias).

Bangalore tem o seu comércio oriental, tem o seu comércio europeu, tem o seu confortável hotel, com a sua cozinha inglesa de rosbifes sangrentos (ó heresia!), de legumes insípidos, - e a sua cozinha indiana, com o caril, o pilau, a compota de manga, os acompanhamentos de coco ralado e hortelã moída, pimenta, cravo, canela, passas... - o pão chamado "chapota" e doces de arroz, de leite, de amêndoa...

O hotel está no meio de um vasto parque, cheio de árvores altas, onde se vê a noite com suas sombras e estrelas. Há um edificio principal, - portaria, bar, varanda, restaurante - onde se reúnem ou encontram os hóspedes que, no entanto, habitam separadamente pequenas casas muito agradáveis espalhadas pelo parque. Casas muito agradáveis, mesmo: estantes para livros; mesa para escrever (não apenas postais ou míseros apontamentos de viagem mas romances, ensaios, obras célebres de autores que tenham a sorte de vir para aqui como os officias reformados; também um cantinho para bebidas (tudo está pensado...) camas com mosqueteiros muito elegantes; janelas protegidas contra os insetos, quarto de vestir com tapetes acolhedores; banho com louças e metais, torneiras de água quente e fria; e uma varanda freqüentada pelos pássaros que lançam olhares redondos sobre os bolos que nos servem com o chá.

Bangalore consola a saudade de Madrasta. Falta o mar, é certo. Mas estas altas árvores do parque têm um poder de atração estranho, principalmente à noite, com a lua a mostrar-se e a esconder-se entre os ramos movidos pelo vento. (Porque há um vento constante, sussurrante, aliciante...)

São famosos os tecidos de Bangalore. Fazem aqui uns "sarís" transparentes muito delicados, muito leves, como os que estão expostos no mostruário do hotel: cor de limão, cor de água, cor de rosa... Colocaram perto deles outras pequenas coisas e a mais sedutora é uma destas sacolas que as indianas usam penduradas no braço, com escamas redondas de mica fixadas em alvéolos caseados. Em outros mostruários há pentes de marfim que recordam antigos romances, esculturas de deuses, e também de Gandhi - objetos de metal, caixinhas lavradas.

A minha vizinha de mesa é uma bela muçulmana com um longo véu que ora lhe cobre o cabelo, ora lhe cobre o rosto.

Ainda não reparei se esses movimentos do véu vêm de um gesto da moça ou do vento. E ponho-me a pensar se estas mulheres veladas do Oriente obedeciam ao capricho de maridos ciumentos ou eram assim protegidas contra o mau olhar que esta sempre a ponto de desabar, misturado a impulsos de irresistível admiração...

Aliás mulheres verdadeiramente veladas, raramente tenho visto. Essas que se diz estarem em "pardá" ("pardá" também significa "cortina"), vestem uma espécie de dominó de cor severa (violeta, castanho) que tem no capuz uma pequena grade de cadarços ou fios por onde os olhos vêm sem serem vistos. Todas as vezes que encontro uma mulher assim trajada, permito-me imaginar belezas estonteantes ocultas sob essa curiosa roupagem.

Ponho-me a pensar também na impressão que deve causar às crianças andar ao colo de uma pessoa assim vestida, conversar com essa criatura mascarada, ter, enfim, esse mistério em redor de sua vida, ouvir essa voz que anda por detrás de um pano, sentir esse olhar que espreita como um prisioneiro pela janela da sua prisão.

Quanto à impressão das crianças, continuo na mesma, pois ainda não tive tempo de consultar nenhuma; quanto a beleza estonteante, já fiquei várias vezes decepcionada: em momentos de muito calor, algumas destas senhoras deixaram aparecer o rosto (ó

Senhora dona Sancha, coberta de ouro e prata!); convenci-me que, de capuz, ficavam na verdade, muito melhor.

A minha vizinha usa apenas um véu nos cabelos: simples acessório de um dos muitos trajes regionais da Índia. Neste caso seria pena que ocultasse o rosto, de belos olhos escuros e graves. Mas, como todos a contemplam tão encantados, enquanto almoça, convenço-me de que o véu é mesmo tão indispensável contra o mau olhado como a tela de arame dos dormitórios contra os mosquitos.

Aqui a temperatura é amena e a noite chega a ser fria. Há muitos estrangeiros. O bar é imensamente freqüentado. Tem-se a sensação de uma festa permanente, no fim do mundo. Mas talvez sejam os ares de Bangalore a simples causa desta euforia, - e não apenas as bebidas, em copos grandes ou pequenos, que cada qual vai lentamente degustando, enquanto os copeiros, insensíveis a esse estilo de vida, passam lentamente, com os pratos fumegantes, eles mesmos leves, diáfanos como a fumaça que dos pratos se levanta.

Assim é, de relance, a alta cidade de Bangalore, vista do ângulo do hotel. Disseram-me que há por aqui - e pelo Estado de Maiçor - grandes festas tradicionais, procissões de carros, coisas folclóricas que infelizmente não conhecerei jamais com o meu modesto calendário de viajante. Aliás, o turismo propaga muitas coisas e eu creio que a Índia não se importa nada com o turismo. A Índia não é proselitista: não faz propaganda de suas religiões, de sua filosofia: chega a ser mesmo um contra-senso - quando se observa o mundo sob este céu tão antigo, qualquer propaganda de fé. Recordo sempre o velho provérbio: "Não é o lotus que procura as abelhas são elas que o procuram". Isto se entende muito bem, quando se está aqui, embora explicá-lo não seja tão fácil nem tão rápido.

O sossego de Bangalore é um convite a uma espécie de ócio fecundo que estimula a reflexão e certamente conduz à sabedoria. Toda esta gente que encontro pelo parque tem um modo de ser ausente, transfigurado, extremamente simpático: parecem todos habitantes de um mundo melhor, com pensamentos e compreensões definitivos. (Mas pode ser mera ilusão).

O que não é ilusão é este falar das árvores, com suas roupas roçagantes, seus gestos rítmicos, a noite inteira, - e este responder dos pássaros e insetos, e este assistir da lua tão clara nesta altura, tão luminosa, nesta escuridão.

E, de manhã, não é uma ilusão a voz dos lavadeiros que conversam, conversam, torcendo a roupa na água, sacudindo-a no ar, estendendo-a ao vento. Vejo-os pela trama da janela como as senhoras em "pardá" vêem o mundo pela grade do capuz. Que conversarão os lavadeiros: em que língua estarão conversando? Deve ser uma língua dravídica, posto que estamos tão ao sul, na península hindustânica. Talvez o "kannada"- já não tenho esperanças de aprender outras línguas, nesta viagem. Já quase nem tenho esperanças de encontrar vocabulários ou compêndios!)

Os lavadeiros falam depressa, com energia, súbitos cortes de frases. É belo ouvir-se uma língua que não se entende. Sempre se pode imaginar uma conversa melhor.

E enquanto os homens tagarelam e o vento enfuma as roupas lavadas, uma silenciosa mulher toda envolta num "sari" cor de safira, com as mãos, os pés, o pescoço, as orelhas e o nariz cobertos de enfeites de prata, apanha as folhas secas pelos caminhos do parque. Escura, silenciosa, como um faisão que deslizasse.

(CORREIO DO POVO, 05/03/55)



CINZA E LUZ EM HAIDERABAD

Em duas horas vai-se, de avião, de Bangalore a Haiderabad ("cidade de Haider"), capital do grande Estado do mesmo nome, no planalto de Decão. O sonho de voar, que tanto interessa às crianças, tornou-se-nos, aqui, provisória realidade: de tanto andar pelos ares, é como se já tivéssemos asas próprias, que nos fossem levando por estes céus da Índia, tal como, nas Mil e Uma Noites, os pássaros encantados e os tapetes mágicos.

A vista do aeroporto, ao sol da manhã, é árida e vasta. Como se tivéssemos pousado num deserto. Vem ao nosso encontro um velhote moreno e magro, de barbicha e

gorro de pele. Misto de feiticeiro e astrólogo das histórias antigas, - agora simples motorista de carro que nos deve levar ao hotel.

O hotel é aquilo que o seu dedo nos aponta no horizonte; uma pequena mancha no alto de umas pedras. Chama-se "Rock Castle". Aliás, tudo aqui são pedras ou areias. A paisagem é toda cinzenta, sob um céu belíssimo, que se reflete e concentra todo numa redonda concha azul, única nota de cor: a represa.

Rodamos, pois, neste reino de cinza, que tem uma beleza grave de solidão quase agressiva. Pergunto-lhe: "É sempre assim?" Ele, também, de perfil pontiagudo, severo, curtido pelo sol e pelo tempo, responde com voz rouca e breve que, quando vem a monção, as pedras reverdecem. Continuamos a rodar. Para mim, é como se a monção nunca tivesse vindo nem viesse jamais. Qualquer vegetação parece impossível nesta paisagem. E até - a não ser pelo mal que cause aos habitantes de tão impressionante lugar - seria melhor que não vicejasse nada nestas pedras - que isto fosse para sempre este deserto, com zimbórios brancos, - os zimbórios que começam a aparecer. Mas o motorista fala num rio, no rio Musi, que anda ali perto, - no entanto, sempre que olho, o Musi já passou.

Subimos por uma rampa, avistamos uma porta: é o hotel que tínhamos contemplado no horizonte, quando estávamos ainda no aeroporto. Há umas senhoras inglesas, com os eternos vestidos de flores que gostam tanto de usar; há um jovem muçulmano que passeia com ar de sonho, e como quem recita suratas em voz baixa; há uns mostruários com objetos da indústria local: objetos de "bidr", pantufas de pelica, jóias e caixinha de prata, feitas, às vezes, com moedas de Haiderabad. Pois este Estado muçulmano, governado pelo Nixam, ainda tem moeda própria, embora em vias de desaparecer.

O hotel é muito pequeno, mas pitoresco. A melhor coisa que tem é uma larga varanda, na parte dos fundos, de onde se pode contemplar a cidade, toda cinzenta, com aquela concha azul de represa engastada no meio. Os turistas, como sempre, andam para cá e para lá, com grande animação, óculos no nariz, guias abertos em cima da mesa, mapas, olhos fascinados por esta palavra verdadeiramente mágica, irresistível: Golconda.

Para que lado é Golconda? Para frente? ou para trás do hotel? Grande dúvidas. Onde está o sol? - Por isso, escrevi no alto do caderno de notas, o primeiro verso de uma cantiga:

"Não te quero ver, Golconda..."

E fiquei a espera da hora do almoço, deitada na cama estreita, dura e pobre, com sua coberta floreada, a sentir lá na sala os turistas, que, por essa altura, já ocupavam todas as cadeiras de vime do hotel.

O sol enchia de luz e fogo a varanda toda, e resplandecia lá em baixo, lá longe, na poça de safira.

"Não te quero ver, Golconda..."

Mas aí chegam as visitas. As visitas que não me permitem esse impulso de tédio. Precisamente Golconda é que eu devo ver. As ruínas de Golconda. A sombra desses lugares fabulosos cujos abismos não podiam ser alcançados. Então, os engenhosos aventureiros atiravam lá embaixo grandes peças de carne, que as aves de rapina traziam para seus ninhos. E as pedras preciosas vinham presas aos pedaços de carne; e os homem espantavam as aves, e colhiam as pedras que até hoje fazem cintilar essa palavra - Golconda - nome de um reino desaparecido.

Mas se esse mundo de diamantes mortos me emociona, entre estas vistas cinzentas da cidade e os vestidos das inglesas, cheios de flores miudinhas - então, vamos ver o Tchar Minar - "Quatro Minaretes" - que há cerca de quatro século pousa no meio de Haiderabad como uma coroa na cabeça de um rei.

Quando os turistas se retiram, a pequena sala recobra um ar amável de habitação humana, e os pequenos objetos expostos no mostruário sossegam da aflição de serem avidamente comprados.

O "bidr" é uma liga metálica, fosca e negra como ardósia, a que se aplicam delicados desenhos de prata em trabalho semelhante ao do aço damasquinado. Esse contraste da ornamentação clara e brilhante com o fundo de azeviche, tão liso que parece aveludado, dá aos objetos um encanto peculiar. As mais belas peças de "bidr" que já vi foram uns pratos ornamentais, numa residência em Nova Delhi. Neste mostruário, há pequenas coisas: cinzeiros, broches, abotoaduras, cigarreiras, embora com essa matéria se possam executar objetos de outros tamanhos. Os desenhos, de prata embutida, são em

estilo persa: flores isoladas, silvas, ramos. Quando o "bidr" fica embaçado, limpa-se com óleo de coco. Nunca enferruja, - dizem-me - mas é friável.

Não é, porém, nos mostruários dos hotéis, e sim nos depósitos das "Cottage Industries" protegidas pelo governo, que se pode apreciar o que a Índia produz em diferentes setores de artesanato. Neste, de Haiderabad, vemos multiplicarem-se²³ os objetos de "bidr", com formas e ornamentos de grande interesse não só artístico, como folclórico. Encontramos também as famosas pantufas pontudas, arrebitadas, feitas de pelica, tão macias que parecem luvas. E as "pallas" (barra larga e ornamentada dos "sarís") tecidas de ouro e prata, e o belíssimo brocado "hinmru" já nos fazem pensar não estarmos longe de Aurangabad, que suponho ser o seu lugar de origem. E os lótus que aparecem nos desenhos recordam os painéis de Ajantá, dos subterrâneos mosteiros budistas que um destes dias iremos visitar.

Quanto a assuntos científicos, Haiderabad possui uma Estação Experimental de Agricultura que é como um pequeno Instituto de Pesquisas. Suas instalações são modestas, mas seus serviços, de imensa importância para a região, desenvolvem-se com grande segurança e eficiência. Muitas variedades de arroz e sorgo são aqui estudadas e selecionadas nos campos experimentais que rodeiam a sede da Estação, e nos quais se encontram também em estudo o milho, o algodão, gramíneas e plantas têxteis. Há seções de Genética, de Solos - e de Insetos, Pragas e Doenças que atacam as plantas.

É uma grande maravilha ouvir-se um especialista discorrer sobre a sua especialidade, sobretudo num país em renascimento, como a Índia, em que um grande fervor de reconstrução se esforça por melhorar as condições gerais da terra e do povo.

Mas, por detrás desta linguagem de ciência, estou vendo o caminho de Tchar Minar; estou pensando em Sarojini Maidu, que tão bem celebrou as belezas do Bazar, com seus colares de flores perfumosas, seus objetos de metal amarelo, suas sedas multicores, suas jóias, suas frutas, seus ruídos, seu movimento... Estou pensando em Pierre Loti, impressionado pelas casas verdes e cor de rosa e a quantidade de turbantes que encontrava ao longo das ruas, na densa multidão que semelhava um campo de flores...

²³ No jornal está: "multiplicaram-se".

Esta é uma das avenidas que levam ao Tchar Minar. Este é o Bazar, com bicicletas, automóveis, carros, muitos pedestres, - inúmeros, inúmeros - de turbantes amarelos, róseos, violáceos, ou de gorro de pele, ou de cabelos ao vento... E as sedas flutuam nas lojas, ao sabor do vento, longas e vivamente colorida. E flutuam também, - estranhos fantasmas - aqueles vestidos fechados como dominós que usam as mulheres em "pardá". E há umas curiosas tranças negras, com borlas e enfeites de cor, para aumentar as tranças naturais. E há muitas, muitas flores artificiais com adornos metálicos; e frigideiras com frituras; e doces, e crianças que levantam para nós grandes olhares meigos; e faquires de roupa vermelha, cabelos vermelhos, que acham muito natural serem fotografados conosco, e até parecem amigos seculares, que estamos encontrando após uma longa ausência.

Andaremos pelo Tchar Minar, sentiremos um pouco do passado que tudo isto exala. Por Sarojini Maidu, por Pierre Loti, por outros que amaram estas coisas, e já não as podem ver, emprestamos nossos olhos a esta visão. Emocionante mundo dos poetas!

Riscamos no caderno o verso que dizia: "não te quero ver, Golconda"! (Iremos, iremos ver as ruínas da fortaleza e dos túmulos). E agora contemplamos a noite pura e silenciosa que arma entre as pedras e o céu suas cortinas de estrelas. Não há mais turistas. Haiderabad dorme em sua cinza. E uma pequena brisa inclina para a varanda uns galhos mirrados com romãs ainda verdes. Triste beleza árida.

(CORREIO DO POVO, 23/04/55).



SOMBRA DE IMPÉRIOS

Não é fácil dormir, quando se sente a cabeça tão próxima de Golconda, e das lendas e tradições que se confundem com a sua própria história. Não é fácil dormir, quando todas essas correias do século 17 insistem em acordar da sua morte os velhos imperadores mogóis, especialmente Aurangzeb, esse "habitante do país da Eternidade", que foi, ao mesmo tempo, "o derviche", o austero, o inimigo da música e das belas-artes,

mas também o inimigo de seu pai e de seus irmãos, - guerreiro incansável que, já no fim da sua longa vida, suspira ainda pela conquista de Golconda.

Não, é fácil dormir, quando lá fora - no terraço, talvez? ou muito longe, entre as pedras da paisagem? - uma vaporosa litania paira, como incerta nas curvas do seu vôo...

Dois ou três séculos não são nada, para estes mortos... E o perfil de Aurangzeb insiste em imprimir o passado no presente. É aquele perfil das estampas: penacho, turbante, colar, e uma auréola flamejante que vai da ponta da barba completamente branca à descaída curva do ombro. Retrato de velhice, onde o olhar parece vencido não apenas por tantas experiências de uma longa vida, mas também pelo remorso de tão tremendas audácias.

O sol não dissipa essas conspirações dos sonhos, porque a paisagem de Haiderabad é tão sugestiva e empolgante quanto as sombras da noite. A luz torrencial invade o terraço e doura as pobres romãs franzinas que com tamanho esforço ostenta o galho ressequido. Um jardineiro de turbante branco arremessa gotas d'água para os vasos de plantas do jardim pedregoso. De onde teria arrancado essa²⁴ água, em terra tão seca? Trouxe-a num pote de barro, de boca larga, como um alguidar, e com um movimento da mão atira para as plantas esses grãos de cristal, rápidos e esparsos, num gesto que é de pura caridade.

Mas é tal a aridez da paisagem, só de pedras acumuladas, que a alegria de ver essa água cair nas pequenas plantas empoeiradas não dura mais que o momento da sua cintilação ao sol. O jardineiro passa, desaparece, e tudo volta a ser uma áspera, imóvel, ardente solidão.

Contam-me, então, que estas estranhas pedras amontoadas e que parecem mal seguras e prontas a deslizar a um leve abalo, são restos da matéria cósmica que Deus atirou para ali, depois de fabricar o mundo. (Ao longe, cintilam farpas de sol - vidros, zimbórios, crescentes... sobre a cidade que se espraia branca e tênue como a Via-láctea).

Vamos, porém, para Golconda, que fica do lado oposto. De passagem, descubro agora uma loja que parece apenas sonhada: toda azul, com os planetas pintados pelas paredes. No meio, sentado à oriental, o astrólogo que poderia contar o nosso destino, - se tivéssemos tempo...

²⁴ No jornal tem uma vírgula entre "essa" e "água".

Depois, o caminho vai sendo cada vez mais solitário, mais pobre, mais agreste, e avistamos a longa muralha que, como uma serpente eriçada, sobe, imponente e escura, até o céu. Tudo é vasto, sombrio, fabuloso. A vida humana torna-se absolutamente insignificante, aos pés dessas majestosas ruínas.

Apontam-nos o aqueduto. E fica-se triste, diante da terra deserta. Apontam-nos as grandes portas da cidadela - o que resta de Golconda - guarnecidas de longas pontas metálicas, contra a investida dos elefantes.

Transposto o pórtico, entra-se num mundo verdadeiramente morto: paredes de pedra, recantos desabitados, escadas, arcos. Os guardas não parecem vivos, mas apenas animados, únicos fantasmas visíveis de uma história terminada.

Começa-se a subir: os degraus, aparelhados na pedra da encosta; a desagregação do cascalho, sob os passos; o estranho som das nossas vozes, naquela atmosfera de tão complexa repercussão; e subterrâneos, e poços enormes, lodosos; e escombros de templos, de habitações; e calabouços; e sempre escadas e mais escadas, até o cimo, com terraços, grandes salas, o lugar em que se sentava o imperador, e de onde via os exércitos... Oh! como nos sentimos longe do chão, da realidade, do momento! Em que dia estamos?

São os elefantes do Aurangzeb e as lanças dos seus soldados que levantam ao longe aquela poeira? - Não: é apenas o vento que revolve o caminho calcinado. Apenas a nossa imaginação que vai seguindo - e exagerando um pouco - a narrativa de um dos nossos companheiros.

Lá longe, lá em baixo, é o mundo. Nós estamos aqui, fatigados da ascensão, reclinados nestas pedras tão ricas de passado, nesta plataforma de onde se podia avistar a vitória ou a derrota. E a morte.

E aquilo são túmulos ilustres. Aquilo! (E olhamos, ao longe, os túmulos, que também estão mortos.)

Mas apesar de toda a solidão, desse completo despojamento em que se encontra a velha cidadela, uma poderosa beleza essencial empresta a Golconda um ar transfigurado de libertação. Salas sem alfaias, esconderijos, abolido trono, alcandorados no céu, conservam um poder de ausência que às vezes nos obriga a voltar a cabeça para ver se o último rei não nos vem contar a sua alegria de não viver mais. A sua alegria de já

transcender todas essas guerras, essas histórias de sangue, e também de amor, essas aventuras momentâneas que formam a pobre vida humana, tão difícil de atravessar, e tão insignificante, numa contemplação ulterior.

Quando íamos descendo é que alguém se lembrou das minas, dos diamantes que, mais do que as guerras, emprestam à palavra - Golconda - essa ressonância lendária que ainda possui.

- Preciso de algumas de vossas jóias, para a majestade do meu trono! - mandava dizer ao pai, - que encarcerara, - esse filho turbulento e irmão sanguinário que foi Aurangzeb.

- Se vierdes buscá-las com violência, ordenarei que sejam quebradas a martelo, até ficarem reduzidas a pó! - respondia o velho Xá Jehan, o imperador artista, a quem se deve o Taj Mahal.

- Pois que as guardes! E saiba que todos os diamantes de Aurangzeb estão à sua disposição! - replicava ao emissário o filho desdenhoso.

- Toma essas jóias todas! - respondia, noutra tom, o pai generoso, - e oxalá possas com a tua glória fazer esquecer à tua família algumas de suas desditas!

E chorava, de um lado, o pai prisioneiro, e, de outro, o filho comovido. Tudo por essas constelações de diamantes e outras gemas que foram a alegria dos velhos mongóis, e o deslumbramento dos invasores persas. E certamente não só pela beleza decorativa que possuem as pedras preciosas, com suas cores e cintilações, mas pelas suas virtudes profundas, por sua secreta força, pelos poderes que os antigos sempre lhes atribuíram de influir no destino dos seus portadores.

Aí de nós! que vamos de degrau em degrau sentindo apenas pedregulho e areia sob os nossos pés! A "matéria do mundo", que se esfarela por estes declives...

Às vezes, paramos, e vamos lá em baixo, lá longe, o desenho de Haiderabad com a luz da tarde a despertar uma faísca amarela ou vermelha sobre algum pormenor.

E tão imponentes são estas ruínas, e tão grandiosa, esta velha estrutura deserta, que podemos entrar num automóvel e abstrair-nos completamente da existência da pobre máquina - tão útil... Continuamos a pensar em elefantes do século 17, em imperadores, guerreiros, princesas, ninhos de pássaros com diamantes misturados aos ovos, e muito maiores...

Todos os vivos que vamos encontrando, e vemos e ouvimos, não são tão vivos quanto os mortos que não vimos nem ouvimos naquela cidadela definitivamente morta, - e que, no entanto, sentimos muito mais nítidos e eloqüentes.

E encontramos um cego. (Instintivamente, eu sabia que Golconda era também apenas uma grande pálpebra de pó, - uma cegueira...).

(CORREIO DO POVO, 02/04/55)

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 20/03/55)

§

§

EM AURANGABAD

Às três, da tarde, no aeroporto de Aurangabad, o calor é tão grande que nem posso dizer como seja a paisagem: tudo fica ofuscado por uma espécie de bruma luminosa; e até as criaturas que se aproximam de nós, e amavelmente nos acolhem, não parecem viventes, mas sonhadas.

Fomos de Haiderabad a Bombaim, num vôo de duas horas e meia; em pouco mais de uma hora de vôo, viemos de Bombaim até aqui. (Quem pode deixar o Estado de Haiderabad sem visitar as famosas grutas de Ajantá? E este é o caminho para alcançá-las).

Nada mais agradável, em meio a todo este fogo a descer do céu e a irradiar da terra, que a visão do hotel que nos espera: uma tentativa de jardim, malgrado a aridez do chão, - uma clara escada, - uma larga varanda, - uns bonitos cretones floreados... Que mais podemos desejar, neste quarto tão confortável? Só falta, mesmo, uma coisa: água. Água, - um dos grandes problemas da Índia, que o governo está atacando com todos os recursos técnicos. Porque a erosão tem devastado o país - e o deserto veio avançando, e - pelo menos agora, que é a estação seca - tem-se a impressão de que todos os rios se esconderam e todos os poços deixaram de existir, aqui no Decão.

Muitas criaturas diligentes estão, porém, trazendo - de onde? - a água que nos falta. Jarras, vasilhas, baldes passam, a nosso serviço, enquanto descansamos na varanda, como no convés de um navio, vendo ao longe, no esfumado céu, que já vai tomando cores crepusculares, o perfil do monumento que Aurangzeb mandou construir: essa réplica do Taj Mahal, que não tem, no entanto, o esplendor, a graça, a poesia daquela jóia de mármore que floresce em Agra, à beira do Jâmuna, como um lótus branco.

Antes do anoitecer, um jovem casal nos vem buscar, para um passeio pela cidade. Não importa que a estrada seja poeirenta, que a cidade não apresente grandes atrações imediatas; esta moça que viaja conosco, é exatamente como um raio de lua, assim envolta num fino "sari" todo branco, que, a cada movimento de seu braço, alonga no ar uma asa transparente.

Há quase duzentos e cinqüenta anos morreu Aurangzeb, cujo nome ficou impresso nesta cidade de Aurangabad. Seu longo reinado, que, assim à distância nos parece tão cruel, é um desses acontecimentos históricos que provocam, ao mesmo tempo, curiosidade, admiração, horror. Não teve aquela grandeza do avô Acbar, nem a sensibilidade artística de Xá-Jehan, seu pai. Nasceu guerreiro. Tudo quanto fez foi batalhar. Assusta, um destino assim, sobretudo quando se conhecem tantos dos seus pormenores, desumanos ou inumanos. Mas, destino assim poderoso, é uma espécie de genialidade.

Olhando de perto este túmulo que Aurangzeb mandou elevar para sua mulher, logo se pensa nos sentimentos que o teriam impelido a construir obra tão semelhante à que seu pai - por ele aprisionado no forte de Agra - pacientemente mandara levantar, num trabalho de vários lustros, à memória da muito amada Muntaz Mahal. Que secreta rivalidade existiria entre o filho guerreiro e o pai artista? (E pensar que esse pai o amava tanto, e até lhe mudara o nome de Mohammed para Aurangzeb que quer dizer "ornamento do trono"! - Eternas histórias de pais e filhos que, como se diz nas "Mil e Uma Noites", mereceriam ser gravadas com uma agulha dentro dos olhos, para ensinamento do mundo!...)

No entanto, este monumento parece bem a sombra, apenas, do outro... O granito, que aqui está onde no outro tudo é mármore, dá-lhe uma fisionomia severa, triste, quase diríamos - culposa. Nenhuma daquelas sugestões de Agra: daquele ar de magnólia, dos

zimbórios; daquela branca fosforescência das paredes. É um monumento fosco, um arremedo, que faz refletir sobre a Beleza, suas origens e desfigurações.

Por mais que esta amiga circule, como um raio de luar, por mais que se mova a asa branca do seu "sari", em redor destas pedras, não se levanta daqui o encantamento que transfigura o contemplador do Taj Mahal. Nenhum milagre nos arrebatava, nos faz levitar, ao lado destes escuros torreões, destas pesadas portas...

Apenas, numa plataforma, um grupo nos detém o passo: uma mulher, sentada no chão, conta histórias a umas seis ou sete crianças extasiadas. Tudo já meio desfeito pela noite: as roupas, os rostos, os movimentos... - como essas fotografias muito antigas, que já não se reconhecem bem. Muito antigas devem ser também as histórias - quem as entendesse! - mais antigas que o túmulo que vamos deixando para trás, na silenciosa noite.

Uma noite poderosa de estrelas, esta noite que cresce em Aurangabad! Nenhum vulto de passante ou de veículo. Esta solidão cálida, palpitante, inquietante. O rumor dos nossos passos na areia. Uma contida emoção. (Qualquer palavra fica vulgar, numa hora destas, num lugar destes. O ar é de uma substância como isso que chamamos alma).

Vamos parar num sítio prodigioso, onde existem umas águas - explica-me esta moça lunar - que ninguém sabe de onde vêm. Prestamos atenção a esse sussurro, que vai tecendo música na sombra. Depois avistamos o imenso tanque, vemos a onda borbulhante que dentro dele dança e canta como uma prisioneira feliz. Caminhamos assim entre pedras, águas e plantas e o mistério dessa água encantada. E, naquela frescura, velhíssimos muçulmanos sonolentos, sentados em algum degrau, encostados a alguma parede, levantam para nós um olhar muito antigo, e parecem sobreviventes dos velhos exércitos, das remotas campanhas, que não podem entender quem somos, com esta voz, com este passo, a esta hora da noite, por estes lugares seus.

Da varanda tranqüila do hotel, tornamos a avistar, ao longe, o perfil do túmulo - aquele palácio de pedra, com seus torreões, suas portas, seu silêncio, sua história.

Mas agora fala-se de outras coisas: dos tecidos de Aurangabad. Telas de prata, com motivos de seda incrustados: lótus, borboletas, pássaros. Brocados especiais - a que chamam "imbru" - com primorosos desenhos e inesperadas combinações de cores. Filigranas de prata: jóias, objetos, ornamentos. Trabalhos de marfim rendado: caixas,

colares, broches. Esculturas. Tudo isso está por aí, em pequenas casas, em modestíssimas oficinas, onde o artesanato tradicional se perpetua, indiferente à pobreza geral.

É preciso que se veja essa resistência tremenda da arte, apesar do tempo, das transformações políticas, das dificuldades econômicas, de todas as coisas hostis, capazes de fazerem desistir o homem de uma atividade quase puramente poética. Ou talvez por ser assim quase poética, apenas, é que essa atividade resiste. Ela ignora o resíduo material do tempo. Os imperadores passaram. Outras figuras lhes sucederam. Aquele sangue das guerras perdeu-se nessas areias, nessa claridade do sol e da lua. As pessoas têm outros nomes. Os passantes são outros. Mas a voluta da flor, mas o perfil do leão, mas a eternidade da estrela estão sendo repetidas na prata, na seda, no marfim; e entre os olhos do artista e o seu tear e as suas pinças e os seus buris há um diálogo de amor que nenhum acontecimento efêmero perturba. Que as roupas sejam andrajos; o ambiente, de completo despojamento; a comida, modestíssima; o sono, breve, - o artista não está pensando em nada disso; nós é que pensamos por ele, que pensamos nele. O artista está vendo a curva do elo da corrente de prata; o fio que vai desenhando e fazendo viver animais, flores, arabescos; e o marfim que se vai tornando aéreo, todo recortado e esvaziado, em contas, corações, pequenos jardins brancos onde as plantas vicejam e os pássaros despertam.

Mas um pouco mais longe, para o lado do norte, à margem escarpada de um rio, estão as grutas de Ajantá, - santuários e mosteiros budistas que remontam a dois séculos antes de Cristo. Um mundo fabuloso de arquitetura talhada na rocha, com primorosos murais, colunas pintadas, esculturas impressionantes de vida e emoção. Fala-se nisso a meia voz, deslumbradamente.

Esperamos que termine a noite, esse muro estrelado que nos separa do dia seguinte. Uma grande tranquilidade envolve o hotel, a sua varanda, a sua escada, o seu jardim. Uma tranquilidade que se estende até o horizonte, até o negro recorte do túmulo. Se uma folha cair na areia, poderemos ouvir a sua queda - agora que parou a última gargalhada ocidental. (Uma gargalhada que, aqui, parece bárbara).

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS 03/04/55)

GRUTAS DO AJANTÁ

Pela lua cheia de um mês de maio, seiscentos anos antes de Cristo, na cidade de Kapilavastu, lá para as bandas do Nepal, nasceu um menino que haveria de ser famoso no mundo inteiro.

(Daqui, de Aurangabad, nosso pensamento desliza como uma flecha, em diagonal, para o nordeste da Índia, até o lugar desse nascimento.)

O menino chamou-se Siddharta, de sobrenome, Gótama. Dizem que seu pai foi o rei Suddhódana, e sua mãe a rainha Mahá Mayá.

(A cálida manhã de Aurangabad vai embalando o nosso pensamento.)

Quando esse menino nasceu, os astrólogos previram que um dia ele viria a trocar todas as glórias do seu reino pela Sabedoria perfeita. Que seria um Iluminado. Um Buddha.

(E aqui entre as areias de Aurangabad, é agradável recordar, como num sonho, os palácios que o rei Suddhódana deu a seu filho, para retê-lo junto a si. Eram três: um para o inverno, outro para o verão, outro para a estação das chuvas. Um tinha nove andares, outro cinco, e, o último, três. Todos decorados. Cercados de jardins, com flores e fontes, pássaros pelos ares, e pavões pelo chão ...)

Mas Siddharta, desde pequeno, se manifestou uma criatura diferente: para quem o pensamento era mais importante que as coisas do mundo.

(Viajamos numa caminhonete, sem grande conforto, - mas a estrada é ampla; a paisagem, brumosa de calor, tem um encanto particular, e os companheiros fazem tudo para que nos sintamos felizes.)

Suddhódana desejou também ver seu filho feliz. Deu-lhe uma esposa, cercou-o de festas, de música, de dança, de todas as doçuras da arte.

(Os companheiros olham para os relógios, e calculam que antes do meio-dia chegaremos às grutas de Ajantá.)

Mas, apesar dos palácios, das festas, da esposa, mesmo do filhinho que já lhes tinha nascido, Siddharta não podia esquecer o sofrimento do mundo. Ele tivera ocasião de ver um doente, um velho, um morto e um monge. A vida era uma coisa triste.

(Os companheiros procuram descrever as grutas de Ajantá e de Ellora: mas, depois do que vimos noutros lugares da Índia, sabemos que, para estes velhos monumentos, todas as palavras são insuficientes, sem expressão.)

E cumprindo o presságio dos astrólogos, Siddharta, por amor às criaturas, e para salvá-las do sofrimento, deixou palácio, esposa, filho, riquezas, poder, prestígio, e partiu para muito longe, à procura de mestres que lhe ensinassem a Sabedoria.

(Nestes vastos caminhos da Índia, os séculos não são nada: levantam-se e caem como a poeira, que as rodas da camionete vão²⁵ abrindo pela estrada ...)

Siddharta, por esse tempo, ainda não tinha trinta anos. Aprendeu duras disciplinas de penitência. Não lhe pareceu que esse fosse o caminho da Sabedoria. Jejuou e meditou, contritamente. Chegou a tal debilidade física, na sua devoção, que esteve a ponto de morrer. E não se convenceu também de que apenas essas práticas fossem capazes de conduzir à Sabedoria. Sentou-se sob uma árvore, concentrou-se e esperou que, pelas portas do pensamento, lhe chegasse a compreensão da natureza da dor, do seu mecanismo, e da maneira de vencê-la. Porque ele queria libertar o homem do jugo do sofrimento. E, à sombra do pipal, seu pensamento se abriu ao Conhecimento Perfeito. Tornou-se o previsto Iluminado: o previsto Buddha. E o pipal ficou sendo uma árvore sagrada, - o "ficus religiosa". O mundo foi envolto por uma claridade nova: a dos ensinamentos budistas.

(Quando se chega a Ajantá, não se vê nada, imediatamente. Estas grutas, aliás, foram descobertas, por acaso, em 1819, por uma companhia de soldados britânicos, em manobras pela região.)

Sentado sob o pipal, com o rosto voltado para o Oriente, Siddharta recebeu a revelação de suas encarnações anteriores, da causa dos renascimentos, e do meio de extinguir os desejos. Conheceu as Quatro Verdades: a Dor, a Origem da Dor, a libertação da Dor, e o Caminho de Oito Ramos que conduz à Libertação da Dor.

(Enquanto esperamos por outras pessoas que devem visitar as grutas conosco, lançamos um olhar à paisagem. Estamos à margem de um rio completamente seco.

²⁵ No jornal: " (...) que as rodas da camionete vai abrindo pela estrada..."

Dir-se-ia uma vala de barro amarelo, esboroando-se ao ardente sol. No paredão de granito que se estende perpendicularmente, ao longo deste fosso, monges budistas abriram estas grutas, que, umas, eram santuários, - outras, mosteiros.)

Siddharta não queria, a princípio, divulgar as revelações recebidas: quantos estariam em condições de recebê-las? E quem sabe não iriam elas perturbar muitos espíritos? - Mas o dever de quem sabe não é transmitir o Conhecimento? E cada um não aprende, apenas, segundo as suas forças? Até os limites de suas possibilidades próprias? Siddharta pronunciou um discurso.

(Habitações subterrâneas, como forma de defesa ou lugar de meditação, não é surpreendente que existam, desde remotos tempos. O que surpreende aqui é a maravilha arquitetônica realizada na pedra: as varandas, as colunas, as celas; é, principalmente, a riqueza escultórica das imagens e ornamentos, e a pintura das colunas, dos tetos e das paredes de algumas destas grutas, tão sombrias e frescas, sob este sol de fogo, ao longo deste rio sem água...)

Siddharta converteu muita gente. Trouxe para os caminhos da Sabedoria quase todos da sua família, e pessoas de todas as castas, pobres e ricos, sábios e rústicos. Depois de quarenta e cinco anos de pregações, deitou-se à sombra de duas árvores, deu a seus discípulos todas as instruções necessárias, e, em perfeita lucidez, despediu-se e morreu. Era também no mês de maio, pela lua cheia, como na ocasião de seu nascimento. Suas últimas palavras foram: "As partes e os poderes do homem se dissolvem: mas a verdade persiste para sempre".

(Estas grutas não foram todas construídas na mesma época. Umhas, as mais antigas, são do século II antes de Cristo. As mais recentes são do VII ou VIII século da Era Cristã. Contemplando-as de fora, logo se pensa no Egito: pela escavação da pedra, pelo corte de certas colunas, por certas cavidades e certos relevos. Interiormente, as proporções de cada uma delas são tão equilibradas que o visitante se sente cercado de proteção e paz).

Muitos são os lugares sagrados do Budismo, na Índia: Lumbini, Bodg-Gaya, Sarnath... E muitos os monumentos famosos, como o de Sanchi, os de Ellora e Nalanda, e estes de Ajantá, onde nos encontramos.

(Para se ver a decoração mural existente em algumas destas grutas, é preciso iluminá-las com projetores. Em alguns pontos, a pintura está gasta. Há mesmo nas placas despegadas

das paredes e dos tetos. Os tons são quase sempre de terra bruna, amarela, avermelhada, preta... Coisas que parecem etruscas, coisas que parecem chinesas... Cenas de dança, de adoração, mulheres, crianças, episódios da vida de Siddharta, uma princesa negra, cavalos, peixes, elefantes, lotus, - composições engenhosas como a de vários animais reunidos, com uma só cabeça que pertence a todos ...)

Siddharta ensinou o Caminho de Oito Ramos que liberta da Dor: o ramo da Crença correta, sem superstição nem ilusão; o da Vontade correta, com fins nobres; o da Linguagem correta, leal, benévola, verídica; o da Ação correta, da conduta pacífica, honesta, pura; o dos Meios de Existência corretos, que não ofendam a nenhuma criatura; o do Esforço correto, pela auto-educação e domínio de si mesmo; o da Atenção correta, pela vigilância constante da memória e do espírito; o da Meditação correta, que vem a ser o pensamento assíduo sobre o significado da vida.

(Nesta solidão, neste silêncio, contempla-se com uma profunda emoção este gigantesco trabalho, obra de inúmeras existências. Mal se pode imaginar como foram estas pedras perfuradas, esculpidas, amanhadas, para que surgissem estas salas e corredores, estas celas, estas absides, estas colunas, estas estátuas tudo no seu justo lugar. Cada pormenor daria para se escrever um livro. Caminhamos entre pedras ardentes. Mas a luz do sol não se comprara à que jorra de cada figura que está ensinando um gesto da alma ou uma parábola de Buddha.)

À tarde, no hotel, os passarinhos vêm pousar entre os talheres, no espaldar das cadeiras, nos ombros dos hóspedes. Os passarinhos não têm medo. A lição de não-violência, de Siddharta, é uma lição viva, nestes lugares que vimos palmilhando. Há quantos séculos a mão do homem não fere estas frágeis criaturas, para que elas venham tão confiantes comer as migalhas da nossa mesa? Ah! eles dão testemunho da passagem do Buddha!

(Longe, longe, ficaram as grutas de Ajantá, onde apenas a noite mora, quando se apaga o crepúsculo no horizonte bordado de tamareiras.)²⁶

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS 17/04/55)

²⁶ A partir da metade do texto os parágrafos entre parênteses são introduzidos por margem de parágrafo; optamos por manter em todo ele a formatação inicial, eliminando esta margem com vistas à uniformização de critérios..

CAMINHO DE GOA

Das Grutas de Ajantá voltaríamos a Bombaim, e encerraríamos este circuito da Índia, se não recebêssemos das autoridades portuguesas amável convite para uma visita a Goa.

"Ao norte de Gokarna fica um kxetra (lugar sagrado) de sete yojanas de circunferência, e no qual está situada Gová-puri, que destrói todos os pecados. Pela simples vista de Gová-puri, fica destruído qualquer pecado cometido na existência anterior, como a escuridão que desaparece ao nascer do sol. Até o voto de tomar um banho em Gová-puri é bastante para se adquirir uma situação elevada (noutra vida). Não há, certamente, outro kxetra que se possa comparar a Gová-puri, onde se encontram muito brâmanes profundamente versados nos Vedas e Vedangas, e onde todos os brâmanes se dedicam aos seis karmas e trazem subjugadas as paixões por meio de mantras, ervas, penitências e yoga."

Isso é o que dizem os Parunas, esses velhos escritos hindus do IV ou V século, a respeito de Goa, a antiga "povoação pastoril" (Gová-puri) do Concão meridional, banhada pelo mar da Arábia, e emoldurada em cordilheiras e rios. Desses tempos para cá, muitas coisas aconteceram em Goa - o que não impede que ainda tenhamos esperanças em perder todos os pecados, assim que sobre a sua paisagem pousarmos os nossos olhos.

Enquanto nos preparamos para tão alta indulgência, percorremos o mapa da região, e perdemo-nos na sua geografia musical, Conselhos, freguesias, aldeias, têm nomes como estes: Perném, Sanquelim, Pondá, Sanguém, Batim, Carambolim, Pangim, Betalbatim, Chinchinim, Cuncolim, Nuvém, Orlim, Dargalim, Tamboxém... Às vezes muda a música, e há Chandor e Margão, Assonorá, Mormugão, Caranzol, Uagão, Darbandora, Mandur...

Há mais coisas complicadas: Grambolim-bazuruco, Xelop-Curdo, Chic-Xelvona e Loliém Polém... E há coisas mais simples: Reis Magos, Salvador do Mundo, S. Brás, S. Pedro, S. Matias...

Mas o conjunto é aquela zoada de guizos rítmicos, que desça pelos rios: Araundem, Siquerim, Mandovi... e sobe pelas Montanhas: Chorlem, Querim de Satari, Morlenchó dongôr...

Gová-puri, povoação pastoril devia ser um lugar de festas campestres: suas campainhas estão pelo mapa, e em cada palavra que se lê há um movimento de dança. Não se pode deixar de ir a Goa.

Toma-se pois, um barco, em Bombaim, que é, por definição, "warm, warmer and warmest". O azul do céu funde-se no ouro do sol e na bruma da umidade: molemente deslizamos dentro do imenso aquário ardente.

O mar, é o mar da Arábia - e o barco bem podia ser o de Simbad. Grande vozerio, no cais; os carregadores seminus, com as bagagens às costas, hindus de "dhoti"; mulheres de "sari"; ocidentais, com estas nossas roupas inadequadas ao clima; parses de barba e casaca negra, e alto barrete cômico; turbantes colorido de "sikkhas"...

Fala-se inglês, marata, urdu, - e também concani e português, línguas de Goa. Os carregadores reclamam pagamentos, fazem tumulto, ficam muito feios com os olhos arregalados, a deblaterarem na sua linguagem - que não entendemos - logo aparece alguém do barco para estabelecer a paz com violência; murros, empurrões, os carregadores pelo barco abaixo, as rúpias a rolares pelo chão, o suor a brilhar, os gritos a perderem-se na sonolência do mar e do céu, - o barco a levantar ferros, e o sol a viajar conosco muito bem instalado em todos os camarotes, e no convés, de ponta a ponta...

Sai-se de Bombaim às sete horas da manhã para chegar-se a Goa no dia seguinte, depois do meio dia. Bombaim vai fugindo, aos nossos olhos, e, banhados do fogo, um fogo matinal, que não promete apaziguamento, recordamos já com saudade o mormaço da nossa janela do hotel, a morna viração da praia, o suor das festas sob o plácido céu estrelado...

Por mais encantador que seja o convívio, a bordo, somos como um grupo alucinado que conversa, come, bebe sucessivos refrescos, e espera pela noite, na esperança de um sopro vindo do mar, da terra ou do céu, - e de um pouco de sono, no desafogo do camarote, na inverossímil viagem que nos reúne tão longe, como numa antiga aventura.

Mas o sono é difícil, a uma temperatura destas: nem do céu, nem da terra, nem do mar, vem o mais leve sopro. A noite é feita de estrelas, águas negras, e a palpitação das máquinas, enorme coração de ferro sob o nosso pequeno coração.

Levada nesta torrente calma e cálida, ponho-me a recordar coisas do presente e do passado, e na ardente sombra levantam-se vultos e rostos inesperados se inclinam para o meu.

A segunda classe do barco, não a posso esquecer - é como um tapete humano, de corpos alastrados, - velhos, crianças, mulheres, - nas suas esteiras, com suas roupas coloridas, seus alimentos típicos - arroz, frutas, grãos... Quando passei por eles, uns levantaram os olhos para mim: esses inesquecíveis olhos orientais, que, contemplados de certo modo, nos oferecem - pura e clara - a visão do princípio e do fim das coisas, do princípio e do fim dos homens, - e da eternidade divina, - outros continuaram com as pálpebras discretamente abaixadas, numa serenidade imensa, naquela pobreza que os cercava.

Depois, vêm as imagens dos livros percorridos: São Francisco Xavier, descalço, de cruz na mão, a doutrinar os povos da Índia; São Francisco a derramar-lhes pela cabeça a água do batismo; S. Francisco perseguido a flutuar numas tábuas, com o sol a nascer ou a morrer no horizonte; S. Francisco em agonia, numa praia, com grandes anjos que o amparam, e muitos anjinhos pequenos sentados em nuvens redondas, - e um barquinho que vem chegando, muito devagar...

Também Afonso de Albuquerque se levanta na noite. Apenas para murmurar seu desgosto final: "mal com el-rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'el-rei"²⁷.

Comparece dona Maria Úrsula de Abreu e Lencastre, que, , quase adolescente, sai do Rio de Janeiro para Lisboa, e de Lisboa para a Índia, a combater, vestida de homem, com o nome de Baltazar do Couto Cardoso, como no velho romance:

"Ai de mim, que eu já sou velho,
As guerras me acabarão.
Sete filhas que eu tenho,
Sem ter um filho varão!

Responde a filha mais velha
C'uma grande espertidão:
- Venham armas e cavalos.
Serei seu filho varão!

²⁷ Sem hífen no jornal.

- Tende-lo cabelo grande,
Filha, vos conhecerão.

- Venha cá uma tesoura,
Vereis caí-lo no chão..."

Nem falta Bocage, que os fados também trouxeram a Goa, depois de uma breve passagem pelo Brasil, e que havia de tornar-se amigo de frei Veloso, - "Oh das Musa fautor, de Flora aluno"- o grande botânico primo de Tiradentes.

Quando chegarmos a Goa, serão suas as primeiras palavras que veremos na água escritas:

"À foz do Mandovi sereno e brando,
Alicuto infeliz estava um dia,
Amorosos queixumes espalhando:

Alicuto, o Marítimo, que ardia
Por Glaura, das Nereidas a mais bela,
Que em vitrea lapa sem pezar o ouvia..."

Sobre as palavras do poeta subirão as saudações que os portugueses sempre sabem fazer aos brasileiros rostos até aqui desconhecidos, far-se-ão conhecidos e familiares; e nestas águas do Oriente, e ao som destas vozes, estaremos na mesma aventura marítima de que nasceu o Brasil.

E como não se viaja apenas neste barco, mas ainda muito mais em memória e imaginação, é uma voz amada, uma voz guardada na infância que murmura entre os rumores do festivo desembarque: "Cata, cata, que é viagem da Índia!"

"E senhor, quen alguma vez
Con quaes olhos vos catey
Vos catasse..."

(CORREIO DO POVO, 23/07/55)

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01/05/55)

"GOENCHO SAIB"

A paisagem de Goa, como a do resto da Índia, assemelha-se extremamente à do Brasil: agora, com a língua falada em redor, tem-se a impressão de uma repentina chegada à pátria. Aliás, este português que se ouve, já é bastante "açucarado", como o nosso, o que aumenta a ilusão. Naturalmente, é o português dos goêses. Há o outro, das autoridades e funcionários do governo, com a sua música própria. Da língua nativa, só sei que é o "concani" a mais popular, embora também se escreva e fale o "marathi".

As águas do Zuari e do Mandovi, que abraçam a ilha, são espelhantes e ardentes; mas a sua amplidão, e o suave azul do céu causam uma sensação de descanso, quase de frescura, que compensa a viagem febril da véspera.

O meu primeiro assombro é pela resistência dos portugueses a este clima sustentando os seus hábitos europeus; o segundo, o número de jornalistas – amabilíssimos, todos - que vêm ao meu encontro. Quanto a isto, nem por um momento me iludo: não é de nós, propriamente, que se trata, mas do Brasil. Até em verso já o disseram:

"Canta a terra e canta o mar,
À espera do Brasil
Que visita Portugal".
E num soneto já nos tinha outro poeta escrito:
"Eu te saúdo em terra portuguesa,
Beijando humilde as tuas mãos de luz.
E em mim é Portugal que se ajoelha
(História sempre nova e já tão velha),
E rende, em ti, seu preito a Vera Cruz".

Mas, além desse festivo encontro de portugueses e brasileiros, Goa tem razões de grande alvoroço: acaba de chegar um novo Governador Geral, pessoa de muita simplicidade e extrema simpatia; e ainda perduram, também, nos ares e nas almas, os últimos ecos dos grandes festejos do quarto centenário da morte de São Francisco Xavier, cujo corpo aqui jaz, incorrupto. Temos, pois, a sorte de chegar a uma casa em festa: e o fato de sermos do Brasil nos proporciona um lugar de mais carinho, nesse convívio.

Envolvidos nessa onda de afeto, começamos a prestar atenção aos circunstantes, e não podemos deixar de ouvir os remotíssimos versos, tão verdadeiros:

"Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos e cansados..."

E, para as senhoras, bem se poderia continuar a repetir:

"Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos
Que para meus olhos
Fosse mais formosa".

Assim nesse embalo poético se chega ao hotel, de linhas moderníssimas, construído por um comerciante da terra para os forasteiros do Centenário de São Francisco. Embora ainda não completamente terminado, esse hotel já é muito confortável, e desfruta uma situação privilegiada, bem à beirinha do Mandovi, onde um pequeno barco vermelho e azul parece ter sido posto de propósito, como um brinquedo de pintor no canto de um quadro.

Ainda não pensei em ter fome, e estou sendo já instruída nas receitas da terra, em "balcão de bilimbins", "caril de solans de bridão", e uma "bebinca de sete folhas" - coisas que começo a amar pelo nome, como outrora se amava pelos retratos.

Há, porém, acima de tudo, o "Goencho Saib", o "Senhor de Goa", São Francisco Xavier, cuja história, aqui, tem uma ressonância especial, ampliada, no momento, pelas recentes celebrações, que atraíram a Goa milhares de pessoas, de diferentes partes do mundo.

De origem espanhola, educado na França, em missão no Oriente, a serviço de Portugal, tendo vivido entre a Índia e o Japão e morrendo às portas da China, São Francisco Xavier, em dez anos de apostolado, representa um admirável trabalho de aproximação espiritual entre os dois hemisférios. Sua humildade, sua candura, sua profunda vocação para o ofício de acordar almas tornam comovedora a história de sua vida.

Quando chegou a Goa, em 1542, já a encontrou desvairada, em trinta anos de domínio português, pela ânsia de riquezas e prazeres que a conduziria à ruína. Talvez por esse tempo é que se dissesse: "Quem vê Goa escusa de ver Lisboa".

Francisco sai pelas ruas, de campainha na mão, a pedir pelo amor de deus que lhe mandem crianças e escravos para educar. Não se demora muito. Nunca se demorou muito: suas quatro estadas em Goa creio que não chegam a somar dois anos. Vai e vem, atraído pela Malaca, pelo Japão, finalmente pela China, onde não chegaria a entrar.

Todas essas andanças ligadas a ensino, obras de misericórdia, milagres. Atribuem-lhe vinte e quatro ressurreições "juridicamente comprovadas". De milagres, há cerca de noventa, em vida e morte.

Embora os pobres, doentes, e infelizes gostassem tanto dele, que os consolava e animava; embora grandes personagens o estimassem e seguissem, Francisco deixou Goa, já no ano da sua morte, apreensivo com as possibilidades de entrar na China, pelas complicações de certo capitão que, por histórias com terceiros, lhe havia de malograr os planos. Fernão Mendes Pinto, que viu de perto o Santo, e soube de suas amarguras, admirava-se que o rei de Bungo, com ser gentio, lhe dera melhor tratamento que os cristãos de Malaca. É que - Francisco também o sabia - cristãos há muitos; cristianismo, menos.

Depois, é aquela agonia na praia de Sanchão. Primeiro, no barco à espera de um homem que prometera vir buscá-lo e pô-lo, de olhos vendados, dentro da cidade (para, em caso de ser preso, não poder apontar os que o tinham levado até lá); em seguida, a enfermidade, a febre, a solidão, a morte, com a cabeça apoiada ao ombro do servo, e o crucifixo na mão.

Dois meses depois, quando o vão desenterrar para transportar a Malaca, estava tão perfeito que até lhe cortaram a carne num dos joelhos, e sangrou. Cobriram-no de cal, levaram-no para Malaca, onde o tornaram a enterrar, apertando-lhe bem a terra por cima. Cinco meses mais tarde, como o devessem levar par Goa, tornaram a desenterrá-lo, - e continua perfeito, apenas com algumas contusões no nariz e no pescoço, pela força com que o tinham apertado na cova.

Quase dois anos depois de a ter deixado, volta, pois, a Goa, em ataúde forrado de damasco, entre músicas e luzes, e meninos com ramos nas mãos a cantarem "Glória in

excelsis..." que vêm ao seu desembarque. Embarcações cheias de devotos, procissões pelas ruas, missas, o corpo exposto por três dias ao beijo dos fiéis. E curas miraculosas.

(Em meio a tanta devoção, o episódio de uma senhora que, ao beijar-lhe os pés, com os dentes lhe arranca um artelho, - e, depois, em troca da relíquia, lhe oferece um diadema de prata e pedras preciosas...)

Mas o mais impressionante é a história da amputação do braço direito do Santo, por ordem do Papa Paulo V, que desejava possuir essa relíquia. Tinham já passado mais de sessenta anos sobre a morte do apóstolo. Levaram-lhe o corpo para uma capela e, à meia noite, cercado de autoridades eclesíásticas, um irmão leigo levanta-lhe o braço, para cortá-lo. Imediatamente, o chão treme, tremem as paredes, - e a cerimônia é interrompida. Tornam a tentá-lo, por duas vezes mais. E sempre esse tremor no chão, nas pedras, em toda a casa... É quando os presentes de joelhos dirigem ao Santo uma prece, alegando que cumprem ordem do Papa, e falando-lhe de obediência e disciplina. O braço deixa-se cortar. O braço que andara pelas ruas de Goa, a vibrar uma campainha para chamar as crianças e escravos ao ensino e à religião; que por vezes se cansara de batizar mais de mil pessoas a seguir; que tocara chagas, amparara moribundos, redigira cartilhas...

Deixou-se cortar. Mas sangrou tanto que encheu um vaso de prata e embebeu uma toalha. Vai o braço para Roma, e dizem que o Papa lhe mandou por uma pena na mão e ordenou que escrevesse o seu nome. Estava o braço pousado numa resma de papel, e contam que, de alto a baixo, em todas as folhas, ficou impressa a sua assinatura. (Parece que desse milagre data o processo de canonização).

Assim se conta em Goa a história do "Goencho Saib".

Mais de vinte vezes lhe têm aberto o caixão, para exposições públicas e privadas: ou alguma festa, ou alguma invasão, ou a curiosidade de algum vice-rei de outrora, ou a doença de alguma autoridade... E o corpo incorrupto jaz, desde o século 17, num mausoléu maravilhoso que, para retribuir uma almofada em que repousou sua cabeça morta, lhe ofereceu um duque da Toscana: mausoléu de mármore e jaspe, onde descansa um ataúde de prata rendilhada, com a história do Santo debuxada em pequenos painéis, entre delicadas colunas, anjos, pinhas, florões, tudo entremeado de variadas pedras preciosas.

Como nas altas montanhas, onde o céu mais puro mostra melhor as estrelas, nestes lugares da Índia as coisas do espírito cintilam com um esplendor que o tumultuoso Ocidente empana. Ao "Goencho Saib", cantam na língua da terra:

"Ojiapanchea Sant Francis Xaviera
Milagrinchia tum Bhocta Vodda dotora..."

É um Santo enfeitado de louvores poliglóticos: da Espanha que o viu nascer, da França que o viu estudar; de Portugal que o viu servir; de Roma que o viu obedecer; e deste Oriente de mil idiomas, que o viu amar a triste criatura humana em todas as suas imperfeitas linguagens.

Parece que agora não abrirão mais o seu túmulo. Descansará, por fim, para sempre, entre os seus anjos de jaspe e de prata, neste mausoléu que parece um pequeno bosque de filigrana, inclinado sobre o seu longo sono.

(CORREIO DO POVO, 03/09/55)



BARCO DE POESIA

Subindo agora este Mar da Arábia, tendo ainda no olhar os amáveis adeuses de Goa, não podemos também esquecer as naus que por aqui andaram outrora, e Gama, e Albuquerque, e D. João de Castro, o que "sem ter tido em casa uma galinha para comer na sua enfermidade", teve, no entanto, a sorte de expirar nos braços de São Francisco Xavier.

Este mar viu bem sangue, fogo, pelouros, chuços, - mas agora é espelhante e azul, e a grande vela que o atravessa é a do ardente sol, que cruza a nossa rota, a viajar para os areais ao Ocidente.

Com os olhos no horizonte, recordamos estes versos: "Além, nesse país das maravilhas, do pau-brasil e do colibri..." Assim começava a saudação que nos dirigiu, em

Goa, uma figurinha adorável de delicadeza e sensibilidade: a jovem poetisa Maria da Piedade Salvador Fernandes do Rego.

Conhecemos ali muitos jornalistas, - é mesmo extraordinário o número de jornalistas que podem ser encontrados em Goa - mas os poetas (salvo se estavam incógnitos, com os poemas nas algibeiras) - não eram na mesma proporção, - o que não pode deixar de causar alguma surpresa, quando se nasceu no Brasil...

Aquele rio Mandovi tem sido responsável por muitas coisas. Uma outra poetisa, ainda mais jovem, Beatriz de Sousa, diz num dos seus poemas: "Quero uma gôndola de luz, feita de ouro e de sonho, velejar pelo azul muito azul das águas do Mandovi, onde amei... onde vivi..."

Livros que nos deram fazem-nos conhecer alguns outros poetas: Adeodato Barreto, Hipólito de Meneses Rodrigues, Alfredo Lobato de Faria. Os poetas goêses não escrevem apenas em português: há também os que se servem do concani e do maratá. Talvez essa indecisão da língua concorra para uma certa dificuldade de expressão, e nos faça estranhar um pouco o ritmo e a própria melodia de suas composições. Aliás, no prefácio de vários destes livros, sente-se que não passou despercebida ao prefaciador a insegurança de técnica dos poetas. É preciso, também, considerar que, em alguns casos, os poetas, goêses de nascimento, viveram longe da terra natal, o que talvez ajude a explicar a dificuldade de adaptação de uma sensibilidade oriental a uma forma literária de outra índole.

Quanto aos temas poéticos, ainda são os do Romantismo: saudade, amor, melancolia, ciúme. Um dos mais expressivos sonetos de Hipólito de Meneses Rodrigues, falecido em 1947, diz assim:

"Reza baixinho, coração dolente,
Reza baixinho, faz bem, o rezar.
Reza baixinho, que o rezar te alente,
Reza baixinho e voltarás a amar.

Reza baixinho, que Deus é clemente,
Reza baixinho, abrandá teu penar,
Reza baixinho, faz mal ser descrente,
Reza baixinho, que o verás voltar.

Reza baixinho, coração magoado,
Reza baixinho, num murmúrio alado
Reza baixinho, pode alguém te ouvir

Reza baixinho, e o teu amor perdido.
Reza baixinho, tornará florido.
Reza baixinho, pois ela há de vir."

A temática propriamente indiana influi poderosamente nestes poetas de que temos notícia. Adeodato Barreto, que morreu em Coimbra, muito jovem, em 1937, descreve Goa como "Jardim plantado por Brahma,/ com a própria mão,/ jardim que às vezes parece/ a meia lua crescente/ que um dardo de Parsurama/ ferisse impiedosamente/ e, despenhando, viesse/ engastar-se no Concão". Também canta a Síria, que é o Sol; sente-se "bhául", que é o excêntrico místico, desprendido de ritos e seitas; ouve Deus sob a forma de Ishvara, e traduz poetas antigos, como Basava, do século XII, Kabir, do século XV, Sarvajana, do século XVII, Puligere Soma e Bhima Kavi, dos séculos XIII e XIV, além de se dedicar a adaptações do Pantchatantra e de Tagore.

Alfredo Lobato de Faria, em 1948, mistura às suas composições imagens e palavras orientais: "Dança, ó linda Sita-bai, / que eu te quero ver bailar!". O vestido é o sari, a beleza é de devi, o instrumento musical é o saranguí, e nem falta o cucume na testa, que faz dizer ao poeta ciumento: "não vá ser beijo de alguém!".

De grande reputação é o poeta Paulino Dias, falecido em 1919. O livro em que reuniram os poemas inéditos por ocasião de sua morte, denomina-se: "No país de Síria". Aqui, os temas são quase todos plenamente orientais, como se pode ver pelos simples títulos: "Indra", "Le roi des éléphants", "A morte de Raugi", "Gandicá", "Basmaçura", "A Pracriti", "Nirvana", "Os párias", etc. Este é um poeta maior, ainda que com uma ou outra imperfeição. Poeta de poemas dramáticos, com grande riqueza de composição. Com grande riqueza descritiva, também, num estilo verdadeiramente oriental, pela abundância de imagens e minúcia das cores. Na anotação de um dos cenários do seu poema "Indra", diz, por exemplo: "Então, abrem-se com estrondo de sete mares as portas amarelas que aparecem em massa sonora, as transparências picotadas de oiro, de ónix, os mármore veitados bruno quente, trêmulos de arcadas, de galerias de claustros, tudo cimentado de bronze, com topetes de prata, rostros de esmeralda. Precipitam-se traiçoeiramente grossos

Ganas e Marus, em monte de força e cólera e medo sobre o "dvarapala", que, ele, desaparece debaixo de lanças e escudos sem ter tempo de soltar um ai. Indra e Vaiu precipitam-se pelo interior, seguidos de chefes altos. No meio do claustro de marfim é um altar simples de pedra, no meio de candelabros, onde pombos vêm comer arroz e cisnes beber leite coalhado." E o poema continua:

"Entrou como um leão o inimigo de Vitra,
no meio de um curral de elefantes..."

No vocabulário de todos esses poetas aparecem algumas palavras que dão cor local aos seus poemas. Algumas, encontram-se por toda a Índia, outras são particularmente de Goa. Assim, "bate" é o arroz, "zaiôs" e "champins" são flores perfumosisíssimas, "mogarins" são os nossos bogaris, "panha" é "sumaúma", ou paina - "crótone" é o nosso "cróton", "ambó" é outro nome da manga, "olas" são as folhas de palmeira ou coqueiro, "bulebule" é o bulbul ou roxinol, "carepa" é uma concha fina e translúcida ("placuna placenta") que usam nas janelas, em substituição das vidraças. Mas isto é pequeníssima, insignificante amostra da linguagem indo-portuguesa de Goa.

E assim vai navegando esta nau de poesia, e até amanhã pela manhã não veremos senão mar e céu.

Tornamos a pensar em Bocage, o terno Elmano, que amou e sofreu em muitos lugares do mundo, inclusive em Goa:

Tu, pernicioso amor, fatal cegueira,
Reinavas no infeliz, que em vão carpia,
Do claro Mandovi sobre a ribeira...

Pensamos em Camões, não só no épico, mas no satírico, e em suas aventuras por estas e outras distâncias.

Mas o comandante vem convidar-nos para ver sua coleção de marfins, que está lá em cima, no seu camarote. Há verdadeiras maravilhas de esculturas, e peças ornamentais de fino rendilhado sobre complicadíssimas composições. Diante desses preciosos trabalhos, recordamos a habilidade dos escultores do norte da Índia, que, anonimamente, trabalham dia e noite, arrancando ao liso e duro marfim as mais deliciosas figuras:

deuses, animais, flores - e esses inverossímeis elefantes que vendem em grupos de duzentos, trezentos, quatrocentos, aconchegados numa pequena semente encarnada que lhes serve de cofre...

O calor, porém, é sempre o mesmo, apesar das extensas águas, do límpido céu, e do crepúsculo que já chegou. Não há um sopro de viração.

Poder-se-ia continuar neste barco até Karachi: mas é mais fácil, e certamente mais cômodo, tomar o avião em Bombaim, onde chegaremos amanhã. O capitão continua a mostrar seus marfins com todo o cuidado. (Com o cuidado de um capitão inglês, que mostra marfins da Índia).

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS 12/06/55)



NÃO SE PODE ESQUECER...

Não se pode esquecer esta paisagem, tão semelhante à do Brasil: apenas as frondes cobertas de uma espessa poeira, não somente a que os carros levantam, a que os ventos arrastam - que, essas, as chuvas lavam - mas também a dos séculos, que água nenhuma pode limpar.

Não se pode esquecer o casario: como as vilas mineiras dos tempos coloniais. Telhados recurvos (estamos no Oriente!), paredes azuis e cor de rosa, varandas... E as aldeias típicas, de cabanas baixas, à beira da estrada com suas coberturas de palha; cabanas que parecem nascer do chão, como a floresta, para o tradicional convívio do homem com a natureza.

Não se pode esquecer que, entre estes verdes turvos estão os perfumosos cajueiros de que tanto nos falavam em Bombaim; e mangueiras, jaqueiras, jamboleiros, goiabeiras, anoneiras... E que estas hortas e campos - impossíveis de imaginar com esta temperatura, sob este pó, na seca e ardente estação - produzem coisas de comer que se chamam nachinim, chounli, urid, pacôd, mug, tendlim, catcongui, chircó... Nunca verei essas coisas: sei que são cereais, legumes, féculas. Mas talvez nada disso tenha tanta

importância para esta gente como o arroz e a conserva de manga, que figuram, todos os dias, nas refeições...

Não se pode esquecer que a palavra "tamarindo" tem uma frescura de cascata, nesta hora calma. Mãos benfazejas trouxeram-me um punhado de vagens, pardas e torcidas. Ah! Mas a polpa não tinha aquela agri-doce abundância das antigas recordações. Não, não se podia fazer um refresco! Em todo caso, dava para fazer sonhar, para se atravessar dois oceanos e um continente, e retroceder muitos anos, e ser de novo uma criança debaixo de uma velha árvore, a aprender, com boca de delícia e medo, o primeiro ácido sabor da terra.

Não se pode esquecer este amável convívio: quando no cardápio do almoço entre árvores, chão coberto de folhas de mangueira, mesa copiosa, alguém tem a idéia de incluir este imaginoso prato: "javali fingido", - transportando-nos a um tempo de caçadas que é uma sucessão de gravuras e de sons - desenhos e músicas embaraçados em troncos e ramas agrestes...

Não se pode esquecer que há "mandós", música da terra, e que um desses "mandós" se chama "Cicília mujem naum", isto é: "Meu nome é Cecília". Não se trata de composição recente. Já está incorporada às coleções de cantigas populares de Goa; mas parece-me que ainda se sabe a sua origem, e até o seu autor. A tradução que me deram, diz assim: "Meu nome é Cecília./ Eu sou uma rapariga industriosa./ Se tu és industriosa,/ manda-me talhado um casaco./ Para te talhar um casaco,/ Menino, o meu engenho é fraco./ Se te talhar um casaco,/ Qual o feitio que me hás de pagar?/ Dou-te uma pera como sinal:/ Dize-me se queres ou não queres./ Tu tens usado flores nos cabelos,/ Cecília, chamo-te para o sobrado./ Os ratos dão saltos./ Cecília, encolhe as tuas pregas (do sari)." (A cantiga faz-me pensar na fama de bons alfaiates que, com a de bons cozinheiros, circula em toda a Índia, a respeito dos naturais de Goa. Quanto ao preço de uma pêra por um feitio de casaco, - embora as cantigas populares costumem ser um reflexo da realidade, - creio que já não vigora, - ou seria um símbolo, ou uma tratantada com a pobre moça industriosa chamada Cecília).

Não se pode esquecer a graça destas pequenas bailarinas, tão frágeis nos seus saris vermelhos e amarelos a baterem pauzinhos, a arregalarem os olhos, a torcerem o pescoço,

nas várias expressões da dança clássica. Dançam e cantam à sombra das árvores como flores que brincassem.

Não se pode esquecer também a dança dos templos, num ambiente arquitetônico repleto de significações, onde as deusas jazem profundamente resguardadas em seu santuário, que apenas de muito longe o forasteiro pode vislumbrar a um reflexo de espelho...

Não se pode esquecer o Palácio do Cabo, no alto de uma escarpa, à entrada da barra da Mormugão: e o guarda, à porta, soleníssimo, com suas roupas amarelas, tal qual um desenho oriental da Idade Média e a sineta a marcar a chegada dos convidados; e toda a sociedade de Goa a subir até os salões em que o Governador Geral e sua família promovem este afetuoso encontro de Portugal, Índia e Brasil.

Não se pode esquecer esta curiosíssima casa particular, em Loutulim, que é como um museu a surgir da mata: com estes cristais, estas louças, estes vasos da China e do Japão, estes móveis torneados, rendilhados, marchetados, todas estas coleções surpreendentes, em lugar tão remoto...

Não se pode esquecer a recepção em cada templo hindu: os colares de flores pelo pescoço, as palmas de flores, como um pequenino leque perfumoso, enredado em fios metálicos; o cortejo com música e pálio, chuva de pétalas, grandes olhos pensativos em redor de tudo, pára-sóis, palmeiras; o tesouro das deusas em seu mostruário com enormes diamantes de luz plúmbea no corte raso; e a amável colação de frutas, grãos, doces; e o "Suamí", - prelado hindu, que se vem sentar no trono, e ali fica sem dizer nada, envolto numa ampla roupagem, - postura búdica, olhar imóvel, o turbante pequeno um pouco descaído para o lado esquerdo.

Não se pode esquecer o "zigmó", este carnaval de pulos e marchas, com homens de túnicas até o chão, paus, tambores, danças, poeira, sol, árvores baças, montanhas em redor...

Não se pode esquecer esta amostra de "brincos", em que os atores se vestem de mulher, e representam, cantam e dançam as suas próprias composições.

Não se pode esquecer, entre muitos cardápios, este, especialmente expressivo : Entradas goesas. Delícia de Amêndoa do Coco. Canja de galinha. Apa de camarão. Arroz e caril de galinha e de "sambar" com 12 "matadores". Má língua... sem ser de Goa.

Bebinca de sete folhas - Eles e Elas vão (Alebelés). Vinhos. Urraca de caju, jamlão. Café. Aguardente de cana.

Não se pode esquecer, sobretudo, a tão celebrada "bebinca", doce de ovos, manteiga, amêndoa, coco, farinha de trigo e calda que se divide em sete porções, - as sete folhas sobrepostas na mesma assadeira, à medida que vão tomando consistência, até formarem uma coisa que não é nem pudim, nem bolo, nem torta e vagamente se assemelha a um grande bom-bocado disposto em lâminas.

Não se pode esquecer o romantismo do crepúsculo, com a lua a subir, a lancha a correr pelo rio, os camarões a saltarem na espuma, fosforescentes, moças e rapazes a cantarem, e a clara placidez das águas, tão finas e longas, até a transparência do horizonte líquido...

Não se pode esquecer, na recepção oficial, a figura do Renes de Sanquelim, pálida imagem de uma antiga realeza, mas ainda com suas roupas de seda cor de rosa, seu turbante de veludo, com ar de boina; seu espadim levemente recurvo, em bainha de fantasia. E como se há de esquecer o esplendor de suas densas esmeraldas, nos vários furos da orelha, e ao branco bigode que ainda retorcia com uma secular dignidade?

Não se pode esquecer a amplidão de Colvá, praia de imensa areia, com as águas tão longe, e as palmeiras tão altas, onde com todas as companhias, ainda se sentem grandezas de solidão?

Não se pode esquecer o que se viu nem o que se sonhou sobre tantas visões. Há uma profunda memória no pensamento, e uma profunda memória no coração, - e que longos diálogos podem ocorrer, entre elas, diante do largo Mandovi, enquanto São Francisco Xavier, no seu bosque de prata, dorme para sempre, e a vida em Goa se vai aquietando na noite, no sono dos homens, pelos palácios, pelas casas, pelas cabanas...!

Não se pode esquecer o adeus das despedidas. Tão longe é o Ocidente! Quem partirá? Quem ficará? Quem voltará? Caminhamos sobre enigmas. Nos todos, por mais que nos julgemos, somos uma pequena parcela do mistério geral.

Iremos de barco até Bombaim. De lá, voaremos para o Paquistão. Dentro em pouco, a Índia será um território do passado. E sentimos - inexplicavelmente - como se já nos começassem a arrancar o coração.

(CORREIO DO POVO, 06/08/55)

PENSAMENTOS DO CAMINHO

Com muita pena, temos de regressar a Nova Delhi. Grande é o mundo, para a ambição dos viajantes; grande é, principalmente, a Índia, com tantas heranças de arte distribuídas em tantas direções. Não creio que uma pessoa, por mais dotada que seja em observar e descrever, possa, na duração de uma vida, contemplar e sentir todas as maravilhas que se acumulam aqui, onde cada flor, cada árvore, cada animal, cada pedra preciosa, cada imperador, cada guerreiro, cada poeta, cada eremita, cada palácio, cada templo tem de tudo, desde Deus, em todas as suas aparências, até um ponto de bordado, é centro de mil histórias, com mil significados e mil interpretações. Não há tempo, numa existência, por longa e penetrante que seja, para ver todos os mármore rendados; todas as sedas tecidas, lavradas, estampadas, bordadas; todas as filigranas, todos os marfins, todos os jogos inventados pela ourivesaria com metais e pedras preciosas... Não se tem olhos para ver todas as estátuas, nos flancos dos monumentos, na paz dos museus, no interior das grutas; nem ouvidos para a música dos cortejos, dos espetáculos festivos, das representações dramáticas, - a música interminável que envolve dançarinos cintilantes e é, ao mesmo tempo, dança, literatura, escultura, pintura, teatro...! Não há memória que guarde esta Índia imemorial, com uma história fabulosa, em que entram gregos, afgãs, persas, mogóis, italianos, portugueses, holandeses, ingleses e franceses, atraídos todos por esse poder indescritível, essa espécie de imã que a Índia sempre foi, tanto pelas suas riquezas naturais como pela fascinante qualidade espiritual das suas tradições.

* * *

Por isso regressamos a Nova Delhi com pena. Não podemos alcançar Jodpur, fechada em sua muralha, com seus palácios cheios de antigas jóias e variadas armas, - a Jodpur dos mármore, dos marfins e das sedas, o antigo reino dos descendentes de Rama...

Também não alcançaremos o antigo reino de Gaulior, com suas montanhas esculpidas, com sua fortaleza, seus palácios e torres, com seus campos de algodão, de anil, de milho, de cana e de arroz... Com uma singular saudade, traduzimos mentalmente cantigas populares daqueles lados:

"De repente, me abandonas;

depois, tornas a voltar:
meu coração maltratado
nem te sabe mais amar..."

Cantiga de Gaullor, a mesma cantiga de qualquer coração, em qualquer lugar do mundo...

"São teus olhos, como setas.
As sobranceiras - espadas.
Que é isto, coração de pedra:
olhos, ou taças envenenadas?"

* * *

No entanto, pensar em Nova Delhi é recordar o convívio de muitos amigos, é rever variados sítios, uns, cheios de passado, como os monumentos dos seus arredores, - outros, repletos de futuro, como esse moderníssimo Laboratório Nacional de Física, onde tantas pesquisas estão sendo conduzidas sobre diferentes problemas da Ciência, e em que se opera a magia contemporânea de cozinhar com raios de sol...

Revejo os olhos inteligentíssimos de Nandita Kripalani, a neta de Tagore, que o Brasil conheceu. Poucas famílias no mundo, como esta, do grande poeta bengalês, concentraram tanto sentimento e capacidade artística. O gênio dos Tagores resplandece em poesia, música, pintura, dança, teatro, romance, e na Educação - essa arte suprema de modelar a humanidade. (Mais além, no extremo nordeste da Índia, não vive aquela Universidade de Shantiniketan²⁸, que sonhou ser o lugar da paz, pela aproximação do Oriente e do Ocidente, por uma obra de compreensão cultural?) Nandita, que dançou no Brasil danças líricas de seu avô, que ajudou a por em cena "O carteiro do Rei", que deixou no Rio afetos e saudades, ocupa-se agora em desenhar estamparia moderna, para tecidos inspirados nos motivos tradicionais da Índia. Ao mesmo tempo, interessa-se pelas diversas manifestações artísticas da juventude. Em sua companhia, pude ver tantos espetáculos de teatro contemporâneos, já com o reflexo de dramaturgia ocidental, como a dança "Kathak", em que Shamboo Maharaj, vestido de seda cor de ouro pálido, ora a sapatear, ora a descrever com as mãos, os olhos e o gesto, revivia a mais antiga, a mais bela, a mais profunda narrativa tradicional da Índia: os amores de Radha e Krishna - ao mesmo tempo história, mitologia, religião, literatura e filosofia. Ainda com ela, pude ouvir um inesquecível serão musical, com um dos instrumentos arcaicos do país, tocado

²⁸ No jornal: Shantiniketã.

por um artista ao mesmo tempo jovem, pela sua destreza, e antigo, pela idade, - belo e venerável como um patriarca ou profeta, personagem de fábula, que parecia baixado numa nuvem, apenas para nos fazer pensar nas dimensões que vão das altas nuvens para os outros mundos que nem vemos brilhar entre os planetas...

* * *

À medida que nos aproximamos de Nova Delhi, outras lembranças me acodem. Alguém me recomendou: "Não deixe de ver Vinoba Bhave". Escreveu-me seu nome num papel. - Mas onde? - Em qualquer parte...

Em qualquer parte, meu Deus, nesta imensidão da Índia, como se pode encontrar Vinoba Bhave?

É um discípulo de Gandhi que caminha a pé por essas aldeias que se sucedem, com suas cabanas cobertas de palha, com seus poços, com seus carros puxados por bois ou por búfalos, e onde as mulheres caminham majestosas, por mais pobres que sejam, envoltas em seus saris cor de safira ou de escarlata, com as jarras douradas à cabeça, como coroas luminosas.

Vinoba Bhave pede aos grandes proprietários um pedaço de terra, onde os pobres possam trabalhar. As doações têm sido tão numerosas que até se insinuou em dado momento assim agirem os proprietários com receio de algum movimento social, violento. Mas Vinoba Bhave prova principalmente, que esse é um movimento de caráter moral e espiritual; que as doações não se fazem em bases de temor, e sim de amor ao próximo. E a campanha se alastra pela Índia, conduzida por esse santo agreste, tão parecido com o Mahatma, em seus ensinamentos e atitudes.

* * *

Não se encontra facilmente um homem que caminha por estes campos e bosques, independente de moradia, bem-estar, companheiros, - um homem cuja vida é a vida dos outros homens, a que serve.

E ao recordar os bosques da Índia, seus rios, suas montanhas, - caminhos dos santos e dos soldados, dos rajás e dos aventureiros de todos os tempos, evoco um dos mais belos acontecimentos de Nova Delhi: o espetáculo de danças populares, outro dia, por ocasião da data da República. Os dançarinos tinham vindo de todas as regiões do país, com suas roupas e implementos característicos.

Pandit Nehru escrevera uma pequena "Mensagem" apresentando a exibição: referia-se à necessidade de todos se conhecerem, na Índia, para fundarem a sua unidade nas próprias diversidades regionais; salientava a qualidade artística das danças populares indianas; mostrava como o Folclore é um retrato autêntico do povo.

Ao crepúsculo, as danças começaram, num tablado erguido no centro do estádio. Dançarinos do Assam, com plumas à cabeça, numa dança guerreira em redor do fogo; "Holi" de Bombaim, com uma nuvem de pó dourado a envolver os figurantes, na estilização da festa popular representada; pratos, arcos, paus, saíotes de palha, tronos, filas paralelas, tambores, clarins, turbantes, espadas, corpos que se inclinam, que balouçam, que se ajoelham, que corripiam, - pulseiras, flores, véus... (A Índia múltipla, de norte a sul, de leste a oeste.) Foi por isso que houve outrora, uma teoria "indianista" de Folclore. Não se poderá dizer, talvez, que tudo começou apenas na Índia. Mas a Índia parece possuir todas as coisas que neste mundo começaram...

(Pensar que na grande parada do dia da República desfilaram, ao lado dos mais modernos engenhos bélicos, o vagaroso elefante, com seu manto colorido, majestoso e antiquíssimo!...)

* * *

Volto para Nova Delhi carregada das mais doces lembranças; mas de todos os lados da terra, a História, os monumentos, o povo, as aldeias e os templos me estão falando, chamando, seduzindo. O mármore dos palácios e a palha das cabanas têm para os meus ouvidos a mesma linguagem. Compreendo que se diga frequentemente: "a Índia misteriosa". Há, na verdade, um mistério neste país. Uma densa emanção de espírito, uma força que se impõe, diversa da força humana, e irresistível. Como se isto fosse uma antecâmara da Eternidade. Atravesso a tarde, silenciosa, fria, translúcida como um vidro azul. (Oh, Índia sobrenatural!)

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS 22/08/54)

PODEREMOS DIZER ADEUS?

A cálida, a úmida Bombaim, nosso primeiro encontro com a Índia e, tantas vezes, pouso, o nosso itinerário, - a cálida, a úmida Bombaim, agora deixamos definitivamente. Ardentíssima, esta manhã, com o mar - em frente à nossa janela - todo envolto em bruma nacarada, por dentro da qual, mansamente, molemente, pequenas embarcações transitam como peixes num aquário enevoadado. Por entre automóveis e bicicletas, vultos apressados: os saris multicores, que o movimento enche de ar e de pregas; os redondos turbantes; os gorros negros; os cabelos luzentes de óleo; os "dhótis" brancos dos homens vestidos como Gandhi; sandálias de couro simples, sandálias masculinas que caminham a passos largos; sandálias femininas, douradas, enfeitadíssimas, que aparecem e desaparecem sob as sedas cor de fogo, cor de limão, cor de rosa, cor de anil...

O olhar dos passantes. Este olhar que não quero esquecer: profundo, infinito, onde a Realidade está presente para sempre, na sua essência inviolável apesar de toda a fenomenologia... Este olhar a que as cores, as formas, os volumes, os movimentos, dizem outras coisas, transformando-se incessantemente, desintegrando-se, traduzindo-se em sua definição secreta, única e imortal. Este olhar que fita o Centro, a Origem, mesmo quando as sedas ondulam e passam, e as jóias brilham, e os palácios abrem e fecham as suas janelas, e a música e a dança e as festas e as mortes fazem deslizar seus cortejos tão perto de nós como se passassem entre as nossas pestanas...

Foi assim em Delhi, a nova, - límpida cidade transparente de verdes e azuis e encarnados; na velha Delhi, monumental e humilde, com a pobreza dos refugiados do Paquistão ao pé das antigas lembranças imperiais; assim, na puríssima Agra, renda de mármore e lua; na árida Fathepur-Sikri; na rósea Jeipur; nas modestas ruas de Patna; assim na fúmosa Calcutá, pesada de umidade e calor, como se houvesse pântanos no ar; foi assim pelas solidões de Cuttack, entre as areias de Puri; à claridade ventosa, quase alegre de Madrasta; nas alturas arborizadas e sussurrantes de Bangalore; pelas ruas, pelos bazares, pelas oficinas de Coimbatore e de Aurangabad; pela inesquecível Haiderabad, que o Tchar-Minar coroa; por todas as esquinas, em todas as portas e janelas, entre os arrozais e os canaviais, atrás dos carros de bois, junto aos barcos de pesca; nos velhos, nas crianças, nas mais vaidosas mulheres, nos mais respeitáveis senhores; nos mendigos,

nos aleijados; em brâmanes postados nos templos, em muçulmanos nos degraus das mesquitas em parses, em cristãos, em jóias, e na multidão de modalidades religiosas que lado a lado convivem na Índia imensa: um grave olhar se dirige de todos estes olhos para um ponto comum: Deus.

De um modo geral, no Ocidente, Deus é um compromisso que se tem para certos momentos solenes, assinalados pelos próprios sacramentos. Nos intervalos, o olhar perde altura e entretém-se (às vezes, um pouco demais) com as infinitas coisas transitórias deste mundo. No Oriente, o compromisso é ininterrupto. Inesquecível. O que passa, não o perturba. O que passa é interpretado e eternizado. Tudo é sagrado. Mas também o sagrado se desfigura: Deus assume formas várias. Deus dança. Deus cria e destrói. Criação e destruição, mais o ritmo e as fantasias que as cercam são como arabescos em redor de uma letra. A letra é o símbolo, o sinal, o ponto de referência, o alvo. O olhar atravessa todas as tentações do caminho, como a flecha obediente ao seu destino. O olhar guarda fidelidade ao seu compromisso, a todas as horas. Nesse sentido de união, há também um sentido de unidade, que se torna evidente, quando se caminha sem preconceito entre mil seitas, mil imagens, mil cerimônias, na vasta selva mágica do panteão indiano.

Mas o aeroporto azul avisa que o avião vai partir: véus arregaçados, sandálias douradas, tranças, "dhótis", roupas ocidentais atravessam o campo e daqui a pouco seremos invisíveis, no vôo que nos leva para noroeste, para o Paquistão ocidental, para Karachi. São dez horas da manhã, desta manhã cálida e úmida de Bombaim. Às cinco da tarde devemos chegar ao nosso destino. A Índia começa a converter-se em passado. Em memória.

Então, os amigos, um por um, aparecem entre o céu e a terra, nesta alta imensidão luminosa, neste verde severo, por onde os rios serpeiam, - muito, muito longe, cintilantes e curvos - e de onde as montanhas se levantam, como grandes elefantes, como enormes búfalos, redondas e escuras. A memória refaz o que já foi vivido: a sala do Parlamento, em Nova Delhi, onde, embrulhados em capote e mantos, pessoas vindas de tão contrastantes lugares discutiam uma fórmula para tornar este mundo melhor; os jardins festivos em que deslizavam o presidente Rajendra Prasad, Nehru, Radhakrishna, Krishna Menon, Maulana Abul Kalam Azad, Acharya Kripalani, uns de gorro branco, outros de

turbante, ou de cabeça descoberta, ou de gorro negro, vestidos à ocidental, ou de "dhóti", ou com essas casacas indianas, abotoadas do pescoço à cintura...

Entre essas e outras pessoas que estão criando a nação indiana, com uma pujança, uma seriedade e um amor que o Ocidente não pode ignorar, - mil figuras de outros países, com suas roupagens de seda e ouro, com seus chapéus, com suas jóias, - porque é dia 26 de janeiro, a data nacional.

E, por esses inúmeros caminhos, por esses palácios, em torno desses templos, ao longo desses passeios, - os mil amigos desconhecidos, por vezes anônimos, que nos apontavam uma pedra, que nos contavam uma história, que eram hindus ou muçulmanos e nos saudavam juntando as mãos no peito ou levando a mão à testa: "Salam!" "Namastê!".

E os laboratórios, e os campos de pesquisas, com estes jovens ardentes que passam a vida ao microscópio, entre lâminas e pipetas, em modestas salas, brancas como hospitais, - as paredes cobertas de gráficos: como a Índia alimentará seus filhos, como a Índia vencerá suas crises de crescimento, como a Índia será um exemplo para tantos e tantos povos!...

E os espetáculos de arte ressurgem aos nossos olhos, aos nossos ouvidos, - e eram danças, canções, música, exposições de pintura, de artesanato; eram as flores, os animais, as cores, a vida de uma Índia imemorial, a brilharem no papel, na seda, na prata, no bronze, no marfim, na madeira, na lã, na laca...

Não podemos, nem queremos arrancar de nosso coração nada disso: o rosto do ancião - vestes brancas, barbas brancas, cabelos brancos - inclinado sobre um instrumento arcaico, onde uma história sonora vai sendo escrita sem palavras...; os pés do bailarino fazendo soar os guizos ritmicamente; as mãos nos diferentes tambores: tan-tan-tan... pam-pam-pam..., o soar dos gongos nos templos, deixando no ar as vibrações em sucessivas auréolas os tanques de purificação; as crianças em redor dos elefantes; os bordadores inclinados para os seus fios de seda e ouro; os cortejos dos noivos, pelas ruas, entre vozes de flauta encaracoladas; os mortos nas suas piras, desfazendo-se em cinza para o regaço maternal do Ganges...; as aldeias tão varridas, com decorações ingênuas nas paredes das cabanas, e a população a conversar sob as árvores... "Esse ar de grande família irmanada

no seu destino humano, esperando passarem estes tempos terrenos, em que apenas descansam, como num "surai", nessa viagem que todos estamos fazendo para Deus."

E, no meio disso tudo, o rosto de Gandhi: nos palácios, no Parlamento, nas escolas, nas grandes salas públicas, nas pequenas salas particulares, - a figura de Gandhi, já em marfim, como os deuses da mitologia, - nas lojas, nos bazares, nos mostruários dos hotéis, nas mãos dos escultores de rua... Gandhi, que palmilhou todos esses caminhos, falou por toda parte, procurou unir toda esta gente, fossem quais fossem as suas crenças, as suas castas, a sua língua, a sua raça... Gandhi, - mensageiro da união, da unidade, mensageiro de Deus.

Feliz a Índia, que tem dado ao mundo tantos valores espirituais, ainda que muitas vezes desconhecidos do Ocidente! Dois, pelo menos, se universalizaram: o do passado chamou-se Sidharta Gautama, - e foi o Budha; o do presente foi Mohandas Karandchan Gandhi; e não importa que ambos já tenham desaparecido, porque os sentimos e vemos na face e na alma deste povo.

Às cinco da tarde, estamos no aeroporto de Karachi, no Paquistão, - que há pouco se separou da Índia. Assim como do outro lado se viam os tristes alojamentos dos milhares de refugiados hindus, - aqui também se acumulam os refugiados muçulmanos que passaram a fronteira, para se estabelecerem neste Estado.

Embora o fato já tenha ocorrido ontem, ou anteontem, é a primeira vez que lhe enviamos uma referência: um popular diz para outro, a meia voz: "Morreu Stalin".

Ao lado mesmo do aeroporto, fica o alojamento dos passageiros em trânsito: - ao longo de um jardim árido, um comprido alpendre com muitas portas. Abrimos a nossa. Abrigo modesto: três camas pobres, um pequeno banheiro. E o aviso: "Não beba desta água!". Não bebemos.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS 10/07/55)

ORIENTE-OCIDENTE

Ainda ontem estávamos na Índia: e tudo, de repente, nos parece tão longe, como se nos separassem muito maiores extensões de terra e mar, - e, sobretudo, muito mais profundo tempo.

Não é a mesma coisa ir-se da Itália para a Índia, ou vir-se da Índia para a Itália. Não é tão simples ir-se do Ocidente para o Oriente. Se o viajante não quiser ser um superficial turista, com algumas excursões pelos bazares, museus e monumentos de arte; se o viajante não pretender apenas comprar colares de esmeralda ou tapetes antigos, deve preparar sua alma para essa visita longínqua, sob pena de não entender nada, e assustar-se facilmente com os aspectos de pobreza e a diversidade de hábitos a que será exposta a sua sensibilidade.

O viajante ocidental precisa de uma iniciação antes de partir para o Oriente. Creio que essa iniciação lhe será útil, seja qual for o país a que se destine. Precisa conhecer a história desses velhos povos, um pouco de suas idéias filosófico-religiosas, uma boa parte de seus costumes e tradições. Precisa, também, conhecer a atualidade desses povos, que não estão mortos, mumificados, inertes, mas, ao contrário, vivos, em grande vibração, procurando equilibrar a sua sabedoria do passado, com a ciência e a técnica do tempo presente, - o que é trabalho delicado, tanto no plano nacional como no internacional.

Do Mediterrâneo ao Extremo-Oriente, todos esses povos sobreviventes da antigüidade estão agitados por uma onda de renascimento. Muitos deles conquistaram há pouco a sua liberdade, e passaram, assim, a ser responsáveis pela sua posição, num momento difícil do mundo, com os últimos fogos da guerra ainda mal apagados. Essa conquista da liberdade obriga-os a um processo de reajustamento rápido, para vencer os atrasos, a miséria, o abandono que, invariavelmente, acompanham todos os cativos.

Em relação à Índia, é o que se vê: a incoerência de monumentos multisseculares, de esplêndida edificação, em que a arquitetura, a escultura, a pintura proclamam a fama de artistas adiantadíssimos, - ao lado de aldeias extremamente pobres, com seus casebres cobertos de palha; pessoas fulgurantes de jóias e sedas, ao lado de mendigos reduzidos a um pequeno trapo; cômodas estradas de rodagem atravessando planícies secas, porque as matas foram devastadas, os rios desapareceram, o deserto vai avançando... Da Europa,

onde os povos estão mais ou menos entrelaçados por uma história comum, onde os problemas são quase idênticos, não se entende bem o panorama oriental, que requer um olhar claro, uma cabeça desanuviada, e um inteligente coração. Por paradoxal que pareça, é mais fácil entender-se o Oriente conhecendo-se o Brasil, cujos problemas são curiosamente semelhantes (luta pela afirmação de uma nacionalidade, urgência de adaptação as circunstâncias internacionais, aproveitamento das riquezas, contratempos raciais, consolidação da economia, planos de educação), salvo no que se refere às respectivas idades, e à data da sua independência.

Estar em Roma e pensar na Índia é como sonhar, apenas, que se esteve lá. O principal contraste é a densidade. A Índia é toda fluida: os palácios, os templos, os monumentos são rendados, embrechados, recortados, o céu com o sol e a lua e as estrelas atravessam esses pórticos, andam por esses salões, mesmo quando estejam fechados... Roma, embora transborde dos antigos muros, conserva aquelas paredes que lhe dão majestade, grandeza, mas também uma austera impenetrabilidade.

Na Índia, a multidão que passa, com as roupas despregadas ao ritmo do andar, com a luz atravessando panos de mil cores, - é também fluida: e os penteados enastrados de flores, e os mil adereços de ouro, prata ou vidro que escorregam pelos braços, oscilam nas orelhas, deslizam pelo pescoço ou pela testa, - palpitam com aquelas vidas frágeis a que pertencem, estão sempre como em despedida, estão sempre dizendo adeus.

Em Roma, o povo é sólido, maciço, de uma beleza de estatuária. Nas ruas, seus movimentos são bruscos, decididos, enérgicos. As próprias fazendas das suas roupas são encorpadas, sem as incertezas e as fugas das musselinas.

Na Índia, a fome se resolvia com arroz, especiarias, frutas, grãos, chá, refresco...

Em Roma, até a comida é escultórica: são todas essas massas que têm alguma coisa a ver com a cerâmica, - e de uma delas até me explicam ter sido originariamente modelada sobre o umbigo de Vênus! E são essas inesquecíveis alcaçofras, e são esses roxos vinhos que por toda parte circulam, como a seiva de uma árvore robusta.

De modo que, vista daqui, a Índia é como um pássaro : como um pássaro muito musical e muito fugitivo, sempre mais longe da terra; enquanto Roma é uma grandiosa, poderosa, soberba coluna de mármore que pode subir, como a de Trajano, em prolongada espiral, mas firmemente presa ao chão, e levando nos seus relevos histórias da terra,

gente da terra, batalhas da terra. (Como estão longe as torres cheias de deuses e figuras mitológicas, brilhando em prata e azul nas tardes cristalinas de Madrastra!...)

Esta gente positiva e ruidosa gesticula com os amigos, protesta contra alguma imprudência de trânsito, e, quando se põe amorosa, tem a mesma expressão pagã das estátuas dos museus. É um modo de ser franco, bravo, direto, - às vezes, muito entusiasmado.

Na Índia, as mulheres estavam todas envoltas em seus finos véus, de onde surgiam rostos como flores, e mãos tão delicadas que não se compreendia como podiam carregar jarros d'água, crianças, - às vezes até pedras de estrada em construção. O corpo desaparecido sob esses panejamentos.

Mas, aqui, as belas moças que passam pelas ruas mostram pernas fortes e ágeis, colo exuberante, e mãos que - sem deixarem de ser belas - poderiam levantar sem esforço estes mármoreos caídos, nas ruínas do foro...

Contemplando estes turistas estendidos ao sol pelas escadas de Trinità dei Monti, penso outra vez nas distâncias que vão do Ocidente ao Oriente. Não as de terras e mares: mas as de espírito. Máquinas fotográficas; bolsas repletas de mil lembranças; o gosto esportivo de estar deitado ao sol num país estranho, carregado de tradições ilustres... O prazer de bem comer, de bem viver, de bem comprar, - esta vida momentânea eternizada em minutos passageiros, - tudo isso está aqui, entre risos festivos... Tudo isso que, lá na Índia, é o efêmero, com que se transige uma vez ou outra, em plena consciência de que a eternidade²⁹ é o nosso território profundo, do princípio ao fim...

Para entender o Oriente, é preciso vê-lo, conhecê-lo, neste instante dramático de ressurreição, observar a atitude de povos milenares que se reorganizam, e possuidores de tamanha vitalidade que, através de tantas desgraças, permaneceram intactos, - experimentam agora, nesta idade de ciência, o valor da sua sabedoria.

Sobre esses pensamentos passam os ruídos insuportáveis das motocicletas. Motocicletas por esta lírica Piazza di Spagna; motocicletas ao longo das velhas ruínas; motocicletas disparadas por toda parte, incontidas e alucinantes...

Mas as motocicletas passam. E fica em nossos ouvidos o rumor vivo das fontes, - destas fontes romanas que jamais serão bastante celebradas - destas águas incansáveis

²⁹ Aqui tinha uma vírgula no original

cuja voz corresponde à das estátuas, e lembra e narra e canta... (Uma outra cidade aparece a quem se deixa ficar, humildemente, a ouvir estas fontes. Há muita coisa extraordinária escrita n'água. O nome de Keats, por exemplo...).

(CORREIO DO POVO, 19/11/55)



ARAGEM DO ORIENTE

Estes dias de canícula trazem-me à lembrança os meses passados na Índia, com o termômetro ainda mais alto que o nosso e nenhuma promessa de chuva antes da estação própria. Em alguns lugares, a paisagem tornara-se de um cinzento esbranquiçado - ossos, cal, cinza. O peso do sol era o peso do céu. Diziam-me: "Quando chover, fica tudo verde."

Mas o indiano tem o prazer do ar livre. Os belos jardins públicos estão sempre povoados de famílias que espaírem, passeiam, contemplam as árvores, admiram as flores, maravilham-se com os jorros d'água, os lagos, a sombra, as cores... Ao ar livre trabalha muita gente: barbeiros, costureiras, latoeiros... Ao ar livre fabrica-se e vende-se, brinca-se, estuda-se, medita-se.

As casas foram pensadas para um clima assim. Os aposentos muito altos são rasgados por amplas janelas, grandes portas, e por cima delas, quase junto ao teto, ainda se vêem aberturas que facilitam a ventilação. Portas e janelas são para estarem abertas, no verão, protegidas às vezes por leves cortinas, ou por esteiras que é costume molhar, para favorecer a frescura do ambiente. Há palhas perfumosas, que, molhadas, recendem. Fazem-se também quiosques de palha trançada, em alguns lugares nas casas modernas existem, naturalmente, grandes ventiladores suspensos do teto. O resto são varandas, cortinas que se levantam à menor brisa, e repuxos: ar e água que com o rumor de seus jogos consolam e refrescam.

Por outro lado, a vida indiana é simples e plácida. A comida, leve, quase sempre reduzida a legumes e arroz, um pouco de peixe ou de ave. Muitas frutas: as mesmas

frutas brasileiras que nos dão a impressão de não termos saído da terra: caju, manga, cocos, tamarindo, goiaba... E, finalmente, leite, coalhadas, queijinhos moles, creme.

Como o sol, a certas horas, é insuportável, há trabalhos que começam muito cedo, no campo; e nas horas mais quentes do dia um grande sossego de sesta envolve a natureza e as criaturas, principalmente nos lugares pequenos, onde a vida é menos intensa.

A vestimenta típica dos indianos, homens e mulheres, além de sua grande beleza, é a mais inteligente que se possa usar também no verão. O sári é um longo pano (que pode ir do simples tecido de algodão à seda, e à gaze mais primorosamente ornamentada) com que a mulher indiana faz, rapidamente, uma elegante saia, sem costura nem qualquer espécie de prendedores, ajustando-o ao corpo, pregueando-o, fixando-o ao cós da anágua, deixando uma ponta solta, como echarpe, que pode cobrir a cabeça ou envolver ombros e busto, por cima da blusa.

O vestuário tradicional dos homens é aquele que Gandhi tornou conhecido no Ocidente: um sistema de panos brancos e flutuantes, formando calções amplos e o manto para as costas. Nem todos os homens se vestem assim, nem em todas as circunstâncias, mas os que sabem trazer esse tipo de indumentária imprimem à paisagem indiana uma nota de inesquecível autenticidade. Sandálias recortadas de variados modos completam esse guarda-roupa. E só de olhar para as roupas de qualquer pessoa, para esses tecidos tão sensíveis que se franzem à menor brisa, pode-se ver se há calmaria ou se algum vento se esboça.

Como os indianos são normalmente abstêmios, mesmo em ocasiões de festa as bebidas, de suco de frutas, são verdadeiramente refrescantes. E as mais belas recepções são, sem dúvida, ao ar livre, nos jardins, entre as árvores, às vezes com tendas graciosas armadas, para facilitarem o serviço. Quando o jardim é o do palácio presidencial, todo recortado de canteiros entremeados d'água, com repuxos inúmeros, e todo bordado de flores como um tapete, e quando a festa é uma data nacional, não há salão que se possa igualar a esse ambiente de flores, águas irisadas, bebidas perfumosas e coloridas, e o fulgor das roupas orientais, de tons intensos e límpidos.

À noite, dorme-se nos terraços, nos jardins, nas varandas, na rua. Uns dormem pelo chão, em esteiras, outros, nessas camas de vento (na verdade, de vento...) sem

colchão, apenas com um trançado de cardaços em lugar do estrado. Os estrangeiros pensam que se dorme na rua só por pobreza, mas não é bem verdade. Há quem transporte sua cama para o lado de fora da casa a fim de aproveitar a fresca da noite para o repouso. E pergunto-me se haverá muitos lugares, hoje, no mundo, em que um mortal possa dormir tranqüilo ao ar livre, sem que outro mortal lhe venha tirar pelo menos o lençol ou o travesseiro.

GLOSSÁRIO

- Ajantá** - Montanhas da Índia que formam o planalto do Decão. São compostas por trinta cavernas organizadas em santuários budistas e mosteiros.
- Allahabad** - Cidade da Índia (estado de Uttar Pradesh), situada na confluência do Ganges e do Djemna. Aos olhos dos Hindus, Allahabad (morada de Deus) é uma cidade santa por excelência; a cada ano milhares de peregrinos vêm se purificar no ponto de junção do Ganges e do Djemna.
- Amritsar** - Cidade da Índia, no Pendjab, perto de um canal derivado do Ravi. Comercialmente importante, graças aos peregrinos de *Sikhs* ao seu lado que disputam com Lahore o lugar de metrópole da seita e que é a cidade santa. Lá, no lugar da antiga cidade de Tchak, foi fundada, no século XVI, sobre o "Poço da Imortalidade", o célebre "Templo de Ouro", em frente ao qual os peregrinos *sikhs* vêm se ajoelhar a cada ano.
- Anacoreta** - Religioso que vive na solidão, entregue à penitência e aos jejuns, especialmente nos desertos. Eremita.
- Aurangabad** - Cidade da Índia a noroeste de Bombaim. A cidade foi tomada por Aurangzeb tornando-se sua residência favorita e lugar onde veio a falecer.
- Aurangzeb** (1618-1707) - Imperador mongol da Índia, filho de Xá Jehan. Aurangzeb prendeu seu pai e sua irmã e matou seus irmãos. Levou o Império mongol ao apogeu.
- Banaras** - Cidade da Índia situada na margem direita do rio Ganges, uma das cidades santas dos hindus e um de seus grandes centros culturais.
- Begam** - Título honorífico urdu significando "Senhora", dado às esposas dos príncipes da Índia.
- Bombaim** - Capital do Estado Indiano de Maharashtra e a maior metrópole da Índia.
- Brahma** - Primeira pessoa da Trindade Hindu (ver Shiva). É o Deus do princípio criador do Universo.

- Bramanas** - Sacerdote brâmane ou brâmane. Indivíduo da casta sacerdotal, a primeira das quatro que há na Índia.
- Cachemir ou Kashmir** - Antigo estado da Índia, dividido por uma demarcação estabelecida pela O.N.U. (1949), ocupado pela Índia a leste e pelo Paquistão a oeste.
- Calcutá** - Cidade da Índia que serviu de capital da Índia Inglesa de 1773 a 1912, sendo substituída por Delhi. Importante centro cultural.
- Coimbatore** - Cidade da Índia situada no planalto do Decão. Próximo à cidade, eleva-se o célebre templo de Perur.
- Concão** - Santuário do jainismo, com muros totalmente recobertos por pedaços de vidros coloridos.
- Cucume** - Certo cosmético para a testa usado pelas indianas.
- Devi** - "A Deusa". Esposa do deus Shiva, é o *sakti* ou energia feminina de Shiva.
- Dhote** - Saia usada por homens e mulheres na Índia, constituída por uma peça de fazenda retangular enrolada ao redor dos quadris.
- Durga** - Deusa-mãe chamada por vários nomes (*Kali*, *Parvati* e *Uma*). Em popularidade segue-se a Vishnu e Shiva, ora aparecendo no papel de mulher do último, ora como objeto de um culto por direito próprio. Como mulher de Shiva é como ele mesmo, uma mistura de divindades antigas e contraditórias. É bondosa e cruel, temível e bela; enquanto deusa-mãe participa da criação, mas se alimenta de sangue. Nos seus aspectos bondosos é conhecida como *Parvati* ("Filha da montanha") ou *Uma* ("Luz"). Nos seus aspectos temíveis é *Kali* ("Negra") ou *Durga* ("A Inacessível").
- Elefanta** - Ilha da Índia na baía de Bombaim, afamada por seus maravilhosos templos subterrâneos. Evoca também a imagem da Deusa Elefanta cujo templo, na ilha, está ornamentado com representações do deus Shiva.
- Faquir** - Asceta mendigo da Índia, que necessita da ajuda e da misericórdia de Deus.
- Fatehpur-Sikri** - Sítio de ruínas da Índia (Províncias do norte-oeste, distrito de Agra) sobre os picos que dominam Banganga, afluente do Djema.

- Fernão Mendes Pinto** - Aventureiro e escritor, autor de **Peregrinação**, em que descreve, com uma dose de fantasia, suas extraordinárias viagens ao Oriente.
- Firdusi** (940-1020) - Poeta persa que escreveu o **Cháh Nâme** - ou história dos reis persas.
- Gana** - A multidão de divindades inferiores, especialmente as que estão a serviço de Shiva, regidas por Ganeza (filho do deus Shiva).
- Ganges** - Principal rio sagrado da Índia. Existem duas versões para seu mito: a primeira em que o Gangâ brota da orelha de Shiva para cair no lago Anavatapta e sai dali pela boca da vaca de prata (Gomukhi), cruza toda a Índia Oriental e deságua no oceano do Sul; e a segunda que diz que a deusa (Gangâ) tendo transformado-se em rio, flui do dedão do pé de Vishnu.
- Goa** - Distrito da Índia Portuguesa cuja capital é Nova Goa, sede do Governo da Colônia.
- Gokarna** - Literalmente "orelha de vaca", local da peregrinação consagrada a Shiva, situado nas proximidades de Mangalore.
- Golconda** - Fortaleza e cidade arruinada por Aurangzeb em 1687, próxima a Haiderabad.
- Haiderabad ou Hyderabad** - Cidade da Índia, antiga capital do Estado de Haiderabad (desmembrado em 1956).
- Indra** - Deus da atmosfera, é o rei dos devas, senhor do rio, distribuidor da chuva. É representado sob a figura de uma personagem com trajes régios e montada no elefante Airávata.
- Ishyara** - O "Senhor" ou Deus pessoal, o Espírito divino no homem. É um espírito particular a quem não afetam a dor, as obras nem o fruto delas. Sua representação é a palavra glorificadora *Om*.
- Jainos** - Indivíduos que professam o jainismo (seita religiosa da Índia). Foram divididos por seu reformador, Mahavira, em dois grupos distintos: os monges ou monjas e os laicos.
- Jaipur** - Cidade da Índia a sudoeste de Delhi. Foi o principal centro da civilização rajpute.

Jodpur ou Jodepore - Cidade da Índia, no deserto de Thar. É cercada por uma extensa muralha que abre por sete portas para sete estradas diferentes, tendo cada uma o nome da cidade a que se destina.

Krishna - O mais célebre avatar de Vishnu, o "Salvador" dos hindus e seu deus mais popular. No **Bhagavad-Gitâ** (um episódio da epopéia Mahabhárata), é a representação da Divindade suprema - *Atman* ou Espírito imortal - que desce para iluminar o homem e contribuir para sua salvação.

Lótus - Planta sagrada no Egito e na Índia, de qualidades ocultas. A flor fechada do lótus, tendo a forma de um ovo, representa o germe da criação. Brahma nasceu de uma flor de lótus.

Loutulim - Freguesia de Salcete, distrito de Goa, Índia Portuguesa.

Lucknow - Cidade da Índia, capital de Uttar Pradesh, à margem do rio Gumti, afluente do Ganges.

Madrasta - Grande província administrativa do governo geral da Índia, conhecida por Terceira Providência, correspondendo à antiga Tamilândia.

Mahabhárata ou Maabarata - Um dos dois grandes poemas épicos da Índia juntamente com o Ramayana. Teve uma enorme influência no pensamento, costumes, festas e literatura em todos os países de civilização indiana. É certamente o mais extenso já produzido (220.000 versos distribuídos em 18 cantos ou capítulos). Sua autoria é atribuída a um poeta lendário chamado Viassa. Aparentemente, o assunto principal da epopéia é a glorificação dos cinco príncipes pandavas, filhos do falecido rei Pandú, protegidos pelo deus Krishna na sua heróica luta contra os príncipes cauravas pela posse do reino de Hastinapur. Mas o Mahabhárata é mais do que epopéia porque, entremeadas por descrições bélicas, encontram-se nele doutrinas filosóficas, religiosas e jurídicas. Por essa razão, esse poema existiu na Índia como fonte do direito e da religião, comparado aos vedas, às sutras, xantras e outros livros sagrados bramânicos.

Mahatma - Literalmente "Grande Alma ou Espírito". São seres perfeitos, que alcançaram a consciência nirvânica. Estes seres magnânimos continuam, entretanto, ligados ao corpo físico para ajudar o progresso da humanidade.

- Malaiálam ou Malayâla** - Idioma dravidiano falado ao longo da costa de Malabar, do cabo Camorin até Cassergode. É um antigo dialeto do tamul, formado de palavras de origem hindu. É escrito com um alfabeto particular, que deriva do “grantha”, usado pelos brâmanes do país tamul para transcrição do sânscrito.
- Mantras** - São odes, hinos ou invocações hindus ou budistas colecionados e transmitidos de geração a geração, que teriam o poder de fazer invocar a divindade que ele representa ou simboliza.
- Maru** - Pequeno escudo redondo com duas pontas de aço, usado como arma ofensiva.
- Mogóis** - Nome dado aos turcos da Ásia central, descendentes de Tamerlan, que reinaram na Índia a partir de 1519.
- Muezin ou Muezzim** - Mouro que anuncia, em voz alta, do alto das galerias, a hora das preces.
- Mustafá** - Palavra proveniente do árabe que significa eleito, “escolhido por Deus”.
- Nereidas** - Cada uma das ninfas ou divindades marítimas, filhas de Nereu.
- Nirvana** - Nas religiões hindus e budistas é o estado supremo da não-existência, não-reencarnação e inserção do ser no Brahman - ou o impessoal e incognoscível Princípio do Universo.
- Nixam ou Nizam** - Título conferido a um chefe, governador ou simples administrador nos regimes maometanos da Índia .
- Omar Khayyan (1050 - 1123)** - Poeta e matemático persa.
- Pajá** - Rei ou príncipe da Índia que exerce sua soberania autocraticamente.
- Pandit ou Pandita** - Do sânscrito, sábio, letrado, professor. Título honorífico dado na Índia aos brâmanes versados na ciência religiosa, aos fundadores das seitas e também aos homens verdadeiramente competentes em todo tipo de conhecimento.
- Pária** - Nome dado aos indivíduos sem casta, ou seja, privados de todos os direitos religiosos ou sociais.

- Parses** - Este nome é dado aos restos da outrora poderosa nação iraniana, que permaneceram fiéis à religião de seus antepassados, ou seja, o culto ao fogo. São seguidores de Zoroastro
- Parsurama** - Herói das lendas indianas que recebeu um dardo mágico do deus Shiva para devolver aos brâmanes sua posição na hierarquia das castas indianas.
- Parvati** - Divindade hindu, irmã de Vishnu e esposa de Shiva, que representa a Natureza e tudo o que ela produz.
- Patna** - Cidade da Índia, capital de Bihar, situada na margem direita do Ganges.
- Pendjab ou Punjab** - Região da Índia e do Paquistão, situada entre o Himalaia ao norte, o Salt Range e o Indus a oeste, o deserto de Thar ao sul e o planalto do Ganges a leste. Também conhecido como “país dos cinco rios”.
- Pierre Loti** (1850-1923, sendo Julien Viaud seu verdadeiro nome) - Escritor francês impressionista, autor de diversos romances.
- Rabindranath Tagore** (1861-1941) - Poeta e prosador indiano. Primeiro escritor indiano a receber prêmio Nobel de literatura em 1913. Cecília traduziu várias de suas obras, tendo participado de uma edição em sua homenagem na Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura.
- Radha** - A pastora que era a favorita de Krishna, a qual é considerada a representação da alma humana atraída para a Divindade.
- Rama ou Râma** - Sétimo avatar ou encarnação de Vishnu, protagonista do grande poema épico Ramayana.
- Ramakrishna** - Um dos avatares do Deus Vishnu no século XIX.
- Ramayana** - Famoso poema épico hindu, tão conhecido quanto o **Mâhâbhârata**. Foi escrito por Vâlmîki cerca de cinco séculos antes de Cristo. Alude à grande guerra entre os Filhos de Deus e os Filhos da Negra Sabedoria, a grande batalha entre o Bem e o Mal.
- Romain Rolland** (1866 - 1944) - Escritor francês, Prêmio Nobel de literatura em 1915.
- Saadi ou Sadi** (1184-1263) - Poeta persa chamado “rouxinol dos mil sons” e “um dos quatro monarcas da eloquência”.

- Sarangui** - Instrumento musical de origem árabe, utilizado no norte e no noroeste da Índia para acompanhar as danças e os atores nas peças de teatro.
- Sari** - Importante vestimenta típica da mulher indiana: longa peça de tecido enrolada em volta do corpo.
- Shiva** - Terceira pessoa da Trindade Hindu, composta de Brahma, Vishnu e Shiva. É um deus de primeira ordem e de caráter destruidor: destrói para possibilitar o renascimento.
- Sião** - Reino do sudeste da Ásia que ocupa o centro da península da Indochina. O nome oficial é Tailândia ou Prades.
- Sikh ou Sikkha** - Povo hindu da região do Pendjab que forma uma federação fundamentada não na raça, mas nas idéias e tradições religiosas. Seu fundador foi Nanak (1469-1538), sua fórmula: "Unidade de Deus e fraternidade entre os homens". *Sikh* significa "discípulo".
- Sita** - Personagem do Ramayana, divindade védica que simboliza a beleza da terra indiana. Filha do rei Janaka e esposa de Rama..
- Suratas** - Capítulos do Corão.
- Tamil ou tamul** - A mais importante de todas as línguas dravídicas, falada na região que vai do norte de Madrastra ao extremo sul da península.
- Tchar Miner** - Quatro Minaretas - Nome dado ao mosteiro de quatro torres (ou minaretas). Cada torre é sobreposta por uma galeria, na qual o *muezzim* (cf.) faz os cinco apelos das preces diárias.
- Vaiu** - Divindade indiana, deus do vento.
- Vedangas ou Vedantas** - "Fim último dos Vedas". É o título geral sob o qual se designam os Araniakas e os Upanixades, textos canônicos, à semelhança dos próprios Vedas.
- Vedas** - O conjunto dos quatro livros sagrados que formam a base da religião bramânica, em sânscrito Veda significa ciência.
- Vishnu** - Segunda pessoa da Trindade Hindu, cujo papel essencial é preservar e fazer evoluir a criação.

Visvamitra - Um dos sete grandes sábios dos tempos védicos, a quem vários hinos do Rig-veda (o primeiro dos quatro vedas) são atribuídos.

Vitra - Nos Vedas, é o demônio das secas e do mau tempo e que está em luta contínua com Indra, deus do firmamento. É a alegoria de um fenômeno cósmico.

Vivekananda (1862-1902) - Filósofo bengali, nascido em Calcutá, discípulo de Ramakrishna (filósofo bengali / 1836-1886).

Xá Jehan - Literalmente "Senhor do Mundo", quinto imperador da dinastia dos Grão-Mogóis. Seu império constituiu-se a era mais esplendorosa do fausto muçulmano.

BIBLIOGRAFIA

- BAREAU, André. *Buda*. Lisboa : Ed. Presença, 1975.
- BRUNTON, Paul. *A Índia Secreta*. São Paulo : Ed. Pensamento,
- CHALLAYE, Félicien. *As Grandes Religiões*. São Paulo : Ibrasa, 1981.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*. Vol. 1 Tomo II Paris : Editions Payot, 1978.
- _____ *História das crenças e das idéias religiosas*. Vol. 2 Tomo I Paris : Editions Payot, 1978.
- FRÉDÉRIC, Louis. *Dictionnaire de la civilisation indienne*. Paris : Robert Laffont, 1987.
- GARD, Richard. *As Grandes Religiões do mundo : Budismo*. Lisboa : Ed. Verbo, 1981.
- _____ *Budismo*. Rio de Janeiro : Zahar , 1964.
- MANCHESTER, Frederick e PRABHAVANANDA, Swami, *Os Upasnischads*. São Paulo : Pensamento, 1993.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem 2*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.

- PAZ, Octavio. *Vislumbres da Índia*. São Paulo : Mandarim, 1996.
- PIAZZA, Waldomiro, Pe. *Religiões da Humanidade*. São Paulo : Ed. Loyola, 1991.
- PRABHUPADA, A C. Bhaktivedanta. *O Bhagavad-gita, Como ele é*. São Paulo : The Bhaktivedanta Book Trust, 1976.
- PUECH, Henri-Charles. *Las Religiones en la Índia y en Extremo Oriente. Vol 4 México* : Siglo XXI Editores, 1985
- RENOU, Louis. *As Grandes Religiões do mundo : Hinduismo*. Lisboa : Ed. Verbo, 1980.
- RIES, Julien. *L'Homme indo-européen e le sacré*. Aix-en-Provence : Édisud, 1995.
- ROCHA, Antonio Carlos. *O que é budismo*. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo : Palas Athena, 1986.
- _____ *Mitos e símbolos na arte e civilização indianas*. Lisboa : Assírio & Alvim, 1997.